

53 01 c

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

174 001 L

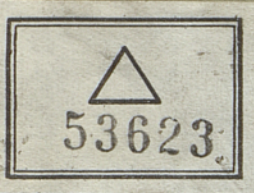
174 001 L

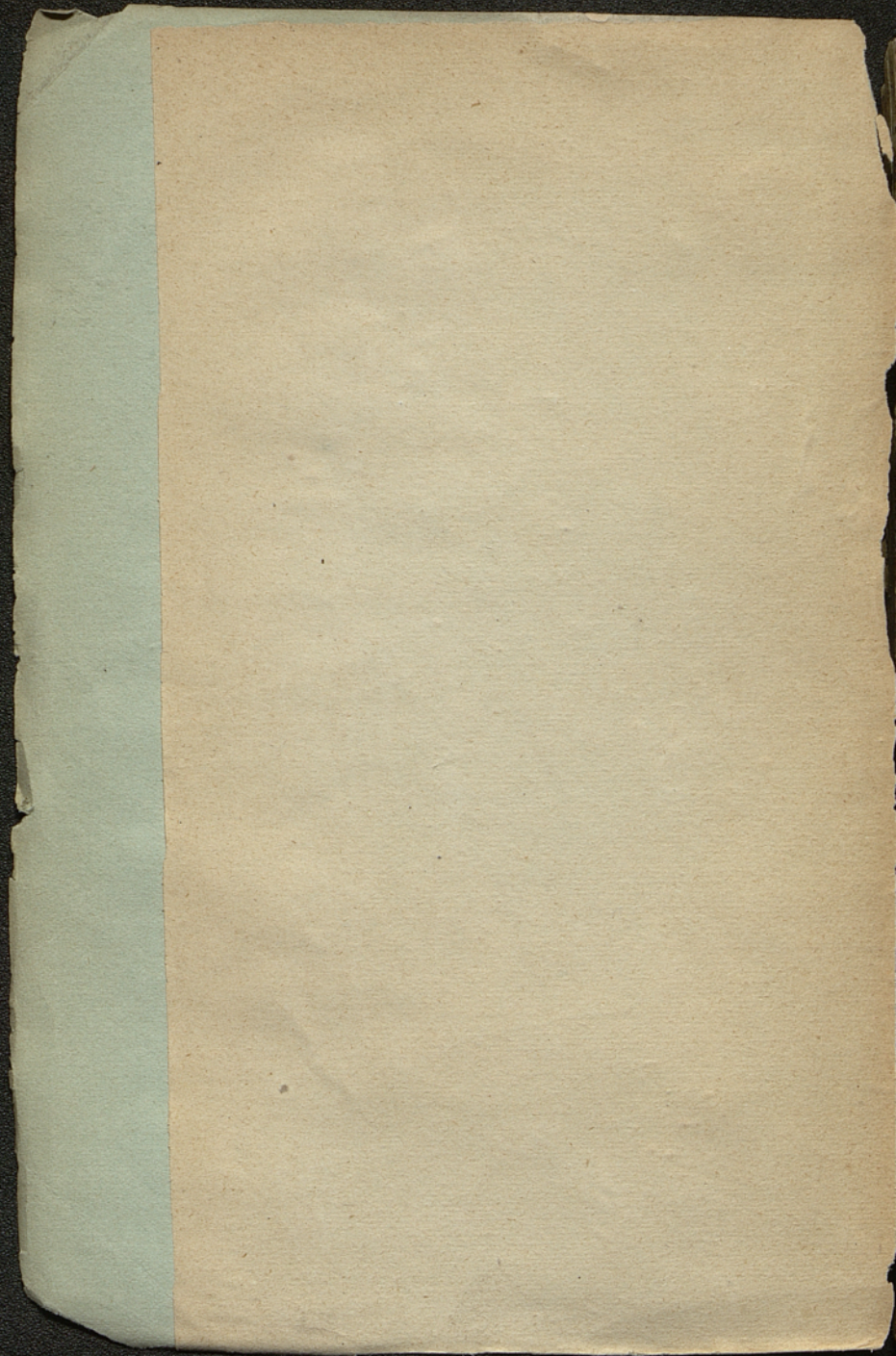
174 001 L



53623







Δ 53623

Δ 53623

RESUMO

DE

HISTORIA CONTEMPORANEA

2202

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

RESUMO

DE

HISTORIA CONTEMPORANEA

DESDE 1815 ATÉ 1865

POR

UM PROFESSOR



RIO DE JANEIRO

B. E. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — AUGUSTO DURAND, LIVREIRO, RUA CUJAS, 9

—
1866

RESUMO

DE

HISTORIA CONTEMPORANEA

DESDE 1815 ATE 1862

EM PROFESSOR

AND DE MATEIRO

V. F. CARVALHO, EDITOR

DE MATEIRO, 1862

PRINTED AND PUBLISHED BY THE EDITOR, NEW YORK.

1862

INDICE

PROLOGO.	ix
I. — O Congresso de Vienna.	1
II. — Tratados de 1815	2
III. — A Santa-Alliança.	4
IV. — Reacção européa.	5
V. — Movimentos revolucionarios no sul da Europa.	7
VI. — Insurreição grega.	10
VII. — Emancipação das colonias hespanholas e portugueza.	13
VIII. — Congressos de Troppau e de Laybach.	16
IX. — Intervenção da Austria na Italia.	17
X. — Congresso de Verona.	18
XI. — Intervenção franceza na Hespanha.	20
XII. — Oppressão hollandeza na Belgica.	21
XIII. — A Russia e a Polonia.	22

XIV. — Morte de Luiz XVIII. — Exaltação de Carlos X em França.	25
XV. — Progresso das idéas liberaes na Inglaterra. — Reinado de Jorge IV.	25
XVI. — Emancipação dos catholicos na Inglaterra.	27
XVII. — Morte do rei de Portugal D. João VI. — Carta constitucional outorgada por D. Pedro. — Usurpação de D. Miguel.	28
XXIII. — Fundação do reino da Grecia.	30
XIX. — Expedição franceza na Africa. — Tomada de Argel.	33
XX. — Revolução de Julho em França. — Abdicação de Carlos X.	34
XXI. — Reformas constitucionaes em França.	39
XXII. — Exaltação do duque de Orléans ao throno de França.	40
XXIII. — Sublevação da Belgica.	41
XXIV. — Revolta da Polonia.	43
XXV. — Agitação na Suissa.	44
XXVI. — Movimentos politicos na Allemanha.	45
XXVII. — Insurreições na Italia.	47
XXVIII. — Reforma eleitoral na Inglaterra.	49
XXIX. — Guerra civil em Portugal e na Hespanha.	51
XXX. — Revolução no Brasil. — Abdicação de D. Pedro I.	55
XXXI. — Reformas do sultão Mahmud na Turquia.	59
XXXII. — Revolta da Servia. — Fundação dos Principados Danubianos.	61
XXXIII. — Guerra entre a Turquia e o Egypto.	63
XXXIV. — Rivalidade da Inglaterra e da Russia na Asia.	67
XXXV. — A Inglaterra e a China.	72
XXXVI. — Questão do Oriente.	76
XXXVII. — O direito de visita.	82
XXXVIII. — Morte tragica do duque de Orléans. — Lei da regencia.	85

INDICE.

vii

XXXIX. — Guerra com Marrocos.	85
XL. — Questão Pritchard.	87
XLI. — Discórdias civis na Hespanha. — Maioridade e casamento da rainha.	90
XLII. — Exaltação do Summo Pontifice Pio IX.	93
XLIII. — Reinado de D. Maria II em Portugal.	94
XLIV. — Menoridade de D. Pedro II no Brasil.	101
XLV. — Dictadura do general Rosas na Confederação Argentina.	113
XLVI. — Dictadura de Francia e de Lopez no Paraguay. . .	118
XLVII. — Proclamação da republica em França.	126
XLVIII. — Explosão das idéas socialistas em França.	132
XLIX. — Constituição republicana. — Eleição presidencial. .	139
L. — Presidência de Luiz Napoleão.	142
LI. — Repercussão da revolução de Fevereiro em diversos Estados da Europa.	148
LII. — Questão dinamarqueza.	168
LIII. — Restabelecimento do imperio em França.	171
LIV. — Guerra da Criméa.	175
LV. — Matança dos christãos na Syria. — Intervenção europeia.	191
LVI. — Guerra da independencia. — Formação do reino da Italia.	195
LVII. — Revolta dos Cipayos na India Ingleza.	212
LVIII. — Guerra da França e da Inglaterra contra a China. .	215
LIX. — Abertura dos portos do Japão.	222
LX. — Revolução na Grecia. — Decahimento da dynastia bavara. — Annexação das ilhas Jonias.	225
LXI. — Insurreição polaca.	233
LXII. — Questão dos ducados do Elba. — Desmembração da monarchia dinamarqueza.	238

LXIII. — Guerra do Mexico. — Restauração do imperio. . .	246
LXIV. — Guerra civil nos Estados-Unidos da America. . .	256
LXV. — Reinados de D. Pedro V e de D. Luiz I em Portugal. .	278
LXVI. — Reinado de D. Pedro II no Brasil.	289

FIM DO INDICE.

PROLOGO

Incontestavel é a utilidade da *Historia contemporanea* : sem ella ficarão incomprehensíveis muitas das occurrencias que diariamente se passam a nossos olhos. Na moderna sociedade, na qual, como diz Babinet, cada decennio corresponde a um seculo dos priscos annaes, na época do vapor e da electricidade, deixar no olvido um periodo de cincoenta annos, como o fizeram todos os autores de compendios de historia, era por certo grave erro, que primeiro reconheceu em França o illustado Duruy, quando fez com que Napoleão III ordenasse o en-

sino da referida materia nos collegios e lycêos imperiaes.

A convite de um ministro, que ainda se honra de ter sido professor, consagrárão-se amestradas penas ao fim proposto. D'entre as excellentes obras que têm ultimamente sahido ao lume publico, faremos particular menção das de Dauban, Chantrel e Decoudray, pelo muito que d'ellas nos utilisámos.

Não conhecendo em lingua portugueza livro algum que pudesse servir para o estudo da historia contemporanea, tomámos o empenho de escrevê-lo; mais consultando a vantagem do fim do que as proprias e limitadas forças.

Além das obras supra-mencionadas consultámos a monumental *Historia do XIX° seculo* pelo doutor professor da Universidade de Heidelberg Gervinus; assim como a numerosas monographias relativas aos factos de natureza especial.

Dedicando o nosso livrinho á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil entendêmos dever dar maior desenvolvimento á sua historia; pensamos porém, na exposição dos acontecimentos que lhes são relativos,

ter observado a mesma regra, que dizia Tacito haver guardado para com os feitos de Vitellio, Othon e Galba : *Sine ira et studio*.

Oxalá que de algum proveito para a juventude sejam as nossas fadigas.

VALETE.

1º de Janeiro de 1866.

RECEIVED
The following is a list of the
names of the persons who
have been appointed to
the various offices of the
Board of Directors of the
City of New York, for the
year 1891.

RESUMO

DE

HISTORIA CONTEMPORANEA

DESDE 1815-1865

I. — O Congresso de Vienna.

O ultimo artigo do tratado de Paris dizia que no prazo de dous mezes as potencias alliadas enviarião a Vienna (*d' Austria*) seus ministros plenipotenciarios para regularisarem o estado politico da Europa, profundamente alterado pelas guerras da revolução e do imperio francez. Apezar porém do vivo anhelos dos governos só em principios de Novembro é que começou a funcçãoar o congresso.

Nunca, de memoria de homem, se víra tão lustrosa reunião de monarchas, principes soberanos e ministros diplomaticos de todas as categorias. Achavão-se presentes os imperadores d'Austria e Russia, o rei da Prussia,

com numerosos e brilhantes sequitos. A França era representada pelo famoso Talleyrand, a Inglaterra por lord Castlereagh, a Austria pelo principe de Metternich, estadista consummado, e cujo singular talento começou a revelar-se nos debates d'essa celebre assembléa. O imperador da Russia e o rei da Prussia não quizerão confiar a outrem a defesa dos seus direitos, ou a exhibição dos seus ambiciosos projectos. As potencias secundarias, como a Hespanha, Portugal, Suecia, Piemonte, Suissa, Napoles, etc., bem que se tivessem ali feito representar, não exercião influencia alguma, e, como satellites, gravitavão em torno das de primeira ordem.

II. — Tratados de 1815.

Duas principaes idéas parecião actuar nos animos dos membros d'esse congresso : o de aproveitarem-se do exito das victorias dos exercitos alliados, e o de tomarem precauções contra o poderio francez. A Inglaterra, cujos reis erão simultaneamente duques de Hanover, alcançou para elle um augmento territorial que lhe permittio sua erecção em reino; conservou Malta e Gibraltar, adquirio o protectorado exclusivo das ilhas Jonias, e reteve, a titulo de represalias, a mór parte das possessões de que se apoderára durante a guerra. A Austria recuperou o Tyrol e dilatou as fronteiras septentrionaes do reino Lombardo-Veneto até as margens do Tessino. Os archiducos forão reintegrados em seus thronos da Toscana e Modena, e um pequeno principado (o de Parma e Lucca) constituiu-se em favor de Maria Luiza, mulher

de Napoleão. A Galicia perdeu os fóros de provincia polaca, para ser incorporada na vasta monarchia austriaca, que para contentar a sua rival (a Prussia) annuira ás suas pretensões quanto ao ducado polaco de Posen, a uma parte da Saxonia, á Pomerania, e ás provincias allemãs situadas nas ribeiras do Rheno. O restante da misera Polonia foi entregue á Russia, que, annexando-lhe a Lithuania, restituiu-lhe o prediado de reino, submettido a commum sceptro, mitigado pela promessa de uma constituição especialissima. Para illudir os incautos pareceu respeitar a autonomia de Cracovia, consentindo em que mantivesse os fóros de *cidade livre*, posto que subordinada ao seu protectorado. A esse tremendo *dies iræ* não escapou a Dinamarca, culpada de sua fidelidade á França; arrancárão-lhe a Noruega, que foi dada á Suecia, a Pomerania, que, como já vimos, coube á Prussia, e em compensação de tantos prejuizos assegurarão-lhe a posse dos pequenos ducados de Luxemburgo e do Holstein.

Ao papa forão restituídas as Legações, o reino das Duas Sicilias á casa de Bourbon, e reconstituiu-se o reino da Sardenha com o accrescimo da antiga republica de Genova e de toda a Saboya. A Suissa ganhou mais tres cantões e recebeu a garantia da sua independencia, mediante uma perpetua neutralidade. A Hollanda, incorporada á Belgica, passou a denominar-se reino dos Paizes-Baixos.

A Saxonia, punida pela sua affeição á França com o sequestro da metade dos seus dominios, pôde ainda subtrahir-se á fatal sentença da eliminação da carta poli-

tica da Europa, tendo por companheiros a Baviera e o Wurtemberg, accusados do mesmo delicto. Francfort, Bremen, Hamburgo e Lubeck mantiverão seus foraes de cidades livres, quicá em razão da sua reconhecida importancia commercial. Uma confederação, formada de todos os Estados soberanos, e cujos representantes, com voto correspondente á importancia dos seus respectivos paizes, deverão-se reunir annualmente em Francfort, substituiu ao antigo imperio germanico.

III. — A Santa-Alliança.

O imperador da Russia Alexandre, seduzido por um exagerado mysticismo, concebeu o projecto de regenerar a Europa por meio de uma religião politica, formada das crenças communs, deduzindo-se d'ella um direito publico baseado na reconciliação geral. Este pacto, aceito pela Austria e pela Prussia, recebeu o nome de *Santa-Alliança*. Por elle obrigavão-se os soberanos a se prestarem mutuos auxilios, governarem seus subditos como pais, e manterem com sinceridade a religião, a paz e a justiça.

Recusou-se a Inglaterra a adherir a semelhante convenio, sob pretexto de ser elle adverso aos principios fundamentaes do seu codigo politico; e, em seu lugar, firmou a 20 de Novembro d'esse mesmo anno (1815) o tratado conhecido pelo nome do da *quadrupla alliance*.

IV. — Reacção européa.

Aniquilada por uma guerra de vinte e cinco annos, almejava a Europa pela paz, e desejosa mostrava-se de volver ao antigo regimen, melhorado pelas luzes da moderna civilisação. Pensarão os politicos satisfazer a esse anhelto arrasando a obra da revolução franceza, e reconstruindo a carta da Europa sobre bases mais firmes e duradouras do que as que anteriormente existião.

Na prosecução d'esse plano virão-se em França os Bourbons a braços com difficuldades de todo o genero; nascidas umas do espirito de revolta contra as tendencias reaccionarias da côrte, e outras do sentimento de indignação pelo opprobrio por que acabava de passar com o desbarato dos seus exercitos e a consequente invasão estrangeira. A despeito da boa vontade do rei Luiz XVIII, que se esforçava por cicatrizar as feridas da patria, a obra da violenta reacção operava-se, como que impellida pela força irresistivel das cousas. Os gloriosos restos do exercito, vencido em Waterloo, havião sido dissolvidos; o funcionalismo, a magistratura, o magisterio e até os corpos academicos forão submettidos a parciaes e odiosas depurações. Um decreto excluio da camara dos pares todos aquelles que havião servido com Napoleão durante os cem dias: Labédoyère, commandante do regimento que primeiro acclamára o imperador em sua volta da ilha d'Elba, foi condemnado á morte e executado na esplanada de Grenelle; seguindo-se-lhe pouco depois o heroico Ney, justamente cognominado

bravo dos bravos, que incompetentes e parciaes juizes haviam achado culpado de *traição e deserção para o inimigo!*....

Nos demais Estados da Europa arvorou-se sem reboço o estandarte da reacção, faltando muitos dos reis aos sollemnes compromissos que em horas aziagas haviam tomado para com seus devotados subditos. Fernando I de Napoles suprime a constituição de 1816 que jurára observar, e rega a arvore do despotismo com o sangue do infeliz Murat, frustrado em sua tentativa de recuperação da corôa. Fernando VII de Hespanha mostra-se ingrato e cruel para com aquelles mesmos que lhe haviam ajudado a recuperar o throno, e abolindo a constituição de 1812 faz condemnar como rebeldes os mais benemeritos e prestimosos cidadãos. D. João VI, que á approximação das aguerridas cohortes do vencedor da Europa buscára refugio nas suas longinquas colonias transatlanticas, não soube tão pouco galardoar seus subditos pela heroica resistencia que oppuzerão aos guerreiros d'Austerlitz e Wagram; e, deixando-se ficar no remanso do Rio de Janeiro, entregava a governança de Portugal ás indolentes mãos de uma regencia, cujas idéas, quiçá bondosas, sopeava lord Beresford, supremo commandante das armas e espirito malfazejo da mencionada regencia.

A Allemanha, que com tanta espontaneidade se erguera contra o dominio estranho, foi immolada aos mesquinhos interesses dos seus principes, e com dôr vio burlados na execução os mesmos principios solememente proclamados nas constituições dictadas em horas de agonia.

A Suissa, esse baluarte das livres instituições, resentio-se da funesta influencia das idéas da época; o partido aristocratico, de ha muito arredado dos negocios, assumio a sua direcção, imprimindo-lhes character opposto á indole do povo e ás suas tradições historicas.

A propria Inglaterra, bem que desassombrada do temor da invasão franceza, temeu-se todavia do predominio das doutrinas vindas d'além-Mancha, e apressou-se a chamar ao poder o partido tory, que tão porfiosa luta travára com a republica e com o imperio.

V. — Movimentos revolucionarios no sul da Europa.

Como facil era de prever, a reacção absolutista acarretou após si os movimentos revolucionarios no sentido das idéas democraticas. Foi a primeira a Hespanha em dar o signal, e as tropas aquarteladas na cidade de Cadix, instigadas pelo tenente-coronel Riego, erguêrão na noite do 1º de Janeiro de 1820 um energico brado em prol da constituição elaborada pelas *côrtes* de 1812. Por espaço de tres mezes volteou o estandarte constitucional pelas provincias meridionaes afugentando as tropas realistas enviadas contra elle, e vendo avolumar o numero dos seus defensores á proporção que caminhava para a capital do reino, cuja guarnição, confraternizando com seus camaradas, forçava o rei a capitular a 7 de Março, promulgando no dia seguinte os decretos de banimento dos jesuitas, suppressão da inquisição, e da prompta convocação das *côrtes*, jurando no dia 8

essa, mesma constituição de 1812, que, como já vimos, violentamente abolíra.

O triumpho da liberdade na Hespanha echoou em toda a Europa, sendo Portugal, pela sua contiguidade, dos primeiros em imitar-lhe o exemplo. Vendo-se feridos em seus brios pela indebita ingerencia ingleza nos negocios internos, vexados, como já dissemos, pelo despotismo de lord Beresford, tornado ainda mais suspeito e cruel depois da mallograda tentativa do general Gomes Freire de Andrade em 1817, alguns patriotas alçarão o grito da liberdade na noite de 25 para 24 de Agosto de 1820 e exigirão a convocação immediata das *côrtes geraes e extraordinarias*, onde fosse votada a constituição da monarchia. Como no reino vizinho, teve este movimento por fautor um militar (o coronel Sepulveda), e como ahi, rapida foi a sua propagação, a despeito da resistencia opposta por alguns generaes, nomeadamente pelo conde de Amarante, que passarão pelo dissabor de se verem desobedecidos pelos seus officiaes e soldados. Não se atrevendo a resistir a uma tão manifesta e geral demonstração de descontentamento pelos actos da sua governança, apressou-se o marechal Beresford em buscar asylo na Inglaterra. Victoriosa a revolução, proclamou o regimen constitucional, e chamou D. João VI á antiga séde da monarchia.

As affinidades de raça, religião, usos e costumes, ainda augmentadas pelos estreitos vinculos de parentesco entre as respectivas familias reinantes, actuarão poderosamente sobre os destinos de Napoles.

Por uma inhabil administração continuava Fernando

a irritar seus subditos, accumulando combustiveis para uma proxima e terrivel explosão. Com o proposito de destruir os bandos de salteadores que infestavão o paiz, determinára a organisação de uma milicia civica, que, pondo as armas nas mãos dos cidadãos, propiciava os projectos dos *carbonarios*, cuja seita, diffundida por toda a nação, contava adeptos na propria côrte. A 2 de Julho de 1820 rebenta em Nola a insurreição de ha muito planejada: a um signal dado reúnem-se os *carbonarios* proclamando a constituição hespanhola de 1812, dirigem-se a Avellino, capital da provincia, onde a tropa e o povo acolhe-os aos brados de *viva a liberdade! viva a constituição!* O general Guilherme Pepe pôe-se á frente de um regimento de dragões, e marchando logo sobre Napoles, fal-o declarar-se em seu favor. Aterrado com os progressos da revolução, quer o rei retirar-se para a Sicilia; mas frustrado em seu designio adhire ás novas idéas, promette promulgar a constituição indigitada, nomêa Pepe generalissimo dos seus exercitos e delega todos os seus poderes ao principe hereditario com o título de *Vigario geral*. Sem a effusão de uma só gotta de sangue ainda aqui triumphava o movimento constitucional.

Fecundos em resultados forão estes acontecimentos: o germen das idéas liberaes não tardou em fructificar no uberrimo solo da Italia septentrional. Milão, que, como sabemos, supportava impaciente o jugo austriaco, julgou azado o momento para sublevar-se; e, não tendo exercitos para oppôr aos aguerridos regimentos tudes-cos, lançou vistas sobre o Piemonte e pensou encontrar

n'elle natural alliado. Commungando os principios da Santa-Alliança, o velho rei de Sardenha estava longe de prestar auxilio aos anhelos revolucionários, que fallavão no restabelecimento do reino da Italia; seus subditos porém pensavão diversamente, e o proprio Carlos Alberto, seu sobrinho, estava em correspondencia com o conde Confaloniere e cercava-se dos mais fervorosos adherentes da *federação italiana*. A 10 de Março de 1821 o conde de Palma, capitão de um regimento genovez aquartelado em Alexandria, seguindo o exemplo dos officiaes que hemos mencionado, erguia a voz em prol da constituição e contra o ominoso dominio austriaco. A 11 d'esse mesmo mez e anno apoderava-se o conde de Santa Rosa da cidadella de Turim, e forçava Victor Manoel I a abdicar em favor de seu irmão Carlos Felix, entregando a regencia a Carlos Alberto, prematuro campeão da independencia italiana.

VI. — Insurreição grega.

Ao passo que os carcomidos alicerces do edificio politico da Europa gemião açoutados pelo tufão revolucionario, a Turquia, repoltreada em sua classica immobildade, parecia indifferente a quanto em torno d'ella se fazia. O anno de 1821 veio arrancar-a d'esse lethargo, e d'onde menos devêra esperar partio a centelha do incendio que escapou de devoral-a.

Berço antigo da civilisação européa, descêra a Grecia, envilecida pelo jugo ottomano, ao nivel do mais ignominioso desprezo: dir-se-hia que a vida intellectual des-

amparára os netos de Homero, Pindaro, Thucydides e Demosthenes, e difficilmente se reconheceria no aviltado *raya* um compatriota de Themistocles e Epaminondas. Graças porém á religião e á poesia, o espirito grego não estava extinto ; *chrysalida* sublime, meditava nas ruínas de Parthenon seus projectos de vingança, e vigilante espreitava a hora propicia em que pudesse despedaçaros grilhões que lhe rouxeavão os pulsos. Julgou por um momento ter soado essa suspirada hora quando os canhões francezes, acordando os échos das Pyramides, tropejavão em S. João d'Acre e destruião um exercito turco em Aboukir. — Ainda era cedo. — Pouco depois contemplou absorta a marcha dos Russos para a Valachia e Mo'davia, e teve a ingenuidade de suppôr que o chefe poderoso de sua religião, o fantastico Alexandre, se interessaria pelos seus infortunios. — Nova illusão, novo adiamento.

Descrentes os Gregos de estranho soccorro, começarão a confiar em si proprios, tudo esperando da sua energia, e das circumstancias que militavão em seu prol. Dando expansão a esse espirito commercial que afamados os fizera na antiguidade, disseminárão-se pelas margens do Mediterraneo, do Archipelago, do Adriatico e dos seus confluentes, deixando ahi uma população de excellentes marinheiros e ousados corsarios.

Para coordenar e dirigir esses elementos materiaes, fundarão sociedades como a dos *Philomusas* e a *Heteria*, cujos membros contrahião o mais solemne compromisso de immolarem no altar da patria os odios e as

inimizades privadas, tudo invidando para o cabal triumpho da causa nacional.

Foi de Janina que partio o signal anciosamente esperado; e foi um implacavel inimigo e perseguidor dos Gregos quem o deu. *Ali*, de origem albaneza, e pachá de Janina, concebeu o projecto de emancipar-se da submissão devida á Porta Ottomana, e, havendo basteado o pendão da revolta, vio proxima e infallivel a sua ruina quando um poderoso exercito turco sitiava a sua capital. N'esse critico momento soube da existencia da *heteria*, e, esquecendo o mal que em todos os tempos fizera á Grecia para associar-a aos seus projectos de vingança, fez com que o admittissem na supracitada associação e esposou a causa dos opprimidos.

Por essa mesma época um ajudante de campo do imperador Alexandre, por nome Ypisilanti, proclamou a insurreição em Jassy, capital da Moldavia, sem que todavia exito favoravel se seguisse de semelhante commettimento. Mais afortunado foi o arcebispo que sobre os muros de Calaveita arvorou o pendão da independencia a 21 de Março de 1821, a cuja vista ergueu-se a Moréa em peso.

Na volcanica arena da religião e da patria arremessára a Grecia o guante vingativo. Cheia de despeito e furor apanhou-o a Turquia; e as crueis matanças da população grega em Constantinopla, o incendio, a devastação, que como rastreavão a marcha dos exercitos do sultão, separavão as duas parcialidades por um fosso de sangue e fogo. Toda a conciliação era impossivel; ou a Grecia seria independente, ou o ultimo dos Gregos deixaria de existir.

Faltava-lhes tudo e de tudo se provêrão com os seus proprios recursos : para combaterem a poderosa armada turca improvisarão brulotes, tripolados por audazes marinheiros, que renovando os prodigios do *fogo grego*, incendiavão os navios descuidosamente ancorados nos portos e enseadas. Quando os Ottomanos, esmagando alfim o pachá de Janina, desembarcão em Chios e passam a fio de espada a população d'essa importantissima ilha, tirão os independentes terrivel represalia fazendo saltar a frota que se preparava para partir carregada de opimos despojos. Chefes infatigaveis e ardilosos, como Canaris, Miaoulis, Batzaris, lanção o terror entre os Musulmanos, provocando em toda a Europa o sentimento de admiração e sympathia populares, de que os gabinetes ministeriaes e diplomaticos abstinham-se de compartilhar, peados como se achavão pelo tremendo pacto da *Santa-Alliança*.

VII. — Emancipação das colonias hespanholas e portugueza.

Não foi só na Grecia que repercutirão os maravilhosos eventos que hemos historiado ; na America, onde a Hespanha e Portugal possuião vastissimas regiões, despertarão elles as populações, que tambem parecião adormecidas nos braços da indiferença.

A invasão dos Francezes na Hespanha em 1808 e o estabelecimento de uma nova dynastia agitarão profundamente as colonias transatlanticas : os Hespanhóes do Mexico, Colombia e Perú declararão quererem ficar

fiéis a Fernando VII, pedindo em compensação que lhes assegurassem direitos politicos em tudo identicos aos de seus irmãos reinóes. Sendo este reclamo repellido com desdem pela metropole, terrivel e implacavel assomou em todos os angulos a guerra da independencia. — Em 1809 em Caracas, Quito e Santa-Fé, no anno seguinte em Buenos-Ayres e Santiago do Chili estabelecerão-se juntas insurreicionaes; e no Mexico o cura Hidalgo sublevava o paiz dando começo a uma luta encarniçada, na qual se commettêrão reciprocas e inauditas cruezas.

Absorta a Europa com as gigantescas guerras do imperio napoleonico, não prestou attentos ouvidos aos échos do canhão que rebombára nas planuras de Palmar, Valladolid e Purnaras. A Hidalgo succedêra Morillos, e a este o joven Mina, que ergueu bem alto o estandarte da liberdade, por mais de uma vez abatido.

As peripecias politicas por que passára a Europa no anno de 1820 vierão alentar o animo abatido dos Mexicanos, e inspirarão a turbide o famoso plano d'Iguala (24 de Fevereiro de 1821), em virtude do qual o paiz seria crecto em monarchia e outorgada a corôa de Montezuma a um principe de alguma das casas soberanas da Europa. Pouco depois (27 de Setembro de 1821) assignava o vice-rei O'Donnajou o tratado de Cordova, obrigando-se a evacuar o Mexico, que, no apogêo do enthusiasmo, elevava ao throno o general Agostinho Iturbide.

Com varias alternativas pleiteavão os Hespanhóes o seu antigo poderio em Guatemala e no Perú, quando os acontecimentos da mãe-patria, que deixamos esboçados, fizerão pender a balança para o lado dos revoltosos, e

desorganisarão completamente os elementos de repressão.

Na Colombia o celebre Bolivar voltava pela quinta vez vencedor dos implacaveis inimigos do seu paiz e dictava-lhes humilhantes condições de paz, reunindo debaixo do nome de republica da Colombia o Alto-Perú, a Nova-Granada e a Venezuela, tendo a gloria de terminar pela convenção de Calláo (26 de Fevereiro de 1826) a guerra da independencia na America Meridional.

Aos estímulos da liberdade patria erguêra-se como um só homem o antigo vice-reinado de Buenos-Ayres, e sacudindo o jugo europeu constituiu-se em Estados livres e soberanos debaixo da fórma republicana. A Confederação Argentina, o Paraguay e o Estado Oriental forão outras tantas nacionalidades formadas dos membros decepados do gigante do Prata.

Senhoreando a mais bella porção da America Meridional, o Brasil deveu ainda á divina Providencia o escapar aos horrores da guerra com que seus irmãos da raça hispano-americana assegurarão a sua independencia. Como já vimos buscára asylo em suas virgens plagas o profugo herdeiro de D. Manoel, e nas margens de Guanabára assentára o seu ameaçado throno. Dias serenos fruía o velho rei entre os seus subditos brasileiros, que sinceramente o amavão, e por certo que entre elles findaria sua existencia se a revolução do Porto, de que fizemos menção, o não viesse arrancar d'esse *honrado ocio*, obrigando-o a sulcar de novo as ondas do Oceano. A errada politica das *côrtes geraes e constituintes*, reunidas em Lisboa, apressou a emancipação, aliás ine-

vitavel, do Brasil, que por fórma alguma se poderia sujeitar a um papel secundario depois de haver por espaço de treze annos servido de séde da monarchia portugueza. A presença entre nós do principe real D. Pedro de Alcantara, lugar-tenente de D. João VI, os nobres sentimentos que animavão a sua heroica alma, sua inteira e sincera adhesão aos planos de separação que de longa data alimentavão alguns patriotas, e mais que tudo a feliz escolha que de José Bonifacio de Andrada fizera para seu principal ministro, trouxerão a incruenta e feliz proclamação da independencia nas campinas do Ypiranga no dia 7 de Setembro de 1822.

VIII. — Congressos de Troppau e de Laybach.

A lava da revolução calcinava o meio-dia da Europa : inquieta estava a familia germanico-slava, reclamando imperiosamente as promessas de 1815. A *Joven Allemanha* mostrava-se ameaçadora, e a Polonia parecia disposta a exigir com imperio essa constituição que o imperador Alexandre Ihe fizera esperar quando pretendeu destacad-a da alliança franceza. Tão significativos symptomas não podião deixar de inquietar os soberanos, que cedo conhecêrão que nem a obra do congresso de Vienna (1815), nem a do de Aix-la-Chapelle (1818), tinham sido completas. Prevalecendo-se com finura da inquietação dos alliados e desejoso de apagar os vestigios da passada humilhação, propôz Luiz XVIII a convocação de outro congresso, que effectivamente reunio-se em Troppau na Silesia Austriaca (Outubro a Dezembro

de 1820). Ahi deliberou-se que a Austria interviria na Italia restabelecendo a autoridade regia em todo o seu vigor; e quando no anno seguinte transferio as suas sessões para Laybach (outra cidade austriaca), enviou aos constitucionaes um verdadeiro manifesto de guerra, firmado pelos imperadores d'Austria, Russia, e reis da Prussia, das Duas Sicilias.

IX. — Intervenção da Austria na Italia.

Desprezando a intimação das potencias alliadas, preparão-se os Napolitanos para uma obstinada resistência, e o proprio principe de Salerno (depois Francisco I) tomou armas para defender os Abruzzos ameaçados pelos Austriacos, que levavão consigo Fernando I. Não podendo o general Pepe deter a sua victoriosa marcha, teve de desamparar Napoles (21 de Março de 1821), que rendeu-se ao estrangeiro, sendo o seu exemplo seguido pela Sicilia, e em breve por todo o reino, onde foi solememente reconhecida a autoridade absoluta do rei Fernando.

Simultaneamente com a invasão de Napoles effectuou-se a do Piemonte, onde a batalha de Novara (8 de Abril de 1821) suffocou as derradeiras velleidades de desobediencia ás imperiosas vontades da *Santa-Alliança*. Dos bons desejos que mostrarão os carbonarios lombardos de prestarem auxilio aos patriotas piemontezes punio-os a Austria com a mais calculada perseguição, aposentando os seus principaes chefes nos carcereiros de Spielberg, celebre fortaleza que possui na Moravia, e onde Silvio Pellico e seus

desditosos companheiros expiarão o crime de quererem a liberdade e independencia do seu bello paiz.

Não encontrando mais resistencia, acamparão as tropas austriacas pôr tres annos na Italia, pondo guarnições nas principaes praças, e occupando litteralmente o ducado de Modena e os Estados da Igreja.

X. — Congresso de Verona.

Emquanto estas occurrencias se davão na Italia profundas commoções agitavão a peninsula iberica, onde a causa da liberdade passava por duras provações. Fernando VII, que só forçadamente aceitára a constituição, mostrava-se cada vez mais adverso a ella, alimentando a reacção que apparecia nas provincias onde o brado *viva o rei absoluto!* parecia ser a senha convencionada. Debalde procurára Martinez de la Rosa retardar a explosão pelos meios brandos e conciliatorios: ephemero e esteril foi o seu ministerio. Riego e o heroico Mina, cahindo no desfavor da côrte, não acharão compensação no respeito e adhesão dos seus concidadãos, sendo successivamente apeados da governança. N'estas criticas conjuncturas inevitavel era a guerra civil, que rebentou nas ruas de Madrid (a 8 de Julho de 1822), dia nefasto para Fernando VII, que vio-se constrangido a declarar-se prisioneiro dos seus subditos, ao mesmo tempo que seus mais devotados partidarios, batidos junto aos Pyrenêos pelo general Mina, erão forçados a mendigar abrigo no reino vizinho (a França).

Não era possivel que semelhantes feitos passassem

desapercebidos aos estadistas que haviam invidado todos os esforços para supplantar os principios liberaes na Italia : assim pois um novo congresso abriu-se em Verona (cidade do reino Lombardo-Veneto) no mez de Setembro de 1822. Depois do de Vienna ainda não se vira tão apparatosa assembléa : quasi todos os reis e principes soberanos da Europa para ali se dirigirão, e os mais afamados diplomatas guiarão suas deliberações. A França fez-se representar par Matheus de Montmorency e Chateaubriand, e a Inglaterra pelo duque de Wellington : a alma porém do congresso era o sagacissimo principe de Metternich, ministro d'Austria. Cinco principaes questões pendião das deliberações do congresso, a saber : o trafico de Africanos ; a pirataria nos mares da America ; as desavenças entre a Russia e a Turquia ; a reorganisação da Italia, e a revolução de Hespanha.

Encontrando insuperaveis obstaculos para solver os primeiros problemas que lhe erão submettidos, contentou-se o congresso em recommendar á Austria que abreviasse a época da sua evacuação da Italia. A intervenção na Hespanha, que mais que tudo desejava o governo francez, como o que mais de perto via-se ameaçado pela propagação das idéas revolucionarias, não pôde merecer o assentimento do congresso, tolhido pela viva opposição que movia a Inglaterra, a quem os triumphos e a gloria militar da França constituão perpetuo pesadelo.

XI. — Intervenção franceza na Hespanha.

Dissolvido o congresso de Verona, sem que nada se tivesse determinado relativamente á Hespanha, assentou Luiz XVIII, a despeito da violenta opposição dos liberaes e das ameaças da Inglaterra, de lançar na arena das dissensões a espada da França. Um exercito de cem mil homens, commandados pelo duque d'Angoulême, tendo ás suas ordens os generaes Guilleminot e Molitor, franqueou o Bidassoa (a 7 de Abril de 1823), e a 25 de Maio fazia a sua entrada triumphal em Madrid.

Diversamente do que occorrêra em Napoles, não deixou-se desconcertar o partido das *côrtes* por semelhante revez; mas antes entregando o commando das suas tropas ao general O'Donnell tentou resistir á invasão estrangeira. Infelizmente faltavão-lhe os meios para a prosecução de tão generoso pensamento. Batido em todos os recontros, vio-se o general hespanhol constrangido a procurar refugio atrás das muralhas, quasi inexpugnaveis, de Cadix, onde as formidaveis fortificações da península do Trocadero facilitavão a defesa. A indomavel coragem dos soldados francezes e a pericia dos seus cabos de guerra zombárão d'esse obstaculo. Trocadero foi tomado de assalto (a 31 de Agosto), e trinta e tres dias depois capitulava Cadix, arriando o ultimo estandarte da revolução hespanhola.

Reintegrado em seu poder soberano, olvidou-se Fernando VII dos conselhos de moderação que lhe dera o gabinete das Tulherias, e reatando o fio dos seus pro-

jectos reaccionarios chamou sobre a sua desgraçada patria novas e sangrentas revoluções. A 7 de Novembro subia ao cadafalso com heroica impavidez o general Riego, e a 15 d'esse mesmo mez fazia Fernando a sua entrada em Madrid no meio das ovações de uma população delirante, que bradava com toda a força dos pulmões *viva el-rey netto* (viva o rei absoluto).

XII. — Oppressão hollandeza na Belgica.

Em odio á França pensou a *Santa-Alliança* estabelecer nas suas fronteiras uma forte barreira soldando á Hollanda as provincias belgas, que pela religião, lingua, usos e costumes pertencião antes ao primeiro d'estes paizes. A despeito dos energicos protestos dos Belgas contra semelhante annexação proseguia Guilherme I em seu plano de sacrificar interesses heterogeneos subordinando sempre seus novos subditos aos antigos. Por um decreto de 15 de Setembro de 1819 declarára a lingua hollandeza official no Limburgo e nas duas Flandres (Oriental e Occidental); e pondo em pleno vigor os *Artigos Organicos* da concordata entre a França e a Santa Sé, suscitou todo o genero de vexações aos catholicos, com manifesta satisfação dos protestantes. Tão violenta situação devêra trazer o desfecho de que brevemente nos occuparemos.

XIII. — A Russia e a Polonia.

Como já dissemos, promettêra o congresso de Vienna uma constituição á Polonia, e o imperador Alexandre, imbuído nas idéas de um liberalismo *sui generis*, e levado pela intima amizade ao principe Adão Czartoriski, pareceu querer de veras conciliar a Russia com a Polonia, e restabelecer o antigo reino, ainda que submettido a um sceptro commum.

A nova constituição tão solemnemente promettida, e tão categoricamente outorgada, foi posta em vigor no dia 24 de Dezembro de 1815. Compunha-se a representação nacional de duas camaras, a dos senadores e a dos nuncios, ou deputados; sobre a base da propriedade fundava-se o direito eleitoral; e as garantias da responsabilidade ministerial, liberdade da imprensa, e independencia do poder judiciario, fazião parte d'este codigo, que assim satisfazia aos anhelos dos liberaes.

Cumpre porém confessar que estas instituições, concedidas a uma parte da monarchia, emquanto as outras ficavão submettidas ao antigo regimen, erão uma completa anomalia, porque, como os czares, habituados á mais cega obediencia, terião consentido na livre discussão dos actos do seu governo na imprensa e no parlamento de Varsovia? Além de que o velho partido russo, ferido no seu amor-proprio, e cioso da preponderancia que no animo imperial começavão a tomar seus implacaveis rivaes, os Polacos, pôz tudo em acção para frustrar as vistas generosas de Alexandre. Poderoso auxilio lhe prestava o grão-

duque Constantino, vice-rei da Polonia, que acintosamente infringia as mais terminantes clausulas do pacto constitucional, amordaçava a imprensa, e, com larga mão, distribuia os empregos mais lucrativos e honrosos unicamente pelos nascidos nas provincias russas. Contra taes violações debalde protestou a dieta de 1820: os desterros e os confiscos responderão aos seus reclamos. Então cobrio-se o paiz de sociedades secretas, e os symbolos mágicos forão quasi que geralmente adoptados. Com o pretexto de segurança publica duplicarão os rigores da policia, e a lei marcial não tardou em ser proclamada. N'este interim morre em Taganrog (1º de Dezembro de 1825) o imperador Alexandre, e o throno vem caber ao grão-duque Nicoláo, depois da formal renuncia de Constantino. Com a ascensão d'este principe exhalou o ultimo alento a constituição polaca.

XIV. — Morte de Luiz XVIII. — Exaltação de Carlos X em França.

O prestigio militar restituído á bandeira branca pela expedição de Hespanha, o equilibrio que se ia restabelecendo na fazenda publica, graças á energica e prudente administração de Villèle, acalmarão os espiritos em França e prognosticavão no futuro dias mais serenos e felizes. As eleições de 1824 enviãrão á camara dos deputados apenas dezenove opposicionistas, apesar das satyras de Beranger e dos libellos de Paulo Luiz Courier. Aproveitando-se das excellentes disposições da camara, emprehendeu o ministerio salutaes reformas; sendo entre ellas a princi-

pal a que prolongava por um septennio o mandato legislativo, espaçando assim as épocas de crise e de agitação populares.

Infelizmente pouco duradouro foi semelhante estado de cousas; a desintelligencia entre Chateaubriand e os seus collegas terminando na sua retirada do ministerio operou profunda scisão no partido realista. O ex-ministro, esquecendo a reserva que lhe impunha a sua posição, para só dar ouvidos aos sentimentos de orgulho e despeito, declarou uma guerra desabrida aos seus antigos companheiros, com grande alegria dos liberaes.

N'este comenos expirou Luiz XVIII (16 de Setembro de 1824); e não deixando descendencia foi o conde d'Artois, seu irmão, chamado á successão da corôa, com o nome de Carlos X.

O novo rei era assaz conhecido pelas suas opiniões retrogradadas; e já nos reinados de seus irmãos (Luiz XVI e Luiz XVIII) se fizera notavel como cabeça visível dos reaccionarios. Confirmarão os primeiros actos do seu governo as geraes apprehensões; e parecendo querer justificar o dito dos que pretendião *que os Bourbons nada havião esquecido nem nada aprendido*, quiz subir ao throno dos seus maiores com a pomposa solemnidade que dir-se-hia ha muito sepultada nas cryptas do passado. Trasladando-se a Reims fez-se sagrar com o antigo ritual, e no dia seguinte celebrou na sua mui famosa cathedral um capitulo da ordem do Espírito Santo, de que os contemporaneos havião perdido a memoria. Passando um traço pela revolução, volvia a França á época de Luiz XIV.

**XV. — Progresso das idéas liberaes na Inglaterra.
Reinado de Jorge IV.**

A energica attitude do ministerio *tory* na lamentavel emergencia da conspiração de Thistlewood (1820), a suspensão do *habeas-corpus* e outras medidas extraordinarias havião feito desaparecer o temor da anarchia e assegurado a tranquillidade publica. A opposição porém sustentava que semelhantes resultados tinhão sido obtidos á custa das liberdades publicas, e dispunha-se a tomar ao ministerio estreitas contas dos seus actos administrativos quando foi d'isso desviada por um escandaloso processo.

Pormorte de Jorge III (22 de Janeiro de 1820) o principe de Galles, que havia nove annos exercia a regencia, subio ao throno com o nome de Jorge IV, continuando ahi a serie de devassidões que o tinhão tornado opprobrio das familias soberanas da Europa. A princeza Carolina de Brunswick, com quem se desposára e vivia separado, achava-se no continente quando se deu o successo que vamos historiando; mas logo que d'elle foi informada deu-se pressa em passar á Inglaterra, desembarcando em Douvres a 6 de Junho de 1820. Querendo infligir uma censura á conducta irregular do monarcha, preparou o povo uma verdadeira ovação á desprezada esposa, levando o entusiasmo a ponto de tirar os animaes do carro e carregal-a em triumpho. Para vingar-se intentou o rei uma acção de divorcio perante o parlamento, fazendo por essa occasião as mais vergonhosas revelações; mas a opinião publica de tal modo reprovou semelhante passo,

que os ministros virão-se constrangidos a retirar o bill de accusação. Animada por uma tal victoria, reclamou a rainha a sua coroação juntamente com a do rei, mas no dia da cerimonia foi-lhe recusada a entrada em Westminster, com grande estupefacção dos assistentes. N'este comenos falleceu a rainha, e por occasião dos seus funeraes o sangue dos cidadãos e soldados tingio o solo britannico.

Emquanto se passavão estes lamentaveis acontecimentos, a politica ingleza soffria grave modificação com a entrada de Jorge Canning para a repartição dos negocios estrangeiros em substituição de lord Castlereagh, que se suicidára na vespera da sua partida para o congresso de Verona (12 de Agosto de 1822). Bem que membro proeminente do partido *tory*, não quinhoava seus excessos, e mais de uma idéa liberal achou n'elle acerrimo propugnador; assim, por exemplo, vemol-o advogar com calor a emancipação dos catholicos, proclamar em Verona o principio da não-intervenção nos negocios de Hespanha, e apressar-se em reconhecer a independencia das colonias americanas, que havião sacudido o jugo da Hespanha e Portugal. Huskisson, seu collega na pasta do commercio, iniciou uma serie de medidas economicas que batêrão na brecha o mui famigerado systema proteccionista. Reduzio as taxas mais oppressivas, supprimio o imposto oneroso sobre o sal, e adoeçou em suas disposições grande numero de regulamentos fiscaes, que sobrecarregavão o commercio, a industria e a navegação. Roberto Peel, outro membro do ministerio, fazia por essa mesma época votar a revogação das penas barbaras que no-

doavão o código criminal. Quando finalmente o fallecimento de lord Liverpool (1827) chamou Canning á presidencia do conselho de ministros operou-se manifesta scisão no gremio do partido *tory*, cujos membros mais moderados alliárão-se aos *whigs* de igual jaez, e colligados formárão uma forte maioria, que em ambas as casas do parlamento sustentava a administração de Canning.

Pouco porém durou semelhante situação ; porquanto a 7 de Junho de 1827 era este grande homem arrebatado, por uma morte prematura, ás esperanças do seu partido e á gratidão dos opprimidos.

O ministerio que se seguiu a este, presidido por lord Wellington, e no qual occupava a pasta do interior Roberto Peel, teve de seguir, a despeito das suas proprias convicções, a torrente da opinião publica, e no primeiro anno da sua gerencia referendou a revogação do *test* que fechava aos catholicos o accesso a todas as corporações municipaes.

XVI. — Emancipação dos catholicos na Inglaterra.

Quando em 1800 quiz Pitt. determinar os Irlandezes a reunir o seu parlamento ao inglez fez-lhes numerosas promessas, e entre ellas a da igualdade politica dos catholicos, cessando a odiosa distincção que se dava entre os subditos do mesmo soberano por motivos de religião. Encontrava porém a realisação d'esta promessa grande opposição no fanatismo do rei e no exclusivismo do clero anglicano. Por muito tempo faltavão ás justas reclamações da Irlanda nexo e disciplina ; a Providencia porém de-

parou-lhe com um verdadeiro apóstolo na pessoa de Daniel O'Connell, descendente dos seus antigos reis, e cuja mascula eloquencia subjugava as multidões fazendo-lhes tudo esperar dos meios legais. A *associação catholica*, por elle fundada e dirigida, exerceu magna influencia nos acontecimentos da época, e a ella principalmente se deve o feliz exito d'este empreendimento. A ascensão do ministerio Wellington veio por um momento lançar o desanimo nos catholicos, porque ninguem ignorava a uniformidade de pensamentos que existia entre o velho marechal e Castlereagh, acerrimo adversario da emancipação; a presença de Roberto Peel no gabinete era todavia tranquillizadora; porquanto, bem que tivesse constantemente combatido semelhante medida, mudára de parecer desde que notára que a opinião publica lhe dera seu assentimento. Graças aos nobres esforços d'este grande estadista todas as repugnancias forão vencidas, e a lei de 30 de Março de 1829 reconheceu os inauferiveis direitos dos catholicos e consagrou solemnemente o principio de tolerancia, já admittido por quasi todas as nações da Europa.

**XVII. — Morte do rei de Portugal D. João VI.
Carta constitucional outorgada por D. Pedro.
Usurpação de D. Miguel.**

Em Portugal a luta entre os antigos e os novos principios tomára assustadoras proporções; e, por muito tempo, arrojou o paiz no estado de chronica guerra civil. Influenciado pelos cortezaos, abrogára o velho monarcha a constituição que jurára observar, restabelecendo o go-

verno absoluto, sob pretexto de salvar a nação dos furores da demagogia (1823): e pouco tempo depois escapava de perder a corôa, victima das machinações tenebrosas de seu filho, o infante D. Miguel, a quem vio-se obrigado a desterrar para Vienna d'Austria (1824). Amargurados corrêrão-lhe os ultimos dias, até que em principios do anno de 1826 cessou de existir, deixando, á semelhança do cardeal D. Henrique, vaga e indeterminada a successão do throno. A infanta D. Isabel Maria assumio a regencia, como rezava o testamento do fallecido rei, e foi ella quem deu publicidade á *Carta Constitucional* outorgada por D. Pedro IV aos 29 de Abril de 1826 na cidade do Rio de Janeiro, onde firmou a sua abdicção em favor de sua filha D. Maria da Gloria, que tomou logo o nome de D. Maria II.

Illudio-se D. Pedro quanto ás disposições de seu irmão, julgando que elle se contentaria com o titulo de rei, dando para esse fim a mão de esposo á joven rainha, e investido da regencia durante a sua menoridade. D. Miguel pareceu a principio acceder a estas clausulas; e, chegando a Lisboa a 22 de Fevereiro de 1828, prestou juramento á carta perante as *côrtes* que já se achavão convocadas, e entrou pacificamente no exercicio da regencia que lhe fôra destinada.

A gente porém de que logo cercou-se e a hostilidade latente que testemunhava a tudo o que era liberal fizeram presentir o perigo que ameaçava as novas instituições; quando acreditou-se firmado no poder depôz a mascara, dissolvendo as *côrtes* e convocando os tres estados do reino *para decidir sobre pontos importantes do*

direito portuguez. Estas *côrtes*, tumultuariamente reunidas no meio da guerra civil que rebentára em varios pontos do reino, declararão a 11 de Junho de 1828 que a corôa de Portugal e dos Algarves pertencia de plenissimo direito a D. Miguel de Bragança, filho secundo genito de D. João VI, por haver o primogenito D. Pedro aceitado a realza de um paiz estranho.

A mór parte dos soberanos da Europa protestarão contra semelhante usurpação e recusarão reconhecê-la: quando porém se tratou dos meios praticos de cohibil-a começarão as abstenções. A Inglaterra recusou mandar o auxilio que lhe solicitava a joven rainha, que vio-se obrigada a embarcar para o Brasil (27 de Abril de 1829); e sem a heroica resistencia da ilha Terceira, onde alguns denodados campeões do liberalismo levantavão bem alto o pavilhão de D. Maria II, dir-se-hia que a causa constitucional se achava condemnada em Portugal e seus dominios.

XVIII. — Fundação do reino da Grecia.

Já vimos como um punhado de heróes evocára o genio grego e os maravilhosos feitos com que assombrarão a Europa no começo d'este seculo; resta-nos ver como forão coroados os seus esforços.

Exhaustos os proprios recursos n'essa gigantesca luta, recorreu a Turquia a seu poderoso vassallo o vice-rei do Egypto, Mehemet-Ali, e encarregou-o de conquistar a Moréa. No verão do anno de 1824 singrava do porto de Alexandria uma esquadra com dezeseis mil ho-

mens de desembarque e ia-se esbarrar de encontro á fro-
tinha grega, que a obrigava a volver ao Egypto para repa-
rar as suas numerosas avarias. Não desanimado por se-
melhante revez, mandou no anno seguinte o vice-rei seu
proprio filho Ibrahim apoderar-se da Moréa e devastal-a
a ferro e fogo. De feito, logrou o moço general des-
embarcar em Modon, vendo baquear diante d'elle as portas
de Navarino e Tripolitza, tomadas de assalto, e só detendo-
se ante os muros inexpugnaveis de Napoli e de Romania,
onde o governo insurrecional buscára refugio.

Missolonghi, immolado nas aras do patriotismo, offe-
rece um quadro poucas vezes visto de abnegação e de he-
roismo dos seus defensores e de feroz crueldade da parte
dos seus expugnadores. Cercados por dez mil homens,
commandados por Ibrahim em pessoa, e perdida toda a
esperança de externo soccorro, resolvêrão seus habitantes
abrir caminho através do inimigo; mas sendo repellidos
pelos Turcos perecêrão todos, homens, mulheres e crian-
ças, sem que ninguem supplicasse a vida, sem que nin-
guem voltasse rosto ao inimigo.

O incendio de Missolonghi esclareceu a Europa sobre os
seus verdadeiros interesses, fazendo com que fosse repu-
diada a politica da inercia e do indifferentismo. A 6 de
Julho de 1827 a França, a Inglaterra e a Russia firma-
vão em Londres um tratado de alliança para intervir pe-
las armas nos negocios da Grecia. Estas tres potencias,
sem reclamar ainda completa independencia, pedião
que fosse assegurada aos Gregos uma administração se-
parada, sendo desde logo ordenada uma suspensão de
armas. Recusou-se a Turquia a semelhante proposta, não

annuindo sequer ao armistício. N'esta conjunctura decidirão as potencias impôl-o pela força ás partes belligerantes; e, entrando na bahia de Navarino com o fito de intimal-o á esquadra turca, de um conflicto particular resultou uma acção geral, em que perdeu o sultão seis mil homens, tres náos de linha, dezeseis fragatas, vinte e seis corvetas, doze brigues e cinco brulotes (a 20 de Setembro de 1827).

A marinha turca estava aniquilada: convinha agora sustar em terra os triumphos de Ibrahim; foi a França quem offereceu vinte mil homens, ao mando do general Maison, para assenhorear-se da Moréa, emquanto a Russia ameaçava franquear o Pruth e lançar cem mil homens sobre Constantinopla. Inquieta a Inglaterra com semelhante ostentação de forças de suas rivaes, apressou-se de fazer com que o vice-rei do Egypto chamasse seu exercito, defraudando a expedição franceza da basta seara de louros que lhe aguardava. Ainda assim prestou o general Maison reaes serviços á causa grega, apoderando-se de todas as cidades, villas e povoações onde havia guarnições turcas.

Forçada pelas potencias occidentaes, consentio a Porta na independencia da Grecia, que, depois de haver atravessado um periodo de anarchia, durante o qual pereceu victima do punhal do sicario o seu illustre presidente Capo d'Istria (1831), foi constituida em reino em favor de Leopoldo, principe de Coburgo; e, recusando este, coube a corôa a Othon, principe de Baviera (1832), por escolha das potencias mediadoras.

XIX.— Expedição franceza na Africa.— Tomada de Argel.

A expedição da Moréa, de que acabamos de fallar, foi seguida da da Africa, ordenada pelo ultimo ministerio da Restauração.

Quinze annos havia que a França recebia do chefe dos piratas de Argel continuos ultrages. Por um antigo privilegio era facultada aos subditos d'essa nação a pesca do coral na provincia de Bona, mediante certos direitos que tinham sido escrupulosamente pagos. Uma questão relativa á liquidação das dividas de alguns subditos argelinos deu lugar a insolentes reclamações por parte do *dey*, que, violando os tratados, apossou-se de alguns navios romanos, postos sob a protecção da França. Em 1827, havendo o consul francez dirigido a Hussein uma energica representação contra taes abusos, foi por este insultado atirando-lhe ao rosto um leque que tinha na mão. Uma esquadra apresentou-se diante de Argel para vingar esta injuria; inefficaz porém foi o bloqueio que então se fez, e impune ficou o orgulhoso despota, que, já não conhecendo limites aos seus desvarios, animou-se a mandar fazer fogo sobre o navio que levava um emissario do rei de França, incumbido de pedir satisfação pelas continuas depredações feitas nas propriedades dos seus subditos.

O calix do soffrimento estava esgotado. Um exercito de trinta e sete mil homens, commandados pelo marechal conde de Bourmont, ministro da guerra, embarcou-se em Toulon, d'onde sarpou uma lustrosa esquadra ao

mando do vice-almirante Duperré. A 13 de Junho do anno de 1850 surgião os navios francezes diante de Argel; a 14 effectuava-se o desembarque das tropas expedicionarias: a 18 empenhava-se o primeiro recontro, em que os Argelinos, completamente batidos, buscáram refugio nas montanhas que circumdão sua capital, d'onde descêrão no dia 24 para tentar fortuna, sem que todavia lograssem melhor resultado. Quatro dias depois começãvã as obras do assedio da praça, que, desmantelada por uma formidavel artilharia e tendo visto render-se o famoso *castello do Imperador*, abriu suas portas aos vencedores no dia 4 de Julho d'esse mesmo anno.

XX. — Revolução de Julho em França. — Abdicação de Carlos X.

Já dissemos que a exaltação de Carlos X ao solio dos seus maiores e os primeiros actos do seu reinado havião originado serias apprehensões aos amigos das liberdades publicas. Os reaccionarios, que cautelosamente Luiz XVIII afastára de junto de si, voltárão ufanos da privança do novo monarcha, que prestando ouvidos ás intrigas dos cortezãos alienava as sympathias dos verdadeiros amigos do throno. Aos justos clamores contra tão anormal situação pareceu ceder o rei chamando a seus conselhos Martignac e os homens moderados que, comprehendendo a sua politica, prestavão-lhe leal apoio. Este ministerio foi porém de curta duração; e a 9 de Agosto de 1829 annunciava o *Monitor* a formação de um novo gabinete, cuja presidencia era confiada ao principe de Po-

lignac, estrenuo campeão dos velhos principios supplantados pela revolução de 1789.

Quando por occasião da abertura das camaras (2 de Março de 1850) tiverão os novos ministros de comparecer perante os representantes do paiz, ouvirão d'elles a mesma linguagem apaixonada a que já os havia habituado a imprensa periodica. A discussão do *voto de graças* correu virulenta, e a mensagem ao throno approvada por 221 votos contra 181 manifestava claramente as vivas apprehensões da camara dos deputados sobre a sorte futura das garantias constitucionaes. A resposta de Carlos X, laconica e severa, fazia presagiar uma dissolução, para a qual ambas as parcialidades se preparavão com aqødamento.

A expedição de Argel, que deixamos esboçada, e que em qualquer outra época teria produzido extraordinario entusiasmo, e com elle proficua diversão nos animos irrequietos, passou quasi que imperceptivel por entre os sinistros rumores, nuncios de proxima borrasca. Ninguem mais se illudia: a luta entre o absolutismo e a liberdade ia, ainda uma vez, travar-se.

A noticia do brilhante triumpho obtido pelas armas francezas em Argel proporcionou ao ministerio ensejo para inaugurar o systema arbitrario que havia ideado. Allegando o dever que lhe corria de velar pela segurança publica, que dizia ameaçada pelos revolucionarios, fez inserir no *Monitor* uma serie de decretos, datados do dia 25 de Julho, nos quaes coarctava a liberdade da imprensa, alterava o censo eleitoral e dissolvía a camara dos deputados.

O primeiro protesto contra estas medidas partio do

jornalismo, sendo logo depois seguido do de varias ordens do Estado. Não tardou em formarem-se grupos numerosos junto ao palacio real, e n'esses grupos erão lidos e calorosamente commentados os decretos a que nos imos referindo. Tomou porém a agitação character assustador na terça-feira 27, em que grande porção de impressores e outros empregados typographos, que pelas restricções das recentes medidas sobre a imprensa se vião sem pão, percorrerão as principaes ruas da cidade manifestando ruidosamente o seu descontentamento.

Foi nas officinas do *Nacional*, que affrontára as colleiras ministeriaes continuando a fazer-lhe tenaz opposição, que deu-se o primeiro conflicto entre a policia e o povo, no qual houve grande numero de mortos e feridos de parte a parte.

A 28 Paris achou-se ouriçado de barricadas; e as tropas reaes, commandadas pelo marechal Marmont, duque de Ragusa, tomárão posições estrategicas apoiando-se no Louvre e nas Tulherias, mas encontravão por toda a parte uma resistencia com que por certo não contavão. Verdade é que á frente dos revoltosos vião-se muitos officiaes reformados do tempo do imperio, e notavão-se outrosim uniformes da guarda nacional.

Emquanto o povo batia-se com tanto denodo tentárão alguns deputados concertar nos meios de deter a effusão de sangue. Para esse fim enviarão ao marechal Marmont uma deputação de que fazião parte os generaes Gerard e Lobau, e o celebre banqueiro Laffitte, supplicando-lhe que suspendesse as hostilidades para dar lugar ás negociações. De bom grado prestára-se o velho mare-

chal a servir de medianeiro entre o rei e o povo ; mas a obstinação que cegava a Carlos X impedio-lhe de prestar ouvidos a palavras de paz, não querendo fazer a menor concessão.

Na quinta-feira 29 podia-se dizer que a insurreição estava senhora de Paris, com unica excepção do Louvre e das Tulherias, posições consideradas inexpugnaveis pelos grandes meios de resistencia n'ellas concentrados. Nada porém é capaz de deter o furor popular. O Louvre foi atacado, e com o favor da defeecção de dous regimentos de linha estacionados na praça Vendome cahio em poder dos invasores, que animados pela victoria marchão sobre as Tulherias, onde, a despeito da obstinada defesa que lhes oppôz Marmont, hastearão a bandeira tricolor, que desde a vespera substituíra a branca.

Por nenhum nefando crime, nem mesmo nenhum lamentavel excesso, maculou-se o triumpho popular. Guardas forão postadas diante de todos os estabelecimentos publicos, afim de protegêl-os contra os ataques de que costumão ser victimas em épocas de revolvimento social.

Victoriosa nas praças e nas ruas, possuidora dos palacios e repartições publicas, convinha que a revolução tivesse um centro director, que houvesse quem fallasse em seu nome e impuzesse as condições aos vencidos. Reunio-se na casa da camara municipal uma commissão presidida por Lafayette, gloriosa reliquia de 1789, e que grande prestigio exercia sobre a guarda nacional de Paris ; essa commissão ficou investida de todos os poderes extraordinarios que as circumstancias exigião.

Sabendo da organisação d'esse governo de facto, offereceu-lhe Carlos X a revogação dos famosos decretos que haviam armado a população : era porém muito tarde; o Minotauro da revolução nem já se contentava com a demissão dos ministros, e em altos brados dictava a abdicação do rei, e a exclusão da sua dynastia.

Houve quem se lembrasse de Napoleão II; mas a idéa que se achava elle em poder dos Austriacos, que sabrião obstar a sua ascensão ao throno, com desar para a França, fez procurar algures o principe que devesse cingir a corôa de S. Luiz. O duque de Orléans, que combatêra gloriosamente em Jemmapes, e vivia divorciado do ramo primogenito da sua familia por não participar dos seus preconceitos anachronicos, fixou as vistas dos dominadores da situação, que se dirigirão a Néuilly, convidando-o para transferir-se a Paris, onde, apenas chegando, foi investido da tenencia geral do reino (30 de Julho).

O ruído de todos estes acontecimentos não fôra ainda sufficiente para despertar do seu profundo lethargo a côrte, que se asylára em S. Cloud. Como de costume consumia-se precioso tempo em inuteis reconvenções : o duque d'Angoulême (*delphim*) accusava seu pai de frouxo e lançava a culpa dos desastres sobre Marmont, que, por sua vez, defendia-se do mallogro das operações militares com a obstinação do rei e dos seus immediatos conselheiros. N'este comenos a revolta achou-se ás portas de S. Cloud na noite de 30 para 31 de Julho, na qual, cedendo á cruel necessidade, fugio a familia real para Trianon e d'ahi para Rambouillet, d'onde a 2 de Agosto

firmou Carlos X a sua abdicação em prol do duque de Bordéos, por haver o *delphin* feito renuncia dos seus direitos. Depois do que, acompanhado dos commissarios enviados pelo duque de Orléans, tomou a estrada de Cherbargo, em cujo porto embarcou-se no dia 16 de Agosto para o seu novo e derradeiro exilio.

XXI. — Reformas constitucionaes em França.

Desobedecendo formalmente ao decreto de dissolução, proseguio a camara dos deputados em seus trabalhos, com a ausencia de pequeno numero de partidarios dedicados á Restauração. Depois de calorosos debates sobre a revisão da carta constitucional assentou-se nas seguintes modificações.

Supressão do preambulo, como offensivo á dignidade da nação, que não devêra receber como outorga o que essencialmente lhe pertencia; do artigo 6º, que reconhecia uma religião do Estado, sendo substituido pela igualdade dos cultos; abolição da censura; emenda do artigo 14, que conferia ao rei o direito de promulgar decretos e regulamentos para a boa execução das leis, suspendendo-as em casos urgentes; finalmente diminuição de cinco annos na idade requerida para ser elegivel. Manteve-se o principio da inamovibilidade da magistratura e adiou-se para tempos mais calmos a discussão concernente á hereditariedade do pariato.

Taes forão as alterações feitas na *carta* de 1814 por uma assembléa revolucionaria, que por fórma alguma representava o paiz.

XXII. — Exaltação do duque de Orléans ao throno de França.

Promulgadas as reformas que acabamos de mencionar, passou a camara a occupar-se da proposta que indicava que a corôa fosse devolvida ao duque de Orléans, e, estando presentes 250 deputados, foi adoptada por 210 votos. Em acto continuo expedio-se uma deputação ao Palacio-Real, onde residia o duque, que, havendo adherido aos desejos da nação, dirigio-se no dia 9 de Agosto ao Palacio Bourbon, onde funcionava a camara dos deputados, e ahi prestou solemne juramento á *Carta reformada*, tomando o titulo de *Luiz-Philippe I, rei dos Francezes*.

O novo rei contava então cincoenta e sete annos, e o seu nome era já conhecido na historia pela gallardia com que combatêra em Valmy e Jemmapes contra os inimigos da França. Refugiado na Suissa durante os nefastos dias conhecidos pela denominação de *reinado do Terror*, vira-se obrigado para subsistir a fazer-se professor de mathematicas na pequena cidade de Reichenau. Visitou foragido os Estados-Unidos e a Inglaterra, e, volvendo á França depois da Restauração, reconciliou-se com o ramo primogenito da sua familia, cuja politica todavia em silencio reprovava. Pede porém a justiça que digamos que para esta revolução de que fôra elle o unico e universal herdeiro, nem directa, nem indirectamente concorreu.

XXIII. — Sublevação da Belgica.

Goza a França da particularidade de não poder fazer revolução alguma sem que repercuta ella em toda a Europa, e quiçá em todo o mundo.

Assim, mal se ateára o incendio em Paris, que se communicava elle a Bruxellas, onde impacientemente se supportava o dominio hollandez, baldados sendo os esforços do rei Guilherme para fundir n'uma só nação dous povos adversos em lingua, costumes e religião. Prestando desvelada attenção aos interesses commerciaes, sacrificára Amsterdão á nascente prosperidade de Antuerpia; não lhe agradecião os Belgas semelhante sacrificio, para só se lembrarem das feridas que no amor-proprio nacional lhes fizera o rei quando ordenára que fosse o hollandez a lingua official em todos os seus Estados, e do menospreço com que tratava a religião catholica e os seus ministros.

Lavrava o descontentamento em todas as classes, quando chegou a noticia da revolução de Julho, que, semelhante á faísca electrica, promoveu a combustão. A 27 de Setembro de 1830 rebentou em Bruxellas uma formidavel revolta, que, com pasmosa rapidez, pôpogou-se por todo o paiz, d'onde forão expulsos os Hollandezes, com unica excepção das praças fortes de Maëstricht e Antuerpia, onde tinham respeitaveis guarnições.

Sob a presidencia de Felix de Merode organisou-se um governo provisorio, que apressou-se em proclamar a in-



dependencia das provincias belgas. As duas parcialidades em que se dividia o paiz, a dos catholicos e a dos protestantes, opinavão por diversas fórmãs de governo : querião os primeiros a monarchia constitucional, e os segundos a republica. Prevaleceu a monarchia, mas rodeada de instituições de tal modo liberaes, que era essa constituição quasi uma ameaça aos demais povos do continente europeu. D'entre os quatro candidatos ao novo throno reunio a pluralidade de suffragios o duque de Nemours, filho segundo de Luiz-Philippe, o qual não desejando irritar a Inglaterra, que começava a ver n'essa eleição plenitude da influencia franceza, declinou da honra que se pretendia fazer á sua familia. Recahio então a escolha no principe Leopoldo de Saxe-Coburgo, viuvo da princeza Carlota, filha do rei de Inglaterra Jorge IV.

Não estava porém de todo consolidada a independencia belga ; porquanto mantinha-se em Antuerpia a guarinição hollandeza, e suspeitas havia de que o rei Guilherme tentaria cedo nova invasão no territorio que obstinava-se em considerar seu. Força foi recorrer á intervenção estrangeira. De accordo com a Inglaterra, cuja esquadra bloqueava já a esse tempo o porto de Antuerpia, transpôz o marechal Gerard a fronteira e penetrou na Belgica á frente de um poderoso exercito de que fazião parte os dous duques de Orléans e de Nemours, filhos de Luiz-Philippe.

Começou o cerco da praça a 30 de Novembro de 1832, e a 23 de Dezembro capitulava a cidadella depois de curta, mas heroica resistencia. Este brilhante feito d'armas assegurou a obra da emancipação, cujo só-

lemne reconhecimento por parte da Hollanda retardou-se até o anno de 1838.

XXIV. — Revolta da Polonia.

N'um dos precedentes capitulos vimos o modo cruento por que a Russia escarnecêra dos solemnes compromissos tomados para com a Polonia no congresso de Vienna; assim tambem é certo que as cinzas da compressão mal podião esconder a lava do volcão revolucionario, que fez violenta explosão no dia 29 de Novembro de 1830. Surpreendidos em seus aquartelamentos, cedêrão os Russos ao impeto dos sublevados; mas não tardarão em voltar com consideraveis forças para recuperar o perdido terreno. Em vão oppuzerão-lhes formidaveis barreiras o patriotico denodo dos Chlopickis, Czartoryskis, Dembiskys, Skrzyneckys e tantos outros; ainda uma vez teve de curvar a misera Polonia a nobre cerviz ao jugo moscovita; ainda uma vez as discordias de seus filhos arrancarão-lhe das mãos a victoria. Depois das sangrentas batalhas de Grochow (19 de Fevereiro de 1831), de Igonia (10 de Abril), de Ostrolenska (12 de Maio), os Russos, favorecidos pelo cholera, que dizimava os regimentos polacos, e pelo auxilio da Prussia, marcharão sobre Varsovia, da qual se apoderarão a 8 de Setembro d'esse mesmo anno de 1831. Sofrega acompanhou a França as peripecias d'este gigantesco pleito: mais de uma vez se ergueu para que na balança politica lançasse ella a sua victoriosa espada; prevalecêrão porém os conselhos da prudencia, de

que o proprio rei se fizera campeão, e as estereis sympathias pela causa dos opprimidos manifestavão-se annualmente, com ironica regularidade, n'um determinado paragrapho da resposta á falla do throno.

XXV. — Agitação na Suissa.

Reconstituída a Suissa pelos tratados de 1815, pareceu por algum tempo fruir das doçuras da paz; mas a circumstancia de servir ella de asylo aos revolucionarios, expulsos dos diversos paizes da Europa, contribuiu poderosamente para que se formassem ali dous partidos: o democratico, que queria dar maior expansão ao elemento unitario, e o aristocratico, que pugnava pelo *statu quo*. Singular é que os catholicos se filiassem ao primeiro partido, ao passo que os protestantes constituissem a quasi totalidade do segundo.

Intuitivo é que a revolução de Paris favoreceu as idéas democraticas, que não tardarão em se pôr em campo. Em Neuchatel, onde procurárão abolir a suzerania da Prussia, forão repellidos com grande perda; e no cantão de Basileá tão renhida foi a luta, que forçoso tornou-se dividil-o em dous, por estarem equilibradas as forças. O progresso das idéas democraticas, assignalado pelos movimentos revolucionarios do Valais (1840), do Tessino (1841), de Genebra (1846), voltou-se logo contra as instituições ecclesiasticas, e com especialidade contra os conventos. Esta tendencia devêra por certo consternar os motores da agitação liberal, que, como já dissemos, pertencião em

grande parte ao catholicismo. O elemento radical, que se inoculára na revolução, fez-lhe mudar de sectarios, passando os protestantes para o campo onde, só por indesculpavel descuido, havião estanciado os catholicos.

Dos tres cantões que successiva e alternadamente dirigião a confederação (Zurich, Berne e Lucerna), só o ultimo era catholico; etanto bastou para que os radicaes pretendessem fazer de Berne a exclusiva capital da Suissa. Ameaçados de semelhante absorpção, fundarão os catholicos uma liga, a que denominarão *sonderbund*, a qual, vendo-se desamparada pelos que maior interesse tinham em sustental-a, succumbio (em 1847) depois de breve e gloriosa luta.

XXVI. — Movimentos políticos na Allemanha.

Sob o espesso véo das sociedades secretas incubava-se a revolução na Allemanha, parecendo só esperar pelos acontecimentos de Julho para fazer ostentosa apparição.

A 30 de Agosto sublevárão-se os operarios em Aix-la-Chapelle, communicando-se a sedição a varias cidades vizinhas, e chegando mesmo á bellicosa capital da Prussia. Successivamente reprimida, triumphou em Brunswick, obrigando o duque Carlos a abdicar em favor de seu irmão Guilherme, que subio ao throno ducal outorgando aos seus subditos uma constituição liberal (6 de Setembro de 1830). Igual sorte coube ao eleitor de Hesse, tendo de ceder a corôa a seu filho Frederico-Guilherme com identicas condições. Aplacou-se a agitação que se

notava no Hanover com a promulgação da carta constitucional feita pelo seu respectivo duque e rei de Inglaterra Guilherme IV (a 26 de Setembro de 1833). Na Baviera, onde, desde 1818, gozavão-se das vantagens dos governos livres, aproveitou-se o partido progressista das circumstancias do tempo para obrigar o rei Luiz I a mudar de ministerio e sancionar uma lei summamente favoravel á imprensa.

No meio de todas estas concessões, feitas pelos principes secundarios, a Austria e a Prussia, confiadas em sua robusta organização militar, não parecião dispostas á menor alteração no plano de governo que havião adoptado. Por suggestões suas a dieta de Francfort votou uma serie de leis que de certo modo nullificavão quasi todas as vantagens colhidas pela revolução, fixando os casos em que os soberanos poderião dispensar o concurso das assembléas deliberantes, e prohibindo a introduccão de disposições contrarias aos interesses geraes da Allemanha. Uma commissão teve a seu cargo velar sobre a tribuna e a imprensa dos paizes que havião obtido semelhantes regalias; e determinando-se outrossim que prestasse a dieta toda ajuda e favor áquelles principes que fossem ameaçados em seus direitos. D'est'arte se mallograrão na Allemanha todas as victorias que, n'um momento de entusiasmo dos povos e de surpresa para os soberanos, tinhão alcançado as idéas liberaes.

XXVII. — Insurreições na Italia.

Depois dos successos de 1821, que compendiosamente relatámos, pareceu a Italia entrar na posse de mais serenidade e mais felizes dias. Por toda a parte cedia a reacção o passo ás idéas de moderação e de justiça: Carlos Alberto ia succeder a Carlos Felix (27 de Abril de 1831); Fernando II, filho de Francisco I, inaugurava seu reinado sob os melhores auspícios, e amnistiando o passado promettia remediar os males do presente. Em Roma sentava-se na cadeira de S. Pedro um sabio e virtuoso Pontifice (Pio VIII); Leopoldo II distinguia-se na Toscana pela doçura da sua administração; em Parma e Modena a ex-imperatriz Maria Luiza e o duque Francisco IV empenhavam-se em grangear o amor dos seus subditos; e até a Austria, cedendo a este geral impulso, abria as fontes do commercio, agricultura e industria do reino Lombardo-Veneto, submettido ao sceptro de Habsburgo. A' vista d'este quadro, cuja importancia não exaggeramos, o inexperto observador diria que a era das revoluções estava passada. Quem assim julgasse não contava por certo com a influencia das sociedades secretas, que já vimos convulsionando a Allemanha, e que em odio ao pontificado e em vingança á Austria jurára revolucionar a Italia.

Impossivel era que a catastrophe de Paris deixasse de repercutir além dos Alpes: assim, poucos dias depois da queda do throno de Carlos X era Maria Luiza cons-

trangida a mudar para Placencia a sua capital, o duque de Modena refugiava-se em Mantua, e o grito da revolta contra a autoridade temporal da Santa Sé echoava nas Marcas e na Umbria, que se constituíam em plena insurreição. N'este interim Gregorio XVI succedêra a Pio VIII (a 2 de Fevereiro de 1851).

Perante taes demonstrações não podia a Austria cruzar os braços : seu auxilio não se fez esperar. No dia 9 de Março regressava o duque Francisco á sua capital; e quatro dias depois a imperatriz - duqueza fazia a sua entrada solemne em Parma. Debalde voltárão-se os revolucionarios para a França, cujo monarcha, a braços com difficuldades internas, nenhum apoio prestou-lhes, contentando-se em protestar contra a intervenção dos Austriacos nas Romanhas. Querendo estes, por seu lado, evitar conflictos, parárão em sua marcha, depois de haverem occupado Bolonha, Rimini e Ancona.

Não foi todavia gratuito o soccorro prestado ao Papa : a 21 de Maio de 1851 apresentárão-lhe os representantes da França, Inglaterra, Austria, Prussia e Russia um *Memorandum*, no qual exigião-se reformas no regimen interno dos Estados pontificios. Podem-se resumir em dous pontos cardeaes essas reformas, a saber : maior expansão ao elemento municipal, e a admissão dos leigos ás funcções administrativas e judiciarias. Cioso da propria dignidade, recusou Gregorio XVI tomar compromisso algum sobre semelhantes assumptos; mas, querendo tirar aos revolucionarios o menor motivo de queixas, e diminuir a possibilidade das intervenções estrangeiras, promulgou n'esse mesmo anno (1851) uteis reformas

melhorando a administração da justiça e estabelecendo conselhos provinciaes, meramente consultivos.

Não satisfizerão taes concessões aos agitadores, que de novo sublevárão os povos, trazendo a necessidade de nova intervenção por parte da Austria, cuja permanencia na Italia inquietou a França, parecendo-lhe conveniente enviar uma esquadra apossar-se de Antona, que se insurgira contra seu legítimo soberano. Descuidosa de tal aggressão, facilmente rendeu-se a cidade, conservando-se em poder dos Francezes até o dia 25 de Outubro de 1858.

Esmagados nos campos de batalha sempre que n'elles ousavão apparecer, recorrerão os revolucionarios aos meios pacíficos, que nunca devêrão ter abandonado, e organisárão um novo partido conhecido pela denominação de JOVEN ITALIA, cujo coryphêo, José Mazzini, tão funesta nomeada tem adquirido.

XXVIII. — Reforma eleitoral na Inglaterra.

A Inglaterra, que pela sua posição geographica e natureza especial das instituições que a regem parecia poder subtrahir-se ao furacão revolucionario que agitava a Europa, foi tambem forçada a fazer largas concessões ao principio democratico na reforma do seu systema eleitoral.

Pouco antes dos memoraveis successos de Paris, que temos relatado, estreava-se em Inglaterra um novo reinado; Guilherme IV succedêra a seu irmão Jorge IV (a 20 de Junho de 1830) e os *torys* ou conservadores em-

punhavam o timão dos publicos negocios. As eleições porém, effectuadas sob o influxo das novas idéas, puzeram o ministerio em minoria, obrigando-o a retirar-se, entregando as pastas a lord Grey e a seus amigos, representantes do partido *wigh*, como n'esse paiz se denominão os liberaes, ou progressistas.

Lord João Russell, como tivesse assento n'esse gabinete, apressou-se em iniciar na camara dos commons um projecto de lei tendente a privar a aristocracia da indebita influencia que tinha no regimen eleitoral, dispondo da quasi totalidade das cadeiras da camara temporaria. O *bill* (lei) da reforma suscitou, como era de esperar, caloroso debate; e uma opposição, numerosa e compacta, disputou palmo a palmo o terreno aos *whigs*, tanto na camara dos commons, como principalmente na dos *lords*, onde conseguiu fazê-lo cahir a primeira vez que ali appareceu. No anno seguinte (1831), novamente apresentado o mesmo *bill*, com ligeiras modificações, foi adoptado, conjunctamente com mais dous outros, relativos ás eleições da Irlanda e da Escossia.

Longe estava esta reforma de corrigir os innumerados abusos que se haviam introduzido no systema eleitoral da Inglaterra; mas pelo menos extirpára os mais clamorosos, e diminuindo o numero dos deputados augmentava consideravelmente o dos eleitores, dando d'est'arte maior expansão ao principio representativo, que nas mãos de uma poderosa aristocracia se convertêra em pura ficção.

XXIX. — Guerra civil em Portugal e na Hespanha.

Contemplámos a maneira insolita por que D. Miguel se apossára do throno portuguez; resta-nos fallar do uso que fez da usurpada autoridade. Ladeado dos homens mais violentos e reaccionarios que existião em todo o reino, o moço principe entregou-se a excessos de todo o genero, e cedo alienou as sympathias dos que havião espasado a sua causa crendo n'ella achar invulneravel o principio da legitimidade. Inaugurando um regimen anachronico e impossivel, e querendo comprimir pela força as mais nobres aspirações, recorreu D. Miguel ás execuções da pena capital, apinhou as prisões, e arrojou no exilio a quantos em Portugal professavão as idéas que em 1820 havião triumphado no Porto.

Julgando-se fortemente apoiado pela solidariedade das potencias, e pelas sympathias do gabinete *tory*, D. Miguel tratou de resto a França, olhando com indifferença para a grande mudança politica que ali se operára: e não duvidou exercer toda a especie de arbitrariedades contra os subditos e propriedades d'essa nação. Uma esquadra, ás ordens do contra-almirante Roussin, surgiu diante de Lisboa, depois de haver feito calar as fortalezas que a defendião; e, em termos peremptorios, exigio satisfação dos insultos irrogados á França. Como todos os despotas, humilhou-se D. Miguel diante do perigo, e aceitou as condições que lhe erão dictadas pela voz dos canhões. Infelizmente porém uma nodoa veio a

cahir n'essa pagina do governo do rei-cidadão, como a imprensa liberal denominava a Luiz-Philippe; retirando-se a esquadra franceza, depois de obtida completa reparação, levou prisioneiros para Brest os navios de guerra portuguezes que se achavão ancorados no Tejo (14 de Julho de 1831).

Desprestigiado por semelhante revez, não tardou o governo miguelista em se ver a braços com serias difficuldades internas. D. Pedro abdicára a corôa do Brasil (7 de Abril de 1831), e chegando á Paris fôra recebido com effusão pelo rei e pelos membros mais proeminentes da sociedade franceza, que puzerão á sua disposição os meios de que necessitava para restaurar o throno de sua filha. Partindo para os Açores, onde, como já disse-mos, sustentava um punhado de bravos a causa de D. Maria II, aprestou o ex-imperador e agora duque de Bragança uma expedição de setemil e quinhentos homens, com os quaes desembarcou (a 8 de Junho de 1832) na praia de Arnosa de Pampolido, proxima á cidade do Porto.

Sorprende como sessenta mil soldados, abrigados pelas muralhas de uma cidade por sua natureza defensavel, se deixassem bater e expulsar pelo pequeno exercito constitucional, cheio de valor e patriotismo, mas destituido de quasi todos os meios de acção. Nossa surpresa porém sobe de ponto recordando-nos que, após um sitio de onze mezes, quebrára a aguia liberal o envolvero das trincheiras do Porto, onde até então se achára encerrada; e, voando de victoria em victoria, obrigára o representante do despotismo a assignar a convenção de Evora-Monte (20 de Maio de 1834), pela qual obrigava-se a dei-

xar Portugal, cedendo dos seus pretendidos direitos ao throno.

Commemorando tão pasmosos eventos, releva que a historia faça menção dos homens que para isso mais contribuirão : forão elles, além do excelso principe em quem parece haver-se consubstanciado a liberdade, os duques da Terceira e Saldanha no campo da batalha, o de Palmella na diplomacia, e o estoico Mousinho da Silveira no gabinete de ministro.

Havendo assistido á quêda do governo absoluto em Portugal, passemos á Hespanha, onde, em mais vasta escala, identicas peripecias se hão de reproduzir.

Viuvo de tres mulheres, passára D. Fernando VII a quartas nupcias (a 11 de Dezembro de 1829) com sua sobrinha D. Maria Christina, filha de Francisco I de Napoles, e, dando-lhe esta princeza esperanças de successão immediata, e temeroso de que não se effeituasse ella na linha feminina, apressou-se em dar publicidade ao edicto de Carlos IV (de 1789), no qual este monarcha revogára a lei salica, introduzida na Hespanha por Philippe V (em 1714). Pela real cedula de 29 de Março de 1830 erão reconhecidos solememente os direitos das mulheres á herança da corôa hespanhola : e a 30 de Outubro d'esse mesmo anno dava a rainha á luz uma princeza, que é hoje D. Isabel II.

Este decreto desagradou profundamente ao partido aristocratico, conhecido pela denominação de *apostolico*, e capitaneado pelo irmão do rei o infante D. Carlos, cujo partido, aproveitando-se de uma gravê enfermidade que acomettêra a Fernando (no mez de Agosto de 1832), levou-o a

revogar a cedula de 29 de Março de 1830, restabelecendo a lei salica, conhecida pelo nome de *pragmatica*. Pouco antes porém da sua morte, cedendo ás suggestões da rainha D. Maria Christina, convocou o rei côrtes geraes na igreja de S. Jeronymo do Prado (a 20 de Junho de 1833), nas quaes foi com toda a solemnidade reconhecida herdeira da monarchia a princeza D. Maria Isabel.

Baixando ao tumulto (a 29 de Setembro de 1833) deixava Fernando VII o reino entregue á guerra civil e confiada a regencia a uma senhora, de grandes espiritos, mas inteiramente inexperita em materias de governo. Verdade é que á frente do ministerio estava Zéa Bermudez, homem moderado e tão adverso ás violencias dos *apostolicos* como ás innovações dos liberaes. Desagradava este meio termo a ambas as parcialidades, que, combinando-se, apeirão-o do poder. Uma das mais brilhantes intelligencias da Hespanha, Martinez de la Rosa, chamado á presidencia do conselho de ministros, pensou então conjurar a borrasca, que se preparava, elaborando uma constituição, promulgada a 30 de Abril de 1834, debaixo do titulo de *Estatuto Real*. Victima, como seu antecessor, do rancor dos partidos, desamparou Martinez de la Rosa o timão do Estado.

Já por essa época a guerra civil lavrava nas provincias do norte, onde Zumalacarreguy proclamára D. Carlos V. Julgando-se offendidas em seus antigos privilegios (*fueros*), a Biscaya, a Navarra, e as provincias convizinhas, havião adherido á causa de D. Carlos, que, collocando-se á sua frente, ameaçava de

completa ruina as novas instituições. N'esta conjunctura entenderão a França e a Inglaterra que lhes cumpria intervir; e, combinadas com Portugal, assignarão o tratado da triplíce alliança (22 de Abril de 1834).

Apezar d'este poderoso auxilio, lento e difficil foi o triumpho da causa constitucional na Hespanha, em razão das perennes discordias dos seus homens politicos e cabos de guerra: além de que, releva confessar que as novas idéas não erão bem recebidas pelas classes menos illustradas da população, que detestavão-as como fructos peregrinos e exóticos.

Coube a D. Baldomero Espartero, mui conhecido pelos seus heroicos feitos em Bilbáo e Luchana, a gloria de terminar a luta fratricida que ha seis annos ensanguentava sua bella patria, assignando a 31 de Agosto de 1839 a famosa convenção de *Bergara*, pela qual depunhão as armas os ultimos batalhões carlistas, reconhecendo a autoridade de D. Isabel II.

XXX. — Revolução no Brasil. — Abdicação de D. Pedro I.

Collocando-se á frente do movimento tendente á separação do Brasil da metropole, prestou D. Pedro relevante serviço a este paiz, poupando-lhe os horrores de uma guerra civil, que como tal podemos qualificar a luta entredous povos de commum origem e ligados portantos e tão estreitos vinculos. Erguido ao throno pela vontade nacional, timbrou em mostrar-se fiel aos principios liberaes,

de que se fizera campeão, sendo um dos seus primeiros cuidados a reunião da assembléa constituinte (3 de Maio de 1823), incumbida de elaborar o pacto fundamental. Ao principio a melhor harmonia subsistio entre o imperador e os representantes da nação, que não cessavão de testemunhar-lhe o respeito e reconhecimento que lhe consagravão : acontecendo porém serem demittidos do cargo de ministros os dous irmãos Andradas (José Bonifacio e Martim Francisco), forão elles capitanear a opposição a seus successores, cujos tiros indo além do alvo, por vezes ferião a susceptibilidade do moço monarcha. Aproveitando-se com astucia d'esta conjunctura alguns homens que, máo grado seu, havião adoptado as instituições liberaes, rodearão a D. Pedro e lhe insinuárão a conveniencia de descartar-se de uma assembléa que qualificavão de demagogica. Por seu lado a assembléa, ingerindo-se em objectos que erão visivelmente das attribuições do poder executivo, suscitava constantes conflictos, perdendo com elles o tempo que mais fructuosamente devêra consagrar á discussão do codigo fundamental. Exacerbados cada vez mais os animos, temia-se uma explosão, que um incidente, por sua natureza de minimo valor, veio accelear. Algumas pancadas dadas em um boticario por dous officiaes militares occasionou virulenta discussão na constituinte, onde alguns deputados proferirão proposições de que os agitadores poderião se servir, com grave damno do socego publico. Havendo as cousas chegado a este ponto, julgou o imperador necessaria a dissolução da assembléa (12 de Novembro de 1823), banindo para fóra do paiz alguns cidadãos proeminentes, entre os quaes se

achavão os irmãos Andradas (José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos).

Considerada esta medida como violação das immuni-
dades de que se circumdão as assembléas constituintes,
causou nas provincias do norte grande agitação, suspei-
tando-se que servisse ella de preludio á proclamação do
governo absoluto, como acabava de acontecer em Portu-
gal. Pernambuco, onde as idéas republicanas de 1817
tinhão deixado profundos sulcos, protestou contra o acto
da côrte, erguendo o brado da separação e constituindo-se
em republica debaixo do nome de *Confederação do
Equador* (2 de Julho de 1824), por comprehender as
provincias limitrophes do Rio-Grande do Norte, Para-
hyba e Ceará, onde encontrou a revolução immediato
êcho.

Bem que suffocada com presteza, mediante os esforços
do almirante Cochrane e do brigadeiro Francisco de
Lima e Silva, não deixou de prejudicar a revolução
pernambucana o prestigio da realza, diminuindo sensi-
velmente a popularidade de que gozava D. Pedro antes da
dissolução da assembléa constituinte. Verdade é que o
imperador cumprio logo a promessa que fizera ao dissol-
ver a assembléa apresentando um projecto de constitui-
ção extremamente liberal, que, a pedido de algumas ca-
maras municipaes, foi immediatamente jurado (a 25
de Março de 1824) como constituição do Estado.

A' guerra civil bem depressa seguiu-se a externa, que
D. Pedro vio-se obrigado a fazer á Confederação Argen-
tina para sustentar o acto da annexação de Montevideo
ao imperio, sob o titulo de *Provincia Cisplatina*. Esta

guerra, conduzida com notavel impericia, trouxe, depois da funesta batalha de Itaizaingo (20 de Fevereiro de 1827), o tratado de 27 de Agosto de 1828, pelo qual reconheceu o Brasil a independencia da provincia annexada, erecta em Estado livre e independente debaixo da denominação de *Republica Oriental do Uruguay*.

A impopularidade de semelhante guerra, a parte por demais directa que tomava D. Pedro nos negocios de Portugal depois do fallecimento de seu pai, o lamentavel estado da fazenda publica, e alguns actos de arbitriedade praticados por funcionarios addictos ao regimen despotico, em cujas maximas e principios havião-se educado, derão alimento á opposição que manifestou-se logo no corpo legislativo, apenas começou este a funcionar (3 de Maio de 1826).

Ainda que expressamente abolidas as commissões militares, forão postas em exercicio nas provincias de Pernambuco e Ceará, para punir os autores de insignificantes tumultos; ao passo que ficaria impune a perigosa revolta dos Irlandezes no Rio de Janeiro se a população não rechaçasse a insolencia dos aggressores, fazendo n'elles cruel matança.

Como que á porfia se precipitavão os acontecimentos para uma triste peripecia, crescendo de dia em dia a exacerbação dos animos escandecidos pela violenta linguagem da imprensa periodica, a qual attingio ao apogêo da provocação com a noticia da revolução de Julho em França. Pensando que a sua presença poderia serenar os espiritos, como por mais de uma vez tinha acontecido, dirigio-se D. Pedro, em companhia de sua se-

gunda esposa, a imperatriz D. Amelia, á provincia de Minas, considerada como o fóco das idéas democraticas, passando pelo desgosto de uma fria e quasi antipathica recepção. Seu regresso á capital (a 11 de Março de 1831) foi assinalado pelo lamentavel successo de um conflicto entre Portuguezes e Brasileiros (conhecido por *garrafadas de Março*), que provocou uma energica representação de alguns membros da assembléa geral, que n'essa época se achavão na còrte, que foi seguida da demissão do ministerio anti-liberal, o qual, com grande sorpresa dos patriotas, vio-se reintegrado em suas funcções por decreto de 6 de Abril. Este decreto era uma luva arremessada ao partido liberal, que sem perda de tempo reunio grande porção de povo no campo de Santa Anna, d'onde expedio uma deputação pedindo ao imperador a demissão do ministerio, considerado hostil ás liberdades publicas. Julgando D. Pedro que semelhante exigencia feria gravemente seus direitos magestáticos, resolveu descer do throno, ao qual tão gloriosamente subíra, firmando o decreto de sua abdicação (7 de Abril de 1831) em favor de seu filho o príncipe imperial D. Pedro de Alcantara, que assumio o nome de D. Pedro II.

XXXI. — Reformas do sultão Mahmud na Turquia.

Desde o anno de 1808 occupava o throno da Turquia o sultão Mahmud, que, amestrado pelos acontecimentos da Grecia, concebeu o nobre projecto de reformar as anachronicas instituições do seu paiz approximando-as ás

da Europa christã. Um *hatti-cherif* (decreto imperial) de 29 de Maio de 1826 annunciou a formação de uma nova milicia armada e organizada á européa, e que devêra gradualmente substituir o corpo dos *janizaros*, circumdado da mais funesta reputação. O descontentamento d'esses novos pretorianos manifestou-se logo nos frequentes incendios que devastarão diversos bairros de Constantinopla, sendo presa d'elles o proprio palacio do *grão-vizir* (primeiro ministro). Ameaçada a capital do imperio dos horrores da anarchia militar se por ventura cahisse nas mãos da barbara soldadesca, volven supplicantes olhos para o sultão, que n'esta critica conjunctura desenvolveu energia e coragem admiraveis. Confiado na poderosa classe dos *ulemas* (doutores da lei), implacavel adversaria dos *janizaros*, e sustentado por alguns corpos de artilharia, que já tinha podido organizar, Mahmud marchou desnodadamente contra a revolta, que pereceu afogada no sangue dos seus promotores. No dia seguinte (16 de Junho) promulgou o decreto da immediata dissolução da milicia janizara, submettendo a severas penas os complices da revolta que tinham podido escapar ao morticínio da vespera.

Desembaraçado dos temores da opposição armada, deu o sultão largo curso ás suas idéas de reformação dos costumes musulmanos, sem que todavia a fizesse preceder da indispensavel preparação. Assim, por exemplo, conculcando os velhos usos, ordenou a prompta mudança do trajo nacional, mandou edificar theatros, salas de baile e concertos á guisa occidental, com grande escandalo dos fieis observadores das antigas tradições.

No meio d'estas reformas, que poderemos qualificar de precipitadas, outras houve que merecêrão-lhe os encomios dos espiritos esclarecidos e sensatos: referimo-nos á fundação de escolas de medicina com professores nomeados por concurso, de aulas de instrucção secundaria e superior, a de um jornal que servisse de órgão ao governo, que recebeu o titulo de *Monitor otomano*; e sobretudo a solemne declaração de que todos os seus vassallos serião tratados com a maior igualdade, sem que sobrepujasse na balança da justiça a circumstancia de professar a religião mahometana.

XXXII — Revolta da Servia. — Fundação dos Principados Danubianos.

A victoriosa marcha dos Russos até Andrinopla, arrancando da fraqueza da Turquia largas concessões de territorios nas ribas do Danubio (2 de Setembro de 1825); e mais ainda o acto de reconhecimento da independencia da Grecia (3 de Fevereiro de 1830), alentárão as amortecidas esperanças da Servia, Moldavia e Valachia, mais conhecidas pelo nome colectivo de *Principados Danubianos*. Forão os Servios os que primeiro se sublevarão, sob o mando de um antigo guardador de porcos, por nome Milach Obrenewitch, a quem deferirão o titulo de *grão knés*, ou *grão kniaz* (governador). A braços com difficuldades de toda a especie, vio-se o sultão constringido a pactuar com o seu vassallo rebelde, dirigindo-lhe um *hatti-cherif* (1830) pelo qual concedia á

Servia uma administração separada, submettendo-a aos frouxos laços da quasi nominal soberania, que consistia apenas em receber um exíguo tributo annuo e em manter uma guarnição em Belgrado.

O exemplo da Servia e as surdas machinações da Russia levárão a Moldavia e a Valachia a exigirem identicas concessões, que lhes forão asseguradas, não sem alguma reluctancia da parte do sultão, que via-se de dia em dia despojado das principaes provincias do seu imperio. Um *hospodar* (principe) vitalicio foi outorgado tanto á Moldavia como á Valachia, devendo os Turcos evacuaem ambos os principados, cuja independencia ficava sob a garantia da Russia.

O *hospodar* da Moldavia, João Stourdza I (1822-1833), mostrou-se fiel alliado da Porta Ottomana, promovendo insensivel e gradualmente uteis reformas, entre as quaes avantajava-se a da cultura e desenvolvimento do idioma nacional. Seu filho Miguel Stourdza II, que succedeu-lhe em 1834, proseguio na mesma senda, apoiando-se alternativamente na Turquia e na Russia.

Identico foi o proceder dos *hospodares* da Valachia (Gregorio e Alexandre Glikas); mas tendo-lhes succedido na governança Jorge Bibesco I (1848), manifestou este decidida parcialidade em prol da Russia, d'onde originou-se a sua abdicção, extorquida pelos proprios subditos revoltados. Julgando-se offendida a Russia em seus brios, invadio o principado, e uma nova guerra ameaçava a Turquia, quando mais uma vez teve ella de ceder de seus direitos, consentindo que os *hospodares* fossem alternativamente nomeados por uma ou outra das poten-

cias protectoras. A grande guerra, chamada da Criméa, veio modificar semelhante disposição, permitindo (1857) a união das duas provincias, cujo hospodar Alexandre João I, mais conhecido pelo nome de *coronel Kouza*, foi successivamente reconhecido (em 1859) pelas assembléas moldava e valacha.

Pelo que acabamos de dizer intuitivo é que as antigas provincias da Servia, Moldavia e Valachia estão definitivamente perdidas para a Turquia, e que só a rivalidade da Russia e da Austria podem impedir que formem ellas um novo reino, que, pela sua excellente posição geographica, pesaria poderosamente na balança do equilibrio europeu.

XXXIII. — Guerra entre a Turquia e o Egypto.

O mais implacavel inimigo que contou o sultão Mahmud foi o filho de um simples *agá* (fidalgo), nascido na Romelia no anno de 1769, e conhecido na historia pelo nome de Mehemet-Ali. Passando-se ao Egypto pelos fins do seculo decimo-oitavo, assignalou-se na batalha de Aboukir, combatendo contra os Francezes á frente de um corpo de Albanезes. Depois da retirada dos invasores ligou-se com os *mamelukos* contra o pachá turco, conseguindo ser eleito seu successor (1806) pelos habitantes do Cairo, amedrontados pelas tropelias dos mencionados *mamelukos*, dos quaes logo que pôde desenhencillhou-se mandando-os assassinar traiçoeiramente n'um mesmo dia em todo o Egypto (1º de Março de 1811). Por uma simu-

lada submissão, e corrompendo com valiosos presentes os ministros do sultão, conseguiu legitimar a sua autoridade, sendo incumbido de reprimir os Wahabitas, cujas barbaridades horrorisavão a Syria e a Arabia. Depois de uma luta de seis annos (1812-1818), Ibrahim, filho do vice-rei do Egypto, entrou triumphante no Cairo, depois de haver exterminado o ultimo Wahabita, recebendo do sultão, em recompensa dos seus cruentos feitos, o titulo de *pachá das cidades santas*.

O maior resultado d'esta expedição foi de submeter ao dominio de Mehemet-Ali a parte da Arabia conhecida pela denominação de Hedjáz, notavel por n'ella comprehenderem-se as cidades de Mecca e Medina.

A ambição d'este aventureiro crescia na razão directa das vantagens que obtinha : não contente com o que já possuia, cobiçou a Nubia, cuja rapida conquista operou outro filho seu, por nome Ismail-Pachá, assassinado no meio dos triumphos. Cumpre porém confessar que não era elle um ambicioso vulgar ; tinha vastos planos, e, muito antes de Mahmud, concebêra o projecto de civilisar o paiz que governava, organisando-o á europêa. Desde o anno de 1815 que disciplinára suas tropas, amestrando-as na tactica moderna : promoveu o commercio, a agricultura e a industria, e, bem que á maneira dos despotas, inoculou no Egypto os germens do progresso e preparou o estado florecente em que hoje se acha.

Comquanto tudo parecesse preludiar uma futura revolta contra a autoridade da Porta, e se vislumbressem em seus actos velleidades de independencia, mantinha-se Me-

hemet-Ali na submissão e obediencia devidas ao seu legitimo soberano, ao qual, como já vimos, efficazmente auxiliára na guerra contra os Gregos, enviando á Moréa uma esquadra composta de cento e sessenta e tres velas, e seu filho Ibrahim, terror e flagello dos christãos. Como compensação da perda da sua frota em Navarino obteve elle a ilha de Candia (antiga Creta), e ainda não satisfeito com isso, exigio do sultão o governo da Syria.

Foi este o pomo da discordia. Senhor do Egypto, da melhor porção da Arabia e da Nubia, e da ilha de Candia, só lhe faltava a Syria para constituir um Estado mais poderoso do que a propria Turquia. Posto que tarde, despertou-se o sultão do seu lethargo, e desabridamente repellio a pretensão do audacioso vassallo. Este, considerando-se assaz forte, e contando em Ibrahim um dos primeiros cabos de guerra que jámais tiverão os musulmanos, prevaleceu-se de insignificante pretexto para invadir as provincias que cobiçava. As cidades de Gaza e Jaffa abrirão suas portas, após curta resistencia (1831), e o exercito egypcio, um momento retardado pelo cholera, apresentou-se diante dos muros de S. João d'Acre, que passava por inexpugnável, e que todavia foi tomada de assalto depois de um sitio de seis mezes (27 de Maio de 1832). A 15 de Junho entrava Ibrahim em Damasco, e a 7 de Julho batia os Turcos em Homs, e dez dias depois nova victoria lhe franqueava o desfiladeiro de Beilan entre Alexandreta e Antiochia. Estava conquistada a Syria, e os Egypcios entravão na Asia Menor, onde continuárão as derrotas dos Turcos, cahindo em poder do vencedor (24 de Dezembro de 1832)

o generalissimo Richid-Pachá. Aberto estava o caminho de Constantinopla, da qual apenas distava Ibrahim menos de cem leguas.

Esta não interrompida serie de triumphos dos Egyptios inquietou profundamente a politica européa. A Austria e a Inglaterra querião a todo trance a integridade do imperio ottomano, porque assim reclamavão seus mais vtaes interesses ; a França vacillava entre o receio de ver a Russia engrandecer-se e as sympathias que votava a Mehemet-Ali, representante da civilisação franceza no Oriente ; a Russia, implacavel inimiga da Turquia, aprazia-se com o seu proximo desmembramento, no qual esperava ter muito que lucrar. Foi portanto para esta ultima potencia que voltou-se Mehemet-Ali, implorando-lhe o auxilio, que effectivamente lhe foi dado com a appareição de uma esquadra russa no Bosphoro.

Cada vez mais assustadas as potencias occidentaes, combinárão seus esforços para aconselharem o sultão que cedesse alguma cousa das suas pretensões em troca da garantia que davão de que o vice-rei pararia em sua marcha conquistadora. Mahmud foi mais uma vez forçado a condescender com os seus alliados, e assignou o tratado de Kutahyeh (14 de Maio de 1833), pelo qual concedia a Mehemet-Ali o districto de Adana e os pachalicos da Syria, Alepo, Damasco, Tripoli e S. João d'Acre.

As condições onerosas d'este tratado erão proprias para inspirar fraca confiança em sua duração; e de facto apenas subsistio elle quatro annos, rompendo de novo as hostilidades entre a Turquia e o Egypto, e offerecendo

nova phase a essa interminavel *questão do Oriente*, com a qual brevemente nos occuparemos.

XXXIV. — Rivalidade da Inglaterra e da Russia na Asia.

Provém de identica causa a rivalidade d'estas duas grandes potencias europeas : circumdada pelo Oceano, busca a Inglaterra, por intermedio dos seus navios, pôr-se em contacto com o resto do mundo ; enclausurada pelos gelos boreaes, não cuida a Russia senão em estender seu immenso territorio, procurando o sol tanto no Oriente, como nas regiões meridionaes.

Senhores do Indostão, immenso triangulo cuja base apoia-se sobre a cordilheira do Himalaya e o vertice no cabo Comorim, parecia que devêrão os Inglezes pôr um paradeiro á sua ambição de conquistas e dominio. Assim porém não succedeu. O temor que lhes inspiravão os rapidos progressos dos Russos além do mar Caspio obrigava-os a prolongar o seu imperio na direcção de noroeste e a exercer immediata influencia sobre os paizes situados no centro da Asia, e com especialidade sobre o Afghanistan. Separava-os d'este ultimo paiz o Sindh, pouco tempo antes annexado á poderosa confederação dos Sykes. Permaneceu este estado indeciso até o anno de 1845, durante o qual, aproveitando-se habilmente da anarchia que lavrava entre os Sykes, cujo poderio tinham até então respeitado, apossárão-se do Sindh, que lhes servio de escala á conquista do opulento reino de Lahore.

Ao passo que procuravão se precaver contra os Russos pelo lado do noroeste, como acabamos de ver, não se descuidavão tão pouco de ampliar suas possessões no rumo de nordeste, em demanda da Indo-China. Uma assignallada victoria, ganha junto á cidade de Proma (1º de Dezembro de 1825), decidio o imperador dos Birmans a assignar o tratado de Yandabo (3 de Janeiro de 1826), em virtude do qual forão cedidas á Inglaterra as provincias de Arakan, de Tanasserin, de Ye e de Tavay sobre a costa occidental da Indo-China. De posse da ilha de Singapura e da península de Malaca, dominava a poderosa Companhia das Índias o estreito de Malaca e firmava a sua pujança na extremidade oriental da Asia.

Com a paciencia e tenacidade que os caracteriza, proseguião os Russos na serie de suas conquistas, as quaes, se menos brilhantes de que as de seus emulos, nem por isso deixavão de ser-lhes menos uteis. Nem a immensa cordilheira do Caucaso, nem as ondas do mar Caspio, detiverão seus passos : palmo a palmo se forão aposando dos territorios circumvizinhos, franca lhes ficando a marcha para Constantinopla, Persia e India. Dous caminhos lhes facilitavão o accesso a este ultimo paiz : um passando pelo Turkestan e outro pela Persia, confluindo ambos no Afghanistan e terminando no Lahore. Este ponto de intersecção das suas conquistas asiaticas pôz a Russia em face da Inglaterra.

Uma nação, hoje bastante decahida, podia ainda na época a que nos referimos evitar o embate dos dous colossos, que, com febril impaciencia, caminhavão um para outro : esta nação era a Persia. N'uma das suas gigantescas

intuições do futuro, planejára Napoleão I atacaro poderio inglez na India por intermedio da Persia : e para esse fim acreditára o general Gardane na qualidade de seu embaixador junto á côrte do *Schah* (soberano) Feth-Ali. Este projecto começou a ter um começo de execução quando officiaes francezes forão incumbidos de adestrar as tropas persas na tactica européa. Soube porém a Inglaterra contraminar as vistas de Napoleão ; e, fazendo ver ao monarcha persa que seus novos alliados, preocupados com as guerras do continente europêo, estavam impossibilitados de protegêl-o contra as invasões da Russia, conseguiu firmar a sua influencia no animo d'esse principe, que não tardou em conhecer quão fallazes erão taes promessas, vendo-se, depois da desastrosa campanha de 1828, obrigado a ceder á Russia a provincia de Erivan. Não era porém esta a mais humilhante concessão que lhe extorquia o *czar* ; pelo artigo 7º do tratado que pôz fim á guerra, foi assegurada a livre navegação do mar Caspio aos navios russos, cuja poderosa esquadra podia conter nos limites da maior submissão as provincias persas banhadas por esse mar.

Feth-Ali-Schah morreu em 1834, deixando o throno a seu neto Mohammed-Schah, que, dominado totalmente pela Russia, buscou apoderar-se de Herat, antiga e importante cidade, considerada chave do Indostão. Capitaneando numeroso exercito, foi Mohammed assediado-a em Novembro de 1837 ; e por certo que se houvera assenhoreado d'ella sem a intervenção ingleza, cuja frota, mostrando-se de improviso no golfo Persico, obrigou o rei a suspender as hostilidades emprendidas contra Herat.

Sabendo por experiencia que terror incutia a sua poderosa marinha aos principes asiaticos, lembrou-se a Inglaterra de dilatar o seu imperio indostanico até Cabul, com o fito de melhor proteger Herat, e preserval-a dos futuros acommettimentos de sua rival. Reinava em Cabul Dost-Mohammet-Khan, a quem uma revolução alçara ao throno, precipitando d'elle Shoudjá. O governador geral da India Ingleza pensou de aproveitar-se das dissensões domesticas para plantar o dominio britannico n'essas longinquas paragens : e para esse fim fez partir de Bengala um exercito, que, franqueando o Indo a 7 de Fevereiro de 1840, apossou-se da capital do reino, depois de uma triumphante marcha, na qual apenas despendeu seis mezes, e repôz no throno o *schah* Shoudjá, a quem conferio o pomposo titulo de *imperador dos Afghans*. As vexações exercidas sobre os miseros habitantes pelo exercito, em grande parte composto de soldados indios, exasperou os Afghans, que atacarão a cidadella (21 de Novembro de 1841) e expulsarão d'ella es oppressores estrangeiros. Não contentes com este acto de vingança, e desprezando as clausulas da capitulação, investirão o exercito inglez, que marchava em retirada, e exterminarão-o no celebre desfileiro de Kourd-Cabul (1842).

Lord Ellenborough, que exercia a autoridade da Companhia das Indias em Calcutá, não deixou impune semelhante acto de selvageria : sem perda de tempo mandou conquistar o Belutchistan, cuja posse assegurou-lhe a obediencia das mais turbulentas tribus afghanicas (1845), preparando d'est'arte a proxima annexação do

Sindh e do Pundjab (1848). Amedrontado pelos progressos das armas inglezas, Dost-Mohammed aceitou a lei dos vencedores, em cujo proveito submetteu a cidade de Herat, a qual, como sabemos, outr'ora atacára por suggestões da Russia.

Emquanto estes successos se passavão no interior da Asia a cõrte de S. Petersburgo não se conservava ociosa; e sabendo que o Turkestan era o melhor caminho que podia conduzir seus exercitos ao Afghanistan, e até mesmo ao Pundjab, buscou todos os meios de dominar n'estas inhospitas regiões. Nem os immensos desertos, nem os pestíferos pantanos, nem a hostilidade das guerreiras tribus que o habitão, puderão desalentar os Russos. O anno de 1841 contemplou horrorisado a perda quasi que total de um exercito russo submergido nas arêas movediças e abrasadoras dos desertos. Este immenso revez pareceu por um pouco amortecer a ambição moscovita : era porém o somno da chrysalida. Em 1854, havendo conseguido lançar uma esquadrilla sobreo lago Aral, embarcára n'ella uma parte do seu exercito, enquanto a outra parte seguia o litoral, e chegando a Khivia impuzerão ao consternado *khan* (soberano) um tratado de alliança por vinte annos, e deixárão para sua guarda um corpo de dez mil cavalleiros indigenas pagos pela Russia e commandados por officiaes d'esta nação.

Por este rapido esboço terá visto o leitor que a Inglaterra e a Russia, personificadas nos fracos monarchas do Afghanistan e da Persia, espreitão a occasião opportuna de disputarem em campo raso o imperio

da Asia, e que os fios occultos da politica oriental achão-se hoje em Londres e S. Petersburgo.

XXXV. — A Inglaterra e a China.

A rivalidade da Inglaterra e da Russia abrasando o interior da Asia, não tardou em fazer-se sentir até n'esse gigantesco imperio, que, situado na extremidade oriental do velho continente, parecia destinado a ser mero espectador d'essa grandiosa luta. Logrando superar as desconfianças da politica chinesa, firmára a Russia a sua influencia na côrte de Pekim, com grave detrimento dos interesses inglezes.

O espirito mercantil que caracteriza em summo gráo os modernos Phenicios fez-lhes ver as vantagens que ás suas possessões indostanicas proporcionava o vastissimo mercado da China: tanto bastou para que nada poupassem para sua acquisição.

Foi no reinado de Kia-King que as relações commerciaes entre a Inglaterra e a China tomárão mais amplo desenvolvimento, e foi ainda durante esse reinado que, sob pretexto de defender contraqualquer acommettimento da marinha franceza, apoderou-se lord Minti de Macáo (1808). Esta cidade, posto que cedida formalmente aos Portuguezes, reconhecia a suzerania do imperador da China, que ahi fazia-se representar por um delegado seu. Cedendo ás vivas reclamações da côrte de Pekim, desocupou a Inglaterra a cidade de Macáo, receiosa que da sua resistencia resultasse prejuizos ás transacções mer-

cantis que já então se fazião. O principal ramo do commercio britannico consistia no opio, exportado da India, e a cujo immoderado uso se entregavão os Chins, descuidosos dos seus funestos effeitos.

Aconselhado pela Russia, tomou o imperador chinez medidas preventivas, e, aproveitando-se da expiração do tratado que celebrára com a Inglaterra, prohibio expressamente a entrada do opio em toda a extensão do imperio. Feridos em seus interesses, recorrêrão os Inglezes ás negociações diplomaticas, incumbindo a lord Napier, na qualidade de *superintendente do commercio inglez na China*, de aplanar as difficuldades e obter a prolongação dos favores anteriormente concedidos. Baldados foram todos os esforços do mencionado lord, porquanto inflexivel mostrou-se o governo chinez. Poderoso porém é o estímulo do interesse: repellidos no terreno do commercio legal, recorrêrão os Inglezes ao contrabando, e só no anno de 1858 introduzirão clandestinamente para mais de quatro milhões de libras de opio. Indignado Táo-Kouang da audacia dos *barbaros*, como denominava a todos os povos occidentaes, resolveu mandar a Cantão o principe Lin com plenos poderes para a completa execução das suas ordens.

Privado de alimentação para si e para as pessoas de sua comitiva, e ameaçado de morte, vio-se o capitão Elliot, agente da Inglaterra em Cantão, obrigado a entregar ás autoridades chinezas vinte e duas mil caixas de opio que se achavão a bordo dos navios ancorados nas aguas territoriaes da China.

Sem a absoluta renuncia do seu poderio asiatico não

podia a Inglaterra deixar impune semelhante acto; assim pois mandou um embaixador, acompanhado de uma esquadra, exigir satisfação plena e cabal da injuria que lhe fôra irrogada. A 28 de Junho de 1840 apresentou-se a esquadra ingleza diante de Cantão, com um exercito de desembarque, e, obtida a convicção de que nenhuma reparação alcançaria pelas vias pacificas, rompeu as hostilidades, dirigidas com tal vigor e bom exito, que a 11 de Agosto sulcavão os navios inglezes as aguas do rio Pei-ho, que conduz a Pekim. Aterrado o imperador, pediu a paz, que lhe devêra ser concedida mediante uma contribuição de vinte e seis milhões.

Não passava de estratagemma essa proposta de paz; intuitivo era que querião os Chins afastar os Inglezes da sua capital e ganhar tempo, esperando d'elle a solução do problema. Não era a Inglaterra nação que se deixasse burlar pela machiavelica politica dos fumadores de opio; apenas informado da novâ phase que havião tomado os negocios da China, expedio o gabinete de Londres sir Henrique Pottinger, na qualidade de supremo commissario da rainha Victoria, investindo ao mesmo tempo do commando da esquadra ao almirante Parker, e do do exercito expedicionario a sir Hugo Gouth, com apertadas ordens de extorquirem pela força a desejada satisfação.

Por seu lado preparavão-se os Chins para uma energica resistencia, e o seu imperador, embalado nas magas illusões do passado poderio, lançava ameaça sobre ameaça, chegando mesmo a annunciar a expedição de um exercito de trezentos mil homens para a conquista da Inglaterra.

Desprezando tão ridiculas ameaças, proseguirão os Inglezes em sua marcha victoriosa ; successivamente assenhoreárão-se de Amoy, ou Emouy, praça considerada como inexpugnável, de Chusan, de Chang-hai, de Ning-po, de Chin-King-Fou, e de outras de menor importancia, indo surgir a 6 de Agosto de 1842 diante de Nankim, segunda cidade do imperio. Forçado a reconhecer a superioridade dos *barbaros*, entabou o imperador negociações, d'esta vez serias, assignando os seus plenipotenciarios o tratado conhecido pelo nome de *tratado de Nankim* (26 de Agosto de 1842), em virtude do qual os portos de Cantão, Amoy, Fou-Tchou-fou, Ning-po e Chang-hai forão franqueados aos Inglezes, que obtiverão, além d'isto, a cessão da ilha de Hong-Kong na bahia de Cantão, e uma indemnisação de cento e vinte milhões para as despezas da guerra.

E' notavel que nenhuma clausula d'este tratado se referisse ao commercio do opio, motivo primordial da guerra, e a unica explicação que se possa dar de semelhante omissão é que o governo chinez se obrigára secretamente a fechar os olhos ao contrabando, que desde então propagou-se em larga e escandalosa escala.

Outra singularidade é que em toda esta questão a Russia, que visivelmente impellira a China a arrostar as armas inglezas, não deu o menor signal de si, julgando prudente manter-se na mais restricta neutralidade ; a Inglaterra porém não ignorava que sua poderosa rival aguardaria opportuno ensejo para manifestar-se, fomentando no emtanto todo o genero de desconfianças nos animos chinezes, já por demais dispostos a ellas. Con-

tinha o tratado de Nankim os germens de novas guerras, de cujas peripecias depois trataremos.

XXXVI. — Questão do Oriente.

Como acabamos de ver, a Inglaterra e a Russia tinham motivos de profundos dissentimentos na extremidade oriental da Asia, e esses motivos ainda mais sensiveis se tornavão em Constantinopla; porquanto sabido é que mais curto se fazia a qualquer das potencias contendoras o caminho das Indias se através do imperio ottomano lhe fosse elle facultado. Cheia de inquietação contemplava a Inglaterra os progressos do poderio russo nas margens do Danubio, e por seu lado o imperador Nicoláo não se illudia ácerca da hostilidade latente que lhe fazião os homens de estado inglezes, qualquer que fosse seu matiz politico, não ignorando que havia entre elles solidariedade no programma de manutenção da independencia e integridade da Turquia. O czar reclamava a posse de Constantinopla, como *as chaves de sua casa*, e o gabinete de Londres insistia em declarar que *essas chaves* não abrião sómente as portas da Russia, mas tambem da Europa e da Asia.

O abysmo porém que separava estas duas grandes potencias pareceu dar lugar á mais cordial intelligencia, congraçadas momentaneamente pelo odio commum que ambas votavão á França; a qual, toda absorvida em sua politica interna, e com fidelidade observando os principios solememente proclamados em 1830, deixava cor-

rer um pouco á revelia os grandes interesses que se agitavão no Oriente.

Irritado pela quêda dos Bourbons, o imperador Nicoláo reconheceu, a seu máo grado, a monarchia de Julho, deixando bem patentes seus sentimentos nas conferencias de München-Groetz (1833), e procurando por todos os meios possiveis destacar a Inglaterra da cordialidade em que parecia estar com o novo governo francez. Os primeiros germens da desintelligencia entre as duas principaes potencias occidentaes, de que tão habilmente se soube aproveitar a Russia, pôde-se encontrar no tratado da *quadrupla alliança* concluido em favor dos thronos constitucionaes de D. Isabel II e de D. Maria II (1834).

Lord Palmerston, ainda que representante do partido liberal (*whig*), revelou desde então sentimentos bem pouco benevolos para com a França, e quando em 1835 rebentárão na Grecia sedições contra alguns actos do rei Othon, não duvidou de accusar o governo francez de havê-las provocado, esquecendo que esse mesmo governo fôra dos que mais poderosamente contribuirão para a independencia e organisação da joven monarchia hellenica. O casamento do duque de Orléans, herdeiro presumptivo da corôa, com a princeza Helena de Mecklenburgo (1837) approximando a França da Prussia, o bombardeamento de S. João d'Ullôa e a capitulação de Vera-Cruz (1838) obrigando o Mexico a dar condigna satisfação ás injurias irrogadas aos subditos francezes, e mais que tudo a intervenção nos negocios de Buenos-Ayres (1838) em defesa dos interesses d'esses mesmos

subditos, destacarão a Inglaterra da alliança franceza e predispuzerão-a em favor da Russia.

A desharmonia entre a Turquia e o Egypto, um momento aplacada pelo tratado de Kutahyeh (1833), não tardou em recobrar seu curso, ameaçando ainda uma vez de perturbar o equilibrio europeu e acender uma guerra quasi que universal. Querendo abater o orgulho, sempre crescente, do vice-rei do Egypto, ordenou o sultão Mahmud que um exercito turco entrasse na Syria, onde Ibrahim-Pachá o esperava á frente de suas aguerri-das e victoriosas tropas. O encontro dos dous exercitos effeituou-se no dia 24 de Junho de 1839 junto a Nezib. A superioridade da disciplina e a tactica dos Egypcios, commandados em grande parte por antigos officiaes francezes, levárão de vencida a coragem desordenada dos Ottomanos, que deixárão no campo da batalha cento e quatro peças de artilharia, vinte mil espingardas e nove mil prisioneiros. Dispunha-se Ibrahim a passar o Taurus, quando um ajudante de campo do marechal Soult suspendeu a sua marcha triumphal trazendo-lhe a mediação da França, aceita por Mehemet-Ali.

Dous acontecimentos inesperados vierão ainda apresentar nova phase a esta já tão intrincada questão. No dia 1º de Julho d'esse mesmo anno fallecêra em Constantinopla o sultão Mahmud, legando o throno a seu filho Abdul-Medjid, mancebo de dezesete annos incompletos; e, para cumulo dos infortunios que conspiravão contra o imperio dos Osmanlis, o *capitão-pachá* (almirante) Ackmet-Jevzi, valido do ultimo sultão, receiando as vinganças de dous de seus inimigos, elevados ás primeiras

dignidades do Estado, conduzio a Alexandria a esquadra que commandava e fez d'ella entrega ao vice-rei do Egypto!!

Inevitavel parecia a desmembração do imperio; e já o moço monarcha mandára propôr ao seu afortunado vassallo a hereditariedade do Egypto e da Syria, quando os embaixadores das potencias alliadas annunciárão ao *divan* (conselho aulico) que a questão turco-egypcia se havia convertido em questão européa.

Estas potencias (França, Inglaterra, Russia, Austria e Prussia), que tão unisonas parecião em Constantinopla avocando a si a solução da desavença entre o sultão e o vice-rei do Egypto, estavam na realidade inteiramente discordantes quanto aos meios mais convinhaveis de chegar a semelhante resultado. Conhecidas erão as sympathias da França para com Mehemet-Ali, em quem via um regenerador do Oriente. Oppunha-se a Inglaterra á manifestação de taes sentimentos, sustentando que qualquer animação dada a Mehemet concorreria para a quebra da integridade do imperio ottomano, que sobretudo convinha manter. Simulava a Russia dar credito ás apprehensões da politica ingleza, estando porém o seu verdadeiro temor na possibilidade de ver erguer-se no Oriente um joven e vigoroso imperio em substituição ao velho e enfraquecido imperio turco. A Austria e a Prussia, como humildes satellites, gravitavão em torno da politica moscovita.

Esperando converter lord Palmerston ás suas idéas, resolveu o gabinete francez mandar a Londres Guizot, assaz conhecido pelos seus trabalhos historicos e pela

sua eloquencia na tribuna. Acolhido com extrema benevolencia, acreditou por um momento cimentar a alliança entre os dous povos sobre os quaes mais particularmente repousa a paz do mundo. Essa alliança parecia tanto mais proxima a effectuar-se ao contemplar a solicitude com que o governo inglez adheria ao pedido da França de deixar trasladar o corpo do imperador Napoleão de Santa Helena para o asylo dos Invalidos em Paris.

Era porém este um meio escogitado para adormecer a vigilancia de Guizot enquanto se negociava um tratado que devêra regular os negocios do Oriente com inteira exclusão da França. Este tratado, conhecido pela sua data (15 de Julho) e lugar da sua assignatura (Londres), prometia ao sultão o apoio das quatro potencias para obrigar a Mehemet-Ali a contentar-se com o governo hereditario do Egypto e o vitalicio da Syria meridional; devendo retirar immediatamente as suas tropas da Arabia, das cidades santas, da ilha de Candia e do districto de Adana.

Como era de esperar, causou a noticia de semelhante tratado profunda emoção em Paris, e o ministerio do 1º de Março, que substituíra o de 12 de Maio, tomou logo uma attitude energica e decidida. Grande movimento notou-se então nos arsenaes, e as reservas do exercito e da marinha forão chamadas ás armas. Virulenta tornou-se a linguagem da imprensa periodica, e o sempre adiado projecto das fortificações de Paris constituiu-se de primeira actualidade. A 15 de Setembro publicava o *Monitor* um decreto abrindo um credito extraordinario

para as obras d'essas fortificações, que tres dias depois erão solemnementemente inauguradas.

A excitação bellicosa que se divisava em França achou écho na Allemanha, que respondeu ás canções patrióticas dos Francezes com os cantos guerreiros de Körner e de Arndt.

Por alguns dias o horizonte europeu mostrou-se inflammado; e a politica de paz que desde 1831 prevalecera nos conselhos do rei Luiz-Philippe pareceu ceder o posto a outros e mui diversos sentimentos. Thiers, que dirigia a repartição dos negocios estrangeiros, era de opinião que a França sustentasse a todo o trance Mehemet-Ali, e enviasse uma esquadra ás aguas da Syria para neutralisar a presença da ingleza que lhe constava para ahi dirigir-se. Tendo sido as camaras convocadas para 22 de Outubro, desejava o bellicoso ministro que o rei alludisse, na falla do throno, á possibilidade da guerra, e pedisse ao parlamento os meios para fazê-la. Não querendo porém Luiz-Philippe annuir a esta proposta, deu Thiers a sua demissão; e com a entrada de Guizot para o ministerio triumphou o partido da paz.

No emtanto o vice-rei do Egypto, que ao principio recusára submeter-se ás clausulas do tratado de Londres, julgando-se apoiado pela França, passou pelo disabor de ver bombardeada Beyruth pelos navios do almirante Napier, e S. João d'Acre pela esquadra combinada da Inglaterra, Austria e Turquia. Como bom musulmano, crendo ver n'isto a força do destino, resignado cedeu.

XXXVII. — O direito de visita.

Existia desde muito um direito, conhecido pela denominação de *direito de visita*, que permittia aos navios de guerra visitarem em alto mar os mercantes, afim de verificarem se não ião carregados de mercadorias de contrabando, chamado de *guerra*, isto é, munições, armamentos, etc. Quando se quiz seriamente acabar com o trafico de Africanos applicou-se esse direito aos navios appellidados *negreiros*; e muitas nações consentirão no chamado *direito de visita reciproco* para se assegurarem da fiel execução dos tratados celebrados contra esse infame trafico. Em 1831 e 1833 o general Sebastiahi e o duque de Broglie, cedendo ás vivas instancias da Inglaterra, havião concordado em que os navios francezes de commercio fossem visitados pelos vasos de guerra da marinha ingleza, concedendo-se a reciprocidade; mas como a marinha militar da Inglaterra, espalhada por diversas partes do globo, fosse muito superior á da França, tornava-se illusoria essa reciprocidade, dando lugar a numerosos abusos o violencias exercidas pelos officiaes britannicos. Reiteradas reclamações se havião suscitado contra semelhante direito, e muitas nações, como os Estados-Unidos da America, solemnemente declararão não adherirem ás suas disposições. Quando se esperava que a França retirasse por sua vez as concessões que fizera, vio-se que celebrava a convenção de 20 de Dezembro de 1841, dilatando os limites outorgados á visita, e

restringindo as garantias quanto ao numero dos cruzadores.

Com geral indignação foi acolhida a nova convenção; e na camara dos deputados repercutirão os brados da opposição, distinguindo-se n'esse debate um joven orador por nome Billaud, que por sua phrase energica e incisiva mereceu ser chamado o *machado dos discursos de Guizot*.

No decurso d'essa discussão conheceu o ministerio que o paiz não só repellia a convenção de 20 de Dezembro, como as que lhe havião precedido, vendo-se obrigado, para satisfazer a opinião publica, a entabolar novas negociações com a Inglaterra, tendentes a substituir o direito de visita pela verificação da nacionalidade do pavilhão. A convenção de 29 de Maio de 1845 terminou esta longa questão devolvendo á marinha militar franceza a policia do seu respectivo commercio.

**XXXVIII. — Morte tragica do duque de Orléans.
Lei da regencia.**

Acontecimentos ha que, parecendo ter limitado alcance, affectão os interesses geraes de um paiz, e ás vezes do mundo inteiro. A morte do duque de Orléans, herdeiro presumptivo da corôa de França, teve immensa influencia nos destinos da dynastia que dêvera consolidar. historiemol-a em breves palavras.

A 13 de Julho de 1842 foi o mancebo real despedir-se de seus pais que se achavão em Neuilly dispondo-se

a partir para o acampamento de Saint-Omer. Embarcára em uma caleça puxada por dous cavallos, que, chegando á altura da porta Maillot, espantárão-se e desaparecerão. O principe, querendo escapar ao perigo, e vendo que o cocheiro não podia conter os animaes, precipitou-se fóra da caleça em tão má hora que bateu com a cabeça nas pedras da calçada, expirando pouco tempo depois.

A familia real acudindo pressurosa ao lugar do desastre não achou mais do que um cadaver; e o velho rei acompanhando o inanimado corpo de seu filho primogenito podia com verdade dizer que custodiava sua dynastia baixada ao tumulo.

Em verdade o duque de Orléans era eminentemente popular, e ninguem deixava de contemplar n'elle o futuro rei dos Francezes, facil e natural transição dos tempos revolucionarios a uma época de paz e felicidade; assim pois o luto da familia real foi compartilhado por toda a nação, e os homens previdentes nutrirão desde entao serios temores das desgraças que se approximavao.

Em virtude das leis fundamentaes da monarchia a tutela dos principes orphãos (o conde de Paris e o duque de Chartres) devêra pertencer á princeza viuva (duqueza de Orléans); mas receiando Luiz-Philippe ferir as susceptibilidades da quasi totalidade dos seus subditos, que professavão a religião catholica, entregando a regencia do reino a uma princeza protestante, em quem, reconhecendo aliás excellentes qualidades, duvidava que pòsuisse a necessaria energia para resistir ás facções e aos

embates políticos, mandou apresentar ás camaras um projecto de lei fixando aos dezoito annos a maioridade do herdeiro da corôa, e deferindo a regência a seu mais proximo parente, com exclusão da linha feminina. Não era possivel designar com mais clareza o duque de Nemours, cuja popularidade estava na razão inversa da de seu fallecido irmão. A opposição, capitaneada por Lamartine, combateu vigorosamente o projecto do governo e quebrou lanças em pró da duqueza de Orléans; foi porém vencida no terreno da votação, e a lei de 50 de Agosto d'esse mesmo anno estabeleceu a regencia conforme os desejos manifestados pelo encanecido monarcha.

XXXIX. — Guerra com Marrocos.

O imperador de Marrocos, Abd-er-Rhaman desejava viver em boa harmonia com os seus poderosos vizinhos os Francezes, senhores de Argel; mas havendo o emir Abdel-Kader, desbaratado pelo duque de Aumale, buscado refugio em seu territorio, não podia deixar de acolhê-lo benignamente sem incorrer na animadversão de seus vassallos e correligionarios. Para contrabalançar a popularidade do emir, que prégava a guerra santa, preparou-se o imperador para fazê-la, ordenando levas de tropas e fazendo correrias nos dominios francezes, em uma das quaes escapou de succumbir o general Lamoricière e a pequena tropa que o acompanhava. O marechal Bugeaud, que governava a Argelia, resolveu rom-

per as hostilidades antes que o soberano marroquino tivesse reunido todas as suas forças; dispôz-se portanto a invadir o imperio vizinho, combinando a acção do seu exercito com a da esquadra, commandada pelo principe de Joinville, que devêra bombardear as praças maritimas na hypothese de não obterem os Francezes cabal satisfação dos tres pontos seguintes: expulsão de Abd-el-Kader, punição dos chefes marroquinos que tinham atacado os Francezes em suas possessões, e obrigação imposta ao exercito imperial de jámais franquear suas fronteiras.

Contando com a protecção ingleza, procurou Abd-er-Rhman tergiversar; mas havendo expirado (a 6 de Agosto de 1844) o prazo fixado para a resposta do *ultimatum*, o principe de Joinville atacou as fortificações de Tanger, que, após duas horas de resistencia, renderão-se á discricção, e dirigindo-se depois a Mogador desmantelou-o sem difficuldade. Estes triumphos navaes coincidirão com a decisiva batalha de Isly, em que o marechal Bugeaud derrotou completamente o exercito marroquino, á cuja frente se achava o principe imperial Sidi-Mohammed (18 de Agosto).

Assustada com as brilhantes victorias da França, e temerosa da sua vizinhança em Gibraltar, apressou-se a Inglaterra de aconselhar ao imperador de Marrocos que implorasse a paz, cujos preliminares concluirão-se a 10 de Setembro na cidade de Tanger, sendo as ratificações trocadas a 26 de Outubro seguinte.

XL. — Questão Pritchard.

A generosidade do governo francez na questão de Marrocos, não exigindo accrescimos de territorio, nem ainda indemnisações pelos gastos da guerra, provocou os clamores da opposição, que não trepidou em propalar que o tratado de Tanger fôra feito sob inspiração ingleza, e que a honra e dignidade do paiz havião sido sacrificadas a exigencias estranhas. Mal serenada estava a borrasca promovida por semelhante successo, quando o pedido de fundos para o pagamento de uma indemnisação que se dizia devida a um missionario inglez, por nome Pritchard, em razão dos prejuizos que lhe tinha causado a esquadra franceza estacionada na Oceania, veio provocar novas iras e accelerar a catastrophe de 1848.

No intuito de equilibrar o predominio inglez n'essa longinqua região, e defender as pessoas dos seus subditos, e as dos missionarios catholicos que ahi dilatavão as fronteiras da fé, determinára o governo de Luiz-Philippe (em 1841) tomar posse da ilha de Nossi-be, vizinha de Madagascar. No anno seguinte, obtendo a cessão de Mayota, no canal de Moçambique, ordenou ao contra-almirante Dupetit-Thouars que occupasse as ilhas *Marquezas*, cujos portos offerecião excellentes estações para os seus navios. Ficão essas ilhas proximas ás da *Sociedade*, cuja principal, Taiti, obedecia á rainha Pomaré, docil instrumento da politica ingleza.

Não podia deixar de trazer algum conflicto a vizinhança d'estas duas poderosas rivaes; e cedo apresentou-se elle quando, por occasião dos máos tratos que recebiam em Taiti os missionarios catholicos e alguns Francezes ali residentes, exigio Dupetit-Thouars uma reparação, a que promptamente sujeitou-se a rainha, levando a sua subserviencia a ponto de implorar o protectorado da França. Esse protectorado contrariava summamente os interesses de um certo Pritchard, consul, missionario e pharmaceutico, que havia quinze annos estava no gozo de dirigir os conselhos de Pomaré; assim pois, apenas vio ausentar-se a esquadra franceza, machinou para que o novo pavilhão fosse substituido pelo antigo. Julgando-se offendido por semelhante substituição, entendeu o almirante que devêra tomar effectiva posse das *ilhas da Sociedade* em nome da França (Novembro de 1843).

Dando expansão ao seu animo inquieto, promoveu Pritchard uma sublevação dos indigenas contra os Francezes, que chegarão a se verem ameaçados com as torturas da fome, tendo outrosim persuadido a rainha que fosse buscar asylo a bordo de um navio inglez. Entendendo que não lhe convinha cruzar os braços diante de tal hostilidade, mandou o almirante prender o missionario, pondo-o pouco depois em liberdade, sob promessa de retirar-se immediatamente para as ilhas de Sandwich. Parece porém que, por occasião da prisão, alguns excessos forão commettidos contra a pessoa e propriedades de Pritchard, que d'isso queixou-se amargamente ao seu governo.

Como costuma acontecer em identicas circumstancias, a opinião publica inquietou-se muito em Inglaterra com semelhantes acontecimentos, e a imprensa periodica levantou altos brados em pró dos menoscabados direitos de seu compatriota.

Apenas informado do occorrido, e ao receber a reclamação que lhe endereçára a rainha Pomaré, havia o gabinete das Tulherias desapprovado a occupação das ilhas da *Sociedade*; mantendo porém o direito de que usára o almirante quanto á deportação de Pritchard, posto que guardadas certas restricções relativas ao *modo* e *lugar* da prisão do missionario.

Não se contentou o governo inglez com tão pouco; e habituado como estava a ver sempre a França ceder ás suas reclamações, exigio uma indemnisação pelos prejuizos soffridos por Pritchard, que, como depois se verificou, apenas consistião na perda de alguns medicamentos da sua pharmacia.

Sempre *pro bona pace* condescendeu Luiz-Philippe com a vontade de sua ciosa alliada; e a proposta em que acima fallámos foi apresentada á camara dos deputados, onde obteve a insignificante maioria de oito votos. A' vista de um tal resultado, quiz Guizot resignar a pasta, pensando que lhe faltava a indispensavel força moral para bem gerir os publicos negocios; deixou porém de fazê-lo, cedendo ás vivas instancias do rei.

XLI. — Discordias civis na Hespanha. — Maioridade e casamento da rainha.

Já vimos como deveu a Hespanha a D. Baldomero Espartero o desenlace da guerra civil que por tantos annos a ensanguentára; grata a este beneficio, accumulou a regente de honras e distincções o soldado feliz; fêl-o conde de Luchana, e depois duque da Victoria; chamou-o aos seus conselhos, deu-lhe, n'uma palavra, tudo o que sob um governo monarchico pôde-se dar a um subdito benemerito. Como era porém de esperar de sua fraca intelligencia, deslumbrarão-lhe tantas grandezas; mirou mais alto do que devêra, e, capitaneando os exaltados, provocou o pronunciamento de Setembro de 1840, em virtude do qual assumio a regencia do reino, depois de haver arrancado a renuncia da rainha-mãi D. Maria Christina de Bourbon.

Não tardou em ser posta em relevo a incapacidade governativa do vencedor de Bilbáo; attrahio-lhe geraes antipathias seu animo atrabiliario, e o fogoso entusiasmo da revolução de Barcellona transformou-se bem cedo em perenne odio. O bombardeamento da capital da Catalunha (1842), a dissolução das *côrtes* (1843) e o boato astutamente espalhado pelos seus adversarios de que estava concluindo um tratado de commercio com a Inglaterra em prejuizo da industria nacional, acabárão de pôr termo ás indecisões e derão o ultimo rebate á rebellião, que simultaneamente rebentou no Arágão, na Catalunha, na Andaluzia e na Galliza.

Constituiu-se a junta de Barcellona e proclamou a quêda da regencia do duque da Victoria e a maioria da rainha D. Isabel II (a 13 de Junho de 1843); e o general Narvaez, desembarcado em Valencia, tomou sobre si a direcção da resistencia. Serrano pôz-se á frente da Catalunha, D. Manoel de la Concha organisou em Cadix as suas forças, enquanto Sevilha, Granada e quasi todas as cidades de maior importancia alçavão o estandarte da guerra.

Indeciso, ou paralisado, não arrancou o regente a espada senão quando já era tarde para tirar algum fructo da sua intervenção pessoal. Enquanto marchava vagarosamente, demorando-se em Albocete, e os seus prepostos Secane e Zurbano procuravão suffocar as sublevações catalãs e aragonezas, Narvaez, interpondo-se com arrojo entre Secane e Espartero, descercava Teruel, e com a velocidade do raio apparecia defronte de Madrid, firmando na peleja de Torrejon de Ardoz (a 22 de Julho) o triumpho da colligação e a completa ruina do regente, que debalde despedia-se de Sevilha bombardeando-a, e, desenganado de que temerario seria prolongar a luta fratricida, embarcava-se (a 30 de Julho) como fugitivo nas praias de Cadix, acossado de perto por alguns cavalleiros do general Concha.

O casamento da rainha, solemnemente declarada maior pelas *côrtes*, tornou-se objecto de vivas preoccupações, não só na Hespanha, como ainda nos paizes que mais havião concorrido para a estabilidade do throno constitucional. Desejava a França reatar relações de familia tradicionaes entre os dous paizes desde o tempo

de Luiz XIV, e se Luiz-Philippe não ousava pedir para um dos seus filhos a mão de D. Isabel II, annuindo aos desejos manifestados pela rainha-mãe D. Maria Christina, exprimia comtudo a sua resolução de não permittir que no solio de Philippe V se sentasse um principe que não pertencesse á casa dos Bourbons. Mallograda a negociação tendente a confundir os direitos de D. Carlos com os de sua sobrinha pela alliança matrimonial entre esta e o filho mais velho do pretendente, lançou a diplomacia franceza as suas vistas sobre o duque de Cadix, D. Francisco de Assiz, filho do infante D. Francisco de Paula, e neto de Carlos IV.

Taes meneios não podião deixar de contrariar a Inglaterra, cada vez mais assustada com o incremento que além dos Pyrenêos ia tomando a influencia franceza, escorada nas vivas sympathias que soubera inspirar aos *moderados*, e ao seu illustre chefe, Narvaez, já então condecorado com o titulo de duque de Valencia. Lord Palmerston, que substituíra na repartição dos negocios estrangeiros a lord Aberdeen, expedio instrucções a Bulwer, representante da Inglaterra em Madrid, para que procurasse por todos os meios possiveis neutralisar a preponderancia de Bresson, habil diplomata francez. Patrocinava o gabinete de S. James a pretensão de Leopoldo de Saxe-Coburgo, sobrinho do rei dos Belgas e primo-irmão da rainha Victoria e do principe-consorte Alberto de Saxe-Coburgo.

A sagacidade do diplomata francez burlou as machinações do agente inglez, que perdeu o fio das negociações, conservando-se em trevas até a noite de 27 para

28 de Agosto de 1846, em que a rainha D. Isabel declarou oficialmente que tomava para seu esposo o duque de Cadix, e para o de sua irmã, a infanta D. Luiza Fernanda, o duque de Montpensier, quinto filho de Luiz-Philippe.

Esta decepção por que era obrigado a passar o governo britannico contribuiu poderosamente para arrefecer a *cordial intelligencia* que tanto se esforçara em manter o gabinete de 10 de Outubro, presidido por Guizot.

XLII. — Exaltação do Summo Pontífice Pio IX.

O Papa Gregorio XVI morrêra subitamente no 1º de Junho de 1846; dez dias depois o sacro collegio, composto de cinco cardeaes-bispos, trinta e tres cardeaes-presbyteros e sete cardeaes-diaconos, entrava em conclave fixando a 16 d'esse mesmo mez a sua escolha no cardeal Mastai-Ferretti, que, cingindo na basilica de S. Pedro a tiara, tomava o nome de Pio IX (a 21 de Junho).

Assaz conhecidos erão os principios do novo Pontífice, que todos sabião sympathisar com as instituições constitucionaes preconisadas por Gioberti, Balbo, Caponi, Massimo d'Azeglio e outros. Não erão outrosim secretas as suas inclinações em pró da unidade e independencia da Italia; assim pois a sua eleição foi considerada como ridente aurora, mensageira de novos e mais felizes dias.

Saudado com verdadeira effusão dos Alpes aos Apeninos, do Mediterraneo ao Adriatico, auspicioso mostrava-

se o novo pontificado, cujos primeiros actos, sellados de clemencia e sabedoria, fazião presagiar uma éra de prosperidade e de sincera conciliação entre o catholicismo e as novas idéas.

XLIII. — Reinado de D. Maria II em Portugal.

O partido liberal, cujos heroicos esforços haviam logrado supplantar o despotismo de D. Miguel alçando ao throno constitucional a joven rainha D. Maria II, não tardou em dividir-se em duas fracções, das quaes uma intitulou-se *conservadora*, e a outra *progressista*. A dissolução da camara dos deputados em 1835 e as violencias praticadas nas assembléas eleitoraes para trazerem ao governo uma maioria fizeram desfechar a tormenta que ha muito se formava nas nuvens.

Na noite de 9 de Setembro de 1836 a guarda nacional de Lisboa revoltou-se contra o ministerio presidido pelo duque da Terceira, e, derribando a carta constitucional outorgada por D. Pedro IV, proclamou a constituição de 1820, confiando a dictadura a Manoel da Silva Passos, afamado orador e varão de incontestavel probidade. Durante o seu ministerio, que prolongou-se até o anno de 1838, foi votada a constituição d'esse mesmo anno em substituição á de 1820, que só provisoriamente fôra adoptada, e promulgáram-se muitas medidas tendentes a cortar inveterados abusos.

Contra a nova ordem de cousas formou-se todavia energica opposição, escorada nas sympathias de alguns

generaes, e quicá na connivencia da côrte ; opposição que não contentou-se com os desabafos na imprensa e na tribuna, mas recorreu por mais de uma vez a revoltas e sedições militares, sendo a mais celebre a conhecida pela denominação de *revolta dos marechaes*, por ter sido capitaneada pelo duque da Terceira e o marquez de Saldanha, ambos marechaes do exercito portuguez.

A fraqueza e hesitações dos cavalheiros progressistas, que forão successivamente chamados aos conselhos da corôa, alentavão a opposição, que já no anno de 1841 mostrava-se formidavel creando todo o genero de tropeços ao ministerio presidido pelo conde de Bomfim. Para acalmar-lhes as furias pensou o conde de associar-se a Antonio Bernardo da Costa Cabral, que merecia a confiança dos conservadores, tambem chamados *cartistas*. D'este impensado passo resultou a quêda da situação e o triumpho da contraria parcialidade.

No dia 12 de Janeiro de 1842 pedio Costa Cabral, ministro da justiça, licença para ir á cidade do Porto, pretextando desejos de visitar as cadêas da relação. A 17 d'esse mesmo mez deixava Lisboa, e seis dias depois ouvia-se com pasmo a noticia que uma revolta, á cuja frente se achava o mencionado ministro, proclamára a substituição da constituição de 1838 pela *carta* de 1826. Surprehendido o ministerio por semelhante evento, pedio a sua demissão, e o duque de Palmella, chamado para empunhar o timão dos publicos negocios, pôde apenas conservar-se quarenta e oito horas, vendo-se obrigado a ceder o posto ao duque da Terceira, que com Mouzinho de Albuquerque organisarão a nova administra-

ção, a qual, louvando e justificando o procedimento de Costa Cabral, restaurou solemnemente a *carta* (a 10 de Fevereiro de 1842).

Senhores das posições officiaes, dominarão os *cartistas* exclusivamente, opprimindo aos seus adversarios, que havião tomado a denominação de *Setembristas*. Não confiando nos recursos legaes, e amestrados por uma dolorosa experiencia, lançarão mão das armas; e no principio do anno de 1844 ergueu Cesar de Vasconcellos (depois conde de Torres-Novas) o brado da insurreição, pondo-se á frente de um regimento de cavallaria de Torres-Novas e indo-se encerrar na praça de Almeida. Apertados por forças muito superiores, enviadas pelo governo de Lisboa, tiveram de ceder os revoltosos, buscando a sua salvação no reino vizinho (a Hespanha).

Desaffrontado da resistencia armada, deu o ministério larga expansão ao arbitrio, commettendo nas eleições de 1845 tantas tropelias, que chegarão a assustar os verdadeiros amigos do regimen parlamentar.

A revolução do Minho de 1846, mais conhecida pelo seu nome vulgar de *patuleia*, foi a unica verdadeiramente popular de quantas se mostrarão n'esses tempos agitadissimos. Foi um protesto solemne e energico contra os abusos da autoridade, a grande e eloquente voz da nação pedindo aos seus mandatarios estreitas contas do poder que lhes confiára.

Aterrada a rainha com o pasmoso desenvolvimento que diariamente ia tomando a manifestação popular, tornou a chamar ao duque de Palmella e a Mousinho de

Albuquerque, incumbindo-os de organisar um ministerio que sanasse os males da actualidade, e precavesse as ameaças do porvir.

O primeiro acto d'esse ministerio liberal foi dar ampla amnistia a todos os individuos implicados na revolta de Torres-Vedras, reintegrando em seus postos os militares, e os funcionarios civis em seus respectivos empregos. Com taes medidas deu-se por satisfeita a opinião, e, repousando na reconhecida probidade dos novos governantes, depôz as armas fraticidas que por um momento empunhára.

Passageira porém foi a alegria dos liberaes; porquanto não se achando com forças para lutar com poderosas e quiçá indebitas influencias, deixou o ministerio progressista a direcção dos negecios, e no dia 7 de Outubro de 1846 publicava o *Diario do Governo* um decreto, datado da vespera, nomeando o marquez de Saldanha presidente do conselho de ministros.

Conhecendo, pela simples enunciação dos nomes dos cavalheiros que compunhão a nova administração, o manifesto designio do sophismar-se a revolução do Minho, levantou a cidade do Porto valente brado contra o acto do chefe do Estado, que não duvidou de qualificar de arbitrario.

Quando se soube em Lisboa que a segunda cidade do reino reagira contra o disfarçado dominio dos *Cabralistas* (como se appellidavão os mais estremados defensores da *carta* e cegos adeptos de Costa Cabral) e que fôra preso o duque da Terceira, enviado como lugartenente da rainha nas provincias do norte, apressou-se

o ministerio em suspender as garantias, pondo em vigor um regimen que, com excepção das alçadas e da força, pouco se differenciava do de D. Miguel.

O conde das Antas, que commandava a divisão militar do Porto, resistio resolutamente ás ordens do governo da rainha, e formou uma junta governativa, da qual assumio a presidencia, cedendo o segundo lugar a José da Silva Passos, irmão do ministro-dictador da revolução de Setembro.

Depois de alguns combates, ou antes escaramuças, acháram-se em presença os dous exercitos, commandados pelo marquez de Saldanha e o conde de Bomfim, em Torres-Vedras, e a 22 de Dezembro de 1846 ferirão uma porfiada e sangrenta batalha, que cobrio de luto e consternação toda a familia portugueza. Chegou a dous mil o numero de mortos e feridos de ambos os exercitos, e entre os primeiros contava o illustre sabio Luiz Mouzinho de Albuquerque.

Depois d'esta jornada não podia D. Maria II continuar a sentar-se no solio de seus avós se fosse vencida a causa representada pelo governo de Lisboa; por isso os generaes da junta do Porto, cujas espadas se havião enobrecido no grande pleito de 1832-1835, deixáram-se antes vencer do que contribuir para que se destruísse a obra de seu heroico amigo, o duque de Bragança. O conde das Antas, instado pelos seus soldados para correr em auxilio do conde de Bomfim, deixou-se ficar em Santarém, perdendo assim opportuno ensejo de aniquilar de um só golpe as forças cartistas.

No principio do anno de 1847 contava o exercito da

juinta perto de trinta mil homens, bem armados; e a guerra civil ameaçava tomar proporções taes, que obrigou os gabinetes da Europa, fiadores do throno constitucional de D. Maria II, a aceitarem as propostas de intervenção armada que lhes endereçára o gabinete de Lisboa. Secretas erão porém as negociações; assim, foi com verdadeira surpresa que soube-se que a divisão do conde das Antas, que sahira do Porto nos ultimos dias do mez de Maio, a bordo dos navios da junta, fôra aprisionada pela esquadra ingleza, que o conde e os seus soldados estavam presos na torre de S. Julião, e finalmente que um exercito hespanhol, capitaneado pelo general D. Manoel de la Concha, havia franqueado o Minho e avançava lentamente para as linhas do Porto.

A convenção de Gramido pôz fim á luta armada, sem que comtudo apagasse os odios, cada vez mais incandescentes, entre as duas fracções do partido liberal.

Antonio Bernardo da Costa Cabral, já agraciado com o titulo de conde de Thomar, foi de novo chamado ao poder e presidio o gabinete de 19 de Junho de 1849. Semelhante escolha, depois dos lamentaveis acontecimentos que havemos esboçado, foi considerada como uma especie de provocação que a corôa fazia ao povo; e preciso foi todo o amor e dedicação que os bons Portuguezes votavão á dynastia de D. Pedro para que mais funestos acontecimentos não tivessemos de registrar.

Os abusos accumulados e a reacção cada dia mais violenta fazião presagiar propinqua borrasca; a taça do soffrimento porém trasbordou com a demissão dada ao marechal Saldanha do emprego de mordomo-mór da casa

real. O velho marquez, que em 1847 tão bons serviços prestára ao conde de Thomar, com grave prejuizo da sua popularidade, sentio-se ferido em seu amor-proprio por semelhante ingratição e jurou vingar-se. D'ahi a revolução de 1851, chamada a *regeneração*.

Havendo debalde buscado sublevar alguns corpos, despertando nos soldados os sentimentos de velha e funda sympathia, julgou o marechal Saldanha eclipsada a sua estrella, e não vio salvação possível senão transpondo a fronteira e pedindo á terra do exilio honroso ocio. Mas José Estevão, eximio orador progressista, e mais alguns outros coryphêos d'essa parcialidade politica, escrevêrão-lhe aconselhando que volvesse á patria, e asseverando-lhe que no Porto e nas provincias do norte encontraria amigos fideis e devotados.

Annuio Saldanha a esta proposta, e chegando ao Porto vio que a guarnição se levantava em seu pró e que o brado revolucionario echoava até Coimbra, onde a mocidade entusiasta induzia a divisão commandada por el-rei D. Fernando a desamparar seu generalissimo para fazer causa commum com os soldados da revolta.

Saldanha, apparecendo em Lisboa com um exercito de sete mil homens, constrangeu a rainha a demittir o conde de Thomar, dando-lhe a presidencia do conselho de ministros com ampla faculdade de escolher seus collegas. Esse ministerio, em que tinham assento Rodrigo da Fonseca Magalhães, Jervis de Attouguia, characteres conspiciosos e de abonada reputação, e Fontes Pereira de Mello, mancebo cheio de intelligencia, e um dos mais esperançosos talentos da nova geração, era decidida-

mente um ministerio liberal, de que deu exuberantes provas iniciando uma serie de medidas civilisadoras e rasgadamente progressistas, em cujo numero por certo avulta a reforma da *carta*, conhecida pelo *Acto addicional*.

Sob o regimen d'essa situação, que, como já dissemos, é conhecida na historia pelo epitheto de *regeneradora*, é que deu-se o lamentavel acontecimento da morte da rainha D. Maria II, occorrido a 15 de Novembro de 1855. As virtudes da mulher, o character da esposa e da mãe, fizeram depressa esquecer os erros da rainha, e não ha hoje um só Portuguez que não saude reverente o tumulo da filha de D. Pedro de Bragança.

Convocadas as côrtes extraordinariamente (19 de Dezembro), investirão el-rei D. Fernando da regencia do reino durante a menoridade de D. Pedro V.

XLIV. — Menoridade de D. Pedro II no Brasil.

A abdicação do primeiro imperador (a 7 de Abril de 1831) surpreendeu aos chefes do partido liberal, que apenas desejavão outros ministros que mais seguros penhores offerecessem às instituições juradas. Conhecida a inabalavel resolução de D. Pedro I, força foi cuidar nos meios de dar estabilidade á nova ordem de cousas; e para esse fim reunirão-se os deputados e senadores que se achavão na capital e elegêrão uma regencia provisoria, recahindo a escolha no brigadeiro Francisco de Lima e Silva, commandante das armas, e nos senadores mar-

quez de Caravellas e Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.

O primeiro acto d'essa regencia foi proclamar aos povos pedindo o concurso de todos em pró do throno constitucional de D. Pedro II, com absoluto e completo esquecimento do passado.

Não forão porém realizados os generózos desejos da regencia; porquanto os exaltados, que dominavão em algumas provincias, fizerão n'ellas apparecer movimentos revolucionarios, que puzerão em risco a integridade do imperio. A 4 de Abril d'esse anno rebentára na capital da Bahia uma sedição militar que depuzera o commandante das armas, marechal João Chrysostomo Callado, obrigando-o a embarcar-se para o Rio de Janeiro. A 13 d'esse mesmo mez e anno testemunhou Pernambuco scenas de canibalismo, promovidas pela gentallia contra Portuguezes que pacíficos exercião seu commercio e industria, tomando por pretexto o assassinato de um cidadão brasileiro. A soldadesca insubordinada por agentes da desorganisação, inimigos jurados de qualquer governo, depôz, á guisa do que se praticára na Bahia, o commandante das armas, coronel Lamenha. Contagiosos, como costumão ser, semelhantes exemplos, ameaçavão todo o Brasil de geral conflagração.

N'este comenos reunio-se a assembléa geral (a 5 de Maio), e a 17 do mez seguinte procedeu á eleição da regencia permanente, composta dos cidadãos Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho e João Bráulio Moniz.

Reproduzirão-se na propria capital os motins que ha-

vemos assignalado nas provincias : a 7 de Outubro o batalhão de artilharia de marinha, instigado por alguns presos da fortaleza da ilha das Cobras, onde se achava aquartelado, sublevou-se e quiz impôr á regencia a sua imperiosa vontade. Felizmente a guarda nacional, que de fresco fôra organizada (por lei de 18 de Agosto de 1851), oppôz-se aos designios dos revoltosos e manteve a autoridade e o prestigio do governo.

Novo motim, d'esta vez ainda mais temivel, fez a sua funesta appareição no mez de Abril do anno seguinte, promovido pelo partido *exaltado*, que ainda d'esta vez foi vencido pelos seus adversarios, que havião tomado a denominação de *moderados*.

Desenganados de lograr seus intentos nas sedições das praças publicas, recorrêrão os *exaltados* ás machinações tenebrosas das sociedades secretas; e havendo conseguido alliciar grande numero de representantes da nação, pretendêrão reformar tumultuariamente a constituição, dando-lhe uma physionomia ainda mais democratica. Essa tentativa, felizmente mallograda pela energia do deputado Honorio Hermeto Carneiro Leão (depois Marquez de Paraná), é conhecida na historia parlamentar do Brasil pela denominação *do 30 de Julho*.

Em todos os sentidos, em todas as direcções agitava-se o paiz : ora erão as tendencias republicanas que fazião explosão, ora as monarchicas e restauradoras, como as que caracterisárão a sedição de Ouro-Preto, começada em 22 de Março e terminada em 19 de Maio de 1855 com a fuga e prisão de alguns dos seus coryphêos. Os lamentaveis successos occorridos no Rio de Janeiro na

noite de 2 de Dezembro d'esse anno, as demasias praticadas contra uma sociedade, chamada *militar* (a 5 de Dezembro), cujos moveis forão quebrados e arrojados pelas janellas, servirão de preludio ao attentado commettido contra a pessoa do venerando ancião José Bonifacio de Andrada, que, em satisfação do desejo manifestado por D. Pedro I, se encarregára da tutela do menino imperador e das suas augustas irmãs. Em um momento de delirio os agitadores prendêrão o tutor e trouxerão-o para a cidade, acompanhado de seus imperiaes pupillos. Connivente, ou amedrontado, sanccionou o governo da regencia tão audaz commettimento, e sob pretexto de sonhadas conspirações, mandou processar o patriarcha da independencia, tirando-lhe a tutoria, que foi conferida ao marquez de Itanhaem.

O espirito revolucionario propagava-se com pasmosa rapidez, e cada vez mais funestos erão os seus effeitos. Em Pernambuco, essa mesma soldadesca desenfreada, cujos excessos deixamos apontados, enchia de luto e consternação a cidade do Recife, e só dava treguas aos seus furores depois de haver juncado as ruas com mais de trezentos cadaveres. A guerra civil, ou antes social, chamada dos *Cabanos*, ateava-se em Panellas de Miranda, districto d'essa mesma provincia, e por espaço de mais de tres annos cobria de destroços municipios outr'ora florecentes, baldando os esforços de quasi seis mil soldados empregados pelo governo central em comprimil-a, e só cessando quando o virtuoso bispo diocesano D. João da Purificação Marques Perdigão fez ouvir aos illudidos palavras de paz e conciliação. No Ceará o coronel de mi-

licias Joaquim Pinto Madeira proclamava na villa do Jardim a restauração de D. Pedro I (a 14 de Dezembro de 1831), e acossado pelas forças leaes, ao mando do general Pedro Labatut, entregava-se (a 13 de Outubro de 1832), sob promessa de ser remettido para o Rio de Janeiro. Longe porém de se lhe cumprir a palavra, arrastarão-o seus adversarios politicos de prisão em prisão; e quando julgá-lo sadio de soffrimentos, assassinarão-o juridicamente na villa do Crato aos 15 de Novembro de 1834. Uma sedição militar que rebentára na capital do Maranhão (a 13 de Setembro de 1831), pretendendo obrigar o presidente Candido José de Araujo Vianna (depois visconde de Sapucahy) a curvar-se aos seus desejos, e vendo mallogrados seus planos pela energia d'esse digno funcionario, buscava na villa do Brejo um asylo para seus crimes e atrocidades, tomando por caudilhó a um homem da plebe, ourives de profissão, que cedo largou a mascara de politico para munir-se da escopeta do salteador.

Avantajou-se porém a provincia do Pará na vertigem revolucionaria, só cedendo o passo ao Rio Grande do Sul. Apenas chegou á cidade de Belém, capital da provincia, a nova da abdicação de D. Pedro I, pretendêrão os desordeiros depôr o presidente barão de Itapicurúmerim e o commandante das armas brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andréa (depois barão de Cassapava). Frustrados os seus intentos, aguardarão melhor ensejo, que de facto encontráráo na administração do visconde de Goyanna, a quem constrangêrão a embarcar-se para o Rio de Janeiro. As presidencias do tenente-

coronel Machado de Oliveira e do desembargador Mariani forão successivamente naufragar nos recifes revolucionarios, estando porém reservada peor sorte para a do deputado Bernardo Lobo de Souza, que em companhia do major Santiago, commandante das armas, foi cruelmente assassinado no dia 7 de Janeiro por uma plebe furiosa. Um certo Felix Antonio Clemente Malcher, tenente-coronel de milicias, que se achava encarcerado n'uma fortaleza, foi aclamado presidente da provincia, escolhendo para commandante das armas Francisco Pedro Vinagre, negociante de borracha, vulgarmente chamado *seringa*. Em breve lavrou a discordia entre estes dous caudilhos, cujas parcialidades recorrêrão ás armas, decidindo-se a contenda em pró de Vinagre. Balda de recursos para simultaneamente attender a diversos pontos em que ardia o facho da revolta, enviou a regencia o marechal Manoel Jorge Rodrigues, seguido de poucos soldados, que nenhum resultado vantajoso pôde obter, apezar da sua pericia e reconhecido denodo; cabendo ao brigadeiro Andréa, que em Abril de 1836 desembarcou na qualidade de presidente e commandante das armas, pôr termo á revolução.

Até a remota provincia de Matto-Grosso resentio-se das idéas desorganisadoras da época, e sua capital, a cidade de Cuiabá, presenciou scenas de matança e depredações, que por espaço de mais de um mez (de 30 de Maio a 3 de Julho de 1834) consternarão seus pacíficos habitantes.

Interrompamos por um momento a longa serie de motins e revoltas, para contemplarmos quadros de natu-

zera diversa, que assignalárão essa época de verdadeira transição.

A reforma da constituição, altamente exigida pelos autores da revolução de 7 de Abril, foi votada pela camara dos deputados, convertida em assembléa constituinte, na sessão de 1854, e solemnemente promulgada aós 12 de Agosto d'esse mesmo anno. A creação das assembléas legislativas provinciaes, a abolição do conselho de estado, e a temporalidade da regencia, reduzida ao termo de quatro annos, e confiada a um só individuo, forão as bases d'essa reforma, contida em suas democraticas aspirações pelo bom senso do partido moderado.

O fallecimento de D. Pedro I, occorrido a 24 de Setembro de 1854, na cidade de Lisboa, veio ainda contribuir para acalmar os espiritos, tirando ao partido restaurador, vulgarmente appellidado de *caramuru*, o movel dos seus desejos.

Em observancia da disposição da reforma constitucional, mais conhecida por *Acto adicional*, procedeu-se no dia 7 de Abril de 1855 á eleição do regente, recahindo a escolha no padre Diogo Antonio Feijó, que, como ministro da justiça em 1852, reaes serviços prestára á ordem publica.

Logo no começo da sua administração teve o regente de lutar com a formidavel revolta ateada na extremidade meridional do imperio.

Presidia a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, quando a 20 de Setembro de 1855 manifestou-se em Porto-

Alegre uma sedição de tal modo ameaçadora, que obrigou-o a buscar refugio na cidade do Rio Grande. Crendo serenar os animos com a mudança de administrador, nomeou Feijó ao Dr. José de Araujo Ribeiro em substituição a Fernandes Braga; e comquanto se tivessem os revoltosos apossado de quasi toda a provincia, conseguiu o presidente nomeado tomar posse do governo, e havendo alcançado destacar da revolta o coronel Bento Manoel Ribeiro, pensou em oppôr resistencia. Forão porém infelizes os primeiros tentamens d'essa resistencia; porquanto, tendo o coronel Albano sahido á frente de um troço de tropas em busca do inimigo, foi por elle desbaratado e morto, no dia 6 de Abril de 1836. A reacção de Porto-Alegre, que abriu suas portas á legalidade, e sobretudo a acção do Fanfa, pelejada nos dias 25 e 24 de Outubro, na qual cahio prisioneiro o chefe da revolta, coronel Bento Gonçalves da Silva, compençou amplamente os passados revezes e pareceu por instantes haver extinguido a lava revolucionaria. A demissão de Araujo Ribeiro, quando se dispunha a colher os fructos da victoria, e a impolitica nomeação do brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, inimigo jurado de Bento Manoel, commandante das armas, preparou á legalidade bem tristes e aziagos dias. A 23 de Março de 1837 prendia o commandante das armas ao presidente da provincia, e lançava-se de novo nos braços da revolução, que, forte com esta aquisição e com a posse de Cassapava, onde a força do coronel João Chrysostomo da Silva capitulára a 8 de Abril, pôde mais desassombradamente tomar o titulo de *republica de Piratinim*, do sitio onde primeiro

fôra proclamada, arvorando a bandeira verde, encarnada e amarella.

Assoberbado por tantas contrariedades, e mais que tudo magoado pela acintosa opposição que lhe fazia a maioria da camara dos deputados, resolveu o regente Feijó ceder o posto aos seus adversarios politicos, e nomeando (a 19 de Setembro de 1837) ministro do imperio o senador Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda), confiou-lhe a regencia interina, na fôrma prescripta pelo acto addicional.

Convocados em todo o imperio os collegios eleitoraes, confirmarão a escolha de Feijó, e a 22 de Abril de 1838 davão effectividade ao regente interino.

A' semelhança do que se dera com o seu antecessor, teve Araujo Lima de volver logo suas vistas para a revolução que com ameaçadores symptomas se ostentára na provincia da Bahia, planejada e dirigida por um cirurgião chamado Francisco Sabino Alvarès da Rocha Vieira. O presidente, senador Francisco de Souza Paraíso, desamparou a cidade de S. Salvador, onde foi proclamada a republica (7 de Novembro de 1837) até a maioria do joven imperador. Informado de taes successos, entendeu o governo central que convinha fazer convergir para a Bahia todas as forças disponiveis; e, nomeando presidente o desembargador Antonio Pedro Barreto Pedroso, encarregou do commando das armas o marechal João Chrysostomo Callado, que por suas promptas e acertadas medidas logrou supplantar a revolta, depois de renhidos combates pelejados nos dias 14, 15 e 16 de Março de 1838.

O jubilo originado pelo triumpho da lei na segunda cidade do imperio não tardou em ver-se agorentado com o recebimento da triste noticia do combate do Rio Pardo, em que as armas imperiaes soffrêrão não pequeno desar, cahindo em poder dos rebeldes a importante villa assim denominada.

Por outro lado soube-se que na capital da provincia do Rio Grande do Norte fôra assassinado o presidente Manoel Ribeiro da Silva Lisboa (11 de Abril de 1838); e que no Maranhão Raymundo Gomes, sujeito de pessimos precedentes, arrombando a cadêa da villa da Manga (a 15 de Dezembro), soltára os presos, engrossando com elles a cabilda de malfeteiros que capitaneava. A pouca actividade do presidente Camargo, que aliás por seus excessos excitára contra si a parte mais sensata da provincia, deu azo a que a revolta se sustentasse e propagasse, chegando a contar no anno seguinte por milhares os seus adeptos. O presidente Manoel Felizardo, que succedêra a Camargo, apenas pôde dispôr os elementos de resistencia, passando porém pelo dissabor de ver por duas vezes entregue a importante villa de Caxias (hoje cidade) á ferocidade dos *balaíos*, como se depominavão os revoltosos. O coronel Luiz Alves de Lima, nomeado presidente e commandante das armas do Maranhão (a 12 de Dezembro de 1839), foi mais feliz do que os seus antecessores; porquanto, havendo tomado posse a 7 de Fevereiro do anno seguinte, em onze mezes conseguiu bater os bandos de Raymundo Gomes, Balaio, e do preto Cosme, facinora fugido dos carceres da capital, e que se puzera á frente de mais de tres mil negros aquilombados, assignando ridiculamente

D. Cosme, tutor imperial das liberdades bemtevis.

A pacifica provincia de Santa Catharina experimentou tambem os effeitos das guerras civis que n'esses tempos dilaceravão o Brasil. Uma divisão do exercito revolucionario do Rio Grande, ao mando de David Canabarro, atravessando os campos da Vaccaria, penetrou no municipio de Lages, d'onde passou á Laguna, que com a maior facilidade se lhe entregou (em Julho de 1839). Felizmente foi em tempo atalhada a invasão, graças aos esforços do presidente Andréa, e do capitão de mar e guerra Frederico Mariath, que, investindo a Laguna por mar e combinando as suas operações com as forças de terra, conseguiu render a praça e rechazar os rebeldes.

A rapida narrativa dos successos occorridos durante o periodo da menoridade de D. Pedro II levou-nos ao anno de 1840, que marca uma época gloriosa na historia brasileira.

Ha muito que alguns homens politicos, conhecendo praticamente os perigos dos governos regenciaes, haviam cogitado na possibilidade de declarar-se maior o menino imperador, cujo prematuro desenvolvimento intellectual era de todos conhecido e apreciado. Logo na abertura da sessão legislativa d'esse anno abrio-se a discussão na camara dos deputados, motivada por um periodo da resposta á falla do throno, no qual manifestava-se *o prazer com que a nação via approximar-se a maioridade do imperador*. A proposito d'essa declaração travou-se caloroso debate entre os dous lados em que se dividia a camara, debate que teve sua natural repercussão no se-

nado, onde Hollanda Cavalcante (depois visconde de Albuquerque) apresentára um projecto declarando desde logo a desejada maioria. Succumbindo este projecto por uma pequena maioria, reviveu na camara electiva (em sessão de 18 de Maio) por iniciativa de Carneiro Leão, com a differença de autorisar-se n'elle a reforma do artigo constitucional que fixava em 18 annos a maioridade do monarcha. Dous mezes durou a discussão d'este ultimo projecto, durante os quaes cada vez se escandecião mais os animos e mais difficil se tornava tomar qualquer resolução com o cunho da prudencia. A 18 de Julho retirou o deputado Carneiro Leão o seu projecto, que foi immediatamente substabelecido por outro firmado pelos dous irmãos Andradas (Antonio Carlos e Martim Francisco), proposto á discussão no meio de grande tumulto, no qual tomárão as galerias indebita parte. Pensando atalhar o mal, ou pelo menos dar tempo para que a reflexão esclarecesse os espiritos, aceitou o regente Araujo Lima o conselho do seu ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos de adiar a sessão para o dia 20 de Novembro. Conhecida esta resolução, subio de ponto o tumulto, partindo em acto continuo os deputados opposicionistas a se incorporarem com os seus correligionarios do senado, d'onde dirigrão uma deputação ao imperador pedindo-lhe que, *para salvar o paiz*, entrasse desde logo no exercicio das suas attribuições. Havendo D. Pedro II respondido *que estava disposto a fazer o que mais conveniente parecesse ao bem publico*, foi esta resposta interpretada como formal annuencia aos desejos dos maioristas, que, aproveitando-se da timidez

e hesitações do regente, levá-lo a revogar o decreto de adiamento das camaras, que, vendo-se assim restabelecidas em suas funcções, congregarão-se em assembléa geral, sempre do modo o mais anormal, e fizerão passar por aclamação o decreto da maioria do imperador (a 23 de Julho), o qual, na tarde d'esse mesmo dia, prestou o juramento exigido pela constituição do imperio.

XLV. — Dictadura do general Rosas na Confederação Argentina.

Lancemos um rapido olhar sobre a situação das provincias que formavão o antigo vice-reinado do Rio da Prata antes de esboçarmos a administração de D. João Manoel de Rosas, denominado *Nero do Novo-Mundo*.

No dia 25 de Maio de 1810 rebentou em Buenos-Ayres uma revolução contra o dominio da Hespanha, depondo o ultimo vice-rei D. Balthasar de Cisneros, e substituindo a sua autoridade pela de uma junta governativa de que fizerão parte os illustres cidadãos Belgrano, Saavedra e Puyrredon. Depois de baldados esforços para reunir n'um só Estado os povos dispersos pelas margens do Paraná, Paraguay, Uruguay, Prata e seus confluentes, convencerão-se os fautores da revolução que só o regimen monarchico lhes poderia offerecer essa unidade por que tanto parecião almejar. Para esse fim buscárão entender-se com a princeza D. Carlota Joaquina, filha de D. Carlos IV, rei de Hespanha, e mulher de D. João, principe-

regente de Portugal. Malgrado esse plano pela formal recusa do referido principe-regente, dirigirão successivamente as suas vistas para dous infantes de Hespanha, e, em desespero de causa, para um descendente dos antigos Incas do Perú, que vegetava desconhecido nas penedias dos Andes, sem que todavia mais felizes fossem em taes combinações.

Dous partidos, conhecidos pela designação de *unitarios* e *federaes*, alternarão-se na gerencia dos publicos negocios, manchando muitas vezes de sangue o solo da patria; representavão elles duas idéas oppostas, symbolisavão o velho antagonismo entre as cidades e os campos. O elemento indigena, chamado *gaucho*, predominava nas *estancias* ou fazendas, ao passo que nas cidades, principalmente na de Buenos-Ayres, estavam em maioria os *unitarios*, herdeiros representantes da civilização européa.

Em Janeiro de 1851 as provincias de Buenos-Ayres, Entre-Rios e Santa-Fé formárão uma federação, na qual todas as outras provincias, com excepção do Paraguay e da Banda Oriental, forão successivamente admittidas. Essa alliança não lhes assegurou ainda a paz, continuando a lavrar ahi a anarchia, até que em 1856 foi eleito seu chefe o general D. João Manoel de Rosas, com o titulo, muito pouco republicano, de governador e capitão-general de Buenos-Ayres, e encarregado das relações exteriores da Confederação Argentina.

Por algum tempo a energia d'este homem extraordinario mereceu-lhe os elogios dos estranhos e benções dos seus concidadãos; não tardou porém que se revelasse

em toda a nudez seu character feroz e sanguinario, já descartando-se cruelmente de quantos lhe fazião sombra, já procurando rixas com seus vizinhos no proposito de realisar a sonhada reconstrucção do antigo vice-reinado, já finalmente opprimindo o commercio com seu systema de monopolio commercial exercido em proveito exclusivo de Buenos-Ayres, ou antes em seu próprio proveito.

Recusou solememente reconhecer a independencia do Paraguay, insistindo em annexal-o aos seus dominios, e moveu cruenta guerra á cidade de Montevideo, querendo obrigar-a a abrir suas portas ao general Oribe, presidente expulso pelo partido conservador, ahi conhecido pelo nome de *blanco*. O sitio e bloqueio d'esta praça, trazendo não pequenos embarços ao commercio dos neutros, levárão a França e a Inglaterra a intervir com mão armada (1845), por haver-lhes o dictador argentino repellido a mediação pacifica.

A esquadra combinada ingleza e franceza começou as suas operações apoderando-se da esquadrilla de Rosas e da ilha de Martim Garcia, que domina a embocadura do Paraná e do Uruguay, indo depois bloquear o porto de Buenos-Ayres. Vendo que nem assim mostrava Rosas tendencias conciliatorias, resolvêrão os almirantes descer pelo Paraná e interceptar todos os navios mercantes que vinhão de Corrientes. Conhecido este proposito do inimigo, mandou o dictador fortificar o *Passo de Obligado*, collocando ahi um parque de pesada artilharia e fechando o rio (o Paraná) com grossas correntes de ferro presas a vinte e quatro navios de velas e dez de

vapor. A 19 de Novembro de 1845 a esquadra anglo-franceza, composta de oito navios de velas e tres de vapor, forçou a passagem, com pequena perda da sua parte, logrando destrui'r completamente as baterias contrarias. De volta d'esta gloriosa jornada, comboiando cento e dez navios mercantes que aprisionára, foi a esquadilha alliada accommettida no *Passo de S. Lourenço* pela formidavel bateria que ali fizera postar o dictador. De novo mostrárão os Inglezes e Francezes a superioridade da sua tactica, causando ao inimigo consideraveis perdas.

Depois d'estes dous feitos d'armas limitou-se a luta ao bloqueio, o qual foi retirado pela Inglaterra em Julho de 1848 e pela França em Janeiro de 1849.

Soberbo por haver arrostando o poder naval das duas primeiras potencias maritimas da Europa, redobrou Rosas as suas cruezas, exercendo sanguinarias vinganças contra todos os que acreditava complices da invasão estrangeira. Cercando-se de malvados, organisou uma policia selvagem, a que deu-se o nome de *mashorca*, e em pleno decimo-nono seculo praticou horrores que causarião pasmo aos mais ferrenhos despotas da idade-média.

Persistindo cada vez mais no seu projecto de absorver o Paraguay e o Estado Oriental, tornou-se Rosas uma verdadeira ameaça para o Brasil, cujas provincias de Matto-Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul achavão-se expostas ás suas devastações. Compreendeu o governo do imperador D. Pedro II a politica que lhe convinha seguir; e enviando ás côrtes de Paris e Londres o visconde (depois marquez) de Abrantes, incumbido de

explicar suas vistas aos governos que haviam ficado por fiadores da independencia da republica do Uruguay, mandou ao Paraguay soccorros de armas, dinheiro, e officiaes aptos para lhe prepararem a defesa, e celebrou um tratado de alliança com os generaes Urquiza e Virasoro, governadores das provincias de Entre-Rios e Corrientes, e com D. Joaquim Suarez e o general Garzon, que em Montevideo representavão o partido da resistencia contra o dictador argentino e o seu preposto o general D. Manoel Oribe.

A esquadra brasileira, commandada pelo almirante Greenfel, tornou effectivo o bloqueio dos portos da Confederação Argentina, emquanto um exercito da mesma nação, ás ordens do general conde (depois marquez) de Caxias, transpunha as fronteiras e entrava no Estado Oriental em força de doze mil homens. Vendo-se ameaçado por este exercito, que a marchas forçadas encaminhava-se para Montevideo, apressou-se Oribe em tratar com o general Urquiza (que anteriormente transpuzera o Uruguay), depondo as armas e retirando-se á vida privada.

Terminada a campanha oriental pela capitulação de Oribe, destacou o conde de Caxias uma divisão do seu exercito, ao mando do general Marques de Souza (depois barão de Porto-Alegre), a fazer junção com o exercito de Urquiza e Virasoro, que marchava sobre Buenos-Ayres. No sitio denominado Monte-Caseros encontrou-se o exercito alliado com o de Rosas, e ahi, no dia 2 de Fevereiro de 1852, pelejou-se uma batalha cuja principal gloria manda a justiça seja attribuida á divisão brasileira, que, por seu valor e disciplina, decidira da sorte do feroz dic-

tador que por espaço de quinze annos fôra o flagello dos povos ribeirinhos do Prata.

Como sôe acontecer, procurou Rosas a salvação na fuga apenas lhe foi notorio o exito da batalha; e embarcando-se a bordo do navio de guerra inglez *Locust*, partio para a Inglaterra (a 10 de Fevereiro), firando a sua residencia nos arredores de Southampton.

XLVI. — Dictadura de Francia e de Lopez no Paraguay.

Os homens que em 25 de Maio de 1810 sacudirão em Buenos-Ayres o jugo hespanhol pensarão, como já disse-mos, em constituir nas margens do Prata um Estado poderoso que pudesse servir de equilibrio ás vastas possessões que na America Meridional reconhecião a soberania dos reis de Portugal. O Paraguay, que desde o anno de 1780 fazia parte do vice-reinado de Buenos-Ayres, foi convidado a unir-se aos seus irmãos portenhos; mas satisfeito (ao que parece) do regimen da metropole, repellio a proposta, e lançando mão das armas, expulsou as tropas argentinas enviadas para auxiliar a revolução, quando ali se manifestasse.

Momentaneo porém foi o triumpho do partido hespanhol; porquanto havendo conseguido os agentes revolucionarios seduzir alguns officiaes da terra, rompeu uma sedição na noite de 14 para 15 de Maio de 1811, em virtude da qual cessou de todo o dominio da

metropole n'esse paiz, outr'ora tão fiel e submisso, sendo proclamada a republica.

Em Junho d'esse mesmo anno reunio-se na cidade da Assumpção um congresso, que deferio a autoridade suprema a uma junta de cinco membros, dirigida pelo Dr. José Gaspar Rodrigues Francia.

Este homem, que tornou-se depois tão celebre, era descendente de um Brasileiro, estabelecido no Paraguay no meiado do seculo passado, e adquirira na universidade de Cordova o grão de doutor em direito canonico; renunciando a vida sacerdotal por lhe faltar a necessaria vocação, obtivera todavia uma cadeira de theologia na cidade da Assumpção, sua patria, onde não tardou em grangear certa reputação de illustrado e honesto, sendo successivamente eleito membro da municipalidade, procurador syndico, primeiro alcaide, e por ultimo membro predominante da junta governativa.

Ao cabo de dous annos conheceu essa junta a absoluta impossibilidade de conservar-se á frente dos negocios, pela desharmonia que em seu seio lavrava, e convocando outro congresso, composto de mil deputados, promoveu a eleição de dous consules. A escolha recahiu sobre o Dr. Francia e sobre um abastado fazendeiro por nome Fulgencio Yegros.

Brevissima foi ainda esta experiencia de governo colectivo; por isso que no anno seguinte, sob pretexto de que convinha precaver o paiz contra a possivel aggressão da Republica Argentina, dando toda a força e prestigio á autoridade, foi Francia eleito dictador por tres annos, com o tratamento de Excellencia e ordenado de

nove mil piastras, das quaes apenas quiz aceitar a terça parte.

Investido do poder supremo, e aposentado no antigo palacio dos governadores hespanhóes, foi seu principal pensamento fundar um Estado independente, combatendo com vigor todas as influencias externas. Para semelhante fim adoptou o systema chinez, interceptando todas as communicações com Buenos-Ayres, cujos habitantes mostrava detestar profundamente.

Cimentando cada vez mais o sentimento da nacionalidade, logrou Francia crear um partido poderoso e dedicado, cujo apoio lhe assegurou no anno de 1817, em que terminavão os seus poderes dictatoriaes, a prorrogação vitalicia d'esses mesmos poderes.

Como complemento do seu systema administrativo, entendeu ser conveniente a organização de um exercito permanente, que elevou ao computo de cinco mil homens, commandados por officiaes de raça mestiça, que de todas se lhe mostrára mais addicta.

Cedo conheceu Francia a utilidade d'esse pequeno, mas dedicado exercito; porquanto, havendo repellido com desdem as propostas de Ramirez, governador de Entre-Rios, para operarem contra Buenos-Ayres, procurou este tirar vingança sublevando contra o dictador alguns descontentes, capitaneados por esse mesmo Fulgencio Yegros que houvera sido seu collega na junta governativa. Descoberta a tempo a conjuração, mostrou-se Francia inexoravel na punição dos seus fautores e complices; mais de quarenta pessoas forão arcabuzadas, incluindo n'esse numero o desventurado Yegros.

A partir d'essa época (1822) exacerbou-se o character do dictador paraguayo : difficil tornou-se o accesso junto á sua pessoa, sendo em larga escala organisadas a espionagem e a delação. Os suspeitos que podião-se subtrahir á prisão ião povoar a colonia de Tevego, fundada nas fronteiras septentrionaes com o fim de deter as incurções dos selvagens. O estrangeiro que tinha a desgraça de penetrar n'essa nova China experimentava toda a especie de difficuldades para poder sahir; e o celebre naturalista Bompland ahi esteve retido desde 2 de Dezembro de 1821 até 2 de Fevereiro de 1831.

O proprio clero, tão acatado na Hespanha e nos paizes colonisados por Hespanhões, não pôde merecer as graças do dictador, nem escapar ás suas suspeitas. Em extremo amargurado, delegou o bispo da Assumpção seus poderes em um sacerdote indigitado pelo despota, que a seu alvedrio governou a igreja paraguaya. Foi mandado fechar o collegio de theologia, e secularisados os conventos, forão seus bens sequestrados em beneficio do erario da republica.

Duas erão as suas principaes preocupações : ter um bom exercito em pé de guerra, e conservar o paiz no mais completo isolamento das demais nações do globo, sem privar-o todavia dos objectos necessarios á vida. Velando com extrema solicitude na administração de todos os estabelecimentos pertencentes ao Estado, ohteve cavallos para a sua cavallaria, gado para o abastecimento do exercito e couros para diversos misteres. Tornando obrigatoria a cultura do algodão, achou n'ella sufficientes meios para vestir os cidadãos e fardar as tropas.

Este systema, por mais de um titulo original, prolongou-se de 1817 a 1840, em cujo anno, a 20 de Setembro, falleceu em seu palacio da Assumpção, na idade de oitenta e tres annos. Esplendidos e sumptuosos funeraes lhe forão feitos, no meio de morno silencio, apenas interrompido pelos soluços da multidão, que de suas vestes fizera preciosas reliquias.

Não tendo querido designar successor, deixou sua morte um verdadeiro vacuo no poder. Passado porém o primeiro momento de estupefacção, os commandantes dos corpos aquartelados na capital formárão uma junta governativa, que não tardou em ceder o posto a outra que, a 23 de Janeiro de 1841, assumio a suprema autoridade, para d'ahi a poucos dias (a 7 de Fevereiro) passar ás mãos de D. Mariano Roque Alonzo, commandante do quartel de S. Francisco. Conhecendo a sua impericia na arte de governar, chamou Alonzo para seu secretario a D. Carlos Antonio Lopez, que adquirira certa instrucção sem nunca sahir da patria, buscando subtrahir-se ás vistas suspeitosas de Francia na sua estancia do Rosario. Seguindo as pisadas do ultimo dictador, começou Lopez por grangear as sympathias dos officiaes militares, e fazendo-se depois nomear consul, juntamente com Alonzo, inaugurou a era das reformas, fazendo com que sahisse o Paraguay do estado de chrysalide em que até então se conservára.

Foi inaugurado o novo regimen por um decreto permitindo aos estrangeiros a livre entrada e sahida; regulou depois a administração da justiça creando juizes de primeira e segunda instancia. Foi igual-

mente decretada a abolição progressiva da escravidão por meio do resgate mediante modica quantia, e a liberdade dos nascidos depois da promulgação do decreto.

Não sendo em cousa alguma contrariado por seu collega no consulado, notava todavia Lopez certa opposição da parte dos partidarios do antigo regimen, e desejando dar maior sancção ás medidas decretadas, convocou um congresso em 1842, ao qual forão submettidas todas as suas reformas, que recebêrão a mais plena approvação. Foi este mesmo congresso que renovou a declaração da independencia do Paraguay, sempre contestada pelo dictador argentino. D. João Manoel de Rosas, modificou o pavilhão da republica, creou uma nova moeda de cobre, e estabeleceu os impostos sobre mais simples e mais solidas bases.

Na expiração dos seus poderes submetteu Lopez ao congresso um projecto de constituição, no qual a autoridade dos consules era substituida pela de um presidente. Preparados de antemão os espiritos para semelhante modificação, nenhuma resistencia lhe oppôz a legislatura, sendo no dia 14 de Março de 1844 eleito presidente decennial do Paraguay, com o ordenado de oito mil piastras, tratamento de Excellencia, e prerogativas de capitão-general, que lhe davão jus a escolher seus ajudantes de campo e cercar-se de uma guarda de setenta e cinco homens.

O primeiro cuidado do novo dictador foi elevar o exercito a doze mil homens de todas as armas, crear um serviço medico, que até então não existia, e, attrahindo

com promessas de bons ordenados officiaes europêos, estabeleceu fabricas de polvora, de fundição de canhões, projectis e de armas brancas. Além da tropa de linha, regularizou a guarda nacional, compondo-a de cidadãos que possuíssem para cima de sessenta piastras de rendimento, e estivessem comprehendidos entre os dezeseis aos cincoenta annos.

As formidaveis fortificações de *Humaitá*, delineadas por engenheiros brasileiros, revelavão o temor que lhe inspirava o dictador de Buenos-Ayres, que por mais de uma vez lhe fizera constar que logo que Montevideo franqueasse suas portas ao exercito de Oribe, iria buscar em Assumpção o desaggravo de passadas injurias e a reivindicação de pretendidos direitos.

N'esta conjunctura entendeu Lopez que devêra buscar a alliança do Brasil, que lhe forneceu armas e tudo o mais de que necessitava, e cuja diplomacia alcançou o reconhecimento da sua independencia por parte de varias nações da Europa e da America. A ingratição era porém um dos traços mais caracteristicos do despota paraguay; por isso que quando em 1851 o Brasil, alliando-se a Urquiza e a Virasoro, buscava dar baque em Rosas, prometteu-lhe Lopez a retribuição dos favores recebidos, deixando-se porém ficar na mais completa abstenção ! !...

Esquecido de tal offensa, promoveu o imperio o reconhecimento da independencia do Paraguay por parte do governo que em Buenos-Ayres substituiu ao do dictador Rosas; e nenhuma garantia exigio que resguardasse as suas fronteiras do norte, contentando-se apenas

com a franqueza dos rios que davão accesso á sua provincia de Matto-Grosso.

Em 1855 estiverão interrompidas as relações entre o Brasil e a republica do Paraguay por causa dos embarços que oppunha Lopez a essa mesma navegação; a presença porém de uma esquadra nas aguas do Paraná chamou á ordem o dictador, que apressou-se em dar a exigida satisfação.

Désde então porém redobrou de actividade em seus armamentos e fortificações, parecendo querer preparar-se para algum dia liquidar contas que a fraqueza não lhe deixava saldar em proveito seu.

Mais illustrado do que o despotismo de Francia, não era menos oneroso aos povos que lhe estavam submettidos. O mesmo systema de mutua desconfiança dividia as differentes classes dos cidadãos: todos receiavão ser atraíçoados, e ninguem se animava, ainda no seio da mais intima amizade, a exprimir seus sentimentos sobre a direcção que tomavão os publicos negocios. O commercio, que em larga escala se fazia dentro e para fóra do paiz, era todo monopolisado pelo dictador, cujos cofres regorgitavão de ouro, emquanto a miseria assentava-se nos lares do artista e do lavrador.

Simulando sempre querer deixar o poder, renovava a farça de Augusto, parodiada tambem pelo dictador Rosas, e consentia sempre em incumbir-se do penoso encargo de *felicitar os seus concidadãos*.

Uma vez (em 1854) propôz um deputado fazê-lo proclamar imperador, tornando o cargo hereditario em sua familia; não consentio-lhe a modestia semelhante

honra, apressando-se em declarar que estava sobremodo satisfeito e recompensado com as distincções que merecêra dos legisladores da patria.

Alternando estas scenas comicas com actos de sanguinosas vinganças, chegou Lopez ao fim da sua carreira, fallecendo em 1862, depois de haver tido o cuidado de designar para successor seu filho primogenito D. Francisco Solano Lopez, que já gozava das prerogativas de vice-presidente, juntas ás de generalissimo dos exercitos da republica.

XLVII. — Proclamação da republica em França.

Depois de longa irradiação, forçoso é que voltemos á França, centro do systema politico do mundo moderno.

Já vimos como a *Santa-Alliança*, em seu implacavel odio contra a revolução de 1789, impuzera aos vencidos de Waterloo a restauração dos Bourbons, e vimos tambem a maneira por que baqueou essa dynastia, que parecia ter tão profundas bases nas tradições nacionaes. A revolução de 1830 lançou por terra a Restauração; mas a monarchia de Julho, que lhe adherira á herança, cedo conheceu a falsa posição em que se achava. Repellida pela aristocracia e pelo clero, em razão da sua origem, e temendo-se do povo, que, em sua irresistivel logica, poderia leval-a no terreno das concessões muito mais longe do que desejava ir, atirou-se nos braços da classe média, cuja dedicação, mais interessada do que sincera, era de todo incapaz de protegê-la.

Resumindo as queixas que formulavão as diversas opposições contra o governo de Luiz-Philippe, acha-se que reduzião-se ás reformas *parlamentar e eleitoral*; isto é, exigia-se que fosse declarada a incompatibilidade absoluta entre as funcções legislativas e as de qualquer outro emprego publico estipendiado e dependente do governo, e a modificação do censo, alargando-se o direito de suffragio a um maior numero de cidadãos, sob a base da diminuição da renda. Esta ultima reforma, graças ás instigações de alguns espiritos exaltados, havia-se tornado summamente popular. A' maneira dos Ingleses, pensárão os chefes da opposição em diffundir a sua idéa em reuniões populares sob a fórma de banquetes. A 10 de Julho de 1847 teve lugar o primeiro d'esses banquetes em Château-Rouge, sendo logo seguido de outros em Colmar, Reims, Mácon, Strasburgo, Saint-Quentin, etc. O de Mácon tornou-se celebrê pelo eloquente discurso de Lamartine, em que prophetisava a quêda do governo, ameaçando-o com a *revolução do desprezo*.

N'este comenos o marechal Soult, sentindo-se velho e incapaz de lutar com a onda reformista, deixou a presidencia do conselho a Guizot, que ha muito tinha a effectiva direcção dos negocios publicos, mas cuja ascensão ao posto occupado pelo velho marechal causou profundo desgosto, não só entre seus adversarios politicos, como até no gremio dos adherentes á situação.

O paragrapho da falla com que Luiz-Philippe abriu a sessão legislativa de 1848, no qual attribuia a agitação reformista ás *paixões cegas e inimigas*, provocou calo-

roso debate, assim na camara dos pares, como principalmente na dos deputados, na qual se consumirão dezenove sessões, e onde o ministerio pôde apenas obter a maioria de trinta e tres votos.

Conhecido o resultado da votação da camara temporaria, resolvêrão noventa e dous membros da opposição organisar um banquete em nome do decimo-segundo districto de Paris, no qual se estudassem os meios de alcançar a desejada reforma eleitoral, averiguando-se ao mesmo tempo quaes os limites do direito de reunião, que o governo parecia disposto a coarctar. Vendo porém que o partido republicano se havia habilmente aproveitado da agitação popular, e temendo que fosse ultrapassada a meta a que se dirigião, assentâião esses mesmos chefes em adiar semelhante manifestação. A multidão porém, que ignorava essa transferencia, dirigio-se aos Campos-Elysios e á Magdalena (a 22 de Fevereiro), onde encontrou um respeitavel corpo de tropas, que o governo ali mandára postar para dissipar qualquer ajuntamento. A' vista de tal manifestação de força alguns manebos imprudentes começaram a dar *vivas á reforma*, sendo obrigados a se retirarem apressadamente quando sobre elles carregou a cavallaria da guarda municipal.

N'esse dia começaram a se formar algumas barricadas, e foi incendiado um corpo de guarda que existia nos Campos-Elysios; nada porém parecia ainda presagiar os acontecimentos que ião seguir-se. A situação aggravou-se durante a noite, e a 23, conhecendo o rei que lhe era impossivel conservar o ministerio Guizot, mandou chamar ao conde Molé, que, por dedicação, incumbio-se da

presidencia do conselho, sendo auxiliado por alguns caracteres conhecidos e respeitaveis.

Esta combinação ministerial pareceu por um momento haver serenado os animos, e Paris tomou um aspecto festival, illuminando-se a cidade na noite d'esse dia como se um fausto acontecimento tivesse sobrevindo. Tal desfecho era todavia contrario ás vistas do partido republicano, que em todos estes successos soube aproveitar-se dos erros e da inercia dos monarchistas, e insinuando-se nas camadas inferiores da população, fez-lhes crer que não passava de um ardil a nomeação dos novos ministros, e que convinha arrancar do throno concessões mais amplas e duradouras.

Um tiro de pistola, disparado por mão até hoje desconhecida sobre os soldados que estavam de guarda ao palacio do ministerio dos negocios estrangeiros, e do qual resultou a morte de um homem, foi o signal da descarga em que ficárão mortas ou feridas cincoenta e duas pessoas, quasi todas pertencentes ás classes pacificas, que ali se achavão por mera curiosidade. Tanto bastou para que os revolucionarios, explorando o fatal successo, carregassem os cadaveres em carretas, e á luz de archotes percorressem os bairros mais turbulentos da cidade pedindo vingança.

Emquanto isto se passava nas ruas, reinava nas Tuherias a mais completa confusão e desanimo. Parecendo que o nome de Molé não era ainda bastante prestigioso para dominar a critica situação, deu-lhe Luiz-Philippe um successor em Thiers, que recusou entrar para o ministerio sem o concurso de Odilon-Barrot, a quem cedeu

a presidencia do conselho. Entendêrão os novos ministros que deverião abrir mão de qualquer meio de repressão ; assim pois ordenárão ao marechal Bugeaud, nomeado antecedentemente commandante da guarda nacional e do exercito de guarnição, que sustasse os planos que concebêra e que principiára a pôr em execução.

Este armisticio diante da insurreição foi-lhe sobremodo favoravel, permittindo ao povo fraternisar com os soldados, com grave detrimento da sua força moral.

Subia de ponto a confusão nos aposentos da realeza ; deputados, jornalistas, officiaes da guarda nacional, e até pessoas pertencentes ás classes mais infimas da população, entravão e sahião a cada instante ; todos ousavão dar conselhos e ordens ; ninguem mostrava-se porém disposto a obedecer. N'este interim vierão dizer ao rei, que estava almoçando, que o posto do Château-d'Eau, proximo ao Palais-Royal, fôra assaltado, e que um vivissimo tiroteio se empenhára perto das Tulherias. Ouvindo isto, capacitou-se que era tempo de mostrar-se ao povo, e montando a cavallo dirigio-se á praça do Carrousel, onde passou revista a alguns regimentos de linha e a alguns batalhões da guarda nacional, sendo por elles recebido com notavel frieza.

Desacoroçoado por tal acolhimento, subia as escadas do palacio, quando se lhe fez encontradiço Emilio Girardin, deputado e redactor principal da *Presse*, que sem mais preambulo aconselhou-lhe que abdicasse a corôa em favor de seu neto o conde de Paris. De bom grado annuo Luiz-Philippe ao conselho que lhe era dado, e, a despeito da opposição da rainha Maria Amelia, fir-

mou o acto de sua renuncia ao throno de França. Era meio-dia, e contava-se 24 de Fevereiro de 1848.

Em virtude da lei anteriormente votada pelas camaras, começava o reinado de Luiz-Philippe II, sob a regencia do duque de Nemours. Este principe era porém summamente impopular, e a duqueza de Orléans, mãe do novo monarcha, que apenas contava dez annos de idade, tomou a resolução de pleitear seus direitos á regencia perante a representação nacional. N'este proposito encaminhou-se á camara dos deputados, onde sabia contar um grande partido, levando pela mão seus dous filhos (o conde de Paris e o duque de Chartres), e por certo teria inclinado em seu favor a opinião da maioria sem a audacia de alguns demagógos, que, fazendo erupção no seio da camara, coagirão a livre manifestação dos seus sentimentos, obrigando-a a nomear um governo provisório que se compôz dos seguintes cidadãos: Dupont (de l'Eure), Arago, Lamartine, Ledru-Rollin, Marie, Crémieux e Garnier-Pagès.

Contemporaneamente aos successos que temos narrado invadia uma plebe furiosa e rapace o palácio das Tulherias, commettendo ali toda a sorte de devastações, e apenas respeitando uma imagem do Santo Christo que em procissão levárão para a parochia de Saint-Germain-l'Auxerrois. Apoderando-se do throno, fizerão-o em pedaços, e forão triumphalmente queimal-o debaixo da estatua da Liberdade que sobrepuja a columna de Julho na praça da Bastilha.

Tudo n'esta revolução foi, como já fizemos notar, filho da audacia de uns e da inercia e hesitações de outros.

Os vencedores estavam maravilhados com o seu triumpho; querendo derribar o ministerio, aniquilárão um throno; convinha portanto não estanciar na senda revolucionaria; e, aproveitando-se da surpresa causada em todos os espiritos, apressárão-se os homens que se haviam assenhoreado da situação em instar com o governo provisório, reunido na casa da camara (*hôtel-de-ville*), para que proclamasse a republica, que foi effectivamente proclamada na tarde d'esse mesmo dia (24 de Fevereiro), sob a reserva da futura ratificação da assembléa nacional, immediatamente convocada.

XLVIII. — Explosão das idéas socialistas em França.

As idéas socialistas, que grande incremento haviam tomado nos ultimos annos do reinado de Luiz-Philippe, prevalecerão-se do estado revolto do paiz para fazerem ostentosa appareição. Pensarão os chefes d'esta seita que opportuno era o ensejo para pôrem em pratica as suas utopias, procurando o apoio das massas com o favor da óca phrase *organisação do trabalho*. Esta phrase, parecendo da maior innocividade, occultava pensamento sinistro; era um appello ás más paixões, uma provocação aos instinctos ignobeis da populaça. Luiz Blanc, que não conseguira fazer-se nomear *ministro do progresso*, obtivera comtudo venia para congregar no Luxemburgo, no mesmo palacio onde poucos dias antes funcionava a camara dos pares, diversas classes de operarios chamados a elucidar os diversos problemas da *organisação*

do trabalho. Adoptando os estylos parlamentares, de que fazião verdadeira parodia, discutirão as cavas theorias do reformador, não se descuidando de encaral-as pelo lado pratico. A intuição clara de que é dotado o povo fez-lhe logo ver que a denominada *organisação do trabalho* era o dominio das classes inferiores, a substituição do individualismo e da livre concorrência pelas officinas do Estado, cujos cofres, á semelhança do erario romano, deverão manter os operarios, assegurando-lhes trabalho, e com elle meios de folgada subsistencia. Querendo estabelecer um chimerico e injusto nivelamento, os revolucionarios de 1848 parecião desejosos de renovarem as ltuosas scenas de 1793.

Annunciando que empregaria todos os operarios em disponibilidade, attrahio o governo provisorio aquelles que preferião o ocio ao trabalho; logo porém teve necessidade de arregimentar mais de oito mil homens, sob as ordens de chefes por elles proprios escolhidos. Esse numero cresceu tão prodigiosamente, que em dias de Junho um verdadeiro exercito de cem mil homens achava-se em armas e apparelhado para todo o genero de sedições e desordens.

A 16 de Março algumas legiões da guarda nacional reclamárão imperiosamente a abrogação do decreto de 14 d'esse mesmo mez, que mandava confundir em suas fileiras todas as classes da sociedade. Essa manifestação não tardou em provocar outra por parte dos chamados *clubistas*, capitaneados por Barbès, Cabet e Blanqui, com o deliberado proposito de intimidarem os membros mais moderados do governo provisorio. Não ha-

vendo d'esta feita logrado o seu intento, graças á energia que mostrarão alguns dos governantes, apresentarão-se em campo no mez seguinte (a 16 de Abril), sendo de novo derrotados pela parte sensata da população, que assumira o significativo titulo de *partido da ordem*.

Teve em breve esse partido outra occasião de revelar a sua energia e dedicação, impedindo a anarchia, provocada pelas imprudentes circulars de Ledru-Rollin, quando, para assegurar a victoria das idéas demagogicas, enviou aos departamentos *commissarios* revestidos de *plenos poderes* e incumbidos de procederem revolucionariamente nas eleições a que se ia proceder para deputados á assembléa constituinte.

Fosse pelo temor que incutião os principios tão ruidosamente apregoados, e de que se começavão a colher amargos fructos, fosse pela impopularidade grangeada pelos homens da situação, quando, para fazerem face ás crescentes despezas, recorrêrão a novos impostos, o facto é que a nação mandou á assembléa grande maioria de homens de reconhecida moderação, que, aceitando a republica *como uma necessidade*, estavam firmemente decididos a impedirem o perigoso dominio da demagogia.

Começando as suas sessões a 4 de Maio, aceitou a constituinte a renuncia que de seus extraordinarios poderes fez o governo provisorio, e, louvando-o pelo *bem que merecera da patria*, elegeu para substituil-o uma commissão executiva, composta de Arago, Garnier-Pagès, Marie, Lamartine e Ledru-Rollin. Foi este ultimo

escolhido por esforços de Lamartine, que julgou conveniente manter na nova administração um genuino representante das idéas mais adiantadas, servindo de penhor á boa fé e ás puras intenções, tanto suas, como de seus collegas.

Mas essa mesma moderação de que dava exuberantes provas a constituinte, e o governo seu delegado, desagradou profundamente aos exaltados, que assentarão dissolver a representação nacional, pelo suffragio universal sahida das urnas.

Pretextando uma manifestação em favor da Polonia, dirigirão-se no dia 15 de Maio em grandes magotes ao palacio Bourbon, onde se reunia a assembléa, e, fazendo erupção na sala das sessões em numero de mais de dous mil, provocarão uma scena de indizível confusão. Raspail, Blanqui e Luiz Blanc apresentarão successivas petições para que se declarasse reconstituída a Polonia, embora para isso necessario fosse fazer guerra á Europa em peso. Debalde pretendeu o presidente manter a ordem; vendo-se insultado e ameaçado de morte, cedeu a cadeira a um certo Hubert, que, revestindo-se de comica gravidade, solemnemente declarou dissolyda a assembléa. Felizmente porém, no momento em que se ia consummar esse grave attentado, ouvio-se o rufo dos tambores das guardas nacional e movel, que pressurosas corrião em defesa da representação nacional, ultrajada pelos anarchistas. Evacuada a sala, voltarão os deputados aos seus postos e apressarão-se em decretar merecido castigo aos discolos.

Achando-se alguns deputados compromettidos nos

acontecimentos que acabamos de relatar, perdêrão suas cadeiras, sendo substituidos por outros de diversos matizes politicos. Entre elles cumpre fazer expressa menção de Thiers e Changarnier, que com gloria havião servido ao decahido regimen, Pedro Leroux e Proudhon, coryphêos do socialismo, e o principe Luiz Napoleão Bonaparte, cujo exilio era abrogado pelos suffragios de tres departamentos.

Para escarmentar os desordeiros não bastou a lição que lhes dera a mallograda empreza de 15 de Maio; quizerão ainda tentar fortuna em novo commettimento. A dissolução das officinas nacionaes, ordenada pelo governo, de accordo com a assembléa, foi o signal da revolta. A 22 de Junho tumultuosos ajuntamentos começaram a espalhar o terror, e no dia seguinte já erguião-se barricadas simultaneamente nos suburbios de S. Martinho, do Templo, S. Antonio, *Poissonnière*, praça do Pantheão, e na *Cité*. Os cem mil homens das officinas nacionaes formavão o nucleo do exercito revolucionario, engrossado pela turba de valdevinos e malfetores, que, semelhantes ás fezes nas ebullições, sobem á superficie das sociedades convulsas. Felizmente porém tivera o governo a precaução de chamar a Paris alguns regimentos, e confiara a repartição da guerra ao general Eugenio Cavaignac, assaz distincto nas guerras d'Africa.

O primeiro cuidado do habilissimo general foi o de conservar livres as communicações entre o governo e a representação nacional, deixando a insurreição circumscrever-se nos bairros onde dominava, certo de vencê-la no momento aprazado. Confiando ao general Lamori-

cière o commando de uma divisão que devêra operar na margem direita do Sena, e ao general Damiesme o da que manobraria na esquerda, ordenou que, combinando suas forças, tomassem de assalto as barricadas que lhes ficassem mais a geito; e, vindo elle proprio em soccorro de Lamoricière, dirigio o ataque de uma barricada do arrabalde do Templo, na rua de S. Mauro, que foi tomada depois de uma resistencia de cinco horas.

A obstinação dos insurgentes abriu os olhos da assembléa sobre a gravidade do perigo que ameaçava a França, e quicá a Europa, e, comprehendendo que em circumstancias difficeis muito convem a concentração do poder n'um só individuo, investio o general Cavaignac da dictadura. Conscio da responsabilidade que sobre si tomava, apressou-se este em declarar Paris em estado de sitio, mandando chamar pelo telegrapho algumas divisões do exercito que se achavão aquarteladas nas localidades mais vizinhas, e bem assim a guarda nacional dos departamentos tambem vizinhos.

Passou-se o dia 24 sem que nenhum resultado definitivo viesse serenar os animos, justamente aterrados; apenas ao anoitecer soube-se que o arrabalde *Poissonnière* cahira em poder das tropas leaes, auxiliadas pela guarda nacional de Rouen; assim como que se achavão demolidas as barricadas de S. Diniz e do Templo pela divisão ás ordens de Lamoricière. O feito capital porém d'esse memorando dia foi o da tomada da praça e igreja dô Pantheão, onde grande numero de insurgentes se havião fortificado.

Algumas scenas de cannibalismo praticadas n'estas

tristes jornadas puzerão em relevo que a civilização franceza, que deslumbrava a Europa, ainda não havia descido ás camadas inferiores da população. O assassinato do general Bréa, feito prisioneiro quando dirigia aos revoltosos palavras de paz e de perdão, violando-se duplamente o seu character de parlamentar; e ainda mais o tiro homicida disparado contra o arcebispo de Paris, na occasião mesmo em que, em virtude do seu sagrado ministerio, buscava impedir a effusão do precioso sangue tão infructuosamente derramado, contribuirão para tornar odiosos os motores da insurreição e apressarão a sua derrota. Foi só porém no dia 26, que, com a tomada do arrabalde de S. Antonio, pôde se dar por finda esta cruel e fratricida luta, que deshonrava a França aos olhos do mundo civilisado.

Restituída a paz e completamente extincto o incendio revolucionario, deu-se pressa o general Cavaignac de depôr as insignias da dictadura que lhe fôra confiada em dias de turbação e perigo; a constituinte porém, entendendo que ninguem seria mais digno da suprema autoridade do que o illustre cidadão que tão relevantes serviços prestára á ordem, determinou que continuasse elle á frente do governo até que fosse promulgada a constituição.

XLIX. — Constituição republicana. — Eleição presidencial.

Havia uma dolorosa experiencia mostrado a que excessos póde chegar a liberdade desregrada; assim, pois, cuidou seriamente o general Cavaignac em tomar medidas que assegurassem o socego publico. A mór parte dos jornaes forão suspensos, e restabeleceu-se a caução, que havia sido abolida como attentatoria da livre expressão do pensamento. Mandou-se fechar immediatamente as officinas nacionaes, e, para dar impulso ás edificações que se tinham suspendido por toda a parte, concedeu a assembléa a isenção de impostos ás que se construissem dentro de um anno. Muitas outras medidas reparadoras forão votadas e postas em execução.

No emtanto proseguia a constituinte em seus trabalhos relativos á constituição com muito maior vigor do que antes dos lamentaveis successos de Junho. A 19 de Outubro levantava-se o estado de sitio em que até então estivera Paris, e dezeseis dias depois era votada em ultima discussão a constituição e fixada para o dia 10 de Dezembro a eleição do presidente da republica. Precedia a constituição uma declaração dos direitos e deveres dos cidadãos francezes, e declarava definitivamente adoptada a fôrma republicana, residindo a plenitude da soberania na universalidade dos cidadãos. Era abolido o juramento de fidelidade ás instituições, excepto para o presidente da republica, que devêra prestal-o nas mãos

do presidente da assembléa nacional, que ia substituir a constituinte. Essa assembléa era eleita por tres annos por meio do suffragio universal, que tambem elegia o chefe do Estado, cujo cargo devêra apenas durar quatro annos, com expressa prohibição de ser reconduzido sem que mediassse um intervallo de outros quatro annos. Assistia ao presidente um conselho de estado, escolhido pela assembléa semestralmente; e a chave do poder judiciario estava no supremo tribunal de justiça, incumbido de conhecer dos crimes e attentados contra a segurança interna e externa do Estado. Confirmando os decretos do governo provisório, abolia a constituição de 4 de Novembro a pena de morte por crimes politicos e a escravidão nas colonias francezas.

De muitas outras providencias se necessitava para dar estabilidade ao regimen republicano; mas a constituinte, cedendo ao vivo anhelos que mostravão todos de sahirem da situação anormal em que se achavão, deu-se pressa em pôr em vigor a nova constituição, ordenando que se procedesse immediatamente á eleição do chefe supremo do Estado.

Tres erão os candidatos que maior probabilidade offerião de exito: Lamartine, cujos importantes serviços nos agitados dias de Fevereiro erão geralmente apreciados; o general Cavaignac, que acabava de salvar a França das garras da anarchia; e o principe Luiz Napoleão Bonaparte, herdeiro do mais prestigioso nome dos tempos modernos, e já conhecido pela tenacidade de caracter e arrojado de seus planos. Se a eleição tivesse cabido á assembléa, por certo que recahiria a escolha no general

Cavaignac, pois que ali contava numerosos e dedicados amigos; mas tendo-se determinado que o povo seria o eleitor do presidente da republica, triumphou a candidatura do principe Napoleão, que reuniu cinco milhões seiscentos e cincoenta e oito mil setecentos e cincoenta e cinco votos, cabendo apenas a Cavaignac um milhão quatrocentos e quarenta e oito mil cento e sete, e a Lamartine dezeseite mil novecentos e dez.

As medidas rigorosas de que se viu forçado Cavaignac a lançar mão para conter os revoltosos e os que com elles sympathisavão, sua conducta equivocada nos negocios de Roma, e a pouca confiança que inspirava o seu fino administrativo, forão os motores da sua derrota perante as urnas eleitoraes. Lamartine, cuja doçura de character era por todos reconhecida, houvera dado exuberantes provas da sua incapacidade governativa nos poucos mezes que esteve á frente dos negocios publicos, e seus adversarios não lhe poupavão apodos e remoques a proposito da mui celebre circular, ou manifesto, que dirigira ao corpo diplomatico quando ministro dos negocios estrangeiros. Desgostoso da actualidade, e receiando ver a cada instante reaparecerem os homens que por mais de uma vez havião perturbado a ordem apregoando chimericas e funestas doutrinas, entregou o povo o bastão do mando a quem mais seguros penhores offerecia de estabilidade, e cujo nome symbolisava uma época que vivia inteira em sua memoria. Pede porém a justiça da historia que confessemos que o general Cavaignac houve-se com a maior dignidade e cavalheirismo, recusando abertamente recorrer a meios deshonestos, que, assegurando quicá

o seu triumpho, deshonral-o-hião aos olhos da posteridade e aos da sua propria consciencia. Como Washington, desceu nobremente do elevado posto em que o collocára a confiança da nação, manifestada no espontaneo voto dos seus representantes.

L. — Presidencia de Luiz Napoleão.

Póde ser qualificado de interregno o periodo que decorreu de 10 de Dezembro de 1848 a 2 de Dezembro de 1851, durante o qual occupou a cadeira de presidente da republica franceza o principe Luiz Napoleão Bonaparte. Desmoralisada pela derrota da candidatura do general Cavaignac, que tanto patrocinára, a assembléa constituinte arrastou uma ingloria existencia até o dia 28 de Maio de 1849, em que deu por findo o seu mandato. Sem que lhe faltasse honestidade, desinteresse, e quiçá energia, commetteu o grave erro de não comprehender a situação dos publicos negocios, legando á sua successora (a assembléa legislativa) a solução de importantissimas questões que só lhe cabião prover; assim como um espirito de desconfiança e hostilidade contra o primeiro magistrado da nação.

Na nova assembléa achárão-se em presença os partidos monarchicos, representados por cerca de quatrocentos votos, e os montanhezes e socialistas dispondo de uma força quasi igual. No meio d'esses dous grupos extremos perdia-se, pela sua insignificancia, o dos republicanos moderados, cuja obra era a constituição. Deve-

se a esta assembléa, composta, como acabamos de ver, dos mais heterogeneos elementos, a completa ruina do regimen parlamentar, que tão gloriosos dias dera á França da Restauração e da monarchia de Julho. Historiemos rapidamente a sua marcha.

A 2 de Junho notificou-lhe o presidente a organisação de um ministerio, presidido por Odilon-Barrot, e quatro dias depois, em obediencia a um preceito constitucional, compareceu perante ella para ler o relatorio, ou mensagem, que devêra annualmente apresentar-lhe, no qual abundavão idéas de ordem e de reorganisação. No dia 15 Ledru-Rollin, eleito por cinco departamentos, e capitaneando um grupo de cento e cincoenta a duzentos deputados, mandou á mesa uma indicação propondo a accusação do presidente da republica, culpado de haver ordenado a expedição de Roma, sem prévio consentimento da representação nacional. A maioria porém, na qual dominavão os legitimistas, rejeitou a proposta do feroso tribuno, que, em desespero de causa, recorreu á imprensa, fazendo appello á revolta. A energia do general Changarnier e as acertadas medidas por elle tomadas mallograrão os planos dos revolucionarios, que, protegidos pela artilharia da guarda nacional, haviam conseguido apoderar-se do conservatorio das artes e officios. Sete representantes, sorprendidos em flagrante delicto de insurreição, forão conduzidos á prisão, tendo conseguido escapar o seu principal motor ¹.

Esta sedição, que na capital pouco assustadora se

¹ Ledru-Rollin.

mostrára, tomou em Lyon um aspecto bastante serio, sendo necessario, para suffocal-a, empregar consideraveis forças. A 15 de Setembro estava restabelecida a ordem com a prisão de varios agitadores e a suspensão de seis jornaes convencidos de anarchisadores.

A famosa carta do presidente ao coronel Ney, explicando a natureza da intervenção franceza em Roma e as reformas que se devêrão operar quando restabelecida a autoridade do Papa, descontentou a maioria da assembléa e acarretou a retirada do ministerio, que foi substituido por homens de mais provada dedicação ao principe-presidente.

Sob a influencia do partido legitimista, que, como já dissemos, predominava na assembléa legislativa, foi reformado o ensino publico, abolindo-se o privilegio universitario, contra o qual tanto se havia clamado no precedente regimen, e estabelecida a liberdade do ensino sob as bases da concorrência.

Emquanto a assembléa occupava-se com a lei da reforma do ensino, se tinha procedido ás eleições complementares para substituir aos representantes condemnados pelo supremo tribunal de justiça como autores ou complices da sedição de 15 de Junho : n'essas eleições manifesto foi o ascendente predominio que ião tomando as idéas socialistas. Aterrados com semelhante resultado, quizerão os conservadores restringir o suffragio universal; e, após calorosos debates, lográrao fazer passar a lei de 51 de Maio, que limitou aos unicos cidadãos inscriptos nos registros dos contribuintes o direito de votar.

Algumas outras leis de menor valia forão elaboradas pela assembléa, cuja hostilidade para com o presidente parecia haver-se acalmado depois da entrada para o ministerio de Baroché, estadista conhecido pelas suas idéas moderadas. Nas férias parlamentares d'esse anno (1850) desenhou-se melhor a situação dos partidos. Os deputados legitimistas fizerão uma ostentosa peregrinação a Wiesbaden, residencia habitual do conde de Chambord, neto de Carlos X; os orleanistas tomárão o caminho de Claremont, onde se finava o velho rei Luiz-Philippe, ao passo que os socialistas, dirigidos por Ledru-Rollin e Mazzini, fundavão em Londres a *caixa dos povos*, e inundavão a França de incendiarios libellos emprazando seus inimigos para as eleições presidenciaes, que deverião se realisar em 1852.

Calmo no meio de todas essas intrigas e ameaças, occupava-se o principe-presidente em conhecer o paiz e estudar as suas primeiras necessidades. Percorrendo a França em todos os sentidos e aproveitando com alvoroço todas as occasiões em que podia manifestar a sua confiança no bom senso das populações e a largueza de suas vistas politicas, aguardou a reunião da assembléa.

A 11 de Novembro proseguio ella em seus trabalhos, profundamente irritada pelo procedimento havido no intervallo de suas sessões, e temerosa de que alguma cousa se tramasse contra a estabilidade das instituições republicanas. Todavia a linguagem da mensagem era de tal modo conciliadora, e tão profundo respeito mostrava-se n'ella á constituição, que os homens ainda

os mais exaltados entenderão infundados os seus terrores.

Cedo porém apresentou-se o ensejo de tornar bem patentes as intenções do príncipe-presidente: e foi elle a demissão dada ao general Changarnier do duplo commando de que fôra investido, e onde tivera occasiões de prestar relevantes serviços á ordem publica. Parece porém que essa autoridade causava serios embaraços á administração, chegando a ponto de tornar-se uma verdadeira ameaça pelas suas estreitas relações com os partidarios do regimen decahido.

Identificando-se com o general demissionario, declarou a assembléa guerra aberta ao presidente, rejeitando o credito pedido para o augmento da sua dotação. Em presença de semelhante voto, entendeu o ministerio dever retirar-se, e a crise prolongou-se por dous mezes, até que a 10 de Abril de 1851 assumio a direcção dos negocios um gabinete fusionista, que nem assim alcançou as boas graças da sempre irritada maioria.

Geral era a anciedade com que todos os partidos vião approximar-se a época fixada para a nova eleição do supremo magistrado da republica; e havendo-lhe demonstrado a experiencia quão frustraneos tinham sido todos os seus meios conciliatorios, resolveu o presidente intervir directamente, propondo á assembléa a revogação da lei de 51 de Maio, que restringia o suffragio eleitoral, a despeito do parecer dos seus ministros, que aproveitáram essa divergencia para se retirarem, cedendo as pastas a outros mais energicos, e sobretudo mais devotados á causa napoleonica.

Em sua mensagem de 4 de Novembro propunha o principe abertamente o restabelecimento do suffragio universal, assignalando os vicios da reforma. Como era de esperar, foi semelhante proposta mal recebida pelo partido conservador, que contemplava n'essa lei o melhor caminho para a restauração de um dos dous ramos dynasticos excluidos pelas ultimas revoluções do solio francez. O partido republicano, que, em virtude dos seus proprios principios, devêra combater a lei da reforma eleitoral, não soube conservar-se unido, nem em presença do maior perigo que o ameaçava, e apenas uma pequena fracção d'elle adherio á proposta do presidente.

A rejeição d'esse projecto foi bem depressa seguida da da proposta para a revisão da constituição na parte relativa á reeleição do presidente da republica, ao passo que iniciava-se a discussão de uma lei marcando os casos de responsabilidade do mesmo presidente e dos seus ministros, com o deliberado proposito de coarctar ainda mais os já estreitissimos limites que lhes deixára a constituição de 1848.

N'esta conjunctura facil era de prever que só por alguma força de estado poder-se-hia sahir de tão anómala situação. Effectivamente a 2 de Dezembro appareceu fixada em todas as esquinas de Paris uma proclamação do principe-presidente annunciando a dissolução da assembléa e a reforma da constituição sobre novas bases. Seguro das sympathias das tropas e das classes operarias, effeituou Luiz Napoleão o seu plano quasi sem resistencia; porquanto forão simultaneamente presos em

suas casas os coryphêos da assembléa, que vendo-se assim sorprendidos apenas tiverão tempo alguns de seus membros de se reunirem na sala do conselho do decimo districto, onde proclamãrão a deposição do presidente pelos *crimes de perjurio e desobediencia á constituição da republica*. Nos dias immediatos (3 e 4) apparecêrão alguns grupos armados tentando erigir barricadas; mas forão promptamente dispersos pelas forças ao mando do general Magnan. Nos comicios reunidos em toda a França nos dias 20 e 21 de Dezembro foi a conducta do presidente sancionada por sete milhões e meio de suffragios; e extraordinarios poderes lhe forão confiados para reformar a constituição no sentido que melhor lhe aprouvesse.

**LI. — Repercussão da revolução de Fevereiro
em diversos Estados da Europa.**

Ainda maiores inversões no systema politico da Europa trouxe a revolução republicana de 1848 do que a que em 1830 derribára do throno de França o ramo primogenito dos Bourbons.

Dous dias depois da proclamação da republica em Paris declarava solemnemente o rei Leopoldo da Belgica que estava prompto a abdicar a corôa se tal fosse a vontade nacional, e espontaneamente propunha ás camaras um projecto de lei reduzindo consideravelmente o censo eleitoral. Com tão leal procedimento conjurou Leopoldo a borrasca revolucionaria, e grangeou cada vez mais

as sympathias e veneração que lhe votão seus subditos.

Inspirando-se de tão nobre exemplo, Guilherme II, rei de Hollanda e grão-duque de Luxemburgo, apressou-se em demittir o ministerio, que incorrêra no desagrado do povo, fazendo na constituição modificações no sentido liberal.

A Suissa, que, no anno anterior (1847), passára por uma revolução, na qual forão vencidos os cantões conservadores, que formavão a liga conhecida pela denominação de *Sonderbund*, sob a influencia dos novos principios deu mais unidade ao seu pacto federal, modificando as bases do equilibrio entre os diversos territorios que a constituem.

Graças ao tino administrativo de que tem dado tão exuberantes provas a aristocracia ingleza, nenhuma influencia exerceu sobre seu paiz a revolução a que nos vamos referindo. A reforma eleitoral de 1832 amplamente satisfizera as classes médias, e a abolição das leis sobre os cercaes, proposta pelo grande ministro Roberto Peel, tirára ás laboriosas e necessitadas o principal motivo de suas queixas contra o governo estabelecido. A propria Irlanda, com cujo descontentamento contavão os revolucionarios, desamparou O'Brien quando este declarou repudiar a theoria da *força moral*, que de tão brilhante aureola circumdára o nome de O'Connell.

Na capital da Suecia virão-se alguns ajuntamentos tendentes a provocarem reformas no sentido progressista; o bom senso nacional porém supplantou essas manifestações, e a ordem publica não foi perturbada.

O czar Nicoláo, arbitro da politica conservadora,

pôde, com a sua influencia moral e pelo temor que inspiravão seus aguerridos regimentos, preservar a Russia do flagello da guerra, quer interna, quer externa.

Não se fez igualmente sentir a repercussão dos acontecimentos de Fevereiro na peninsula iberica, cujos habitantes, fatigados das discordias civis, que por largos annos a ensanguentárão, repousavão á sombra das instituições constitucionaes que havião conquistado.

Houve porém duas regiões da Europa sobre as quaes mais particularmente pesára o jugo da *Santa-Alliança*, e que por isso mais tiverão de experimentar as consequências da reacção alçada contra essa tão funesta politica. Intuitivo é que queremos fallar da Italia e da Allemanha.

Desde a quêda do reino da Italia, consummada pelos tratados de Vienna, que os patriotas d'esse paiz não haviam cessado um só dia de cogitar em assegurar-lhe a independencia e a liberdade, discordando tão sómente nos meios praticos de levarem ávante seus anhelos. Pensavão uns que só pela inteira unificação da Italia poderia esta subtrahir-se ao poderio austriaco; ao passo que outros, cheios das reminiscencias dos seculos medios, sonhavam com o restabelecimento das municipalidades ligadas pelos vinculos de uma vasta confederação, cuja presidencia devêra caber de direito ao Summo Pontifice. Este ultimo plano, que pareceu n'essa época levar as lampas ao seu contrario, teve por principaes fautores o padre Gioberti e o conde Balbo, os quaes em seus escriptos appellidavão o Piemonte de *espada* e Roma de *coração* da confederação italiana.

Poucos dias antes que fizesse explosão a mina revolucionaria na capital de França, mas visivelmente sob o predominio das idéas que ahí triumpharão, Fernando II, rei de Napoles, collocado entre o dilemma da sublevação da Sicilia e uma revolta na propria capital, concedia a amnistia aos insurgentes (no dia 1º de Fevereiro), seguida immediatamente da promulgação de uma carta constitucional.

Contagioso foi semelhante exemplo, e tres constituições vierão em seguida modificar profundamente a situação politica da peninsula. Com poucos dias de differença Leopoldo II, grão-duque da Toscana, Carlos-Alberto, rei da Sardenha, e o Summo Pontifice Pio IX, apezar da condição especial dos seus Estados, adoptarão o systema representativo, modelando seus pactos fundamentaes pela constituição franceza de 1830, com excepção do romano, no qual consagrava-se a existencia de uma terceira camara, composta de cardeaes, a qual devêra superintender os actos do parlamento, dando-lhes a derradeira sancção.

Taes reformas desagradavão extraordinariamente á Austria, que, como já dissemos, se constituíra vigilante guarda dos tratados de 1815; e que de mais a mais conhecia o perigo imminente a que ficava exposto o reino Lombardo-Veneto, que encadeára a seu sceptro. O descontentamento, ou melhor, o implacavel odio que lhe consagravão os Italianos crescêra ainda quando presenciáram o desembarço com que occupára em 1847 a cidade de Ferrara, sem a menor attenção para com o Soberano Pontifice, a quem pertencia. Assim pois, logo

que constou o exito da revolução viennense de 15 de Março de 1848, sublevou-se a cidade de Milão, e por cinco dias consecutivos lutou contra a guarnição que a refreava, ao mando do amestrado general Radetzki, o qual, ignaro do que se passava em Vienna, julgou mais acertado abandonar a capital da Lombardia, fortificando-se em Verona.

O brado revolucionario, erguido nas ribeiras do Tessino, echoou de subito em Como, Brescia, Bergamo, Cremona, Parma e Modena, que expulsarão as guarnições austriacas, e os principes que, sob a egide das mesmas, ali governavão.

Veneza, impaciente do jugo que lhe fôra imposto, evocou suas antigas e gloriosas tradições; e, acordando-se sobresaltada, empunhou as armas, e expulsou de suas lagunas o governador Palfy, e o commandante militar, conde Zichy. Em acto continuo proclamou a *republica de S. Marcos*, guiada por dous de seus mais illustres filhos, Manin e Tommaseo (a 24 de Março de 1848).

Despertou em toda a Italia o mais caloroso enthusiasmo o denodo com que havião os Milanezes arrostando as aguerridas legiões da Austria, capitaneadas por um dos seus mais esforçados cabos. Para a guerra santa da independencia nacional querião todos concorrer; o proprio rei de Napoles, por justos titulos suspeito, apressou-se em mandar um brilhante exercito em auxilio de Veneza, commandado por esse mesmo general Guilherme Pepe que tão bom nome adquirira na revolução napolitana de 1821. Um corpo de tropas romanas, ás ordens do general Durando, partio para a Alta Italia com o fim

de operar uma diversão na margem esquerda do Adige. Tão irresistível era o impulso que impellia os povos para essa guerra, que Leopoldo II, com ser archiduque d'Austria, convidou aos seus subditos toscanos *a voarem em soccorro de seus irmãos lombardos*.

Fôra Carlos-Alberto dos primeiros em pronunciar-se pela independencia italiana. Em seu manifesto de 23 de Março promettêra aos insurgentes lombardos *o soccorro que um irmão deve esperar de seu irmão, um amigo do seu amigo*. A esquadra piemonteza dirigio-se ás aguas do Adriatico, onde devêra fazer junção com a napolitana, emquanto o proprio rei, franqueando o Tessino, chegou, sem encontrar a minima opposição, ás margens do Mincio, desamparadas pelo marechal Radetzki, que foi esperar soccorros de tropas e viveres atrás do famoso quadrilatero formado pelas praças fortes de Peschiera e Mantua sobre o Mincio, Verona e Legnano sobre o Adige. A fortuna, parecendo sorrir-se para os Piemontezes, permittio-lhes que, derrotando os Austriacos em Goito, fossem assentar acampamentos entre Verona e Mantua, facultando-lhes outra victoria alcançada em Pastrengo (a 30 de Abril) o transporem o Adige, ameaçando levarem de assalto o supramencionado quadrilatero.

No momento porém em que o rei de Sardenha se achava em presença do temível Radetzki, quando talvez ia decidir-se em seu prol o pleito que sustentava contra uma das maiores potencias militares da Europa, o genio da discordia segredou aos chefes italianos pensamentos de infundada desconfiança, de mal entendidos

ciumes, e movimentos sediciosos surgirão simultaneamente em Palermo, Napoles, Roma e Milão.

A Sicilia, que desde o começo do anno se achava em plena revolta contra a autoridade de Fernando II, rejeitou a constituição que este monarcha outorgára aos seus Estados, exigindo a que em 1812 lhe fôra concedida por intervenção da Inglaterra. A 15 de Abril (1848) foi proclamado em Palermo o decahimento da dynastia de Bourbon, e um mez depois, justamente no dia em que se abrião as camaras, rebentou em Napoles uma insurreição, que obrigou o rei a chamar o corpo expedicionario que tinha mandado em soccorro de Veneza.

Crescendo em Roma as exigencias do partido revolucionario na razão directa das concessões que lhe haviam sido feitas, quiz constranger Pio IX a declarar formalmente guerra á Austria. Ora, comquanto não fosse problematica a sympathia que votava o Santo Padre á *causa da independencia nacional*, não se devêra esperar que elle, *pai commum dos fieis*, hasteasse o pendão da guerra contra uma nação catholica por motivos politicos. Reservando para si o bello papel de *mediador*, escreveu ao imperador da Austria advogando a justiça com que os Lombardos e Venezianos defendião a sua nacionalidade e appellando para os seus sentimentos religiosos afim de evitar-se a effusão de sangue. Não agradou aos exaltados semelhante proceder, inaugurando uma serie de medidas violentas e atrabiliarias, que derão em resultado o lançar Pio IX nos braços dos seus mais odientos adversarios.

Mazzini, denominado por Montanelli o GENIO MAO DA

ITALIA, fomentava a discordia entre os Piemontezees e os Lombardos, e fazia crear em Milão uma junta de vigilancia sobre todos os actos de Carlos-Alberto, accusado de aspirar para si e sua familia á corôa do reino de Italia.

Emquanto os Italianos dividião as suas forças e occupavão-se em estereis discussões, o astuto Radetzki, abrigado á sombra do quadrilatero, esperava pacientemente os reforços que exigira de Vienna. Esses reforços não tardarão em chegar pelas duas estradas do Friúl e do Tyrol, que conservára francas, e havendo elevado o seu exercito de cincoenta a cento e vinte mil homens, sahio de Verona e esmagou em Goito cinco a seis mil Toscanos e Napolitanos. Não foi porém tão feliz em sua sortida que não deixasse cahir em poder dos Sardos a importante praça de Peschiera.

Sem que se desalentasse com semelhante revez, proseguio Radetzki em sua marcha; e, havendo submettido uma por uma as cidades revoltadas, com unica excepção de Veneza, obrigou o general pontificio Durando a capitular, repassando o Pó e obrigando-se a não tomar mais parte n'essa guerra.

Desembaraçado d'esse fraco inimigo, retrogradou o general austriaco ás margens do Mincio, onde encontrou os Piemontezees dispondo-se a fazerem o cerco de Mantua. A batalha de Custozza (a 25 de Julho), pelejada com igual denodo por ambos os contendores, decidindo-se contra o rei da Sardenha, obrigou-o a perder o fructo das suas anteriores victórias; successivamente entrãrão os Austriacos em Cremona, Lodi e Milão, onde Carlos-

Alberto, vendo-se a braços com uma sedição republicana, é obrigado a assignar um armistício que restituía á Austria todos os territorios que lhe havia conquistado (a 5 de Agosto). Só Veneza, favorecida pela sua excellente posição, resiste ao furacão reaccionario e ensaia mais uma vez o regimen republicano.

Obsecados por uma triste fatalidade, continuavão os patriotas italianos em suas dissensões, mesmo a despeito dos reveses que acabava de experimentar seu principal campeão. Em Roma o sangue do illustre economista Rossi, assassinado no vestibulo da camara dos deputados (a 15 de Novembro), quando projectava cimentar a união entre as diversas fracções da peninsula em ordem de resistirem ao estrangeiro, lançou o terror no animo do venerando Pontifice, que tudo esperava das suas luzes e experiencia. Disfarçado deixou o vigario de Christo a cidade revolucionaria (a 24 de Novembro), e foi em Gaeta pedir ao rei de Napoles asylo e protecção. Delegando o poder executivo a uma commissão, tirada do seu próprio gremio, ordenou a camara dos deputados a convocação de uma assembléa constituinte, a qual declarou, em sessão de 9 de Fevereiro de 1849, que *de facto e de direito estava abolido o poder temporal do Papa nos Estados Romanos, que d'essa data em diante passavão a ser constituídos em república democratica e social*. Para coroar a obra creou-se um triumvirato, cujo principal chefe e instigador foi o muito conhecido e muito funesto Mazzini (a 23 de Março).

Como facil era de prever, repercutirão em Florença os acontecimentos de Roma, e o grão-duque Leopoldo II,

cuja benevolencia pela causa italiana já tivemos occasião de assignalar, vio-se compellido a tomar o caminho do exilio, e ir, como Pio IX, abrigar-se em Gaeta. Seguindo os passos da revolução romana, tambem constituiu-se um governo provisorio, incumbido dos preparativos para a proclamação da republica, que foi solemnemente inaugurada a 18 de Fevereiro, havendo-se mallogrado, por opposição de Guerrazzi, o projecto de Mazzini de incorporar a Toscana aos Estados Romanos.

Elevado ao ministerio sobre os broqueis democraticos, não conseguiu o padre Gioberti fazer adoptar pela camara dos deputados de Turim o seu mimoso projecto de restauração do Papa e do grão-duque da Toscana por intervenção das baionetas piemontezas. Desencantado de suas utopias, deixou o poder, logo occupado por um ministerio que apressou-se em dar arrhas do seu liberalismo rompendo o armisticio celebrado com a Austria. Tres dias depois da reabertura das hostilidades desbaratava Radetzki em Novara o exercito piemontez ás ordens do general polaco Chrzannowski (a 23 de Março de 1849), impondo humilhantes e onerosas condições, a cujo cumprimento não querendo por fórma alguma se sujeitar, abdicou Carlos-Alberto em favor de seu filho, o duque de Saboya, que tomou o nome de Victor-Manoel II (a 24 de Março).

Vendo-se desamparada de todos, resolveu Veneza pugnar pela sua independencia, não attendendo á gravidade do perigo, nem á grandeza dos sacrificios a que se impunha. Tendo a ventura de contar por dictador a Daniel Manin, talhado pelo molde dos heróes de Plutar-

cho, arcou braço a braço com o immenso poderio austriaco, e só franqueou seus muros quando a peste e a fome rarearão por tal modo as fileiras de seus defensores que inutil se tornára qualquer resistencia. A 30 de Agosto de 1849 fez Radetzki triumphal entrada na cidade de S. Marcos.

Marcando a submissão de Veneza o ultimo termo da resistencia na Italia septentrional e central, forão successivamente restaurados os antigos governos em Milão, Parma, Modena, Florença. O rei de Napoles, que só constringidamente outorgára aos seus subditos instituições liberaes, deu-se pressa em acabar com ellas, volvendo ao anterior regimen.

Na extremidade meridional da peninsula tremulou ainda por alguns mezes o pavilhão da republica romana, até que, accedendo aos votos do Summo Pontifice, deliberou-se a França a mandar uma expedição contra ella, commandada pelo general Oudinot. Inteirado da chegada d'essa força, confiou o triumvirato a defesa da republica ao famoso caudilho Garibaldi, o qual conseguiu desbaratar os invasores, que, á frente de sete mil homens e algumas peças de artilharia, marchavão sobre Roma, repellindo-os ainda n'um primeiro assalto. Forçoso foi porém ceder aos extraordinarios meios de ataque accumulados com o manifesto fim de abreviar a rendição da praça, da qual se apossarão os Francezes (a 3 de Julho de 1849) em nome do Summo Pontifice Pio IX.

Todos esses movimentos insurreccionaes que acabamos de commemorar prendem-se a um só pensamento :

a liberdade e a independencia da Italia; difficilimo porém é achar unidade e solidariedade na agitação que contemporaneamente manifestou-se nas diversas raças que habitão as margens do Rheno, do Elba e do Danubio.

O principe de Metternich, poderoso ministro do indolente imperador Fernando I, era o ultimo representante da *Santa-Alliança*, cujos principios absolutos e anachronicos porfiava em sustentar. Inimigo irreconciliavel de qualquer innovação, tomára por divisa o *Quieta non movere*, e seguindo com rigor os dictames da politica estacionaria, julgava haver vedado a entrada do progresso nos extensos dominios da casa d'Austria.

Facil é de calcular a irritação que em seu animo deverão causar os acontecimentos de Fevereiro na capital de França, e a sua imminente repercussão nos demais paizes da Europa. Entendeu todavia poder conjurar a borrasca assegurando em seu manifesto de 10 de Março que nenhuma mudança seria feita no systema politico e administrativo do imperio austriaco.

Já não estava em mãos de homem, ainda mesmo que se chamasse Metternich, o deter o rapido caminhar dos acontecimentos: tres dias depois do solemne manifesto a que acabamos de nos referir rebentava uma sedição em Vienna, capitaneada por estudantes; e ao brado de *viva a constituição e a liberdade da imprensa* erguia-se a população ainda ha pouco tão tranquilla e soffredora e obrigava o chanceller do imperio a tomar o caminho do exilio na noite de 15 para 14 de Março d'esse fatidico anno de 1848.

Apressou-se o novo ministerio em satisfazer a vontade nacional publicando uma serie de decretos nos quaes abolia-se a censura, creava-se uma guarda civica composta de estudantes e burguezes, e convocavão-se immediatamente as dietas provinciaes.

Animados pelos faceis triumphos que com sorpresa sua havião alcançado os estudantes, constituidos coryphêos da revolução, não tardarão em exigir a convocação de uma assembléa constituinte eleita pelo suffragio universal. Baldo de meios de resistir a esta nova intimação, concedeu-lhes o imperador Fernando a satisfação dos seus desejos; mas dous dias depois retirou-se para o Tyrol, d'onde promulgou o decreto de 26 de Maio dissolvendo a legião academica e mandando-a incorporar á guarda civica. Em presença porém da attitude ameaçadora d'essa guarda, teve o governo de revogar o seu decreto e de passar por nova humilhação.

A abertura da assembléa constituinte, occorrida a 22 de Julho, trouxe o imperador a Vienna para ser testemunha das lamentaveis scenas de anarchia provocadas pelos operarios das *officinas nacionaes*, que, á imitação dos de Paris, querião inaugurar o reinado do *socialismo*. Felizmente porém cedeu a commoção aos esforços reunidos das guardas nacional e municipal, e a ordem foi restabelecida depois de tres horas de mortifero fogo. Prossequindo mais desassombradamente em seus trabalhos, honrou-se a constituinte decretando a emancipação dos servos e a suppressão dos direitos que oneravão a propriedade territorial.

A revolução viennense de 15 de Março não tardou em

propagar-se pelas provincias do imperio. Já vimos como as possessões italianas ficarão por algum tempo reduzidas aos estreitos limites do quadrilatero occupado pelos soldados de Radetzki. Na Bohemia, onde a raça slava prepondera sobre a germanica, vio-se constrangido o governo central a conceder-lhe a igualdade de direitos a que constantemente se oppuzera. Não contentes os agitadores com semelhante concessão, pedirão a organização da guarda nacional, o que sendo-lhes recusado, recorrerão ás armas, erguerão baluartes, cavarão trincheiras e empenhárão com as tropas regulares um combate que durou muitas horas, deixando juncadas de mortos e feridos as ruas de Praga. O elemento da ordem, representado pelo exercito austriaco, sahio victorioso d'esta nova provação, e assim terminou-se a revolução da Bohemia.

Muito mais grave e duradoura foi a revolução da Hungria. Kossuth e o archiduque Estevão, que participava das suas vistas, julgárão azado o ensejo da geral perturbação para separarem esse paiz dos dominios austriacos. Logo depois da primeira insurreição de Vienna enviarão ao imperador uma deputação afim de obter, como de facto obtiverão, um ministerio independente sob a presidencia do conde Luiz Batthyany, e a vice-realeza em favor do archiduque Estevão.

E'singular porém que, ao passo que os Hungaros buscavão afrouxar os laços que os prendião a Vienna, se empenhassem em vincular cada vez mais á sua união a Transylvania e a Croacia. Violavão d'est'arte para com os Slavs e Valachos o principio das nacionalidades, em

cujos nome reivindicavão a sua independencia. D'esta contradicção resultou-lhes completa ruina.

Habil em explorar a mina do antagonismo das raças, deu-se pressa o governo de Vienna em semear a zizania no campo dos seus subditos sublevados; e, animando secretamente ao *kan* da Croacia Jellachich, fêl-o convocar em Agram uma dieta croata-slavonia, na qual forão annulladas as decisões da dieta de Pesth e firmada a alliança com a Servia. Jellachich foi proclamado generalissimo da liga contra os *magyares*, raça predominante na Hungria.

Em presença de tamanho perigo, votou a dieta de Pesth a creação de um exercito de duzentos mil homens, á cuja frente se collocarão o archiduque Estevão, o conde Batthyany e o celebre tribuno Kossuth.

Começarão as hostilidades avançando o *kan* da Croacia até a distancia de trinta leguas da capital da Hungria, e declarando todo o paiz em estado de sitio. N'este comenos foi o archiduque chamado a Vienna, sendo substituido pelo conde de Ramberg. Exasperada a população por semelhante mudança, commetteu o desatino de assassinar o novo governador, apenas chegado a Buda, cortando d'este modo todos os meios de conciliação ainda possiveis.

A batalha de Pakord, ganha pelos Hungaros (a 29 de Setembro), e os successos de Vienna, constituida em plena rebelião contra a autoridade imperial, operarão util diversão no andamento d'essa guerra; quando porém o principe de Windisch-Graetz conseguiu reduzir a capital do imperio, auxiliado pelos Croatas, comman-

dados pelo proprio Jellachich (a 31 de Outubro), tornando inuteis, por tardios, os soccorros que lhes erão enviados da Hungria, a revolução podia considerar-se como meio vencida, porquanto todas as forças do imperio ião-se voltar contra ella. No patriotismo e indomavel valor de seus filhos achou porém ella recursos com que ninguém contava; fez face com sós quarenta e dous mil homens a um exercito de cento e vinte mil, e, depois de haver desbaratado as tropas do general Wilden, proclamou solememente o decahimento da casa de Hapsburgo e a inauguração da republica federal da Hungria e Transylvania, sob a presidencia de Kossuth (a 14 de A bril de 1849).

Assustado o imperador (que já então era Francisco José, por abdicação de seu tio Fernando I), recorreu á Russia, pedindo-lhe que o ajudasse a submeter seus subditos rebeldes. Vio-se pois a Hungria inundada por uma alluvião de inimigos. Ao sudoeste Jellachich, á frente dos Slavos; Haynau, generalissimo austriaco, sitiando Pesth; e ao norte e a lêste os Russos, procurando fazerem junção com os Austriacos. Exigindo a gravidade da situação que toda a autoridade estivesse concentrada nas mãos de um general, entregou Kossuth a dictadura a Goergey e retirou-se para a Turquia, acompanhado pelo heroico Dembinski, que tanto se assignalára na Transylvania expulsando os Russos para além do Danubio. Vendo-se cercado por tres exercitos, assignou o novo dictador hungaro a capitulação de Vilagos (a 12 de Agosto), rendendo-se ao general russo Rudiger para não ser obrigado a tratar com nenhum delegado da cõrte de

Vienna. A defesa de Komorn, onde o general Klapka illustrou-se por uma heroica resistencia, apenas servio para retardar a absoluta submissão da Hungria, a qual só pôde ser datada de 27 de Setembro de 1849.

Em plena fermentação estava o resto da Allemanha. O grão-duque de Baden fôra obrigado (a 29 de Fevereiro) a fazer largas concessões, que todavia não puderão impedir a insurreição manifestada no mez de Abril, de tamanhas proporções que obrigou o referido grão-duque a deixar seus Estados, aos quaes só pôde voltar quando, implorada a protecção da Prussia, foi a revolução esmagada pelo exercito victorioso d'esta potencia. No grão-ducado de Hesse-Darmstadt Luiz II conjurou a borrasca associando á governança seu filho Luiz, sympathico aos liberaes, e cedendo-lhe pouco depois a inteira autoridade. O eleitor de Hesse, Frederico-Guilherme, recorreu ás mais liberrimas concessões com o fim de evitar a effusão de sangue. Em Stuttgard e em Dresde triumphou sem opposição o partido liberal, fazendo-se sentir o mesmo movimento em Francfort, em Colonia, na Prussia Rhennana e no ducado de Nassau. O rei Luiz da Baviera, que perdêra grande parte do seu prestigio em consequencia do desigual casamento que fizera com a celebre dansarina Lola Montes, cedendo á força da opinião publica, abdicou a corôa em favor de seu filho, que assumio o nome de Maximiliano II. Nem á propria Prussia, tão forte pelas suas instituições militares, poupou o furacão revolucionario. A 14 de Março rebentou uma insurreição em Berlim, e após tres dias de combates entre o povo e a tropa, annuo o rei Frederico-Guilherme IV em

demittir o ministerio, fazer sahir da capital a seu irmão, herdeiro presumptivo da corôa, mas accusado de professar idéas retrogradadas, e em outorgar ampla amnistia a todos os compromettidos nos ultimos acontecimentos.

Para indemnisar-se das humilhações que lhe erão infligidas em seus proprios Estados, lembrou-se Frederico-Guilherme de pôr-se á frente do partido nacional, que aspirava á unidade da patria allemã. Aproveitando-se do erro commettido pela Austria de constituir-se centro da reacção absolutista, hasteou ousadamente o pendão do liberalismo, patrocinando a idéa da reunião em Francfort de um parlamento contraposto á dieta federal. Pede a verdade que registremos que a iniciativa d'este pensamento pertence a alguns patriotas reunidos na cidade de Heidelberg, no grão-ducado de Baden, e que foi ahi que começou a funcionar o directorio que convocou a assembléa dos notaveis, onde foi votada a lei regulamentar das eleições do parlamento allemão. Finalizando os seus trabalhos a 4 de Abril, elegeu essa assembléa uma commissão permanente, composta de cincoenta membros, incumbida de dirigir as eleições e manter a mais completa liberdade de suffragio. Graças á sua solicitude, e principalmente ao enthusiasmo que animava a todas as classes da população, com a maior regularidade e calma forão feitas as eleições, e os mais conspicuos cidadãos forão mandados a essa representação da nacionalidade allemã.

Os primeiros actos do novo parlamento forão sellados de grande sabedoria; e tudo fazia presagiar a pacifica solução dos mais graves e complicados problemas poli-

ticos e sociaes. Foi devolvida a suprema autoridade administrativa a um principe austriaco, o archiduque João, condecorado com o titulo de *vigario do imperio*, e a presidencia do conselho de ministros coube ao illustre Schmerling, campeão do partido anti-austriaco. Pouco a pouco porém ganharão os democratas predominio : começando por embaraçarem a adopção de medidas momentosas, não tardarão em revelar seus planos invasores e anarchicos. Propuzerão que o Limburgo, annexado á Hollanda desde 1859, fizesse parte do imperio ; e bem assim os ducados do Holstein e do Lauemburgo, reunidos á Dinamarca. Reclamavão para a Prussia a parte do Schleswig habitada por Allemães, e em seus sonhos de reconstrucção não esquecerão-se de reivindicar a Alsacia e a Lorena, partes actualmente integrantes da França.

Tomando de dia em dia mais incremento as dissidencias nascidas no seio da assembléa, não tardou em correr sangue nas ruas de Francfort, onde dous deputados forão victimas do odio dos seus adversarios politicos. No emtanto caminhava tão lentamente a obra da constituição, que quando veio a ser promulgada era já de todo inexequivel. Tirando partido dos excessos e desvarios da democracia, avantajava-se a reacção, levando de vencida em todos os pontos da Allemanha as debeis instituições liberaes. De tal fôrma se mudára a situação politica no curto periodo de alguns mezes, que quando em 2 de Abril de 1849 a commissão enviada pelo parlamento de Francfort foi offerecer a Frederico-Guilherme da Prussia essa corôa imperial, por elle tão ambicionada,

recebeu resposta evasiva que correspondia a verdadeira recusa.

Facil é porém de achar a causa efficiente da declinação da influencia do parlamento nos successos que haviam assignalado os ultimos mezes do anno anterior. Vienna fôra obrigada a abrir suas portas aos exercitos de Windisch-Graetz e Jellachich (a 30 de Outubro), e Berlim presenciára a dissolução da sua assembléa constituinte e a proclamação da lei marcial (a 5 de Dezembro) em Dresde e em Stuttgard; em Munich cedia a onda revolucionaria diante dos soldados austriacos e prussianos encarregados de restabelecerem o antigo regimen. Por outro lado o proprio parlamento concorria para seu completo discredito; porquanto, abandonado pelos caracteres respeitaveis que n'elle haviam tomado assento, se reduzira a um pugilo de demagogos.

O rei da Prussia, que parecia haver dado penhor do seu desinteresse na recusa da corôa imperial, não des-cuidou-se todavia dos meios de firmar a sua preponderancia. Constituiu-se cabeça de uma liga composta de vinte e sete Estados secundarios, com os quaes concluiu um convenio denominado da *união restricta* (a 26 de Maio de 1849). Estes Estados compuzerão o que então se chamou *A pequena Allemanha*, a qual tambem teve o seu parlamento em Erfurth, cidade situada na Saxonia Prussiana, elaborando uma constituição, vasada no molde da de Francfort. Mas cedo incorreu essa assembléa no desagrado de Frederico-Guilherme, que lhe oppôz um *collegio de principes*, de que fizerão parte os soberanos signatarios da *união restricta*.

Emquanto porém se exaurião em todas estas combinações as forças vitaes da *joven Allemanha*, trabalhava a Austria em restaurar a antiga dieta federal; e, com o soccorro de Manteuffel, prestigioso chefe do partido conservador na Prussia, logrou celebrar a convenção de Olmutz (a 29 de Novembro de 1850), que restabelecia sua primitiva influencia destruindo fundamentalmente a *união restricta*.

LI. — Questão dinamarqueza.

Parecia em toda a Europa apagado o volcão revolucionario e restabelecido o antigo regimen, com ligeiras modificações, quando nas margens do Eyder surgio nova e gravissima complicação.

Compunha-se a monarchia dinamarqueza de duas partes essencialmente distinctas: a península de Jutland e as ilhas que lhe ficão vizinhas, habitadas pela raça escandinava, os ducados de Holstein e Lauemburgo, povoados por Allemães, e o de Schleswig, cuja população era mixta das duas raças. Como duque de Holstein e Lauemburgo pertencia o rei de Dinamarca á Confederação Germanica.

A parte allemã da população holstenense desejava ardentemente incorporar-se á Allemanha, que por seu lado ambicionava o mesmo com mira no magnifico porto de Kiel, que lhe poderia fornecer seguro abrigo para suas esquadras. Pela sua contiguidade claro é que a Prussia era a potencia mais interessada em seme-

lhante annexação; foi portanto ella que, torturando o sentido de velhos foraes, suggerio a idéa de que o mesmo direito hereditario devêra ser applicavel aos ducados do Holstein e do Schleswig.

Ora, o rei de Dinamarca, Frederico VII, não tendo filhos legitimos, devêra por sua morte transmittir a corôa real e ducal a seu tio o principe Frederico-Guillherme, que tambem não os tinha, e extinguindo-se d'est'arte a linha masculina iria a corôa pousar sobre uma fronte feminina. Nenhuma difficuldade offerecião as leis dinamarquezas a semelhante successão; não acontecendo porém o mesmo no Holstein, onde prevalecia o direito salico, que exclue as mulheres do throno.

Vê-se pois que por fallecimento de Frederico VII, ou do seu successor, devêra ser desmembrada a monarchia dinamarqueza; era este o voto da Allemanha, e sobretudo da Prussia, pelos motivos que deixamos expostos.

Na propria Dinamarca tres partidos se gruparão em torno d'esta questão. Uns, não vendo senão o principio das nacionalidades, muito em voga n'essa época, sacrificavão de bom grado o Holstein, e ainda a parte do Schleswig onde predomina a população allemã; limitavão outros o sacrificio ao só ducado do Holstein, ao passo que a terceira parcialidade sustentava a todo o trance a integridade da monarchia, exigindo a promulgação de uma lei dynastica applicavel a este *desideratum*.

Abraçando com fervor o ultimo d'estes alvitres, o rei Frederico VII, logo que subio ao throno, promulgou

uma carta constitucional extensiva a todas as dependencias da sua dupla corôa real e ducal. Mal recebida no Holstein e n'uma parte do Schleswig, essa carta servio de pretexto á Prussia para fomentar a rebellião que manifestou-se no mez de Abril d'esse mesmo anno (1848).

Depondo cedo a mascara, tomou a Prussia o partido dos revoltosos, e fazendo atravessar um exercito pelo Holstein, forçou as fortificações de Dannewercke e penetrou no Jutland (1º de Maio). Defendêrão-se os Dinamarquezes vigorosamente, e emquanto os seus navios bloqueavão os portos do Holstein e da Prussia, batião-se seus soldados com denodo em Düppel (28 de Maio) e em Nybel (5 de Junho). A mediação porém da Inglaterra, Russia e França fez com que a Prussia parasse em sua marcha invasora, e ordenasse a seu general Wrangel que assignasse o armisticio de Malma (a 26 de Agosto).

No anno seguinte (a 5 de Abril) recommearão as hostilidades; e as batalhas de Ulderup (a 6 de Abril), de Kolding (a 25 de Abril e a 7 de Maio) forçarão o general dinamarquez Rye a operar uma retirada que lhe fez extraordinaria honra. A victoria de Fredericia, alcançada sobre os Holstenenses (a 10 de Julho), motivou segundo armisticio, em virtude do qual desoccuparão os Prussianos o Jutland, obrigando-se a não tomarem parte directa ou indirecta n'essa guerra.

Vendo-se desamparados pelos seus alliados, nem assim desanimarão os revoltosos; e sob o commando do general prussiano Willisen proseguirão na luta. Os successivos revezes porém que experimentarão em Isted (a

25 de Julho), Ekernefærde (a 12 de Setembro), e principalmente em Frederikstadt (a 5 de Outubro), forçá-los a implorar a paz, jurando completa submissão a seu soberano e ás instituições por elle sancionadas.

Conferencias se celebrarão então em Londres com o fim de impedir-se a renovação da guerra e regular-se a questão da successão á corôa, tanto real como ducal. N'essas conferencias, em que tomárão parte os representantes da França, Inglaterra, Prussia, Russia e Suecia, estipulou-se que a successão seguiria a linha masculina, passando de Frederico VII e de seu tio Frederico-Guilherme ao principe Christiano, duque de Glucksburgo. Determinou se outrossim que os ducados do Holstein e de Lauemburgo continuarião a fazer parte da Confederação Germanica, reconhecendo porém por soberano o rei de Dinamarca, na qualidade de seu duque.

Com semelhantes clausulas julgárão as potencias ter assegurado a integridade da monarchia dinamarqueza e eliminado uma das causas do desequilibrio europêo; os acontecimentos porém de que logo daremos conta mostrarão quão erradas andárão em seus calculos.

LIII. — Restabelecimento do imperio em França.

Concentrára a eleição de 20 de Dezembro de 1851 todos os poderes politicos nas mãos do chefe da republica, que assumio desde então o titulo de principe-presidente, sendo um dos seus primeiros cuidados promulgar uma constituição cujas bases estabelecêra em sua proclama-

ção de 2 de Dezembro d'esse mesmo anno. Essa constituição, que tem a data de 14 de Janeiro de 1852, reproduz em sua generalidade as estipulações da do anno VIII da primeira republica, transferindo a responsabilidade dos ministros para o chefe do Estado, e tornando por consequencia a permanencia d'aquelles no poder absolutamente independente do voto das camaras, compostas de um corpo legislativo eleito, todos os cinco annos, pelo suffragio universal, e de um senado vitalicio, escolhido pelo chefe do Estado. Os projectos de lei elaborados no conselho de estado devem ser levados ao corpo legislativo, que os examina e vota na parte relativa aos impostos e contribuições, e mandados depois ao senado, verdadeiro e unico guarda da constituição, a quem cabe dar-lhes a derradeira sanção.

Investido do poder dictatorial até a reunião das camaras, o principe-presidente usou d'elle amplamente para alterar ou modificar as instituições, dando nova fôrma ao systema politico e financeiro, sem se descuidar de satisfazer os interesses religiosos, admittindo os cardeaes no senado, restituindo ao culto catholico a igreja de Santa Genoveva, antes cognominada *Pantheão*, e ordenando que a bordo dos navios de guerra da primeira classe se embarcasse um capellão, incumbido do serviço e ensino religioso. Fez nova circumscripção eleitoral, de modo que cada circulo ou districto dêsse um só deputado, cujas funcções declarou incompativeis com as de qualquer emprego publico remunerado pelos cofres do Estado. Pelo decreto organico de 17 de Fevereiro submetteu a imprensa periodica e politica ao regimen das

autorisações prévias, advertencias, e assignaturas dos artigos, tudo isto ainda acompanhado das canções depositadas no thesouro e perdiveis nos casos de supressão dos jornaes.

A 29 de Fevereiro realisárão-se as eleições em toda a França, cabendo a victoria aos candidatos nomeadamente designados pelo governo, que n'essa occasião proclamou o principio das *candidaturas officiaes*. Abrindo com toda a solemnidade as camaras n'uma das salas do palácio das Tulherias (a 29 de Março), para onde trasladára a sua residencia, declarou Luiz Napoleão finda a sua obra de reorganisação, levantado o estado de sitio, e em pleno vigor a carta constitucional que outorgára á França.

Erão as novas instituições preludios do restabelecimento do imperio; ninguem se enganava a este respeito vendo a aguia imperial adejar sobre os estandartes nacionaes e as cruces da Legião-de-Honra. As visitas do principe-presidente a varias cidades equivalião a outras tantas ovações, sendo por toda a parte acolhido com entusiasticos *vivas ao imperador*.

As populações ruraes, ainda mais sollicitas, atropellavão-se para ver o presidente, e municipios inteiros desfilavão em sua presença acclamando-o *Napoleão III*. A linguagem do supremo magistrado da republica, ao principio cauta e reservada, foi pouco a pouco tornando-se franca e expansiva; a ponto de não hesitar em prometter em Bordéos que o *imperio seria a pax*, respondendo d'est'arte ás apprehensões que o seu nome e as tradições de sua familia fazião nascer nos espiritos

mais tímidos ou reflectidos. De volta de suas peregrinações foi recebido em triumpho pelo exercito, guarda nacional, clero, magistratura e deputações das classes operarias (a 16 de Outubro).

Convocado extraordinariamente o senado (a 4 de Novembro), ouviu a leitura de uma mensagem, na qual communicava-lhe o principe-presidente os votos que a nação tão calorosamente manifestára-lhe. Compreendendo o que queria isto dizer, apressou-se em promulgar o *senatus-consulto* de 7 d'esse mesmo mez e anno restabelecendo hereditariamente a dignidade imperial em favor de Luiz Napoleão, e regulando a ordem de successão na familia Bonaparte. Este *senatus-consulto* foi ratificado pelos *plebiscitos* de 21 e 22 de Novembro, reunindo em seu pró *oito milhões cento e cincoenta e sete mil setecentos e cincoenta e dous votos*. Na noite do 4º de Dezembro forão os grandes corpos do Estado apresentar ao principe-presidente o resultado do suffragio popular, e no dia seguinte, anniversario da batalha de Austerlitz, fez o imperador Napoleão III sua solemne entrada em Paris no meio das mais freneticas acclamações.

Em razão da nova e elevada posição do seu autor importava que a constituição de 14 de Janeiro soffresse algumas modificações; assim pois determinou o senado que os relatorios endereçados ao corpo legislativo fossem substituidos por decretos, que o imperador pudesse presidir ao senado e ao conselho de estado, sempre que julgasse necessario, que pudesse autorisar por simples decretos as obras publicas e dar immediata força de lei

ás tarifas estipuladas nos tratados de commercio que houvesse de assignar.

A despeito da manifesta repugnancia de muitos gabinetes da Europa, o imperio foi reconhecido sem difficuldade, graças á moderação da linguagem empregada pelo novo soberano e á attitude energica que revelavão os menores actos do seu governo interno. A Inglaterra, essa encarnizada inimiga de Napoleão I, quiz tomar a dianteira no reconhecimento do restaurado imperio (a 6 de Dezembro), mas foi precedida pelo rei de Napoles, pertencente ao ramo primogenito dos Bourbons, que no dia seguinte (3 de Dezembro) apresentava, por meio do seu embaixador em Paris, protestos de amizade e consideração ao eleito do povo francez. Com curtos intervallos todas as demais potencias forão acreditando seus diplomatas junto á nova côrte, deixando-se ficar por ultima a Russia, que, na carta de crença remettida ao seu plenipotenciario, exarou algumas estereis restricções contra o principio da soberania popular.

LIV. — Guerra da Criméa.

Como já vimos, a questão do Oriente não se resolvêra em 1840, ficando apenas adiada; e o czar Nicoláo, que desde 1830 não cessára de manifestar sua má vontade á França, nada poupou para estreitar os laços da sua alliança com a Inglaterra, com cuja complicitade parecia contar para a realisação de seus ambiciosos projectos.

Contemplando com secreta satisfação a queda da

dynastia de Orléans, e os movimentos políticos que em toda a Europa assinalarão o anno de 1848, figurava-se-lhe chegado o momento em que seria saudado pelos reis e pelos povos como o restaurador da ordem, arbitro dos destinos do mundo. A exaltação de Luiz Napoleão á presidencia da republica franceza, e mais tarde a esse mesmo throno que a Russia ajudára a derribar em 1814 e 1815, contrariou summamente o vaidoso autocrata, que todavia esperava lograr o seu intento explorando habilmente o secular ciume das duas primeiras potencias occidentaes.

Cumpre não olvidar que um dos mais dourados sonhos da ambição russa está na posse de Constantinopla, que seus estadistas, desde Pedro-o-Grande, se obstinão em considerar como a unica e legitima capital do imperio. Para converterem em realidade esse anhelos recorrerão os czares a duas armas, cada qual de melhor tempera : referimo-nos ao protectorado religioso, que lhes assegura a sua qualidade de pontífices da religião grega, professada pela grande maioria dos christãos residentes no imperio ottomano, e ao *panslavismo*, isto é, a liga offensiva e defensiva da raça slava esparsa pela Turquia, Polonia e Austria.

Esse *panslavismo*, grandemente popular nas provincias septentrionaes da Turquia, na Bohemia, Illyria, Transylvania, Slavonia, etc., é repellido pelos Polacos, que, ainda que pertencentes á mesma raça, julgão-se muito superiores aos Russos em civilisação para lhes cederem o primado ; e que sendo de mais a mais catholicos romanos, juntão ás outras causas de dissidencias o

antagonismo religioso. D'ahi o empenho perenne do gabinete de S. Petersburgo de desnacionalisar a Polonia, arrancando-lhe todas as forças vitaes da sua nacionalidade, e nomeadamente a religião de seus maiores. O desterro, o confisco, as horriveis carnificinas, o incendio e a devastação, nada tem sido sufficiente para humilhar e abater os brios d'esse povo heroico, que agora mesmo acabou de dar ao mundo estupefacto novo testemunho de sua tenaz resistencia. Mas não anticipemos os factos e sigamos a ordem chronologica.

Como ha pouco diziamos, é sobre a cidade de Constantinopla que a Russia tem principalmente sua mira. Os tratados de Bucharest, Andrinopla, Unkiar-Skellessi, e sobre todos a convenção de 1841, denominada *dos estreitos*, podem ser considerados como outras tantas escalas, ou estações, que a ião levando ao desejado termo. Contando com a gratidão da Austria e das outras potencias allemãs, a quem acabava de prestar relevantes serviços na crise revolucionaria que acabavão de atravessar, crendo Napoleão III exclusivamente occupado em firmar sobre solidas bases seu *revolucionario throno*, julgou o imperador Nicoláo propicio ensejo para pôr em vigor seus planos relativos á questão do Oriente.

Faltava-lhe um pretexto, que não lhe foi difficil de deparar.

E' geralmente sabido que a França, em virtude de antigas convenções consulares, chamadas *capitulações*, havia obtido da Turquia o direito de protectorado religioso dos latinos residentes em Jerusalém, que mais tarde tornou-se extensivo a todos os catholicos domiciliados no

imperio ottomano. Não é tambem menos sabido que em Jerusalém está o centro da constante luta entre latinos e gregos, protegidos os primeiros pelas potencias occidentaes e os segundos pela Russia, que lhes liberalisa todos os soccorros financeiros e diplomaticos. Em 1854 apoderarão-se os gregos violentamente de nove sanctuarios latinos, os quaes implorarão para rehavêl-os o auxilio da França, que obteve do sultão Abdul-Medjid a satisfação exigida. Vendo-se a Russia ferida em seu orgulho, suscitou mil obices que só servião para demorar a solução.

Ao cabo de um anno de inuteis negociações, resolveu-se o czar a enviar a Constantinopla seu ministro da marinha, o arrogante principe de Menschikoff, que nos principios do anno de 1855 apresentou-se na capital do imperio turco á frente de uma lustrosa embaixada, e endereçou ao *divan* uma nota comminatoria reclamando do sultão *a manutenção das immunidades asseguradas á religião orthodoxa.*

Sob a ambiguidade d'essa phrase occultava-se o protectorado religioso que pretendião os czares exercer sobre os christãos do rito grego existentes nos territorios submettidos ao sceptro do grão-senhor, isto é, sobre onze milhões de individuos constituindo a parte mais selecta da população.

Não obstante o cabal conhecimento que tinham Abdul-Medjid e seus conselheiros dos preparativos bellicos que fazia a Russia, da reunião de grandes forças d'esta potencia em suas fronteiras, e da presença de uma poderosa esquadra em Sebastopol, mais pôde em seu animo

a justiça do que o temor ; e, confirmando os privilegios da Igreja grega, assimilou-os inteiramente aos da Igreja catholica e mais cultos professados pelos seus vassallos. Tanto bastou para que o principe de Menschikoff rompesse suas relações officiaes com a Porta e deixasse immediatamente Constantinopla (a 18 de Maio).

Para boa intelligencia d'este ponto cardeal da historia contemporanea releva que não esqueçamos que em todo este negocio esperava a Russia ter de seu lado a Inglaterra, a cujo representante, sir Hamilton Seymour, consultára o czar Nicoláo sobre a probabilidade de uma partilha da Turquia, que figurava como um *doente desenganado*, destinando para a soberana dos mares a posse da ilha de Candia, do Egypto, ou de qualquer outro porto strategico, ou emporio commercial, uma vez que lhe fosse solemnemente garantida a acquisição da sua suspirada presa.

Embalado na persuasão de haver adquirido a complicitade da Inglaterra e tornado impossivel qualquer alliança com a França, ordenou o czar ás suas tropas que transpuzessem o Pruth (a 2 de Julho), e, apoderando-se dos Principados Danubianos, declarou querer tão sómente occupal-os, *como garantia material*, até que a Porta dêsse condigna satisfação ás suas reclamações. Em vista d'esta declaração, entendeu o *divão* não ter ainda chegado o *casus belli*, e proseguio nas entabuladas negociações ; até que, penetrando as vistas maliciosas da diplomacia russa, que nada mais queria do que ganhar tempo, expedio um *ultimatum* dizendo : « que se até o dia 23 de Outubro os principados não

fossem evacuados ver-se-hia a Turquia na dura necessidade de declarar guerra á Russia. »

Não esperava esta ultima potencia tanta firmeza da parte de uma nação que considerava em plena decadencia e inteiramente desamparada pelos seus alliados ; era porém muito tarde para recuar, e com o fim de reparar o erro que commettêra assentou em descarregar sobre a sua adversaria decisivos e inopinados golpes.

Confiada nas declarações do gabinete de S. Petersburgo, estacionava uma esquadilha turca no porto de Sinope, quando foi violentamente atacada pela esquadra russa, ao mando do vice-almirante Nachimoff, e sahida do porto de Sebastopol. Apesar da obstinada resistencia dos Turcos seus navios forão quasi que totalmente destruidos pela marinha russa, que commetteu contra a propria cidade e seus pacificos moradores os mais lamentaveis excessos (a 30 de Novembro de 1853).

Esta aggressão foi considerada como um verdadeiro insulto ás duas grandes potencias occidentaes, cujas esquadras se achavão ancoradas no Bosphoro desde o dia 2 d'esse mez, a pedido da Porta. De Londres e Paris partirão immediatamente terminantes ordens para que, transpostos os Dardanellos, fluctuassem seus pavilhões no Mar Negro pelo mesmo direito com que se desfraldavão os russos nas ribeiras do Danubio (a 4 de Janeiro de 1854).

Emquanto se davão estes acontecimentos no antigo Ponto-Euxino, batalhavão os Turcos, commandados por Omer-Pachá, com todo o denodo, e disputavão palmo a palmo aos aguerridos regimentos de Nicoláo a posse

dos principados tão injustamente invadidos ; e nas espaldas do Caucaso, bem como nas planuras da Asia Menor, sustentavão o prisco esplendor de seu nome nas maiorcias lidas.

Veio a estação invernosa impôr forçado armistício aos belligerantes ; aproveitemo-nos tambem de seus lazeres para inteirar o leitor dos meneios e negociações diplomaticas.

Desenganado o czar de attrahir a Inglaterra á sua parcialidade, voltou-se para a França, offerecendo-lhe identicas ou quejandas condições. Irritado Napoleão III pelo desdem com que fôra a principio tratado, escreveu em data de 29 de Janeiro de 1854 uma arrogante carta a Nicoláo refutando todas as suas propostas conciliatorias. Estava franqueado o Rubicon : *alea jacta erat*.

Um tratado de triplice alliança (entre a França, a Inglaterra e a Turquia) foi assignado a 12 de Março, seguido pouco depois (a 27 e 28) da solemne declaração de guerra á Russia, accusada de perturbar o equilibrio europeu por sua desmedida ambição. Em artigos expressos n'esse mesmo tratado obrigavão-se a Austria e a Prussia a manter a mais completa neutralidade ; e regularão a Inglaterra e a França, de *commun accord*, algumas questões de direito publico sobre as quaes se achavão anteriormente divergentes ; como, por exemplo, o respeito á propriedade dos neutros embarcada em navio inimigo, e vice-versa, a renuncia do direito de armar corsarios, e a declaração de só serem reconhecidos os bloqueios tornados effectivos por forças para isso sufficientes.

Havendo resolvido a França e a Inglaterra ferir a Russia nos pontos mais vulneraveis do seu vastissimo territorio, determinarão a dupla expedição do Baltico e do Mar Negro. A 11 de Março de 1854 uma esquadra ingleza, ás ordens do almirante Napier, deu á vela para o Baltico, juntando-se-lhe pouco depois (a 15 de Junho) uma divisão naval franceza. A esquadra combinada investio a fortaleza de Cronstadt, a cujo abrigo se conservavão os navios russos; mas não tendo logrado expugnar essa fortissima praça, voltou seus esforços para as ilhas de Aland, e tratou de destruir as fortificações de Bomarsund, que dominavão o Baltico, ameaçando as costas da Suecia. A 16 de Julho partia dos portos de França, a bordo de navios inglezes, um exercito expedicionario, commandado pelo general Baraguay-d'Hilliers, e desembarcando (a 8 de Agosto) não longe das fortificações russas, começou os trabalhos do assedio, dirigidos pelo general de engenheiros Niel. Oito dias depois capitulava o governador Belisco, entregando-se aos alliados com toda a guarnição, composta de dous mil homens, além de immenso material de guerra. Aconselhando a aproximação do inverno a retirada das forças invasoras para mais benignos climas, arrasárão-se as formidaveis muralhas, e carregando-se nos navios a excellente artilharia ali encontrada, se derão por findas n'esse anno as operações no Baltico, invadido pelos gelos.

Já vimos como, para punir a Russia da violação dos tratados subsistentes, as esquadras franceza e ingleza havião penetrado no Mar Negro; as hostilidades porém só começárão a 22 de Abril, indo os almirantes Hamelin

e Dundas bombardear o porto militar de Odessa, destruir-lhe as baterias e aprisionar-lhe os navios de guerra, sem que todavia nada soffresse a cidade e as embarcações mercantes ancoradas no porto exclusivamente destinado ao commercio.

Ao passo que a esquadra anglo-franceza bombardeava Odessa (a 22 de Abril) para castigar a postergação do direito dos parlamentarios, um exercito francez de cincoenta mil homens, ao mando do proprio ministro da guerra de Napoleão III (o general Saint-Arnaud), fazendo junção com o inglez, commandado por lord Raglan, desembarcava no porto de Gallipoli. D'esta cidade, situada cento e vinte e oito milhas a oeste de Constantinopla, marchou o exercito alliado sobre Varna, e d'ahi tomou o rumo de Silistria, onde os Turcos, ás ordens de Omer-Pachá, oppunhão admiravel resistencia a triplicadas forças da Russia. A approximação dos alliados obrigou os Russos a passarem o Pruth, abandonando d'est'arte os Principados Danubianos, que forão logo occupados por um exercito austriaco, chamado pelo sultão em virtude de anteriores estipulações.

Contido o poderio russo no Baltico e no Danubio, convinha quebrantal-o também no Mar Negro, onde suas frotas, protegidas por quasi inexpugnaveis fortalezas, erão uma ameaça constante á Turquia, um motivo de perenne inquietação para a Europa. As mais celebres d'essas fortificações erão as de Sebastopol, cidade vantajosamente edificada na extremidade da península da Criméa, e cujos arsenaes havião adquirido

certo renome; foi portanto ella a escolhida para victima expiatoria da insaciavel ambição moscovita.

Nos primeiros dias do mez de Setembro quinhentos navios mercantes, comboiados pelas respectivas esquadras, conduzião os tres exercitos alliados, francez, inglez e turco, e, singrando para a Criméa, ião desembarcar em Eupatoria (a 14 de Setembro). Entrincheirados atrás do rio Alma e dominadas as alturas por formidavel artilharia, esperavão os Russos esmagar os alliados e arrojal-os no mar. Não entrára porém nos calculos dos seus generaes a indomavel bravura dos Francezes, que, transpondo o rio, e apoderando-se das eminencias, obrigáram o principe de Menschikoff a mandar tocar a retirada, deixando franca aos alliados a estrada de Sebastopol (a 20 de Setembro). Na unanime confissão de amigos e inimigos a gloria principal d'esta jornada coube ao general Bosquet, que, á frente dos seus *zuavos*, obrou prodigios de valor e de tactica. O plano porém da batalha e as disposições que n'ella se deverião observar pertencião ao general Saint-Arnaud, que assumíra o commando supremo dos tres exercitos, e que, apesar do seu estado valetudinario, conservou-se doze horas a cavallo sem tomar refeição alguma. Aggravando-se-lhe por isso o mal, teve de entregar o commando do exercito francez ao general Canrobert (a 27), expirando dous dias depois.

Proseguindo em sua marcha victoriosa, assenhoreáram-se os alliados do porto de Balaclava, posição importante que lhes facilitava os meios de abastecerem-se e receberem novos auxilios; e nos primeiros dias de Outubro chegarão a Sebastopol, cujo cerco immediatamente em-

prehendêrão. Era esta praça, como já dissemos, defendida por tremendas fortificações, tanto pelo lado de terra, como principalmente pelo do mar; tornando-se inacessível pela submersão de uma parte da esquadra russa ali estacionada. Commandava a guarnição, composta de aguerridas tropas, esse mesmo príncipe de Menschikoff batido em Alma, e agora mais que nunca desejoso de abrilhantar seus mareados braços.

O general Liprandi, que commandava um exercito russo destinado a operar fóra da praça e a manter a livre communição com o interior do paiz, apparecendo subitamente (a 25 de Outubro) nas eminencias que rodêão o porto de Balaclava, atacou o exercito turco ali acampado, e conseguiu pô-lo em fuga. Informado d'este revez, ordenou lord Raglan que o exercito do seu commando voasse em soccorro dos Ottomanos; e diante de uma energica e bem dirigida carga da cavallaria ingleza recuárão por sua vez os Russos, e forão confirmar a Menschikoff o juizo que sobre os alliados já devêra ter formado.

Animados pela presença em seu acampamento dos grão-duques Miguel e Nicoláo, filhos do imperador, atacárão os Russos em força de sessenta mil homens a uma divisão do exercito inglez composta de oito mil, que se achava postada junto ao antigo forte de Inkermann (a 5 de Novembro). Apesar do prodigioso denodo dos soldados e reconhecida pericia de seus cabos completa seria a derrota d'essa divisão se o general Bosquet, ouvindo a canhonada, não corresse em seu auxilio, e carregando os Russos á baioneta não os expellisse confusos

e aterrados, deixando no campo da batalha nove mil mortos e feridos.

O brilho das victorias que até aqui temos registrado foi empanado por alguns azares, companheiros inseparaveis d'essas grandes hecatombes humanas a que denominamos guerras. O terrivel flagello conhecido pelo nome de *cholera-morbus* manifestou-se no exercito alliado, ainda no seu acampamento de Gallipoli, ceifou em Eupatoria mais vidas do que na sanguinolenta batalha de Alma, e debaixo dos muros de Sebastopol proseguio, com ligeiras intermittencias, em sua obra de devastação. Como se não bastasse essa calamidade, violenta tempestade sobrevindo no Mar Negro (a 14 de Novembro), poucos dias depois da memoranda jornada de Inkermann, fez naufragar muitos transportes, com grande prejuizo de vidas e fazenda.

O anno de 1854 mergulhou-se nos abysmos do passado sem que se pudesse vislumbrar n'um proximo horizonte o termo d'essa gigantesca guerra. Seu immediato successor assignalou-se porém, logo em seu começo, por acontecimentos de magna transcendencia, cujo rapido elencho vamos traçar.

Constando aos Russos que um exercito turco, ao mando de Omer-Pachá, desembarcára na Eupatoria com animo de fazer junção com os alliados, emprehendêrão destrôgal-o lançando mão da mesma traça a que por vezes haviam recorrido, isto é, a da surpresa com immensa superioridade de forças. Mas ainda d'esta vez virão mallogrados seus planos, sendo-lhes a victoria arrancada das mãos pelo prompto soccorro prestado pelos Francezes e

Inglezes. A nova d'este successo, levada a S. Petersburgo, accelerou a morte do imperador Nicoláo, que já se achava enfermo; e a 2 de Março de 1855 inaugurava-se um novo reinado com a exaltação de Alexandre II. A indole pacifica d'este principe fazia presagiar que só por necessidade de pundonor manteria uma luta que não provocára, e que até internamente desaprovava.

Por outro lado a alliança celebrada com o Piemonte contra a Russia (a 26 de Janeiro) e a consequente chegada de um corpo de exercito sardo commandado pelo general La Marmora; a oppugnação das fortalezas de Kertch, de Iéni-Kalé e Tagagron, em que os Turcos alcançáram decididas vantagens sobre as tropas russas estacionadas na Circassia, apressavão o desfecho da guerra.

De ambas as partes manifestava-se esse desejo pela recrudescencia dos meios de acção empregados e maior energia exigida da parte dos chefes. Assim, parecendo ao imperador Napoleão que o general Canrobert não imprimia nas operações do cerco de Sebastopol o vigor necessario, deu-lhe successor na pessoa do general Pelissier, a quem ordenou que a todo o trance se apoderasse da torre de Malakoff, considerada como a chave da defesa da cidade.

Em obediencia ás ordens imperiaes, e de accordo com os seus collegas, generaes superiores dos exercitos allia-dos, ordenou Pelissier um primeiro ataque sobre a ter-rivel torre (a 18 de Junho), sem que todavia o resultado correspondesse á intensidade da acção. Força foi ceder por emquanto do intentado commettimento, e combi-

nar mais de espaço os meios de infallivel triumpho.

Continuava no emtanto o cholera em sua tarefa de morticínio, descarregando seus golpes sem distincção de hierarchia. Dez dias depois do primeiro ataque de Malakoff, que acabamos de mencionar, perdia o exercito inglez seu generalissimo, lord Raglan, victima da terrivel epidemia que lavrava nos acampamentos, sendo substituido pelo general Simpson.

Na passagem do rio de Tchernaiá, tentada pelos Russos, offereceu-se aos Piemontezees excellente occasião de evidenciar a reputação de bravura que os tinha precedido; e de facto, com a cooperação da artilharia franceza, apossarão-se da ponte de Trakir, e lançarão os inimigos em completa debandada (a 16 de Agosto).

Era porém sobre a celebre torre de Malakoff que parecião concentrados todos os esforços do exercito alliado: desde o dia 5 de Setembro ordenára o general Pelissier, que assumira o commando geral, um bombardeamento sobre toda a linha de fortificações que resguardavão a mencionada torre. Tres dias de incessante, horrendo, *infernal* fogo soffreu ella, inabalavel como escarpado penedo batido pelas furiosas vagas do oceano. No dia 8 de Setembro porém, em que a Igreja catholica celebra o nascimento immaculado da Virgem Santissima, ordenou-se a escalada da praça. No meio de um silencio pavoroso, que succedêra ao crebro trovejar dos canhões, sahirão das suas trincheiras as divisões francezas, commandadas pelos generaes Mac-Mahon, Dulac e Montrouge, e aos brados, milhares de vezes repetidos, de *viva o Imperador!* precipitárão-se sobre as linhas inimigas. A lar-

gura e profundidade dos fossos, a elevação e o escarpamento dos taludes, nada foi capaz de deter o ardor marcial dos que lutavão corpo a corpo, braço a braço, para quem tudo servia de armas, e nenhum obstaculo aterrava! Ao cabo de algumas horas de um vertiginoso pelear ouvirão-se as aclamações da victoria, e o pavilhão da França a pompear sobre os derrocados muros da humilhada Malakoff!! Sebastopol estava tomada; a pujança russa no Mar Negro aniquilada; mas esse esplendido triumpho custára aos alliados a vida de cinco generaes e sete mil officiaes e soldados!!

A quéda d'esse famoso baluarte, sobre o qual tanto contavão os czares, coincidindo com o bombardeamento de Kimburn, situada na entrada do Dnieper, com o bloqueio do Mar Branco e das costas da Siberia, com as negociações com a Suecia, que n'esse momento começava a prestar interesseiros ouvidos ás propostas do general Canrobert, que havia trocado a espada de general pela penna de diplomata, determinarão a Russia a mostrar-se mais razoavel, e a escutar palavras de paz.

A Austria, que desde o começo da guerra espreitava o momento em que pudesse offerecer seus bons officios, colhendo os proveitos de potencia mediadora, apressou-se em fazer chegar aos ouvidos dos belligerantes proposições honrosas para ambas as partes e aventou a idéa da reunião de um congresso em Paris, onde fossem discutidas as bases da anhelada reconciliação (1º de Fevereiro de 1856).

As sessões d'esse congresso celebrarão-se na secretaria dos negocios estrangeiros de França, sob a presiden-

cia do respectivo ministro, que então era o conde Walewski, e n'elle tomáráo parte os seguintes ministros diplomaticos : o barão de Brunow e o conde Orloff, por parte da Russia ; o conde Buol e o barão Hubnert, pela da Austria ; Aali-Pachá e Mehemet-Djemil Bey, pela da Turquia ; o conde de Cavour e o marquez de Villamarina, pela do Piemonte ; lords Clarendon e Cowley, pela da Inglaterra ; e o barão de Bourqueney e o conde Walewski, pela da França. Forão ali discutidas e decretadas as estipulações que puzerão termo a uma guerra que a humanidade tão justamente lamentava, e tomadas providencias que pudessem servir de penhor á permanencia da paz. Para esse fim comprometteu-se a Russia a renunciar para todo sempre o protectorado dos Principados Danubianos, e qualquer ingerencia nos seus negocios internos. Regulou-se a navegação do Danubio sobre bases da mais completa liberdade, ficando dependente porém de regulamentos fiscaes que devêrão ser elaborados por uma commissão mixta. Consentio a Russia n'uma rectificação de fronteiras por esse lado, para que pudesse fazer-se effectiva a citada livre navegação d'essa grande arteria fluvial. No Mar Negro tomou a Russia o compromisso de não construir em suas margens nenhum arsenal ; assim como de não fazê-lo navegar por mais de dez navios pequenos, unicamente destinados á policia de suas feitorias ; e o que sobretudo era mais importante, fez absoluta abdicção d'esse protectorado religioso, origem principal de todas as questões suscitadas entre essa potência e a Porta Ottomana.

Este tratado, conhecido na historia pela denominação

de tratado de Paris de 30 de Março de 1856, marca uma das épocas mais gloriosas do reinado de Napoleão III. Querendo porém que a civilisação tirasse também partido dos sacrificios com tanto heroismo supportados, propuzerão os diplomatas francezes alguns melhoramentos no direito publico europeu, que forão felizmente adoptados e consagrados. Podem reduzir-se a quatro essas conquistas da moderna civilisação; a saber: 1º a abolição do corso; 2º que o pavilhão neutro cubra a mercadoria inimiga, excepto sendo contrabando de guerra; 3º que a mercadoria neutra, excepto o contrabando de guerra, não possa ser apprehendida, ainda mesmo coberta com o pavilhão inimigo; 4º que os bloqueios só possam ser obrigatorios quando tornados effectivos por forças navaes para isso sufficientes.

Assignado e ratificado este tratado pelos governos que no congresso se havião feito representar, proclamou-se terminada a guerra, em Paris a 2 de Abril, e em Londres a 29, sendo evacuada effectivamente a Criméa a 9 de Julho d'esse mesmo anno de 1856.

LV. — Matança dos christãos na Syria.

Intervenção européa.

A guerra da Criméa, cujos principaes successos acabamos de epilogar, abalára profundamente a sociedade musulmana; e as victorias dos christãos, impedindo o desmoronamento do imperio turco, repercutirão deploravelmente na Syria, onde desde longa data existia im-

placavel antagonismo entre os Drusos, sectarios do Korrão, e os Maronitas, seguidores do Evangelho. Depois de mutuas correrias e reciprocas represalias, os Drusos, que havião conseguido sobrepujar aos seus adversarios, assentárão exterminal-os completamente; dando d'esta arte livre curso ao fanatismo religioso, que os fazia odiar os christãos, a quem averbavão de altanados pelo feliz exito da ultima guerra.

Coadjuvados pelos Beduinos e Kurdos, assaltárão a população christã, saqueando e queimando cento e cincoenta e uma aldêas e tirando a vida a mais de mil pessoas (de Maio a Julho de 1860). Para pôr cobro a taes excessos expedio o governo de Constantinopla um corpo de tropas commandado por Osman-Bey; mas este chefe, deixando-se fascinar por um mal entendido espirito de communhão religiosa, fez causa commum com os Drusos, chegando a sua connivencia a ponto de abrir as portas das cidades para ahi se depositarem os roubos ou abrigarem-se os autores dos mais nefandos attentados.

Ao saber de taes horrores indignou-se a opinião publica da Europa, e n'um brado unanime pedio a intervenção das potencias fiadoras da integridade do imperio ottomano. Zelosa a Inglaterra da influencia que de dia em dia cobrava a França, quiz ao principio protelar as negociações diplomaticas, sob os mais futeis pretextos; tirou-a porém da sua hesitação uma carta do imperador Napoleão III, escripta a Persigny, seu embaixador em Londres, decidindo-se a subscrever á convenção de 3 de Agosto, em virtude da qual um exercito de doze mil ho-

mens, cuja metade seria fornecida pela França, devêra embarcar-se para a Syria, encarregado de ali estabelecer a ordem.

A presença dos soldados europêos foi sufficiente para aterrar os Drusos e restituir a paz e segurança aos Maronitas. Obrigada pelas potencias interventoras (França, Inglaterra, Russia, Austria e Prussia), decidio-se a Turquia a mostrar rigor na punição dos culpados, e Fuad-Pachá, que substituíra a Osman-Bey, apoderou-se dos primeiros cabecilhas da revolta e fêl-os condemnar á pena ultima pelos conselhos de guerra; assim como demittio e mandou responsabilisar a todos os funcionarios cuja complicitade ou inercia fosse demonstrada.

Estas medidas de justo rigor não tiveram contudo cabal execução; porquanto, temerosa a Inglaterra que servissem ellas para realçar a influencia dos Maronitas, alliados da França, contra os Drusos, que lhe poderião no futuro servir de ponto de apoio, obteve do sultão a commutação d'esses castigos n'outros quasi illusorios.

Antes de registrarmos a convenção diplomatica que estipulou a administração da Syria, releva que façamos menção de um acto de cavalheirismo sobremodo honroso para quem por tantos annos hasteára o pendão da guerra santa contra os christãos. Abd-el-Kader, que obtivera de Napoleão III licença para sahir de França podendo viver onde lhe aprouvesse, com unica excepção da Arge-lia, passava seus dias em Damasco, uma das cidades santas do islamismo, e ali era geralmente respeitado, não só pela sua qualidade de *emir*, como muito principalmente pela gloria que circumdava-lhe o nome. Esse

prestigio converteu-o elle em prol dos christãos quando no dia 9 de Julho de 1860 fugião estes espavoridos diante de uma plebe delirante, fanatisada pelas prêgações dos *ulemas*¹, não poupando a sexo, condição ou idade!! Revoltado contra semelhante cobardia, o heroico adversario da França sahio do seu retiro, e, pondo-se á frente da sua guarda argelina, assegurou a immuniidade de quantos implorarão-lhe protecção.

O termo da occupação européa, fixado em seis mezes, foi prorogado até 5 de Junho de 1861, dia em que se retirarão as tropas alliadas, depois de haverem, sem dispararem um tiro, restituído a paz a essas regiões, onde a guerra religiosa, peor de todos os flagellos, se havia constituido em estado chronico.

Uma commissão, composta de delegados das potencias interventoras e dos representantes da Porta, regulou o regimen ao qual d'ahi ávante devêra submeter-se a Syria. Deliberou-se que todo o paiz seria regido por um só governador; os interesses das populações protegidos por meio de solidas instituições municipaes; o governador sempre escolhido na parcialidade que fosse mais numerosa; e finalmente que o Libano formaria um governo separado, reconhecendo todavia a suzerania do sultão.

Apezar de todas estas precauções não cessarão os receios de novos conflictos, attenta a perenne hostilidade dos Drusos e Maronitas, cujas desavenças são infelizmente alimentadas pela rivalidade da França e da Inglaterra.

LVI. — Guerra da independencia. — Formação do reino da Italia.

Dissemos n'um dos anteriores capitulos que o rei de Sardenha Carlos-Alberto, não querendo sujeitar-se ás duras condições que a Austria, victoriosa em Novara, lhe impuzera, abdicára em favor de seu filho primogenito, conhecido na serie dos monarchas sob a denominação de Victor-Manoel II; mas o que ainda não dissemos, e que muito importa seja sabido, é que foi este principe o unico de toda a peninsula italica que cumprio religiosamente sua palavra, empenhada em horas de tribulação, mantendo incolume o *estatuto constitucional*. Casado com uma princeza austriaca, e portanto suspeito aos liberaes, vio-se ainda constrangido a tratar com a implacavel inimiga do seu paiz e buscar na mais severa economia meios de reparar os estragos da guerra, cujo maior peso recahira sobre o Piemonte. Apesar de todas estas desvantagens, houve-se Victor-Manoel com tanto discernimento e tino politico, que em breve grangeou a affeição dos seus subditos, cuja posição foi invejada por todos os seus conterraneos. Inspirando-se nos conselhos de Maximo d'Azeglio e do conde de Cavour, fez face ao pessimo estado da fazenda publica; desenvolveu a industria; concluiu tratados de commercio, baseados sobre os principios da livre permuta; protegeu a instrucção do povo, sem esquecer a agricultura, pedra angular da riqueza e prosperidade das nações.

Estas reformas porém encontrarão no clero poderosa barreira; a lei da instrucção publica, subtrahindo-lhe o monopolio do ensino que de longa data exercia, a da suppressão dos privilegios, e a da amortização dos bens de mão-morta, ferindo-lhe na mais sensivel parte da sua secular influencia, attrahirão sobre o rei e seus ministros os raios do Vaticano.

As complicações religiosas juntarão-se outras de ordem politica. A manutenção do regimen parlamentar no reino subalpino inquietava profundamente a Austria, por cuja influencia suspendêra o grão-duque da Toscana o exercicio da constituição, abrindo aos soldados allemães as praças fortes dos seus Estados; procedimento este que fôra logo imitado pelos duques de Parma e Modena. O rei de Napoles, que, como vimos, se apresára em proclamar as instituições liberaes, quiz dar arrhas da sua conversão aos principios do puro absolutismo multiplicando prisões, desterros e confiscos. Em Roma a presença dos Francezes impedia que mais violenta fosse a reacção, sem que comtudo deixasse ella de se operar lenta e sorrateiramente; e no reino Lombardo-Veneto, submettido ao sceptro dos Hapsburgos, vião-se violentamente comprimidas todas as tendencias autonomicas. Era portanto a attitude calma e digna do Piemonte que unicamente obstava que a Austria dominasse dos Alpes ao Mediterraneo. Imminente estava a luta entre ambos, e a mais levê centelha podia atear o incendio.

Prevendo a approximação do perigo é que o atilado estadista conde de Cavour buscou a alliança da França

e da Inglaterra, enviando soldados piemontezes prodigalisarem seu sangue na Criméa, n'uma guerra que pouco ou nada parecia interessar a seu paiz. D'essa alliança colheu o Piemonte o primeiro fructo fazendo ouvir a sua voz no congresso de Paris em prol de seus opprimidos conterraneos, e conseguindo interessar por elles a Europa inteira em detrimento da Austria.

Algum tempo decorreu sem que nenhuma sensível alteração se notasse nas relações dos dous paizes a que nos vamos referindo : as causas porém de dissidencia ião gradualmente se accumulando. Os debates do parlamento de Turim commentando as occurrencias do congresso de Paris, a linguagem cada vez mais aggressiva da imprensa sarda, levárão o governo de Francisco José a romper as suas relações diplomaticas com o de Victor-Manoel (a 30 de Março de 1857).

D'esta data em diante os acontecimentos se precipitão para o seu desfecho. Numerosas deputações, vindas de diversas partes da Italia, manifestavão aos Piemontezes as sympathias que a sua nobre conducta soubera adquirir-lhes nos corações patriotas; e uma subscrição nacional, coberta de milhares de assignaturas, destinava-se á compra de canhões que devêrão tornar inexpugnável a fortaleza de Alexandria, sita no caminho de Turim.

Por seu lado o gabinete de Vienna, tendo debalde recorrido aos meios conciliatorios para aplacar os resentimentos de seus subditos italianos, já com a presença do imperador em Milão (em Dezembro de 1856), já com a concessão de uma amnistia para os crimes politicos,

já finalmente mandando governal-os pelo archiduque Maximiliano, principe illustrado e bondoso, lançou mão das medidas coercitivas e encarregou de sua execução ao conde de Giulay, commandante superior do exercito de occupação, cujo entranhado odio contra os Lombardo-Venezianos fôra a principal causa do mallogro da pacifica missão do archiduque Maximiliano.

Os preparativos bellicos que incessantemente se fazião nas praças fortes do famoso quadrilatero, a concentração prodigiosa de forças nas margens do Mincio e do Tesino, inspirarão serios cuidados aos ministros de Victor-Manoel, e obrigarão-os a se voltarem para a França, com cujo auxilio principalmente contavão.

O casamento de uma filha do rei da Sardenha (a princeza Clotildes) com um primo do imperador Napoleão III (o principe Jeronymo Napoleão Bonaparte) juntando aos vinculos de familia o interesse que tinha a França de não consentir que o predomínio austriaco se estendesse na Italia, deixando entre ambas as potencias a fraca barreira dos Alpes, dictarão as bases do tratado de alliança, secretamente celebrado em Plombières, entre o conde de Cavour e o imperador Napoleão III.

As palavras do imperador Napoleão dirigidas ao embaixador da Austria no dia 1º de Janeiro de 1859, a falla de abertura do parlamento de Turim em que Victor-Manoel manifestava suas apprehensões sobre a violação dos tratados e calorosas sympathias pela causa dos opprimidos, derão rebate em toda a Europa. A Inglaterra, temerosa que surgisse inopinadamente a guerra, offereceu seus bons officios, e chegou a fazer

prevaler a idéa da convocação de um congresso em que se discutissem com calma e lealdade as questões de maior momento. Podião-se reduzir a quatro os pontos essenciaes de deliberação; a saber: 1º determinar os meios de conservar a paz entre a Austria e a Sardenha; 2º fixar as condições segundo as quaes as tropas francezas deixarião Roma e as austriacas as Legações; 3º examinar as reformas que conviria introduzir em alguns Estados italianos; 4º substituir por uma confederação italiana as relações que ligavão esses Estados ao imperio austriaco.

Este ultimo ponto originou viva opposição da parte da Austria, que na sua aceitação vio a quebra da antiga influencia, principalmente nos ducados onde ella governava sob a responsabilidade de soberanos nominaes. Parecia comtudo que esta potencia aguardaria a convocação do congresso para n'elle fazer valer seus direitos quando, nas vespéras da abertura, endereçou á Sardenha um *ultimatum*, marcando o prazo fatal de tres dias para operar um desarmamento geral, sob pena de ranquear o Tessino e dar começo ás hostilidades. A este *ultimatum* respondeu o conde de Cavour apresentando as camaras sardas um projecto de lei que investia o rei Victor-Manoel da dictadura durante a guerra com a Austria, e o imperador Napoleão mandava declarar, por seu embaixador em Vienna, que a passagem do Tessino pelo exercito austriaco seria o signal da guerra com a França.

Tornou a Austria effectiva a sua ameaça; e a 29 de Abril transpunha o general Giulay o Tessino e invadia a

provincia de Novara, que os Piemontezezes não puderão defender. Por sua vez declarou Napoleão III (a 3 de Maio) que a França estava em guerra com a Austria, e que, collocando-se elle proprio á frente do seu exercito, só deporia a espada quando a Italia *fosse livre dos Alpes ao Adriatico*.

No dia 11 de Maio, ás cinco e meia horas da tarde, deixava Napoleão o palacio das Tulherias, tendo previamente conliado a regencia á imperatriz Eugenia. A 14 estabelecia em Alexandria (no Piemonte) o seu quartel-general, e dirigindo-se ao exercito expedicionario dizia-lhe : « Não vejo necessidade de estimular o vosso ardor ; cada estação vos recordará uma victoria. Assim como nas vias sagradas da antiga Roma accumulavão-se sobre os marmores inscripções commemorativas dos grandes feitos, assim tambem hoje, passando por Mondovi, Marengo, Lodi, Castiglione, Arcole, Rivoli, caminhareis através de outra via sagrada e por entre gloriosas recordações. »

Os Austriacos, que, como vimos, desde o dia 29 de Abril havião invadido o Piemonte, podião ter-se assenhoreado de Turim antes da chegada dos Francezes ; perdêrão porém precioso tempo em consultas para Vienna, e hesitações sobre a marcha que conviria seguir, permitindo que os quatro corpos do exercito francez, commandados pelos generaes Baraguay-d'Hilliers, MacMahon, Canrobert e Niel, se concentrassem em Alexandria, estendendo se sobre a linha do Pó. O exercito piemontez, ás ordens immediatas do rei, e auxiliado por uma divisão de voluntarios, capitaneada por Garibaldi,

operava de combinação com os Francezes; e para que ainda mais difficil fosse a posição do inimigo, outro corpo do exercito, commandado pelo principe Napoleão, invadirá a Toscana, acoroçoando com a sua presença a revolução que derribára do seu throno grão-ducal a Leopoldo II.

Foi brilhantemente inaugurada a campanha pelo combate de Montebello, em que o general francez Forey bateu a duas divisões austriacas, á cuja frente se achava o feld-marchal Stadion (a 20 de Maio). Dous dias depois alcançavão os Piemontezes, commandados pelo seu valente rei, a victoria de Palestro, e ião-se juntar aos Francezes quando se dispunhão a passar o Tessino. Debalde buscou Giulay disputar-lhes o passo, apenas podendo interpôr-se entre os invasores e a cidade de Milão, que d'est'arte procurava cobrir. As posições achavão-se pois mudadas : a guerra aggressiva se convertêra para os Austriacos em defensiva.

A passagem do Tessino, a que acabamos de referir-nos, se effectuára em dous lugares para sempre celebres, a saber : em Turbigo pelo corpo do exercito commandado por Mac-Mahon, e em S. Martinho pela guarda imperial, conduzida pelo proprio Napoleão III. A uma legua, pouco mais ou menos, da ponte d'este nome, acha-se a aldêa de Magenta, no caminho de Milão, a qual devêra ser investida por Mac-Mahon. Com o desejo de desalojar o inimigo d'esta fortissima posição, resolveu o imperador anticipar a batalha, e com forças dez vezes inferiores mandou carregar sobre os Austriacos. Bem caro lhe custaria tal arrojo se o general Mac-Mahon, ouvindo o

troar da artilharia, não corresse a marchas forçadas em soccorro do seu imperador e lhe assegurasse um esplendido triumpho, obtido em troca de quatro mil homens mortos ou feridos, e entre elles os dous bravos generaes Leclerc e Espinasse. Muito mais sensivel foi a perda dos Austriacos, calculada em vinte mil homens postos fóra de combate.

Esta batalha, pelejada a 4 de Junho, abriu aos alliados as portas de Milão, onde Napoleão III e Victor-Manoel fizeram solemne entrada no dia 8 d'esse mesmo mez, no meio de um enthusiasmo impossivel de descrever-se. N'esse mesmo dia o general Baraguay-d'Hilliers batia os Austriacos em Malegnano, mais conhecido pela denominação de Marignan, em lembrança da brilhante victoria ahi alcançada por Francisco I de França sobre os Suissos (a 15 e 14 de Setembro de 1515).

Perdida pelos Austriacos a linha do Tessino, não tardarão em perder as do Adda, do Oglio e do Chiesa, e finalmente, franqueando o Mincio, deixavão toda a Lombardia em poder dos alliados. Este movimento retrogrado coincidia com o abandono que tinham feito dos ducados de Parma e Modena, cujos soberanos espavoridos fugião á vindicta de seus subditos sublevados, desamparando outrosim as Legações pontificias, onde por tantos annos se conservarão, e onde tambem deixavão após si o rastilho da revolução.

Não obstante tantos e tão multiplicados revezes, não havião perdido a esperanza de tirarem um desforço que os rehabilitasse aos olhos da Europa. Com esse proposito foi o imperador Francisco José collocar-se á frente das

suas tropas, cujo algarismo se elevava então a duzentos e vinte mil homens. A 24 de Junho os Austriacos, fortificados nas alturas de Solferino e Cavriana, apresentando uma frente de mais de cinco leguas, esperarão a chegada dos alliados, que sabião dirigirem-se para aquelle lado. Ahi empenhou-se uma sanguinolenta batalha, conhecida pela denominação de Solferino, na qual se jogarão os destinos da Italia. Por longas horas a victoria mostrou-se indecisa : sete vezes tomárão e perdêrão os Piemontezes a aldêa de S. Martinho, e as eminencias de Solferino só puderão ser conquistadas pelos heroicos esforços dos soldados francezes, levados ao fogo pelos seus denodados chefes. Napoleão, cioso do glorioso nome que tem, conservou-se no campo todo o tempo da batalha e expôz-se aos maiores perigos. Ás cinco horas da tarde os Austriacos retiravão-se em todas as direcções, acossados pelos Francezes e Sardos ; e favorecidos por uma violenta tempestade, que sobreveio ao pôr do sol, puderão repassar o Mincio na maior desordem e confusão. Na noite d'esse famoso dia o imperador dos Francezes dormio na mesma camara em que almoçara Francisco José.

Consideraveis forão as perdas de ambos os lados, podendo dizer-se que até o momento da debandada equilibrárão-se ellas. Duzentos e vinte mil homens batendo-se por dezeseis horas contra outros cento e cincoenta mil, igualmente bravos, igualmente munidos dos mais aperfeiçoados meios de destruição, devêrão necessariamente causar-se reciprocos e incalculaveis estragos. Só nas guerras do primeiro imperio francez se

poderão encontrar morticínios iguaes ao que ora commemoramos.

Pago o tributo do enthusiasmo e admiração pela bravura das suas tropas, Napoleão pensou seriamente na situação politica que os ultimos acontecimentos haviam creado, e ponderou com prudencia todos os elementos com que devêra contar e os que lhe poderião ser adversos. Vio diante de si o terrivel quadrilatero, capaz de exaurir as forças já mui debilitadas dos vencedores; contemplou o movimento revolucionario erguendo-se ameaçador em varios pontos da peninsula e despertado pela solemne promessa de liberdade e independencia que lhe fôra feita; e finalmente ouviu o longinquo rumor que das bandas da Allemanha partia acordando o sentimento nacional em favor da Austria. Collocado entre dous perigos igualmente graves, e sabendo que a Inglaterra espreitava o momento para assumir o seu papel de mediadora, e lograr todas as vantagens de um estado de cousas para o qual em nada contribuíra, expedia um emissario ao imperador Francisco José propondo-lhe uma entrevista. Ainda sobresaltado pela successiva perda de todas as suas esperanças, e summamente descontente pelo procedimento egoistico dos seus alliados, principalmente a Prussia, aceitou jubiloso a proposta que tão inopinadamente lhe era feita, e encontrando-se com Napoleão em Villa-franca assentárão nas bases do tratado de paz que terminou o primeiro acto do drama que historiamos (a 11 de Julho).

Os preliminares de Villa-franca, que assim se denominão os resultados da conferencia dos dous imperadores,

versarão sobre dous pontos; a saber : a cessão pela Austria da Lombardia á França com immediata transferencia para a Sardenha, e a criação de uma confederação de todos os principes italianos, sob a presidencia do Papa, e da qual faria tambem parte a Venecia, bem que submettida á Austria. Estas disposições não tardarão em ser solemnemente consagradas pelo tratado de Zurich (de 10 de Novembro), celebrado pelos plenipotenciarios da Austria, França e Sardenha, e devidamente ratificado pelos respectivos governos.

Apenas porém havião os soldados francezes regressado a seus lares, que uma activissima propaganda, surdamente favoneada pelo gabinete de Turim, minava os alicerces d'esse tratado. A idéa da unificação da Italia, sob o sceptro da casa de Saboia, acolhida fervorosamente por todos os partidos, e que por um momento chegara a contar por adepto o proprio Mazzini, triumphou das estipulações de Villa-franca, que ordenavão a reintegração dos principes decahidos e a restituição dos territorios tomados ao Papa.

Governos provisorios, á cuja frente se achavão varões conspicuos, como Ricasoli na Toscana, Farini em Modena e Parma, Cipriani em Bolonha, protestarão energicamente contra essas reintegrações, e pedirão a prompta e immediata annexação ao Piemonte (Agosto de 1859). Bem que satisfeito com semelhantes manifestações, Victor-Manoel não podia em publico adherir a ellas, preso como se achava pela palavra solemnemente empenhada ao seu augusto alliado, o imperador dos Francezes. Assim, pois, recusou as offertas que lhe erão

feitas, e influio para que seu primo o principe de Saboya Carignano declinasse do cargo de *regente da Italia Central*.

Não se dando por vencidos os promotores do movimento revolucionario, fizeram um appello ao suffragio universal, e munidos da sua soberana resolução demonstrarão a Victor-Manoel que não lhe era mais permittido resistir aos votos dos seus concidadãos. Curvou o rei a frente, e resignou-se a aceitar a corôa *que lhe era imposta !!*

Ferido em seus direitos, promulgou o Papa uma bulla de excommunhão contra os injustos detentores dos bens da Igreja (a 26 de Março de 1860); e a Austria, vendo-se escarnecida, e burlados os compromissos de Villa-franca e Zurich, dispunha-se a uma nova campanha. N'esta conjuntura valeu á Italia revolucionaria a proposta da Inglaterra, accita pela Austria e pela França, do principio da não intervenção, á cuja sombra puderão-se consummar todas as ultteriores annexações.

Vendo a França que não podia, nem convinha-lhe, voltar as armas contra o seu alliado da vespera, pensou em tirar do Piemonte, engrandecido pelos addicionamentos da Lombardia, Toscana, Parma, Modena e Romanhas, todo o partido que lhe fosse possível em bem do engrandecimento de seu proprio territorio; e, sob pretexto de que precisava de uma rectificação de fronteiras que a abrigasse dos acommettimentos de um vizinho tornado por demais poderoso, reclamou a posse de Nice e da Saboya. Crê-se geralmente que desde a conferencia de Plombières estava o Piemonte disposto a

essa concessão, que depois de passada pela prova do suffragio universal das populações mais especialmente interessadas, foi consagrada formalmente pelo parlamento de Turim (a 24 de Março de 1860); e, a despeito das vivas reclamações da Inglaterra e da Suissa, entrou logo no dominio dos *factos consummados*.

Orgulhosa dos seus faceis triumphos, proseguio a revolução em sua marcha invasora, sempre auxiliada em segredo pelo Piemonte, sempre desaprovada e renegada publicamente. Contida pelo lado da Venecia pelo inexpugnável baluarte da Austria, encaminhou-se para o sul da península, lançando cobiçosos olhos para Roma e Napolés.

Ao throno d'este ultimo paiz acabava de subir Francisco II (a 22 de Maio de 1859), principe debil, educado nas maximas do mais puro absolutismo, mas incapaz de cruezas, e ambicionando o governo sem responsabilidade pessoal. Uma amnistia quasi que geral assignalou os primeiros actos do reinado do novo monarcha, não sendo porém sufficiente para contentar os Sicilianos, que rompêrão em revolta a 4 de Abril do anno seguinte (1860). Graças ás occultas animações de Cavour, e á quasi que ostensiva protecção da Inglaterra, desembarcou Garibaldi (a 10 de Maio) em Marsala á frente de mil e tantos homens, e com a connivencia das populações e até dos proprios funcçionarios regios, fez triumphar a revolução em toda a ilha, com unica excepção da cidadella de Messina. Passando o estreito d'este nome desembarcou no continente; e auxiliado pela cobardia e traição dos chefes do exercito napolitano, e pelo geral descon-

tentamento dos povos pelos erros e atrocidades do ultimo reinado, vio abrirem-se-lhe todas as portas, inclusive as da mesma capital, onde fez entusiastica entrada a 7 de Novembro. Mal aconselhado, ou quiçá atraído, desdenhou Francisco II de tomar o commando das tropas que ainda se lhe cõservavão fieis, e offerecer batalha ao aventureiro feliz que lhe invadira os Estados. Longe d'isso, foi encerrar-se em Gaeta, confiado em estereis protestos e fallazes promessas. Aproveitando-se habilmente das hesitações do real mancebo, Garibaldi, que se havia feito proclamar dictador da Sicilia, recorreu em Napoles á infallivel panacéa do suffragio universal, e annexou o reino das Duas-Sicilias á monarchia de Victor-Manoel. Em retribuição d'esse serviço resolveu-se o gabinete de Turim de depôr a mascara que por algum tempo afivelára ; e, conservando-se ainda n'essa cõrte o representante de Francisco II, sem a minima declaração de guerra, mandou seus soldados combaterem ao lado dos voluntarios de Garibaldi, assegurando-lhes a victoria do Volturmo.

Os rapidos successos de Garibaldi havião alentado as esperanças dos exaltados, conhecidos pelo nome de *partido de acção*, os quaes, achando ainda tibia a coadjuvação do Piemonte, fallavão em completar sem elle a obra da unificação da Italia. Houve um momento em que a influencia do feliz caudilho eclipsára a do proprio rei Victor-Manoel ; foi então que o conde de Cavour, vendo que a revolução ia transpôr a meta que os compromissos diplomaticos lhe havião traçado, resolveu pôr-se á frente do movimento, reservando para depois as explicações,

e estribando-se na mui conhecida e fatal doutrina dos *factos consummados*.

Ameaçado de uma invasão *garibaldina*, entendeu o Santo Padre Pio IX que lhe importava defender os Estados cujo regimen lhe fôra confiado, e para esse fim tratou de organizar um pequeno exercito composto de fervorosos catholicos de quasi todas as nacionalidades da Europa, e deu o commando d'essa força ao general francez Lamoricière, vantajosamente conhecido nas guerras da Argelia. A presença d'esse pequeno exercito, situado nas fronteiras deixadas pela revolução ao Papa, não podia por fórma alguma inquietar o Piemonte, cujos battalhões estanciavão no norte e centro da peninsula. Fingio porém o conde de Cavour que o exercito pontificio era uma ameaça ás provincias recém-annexadas, e a 8 de Setembro de 1860 fez partir para Roma o conde de la Minerva, portador de um *ultimatum* comminando a declaração de guerra se dentro de vinte e quatro horas não fosse dissolvido o *ameaçador exercito*. N'esse mesmo dia entrava nas *Marcas* o coronel piemontez Masi com o fim de sublevar-as, e tres dias depois (a 11), antes mesmo que fosse conhecida a resposta ao *ultimatum*, os soldados de Victor-Manoel, ás ordens do general Cialdini, penetravão no territorio pontificio e davão começo ás hostilidades.

O general Lamoricière, que pensava ter de haver-se unicamente com os bandos indisciplinados de Garibaldi, ficou summamente sorprendido quando vio que um exercito regular, commandado por um chefe experimentado, vinha atacar a um punhado de voluntarios que

ainda não tinham tido tempo de receber a necessaria instrucção. Militar brioso, e sectario dos principios de cavalheirismo que honrão e distinguem a esta nobre classe, pensou que não devêra recusar o combate. A 18 de Setembro encontráram-se os dous exercitos em Castelfidardo, nas cercanias de Ancona ; e apezar dos prodigios de valor que ali mostráram alguns mancebos, pertencentes ás primeiras familias da aristocracia catholica da Europa, forçoso foi ceder ao numero e á superioridade das armas dos contrarios, indo os destroços do exercito pontificio buscar refugio nos muros de Ancona, cujo sitio foi immediatamente estabelecido pelas forças de terra, commandadas pelo mesmo Cialdini, e pelas de mar, ás ordens do almirante Persano. Privada dos meios de resistir á acção do duplo ataque, abriu a cidade as suas portas aos vencedores, entregando-se prisioneiro o intrepido Lamoricière com todos os seus companheiros de gloria e infortunio (a 28 de Setembro).

N'esse mesmo dia estigmatizou Pio IX n'uma energica allocução, lida em consistorio secreto, a conducta inqualificavel do Piemonte, e seu ministro dos negocios estrangeiros (o cardeal Antonelli) endereçou aos gabinetes da Europa um eloquente protesto contra tão formal e flagrante violação do direito publico recebido e pactuado. A indignação do Soberano Pontifice achou écho nos gabinetes dos principes seculares : a França e a Russia retiráram seus embaixadores de Turim, e a Prussia enviou-lhe uma severa e arrogante nota.

Sabia porém de antemão o astuto ministro de Victor-Manoel que não passaria d'isso a colera da Europa ; deu

ordem a Cialdini que consummasse a usurpação dos Estados pontificios, detendo-se unicamente onde fluctuasse a bandeira da França. Não encontrando inimigo com quem combater, facil foi ao general piemontez cumprir as instrucções que lhe erão dadas ; e podendo operar a sua junção com as forças de Garibaldi, forão ambos sitiár Gaeta, onde, como já dissemos, se encerrára Francisco II.

A 9 de Outubro partira Victor-Manoel de Ancona com destino a Napoles, onde foi recebido com vivas aclamações do povo, que em sua presença corroborou o voto de annexação (a 21 de Outubro). No velho castello de Teano conferenciarão o ex-dictador da Sicilia com o herdeiro de Carlos-Alberto, combinando nos meios de apressar a rendição do ultimo asylo da dynastia Bourbonica. Desamparado de todos, e contrastando por sua cobardia com o animo energico e varonil de sua mulher, tomou Francisco II a resolução de capitular, após quatro mezes de resistencia (a 13 de Fevereiro de 1861), retirando-se para Roma a bordo do navio de guerra francez *La Mouette*.

Poucos dias depois (a 18 de Fevereiro) abrio-se o parlamento, no qual tomárão assento deputados de quasi todas as regiões da Italia. Um dos primeiros actos d'esse parlamento foi o de conferir a Victor-Manoel o titulo de *rei da Italia*, titulo que tem sido successivamente reconhecido por quasi todas as nações do velho e novo continente.

A prematura morte do conde de Cavour (a 6 de Junho de 1861) ; a temeraria e felizmente mallograda empreza

de Garibaldi, que, querendo renovar a façanha de Marsala, avançava sobre Roma, em risco de esmagar-se nas barreiras francezas; os embarços financeiros e religiosos; a guerrilha permanente nas provincias meridionaes, ameaçavão seriamente a existencia do novo reino, quando a França foi-lhe em auxilio celebrando a convenção de 15 de Setembro de 1864, pela qual se obriga a retirar seus soldados de Roma, sob a solemne promessa de que a Italia abandonaria a sua predilecta idéa de declarar Roma capital do reino, comprometendo se a respeitar a soberania temporal do Papa no limitadissimo territorio que lhe fôra deixado. Como cidade mais central, foi Florença escolhida para capital do novo reino, e para ella transferirão-se o rei, o parlamento e os supremos tribunaes.

LVII. — Revolta dos Cipayos na India Inglesa.

Já vimos como a Inglaterra se havia apossado de quasi toda a India, fundando ahi um immenso imperio, povoado por mais de duzentos milhões de almas, e d'onde tirava incalculaveis lucros. O que porém ha de mais singular é que esse imperio fosse fundado e regido por uma companhia de negociantes, cujos delegados exercião attribuições politicas e administrativas. Semelhante estado de cousas causando inquietação ao governo britânico, levou-o a pedir ao parlamento uma lei pela qual mais immediata se tornasse a acção do mesmo governo sobre os agentes da companhia, que não duvidou trocar a sua soberania pela segurança que lhe deu o parlamento

de que o Estado se responsabilisava por um dividendo de dez por cento sobre o capital social.

Uma das maiores difficuldades com que sempre lutãrão os representantes da companhia era a da falta de soldados europêos que quizessem, tão longe de seus lares, defender-lhe os interesses. Assim pois virão-se obrigados a alistar no seu exercito crescido numero de indigenas, conhecidos pela denominação de *cipayos*. Os regimentos formados d'essa gente erã porêm commandados por officiaes inglezes, que não cessavão de gabar a obediencia e docilidade dos seus subordinados. Mas aconteceu que em 1856, quando lord Canning tomou conta do cargo de governador geral, começou-se a notar alguns symptomas precursores de insurreição.

Por essa época lavrava na India uma prophecia que limitava a cem annos a dominação ingleza, e era exactamente no anno seguinte que findava-se o fatal centennio. A esse primeiro despertar de adormecidos odios veio juntar-se o boato, adrede espalhado pelos ministros das religiões mahometana e brahminica, dominantes no paiz, de que os Inglezes, em menosprego do respeito devido ao *animal sagrado*, tinham mandado fazer os seus cartuchames com sebo de vacca. Tanto bastou para que a idéa de insurreição entrasse em todos os animos, e que uma vastissima conspiração se organisasse. Virão-se então circular de aldêa em aldêa bolos mysteriosos, e nas revistas das tropas folhas de loto passavão de mão em mão dos soldados. Quando tudo pareceu preparado rompeu a revolta, servindo de pretexto o não quererem os soldados de um regimento de *cipayos* de guarnição em

Merut (a 9 de Maio de 1857) receber os cartuchos que dizião *sacrilegos*. Havendo sido condemnados a dez annos de prisão os oitenta e oito considerados como cabeças de motim, todo o regimento pegou em armas e conseguiu pôl-os em liberdade, fazendo horrivel matança nos officiaes e empregados europêos. Tão contagioso foi este funesto exemplo, que tres dias depois a cidade de Delhi cahio em poder dos rebeldes, que, indo buscar nas sombras da obscuridade em que vegetava a um descendente dos antigos grão-mogóes, proclamárão-o *rei da India*.

Bem depressa as principaes cidades, como Agra, Bengala, declarão-se em plena sublevação; por toda a parte o incendio, o homicidio e a devastação assignalão a passagem de *Nana-Sahib*, cognominado o tigre de *Bithoor*, que assumira o commando supremo do exercito *cipayo*. Houve um momento em que os espiritos mais assustadiços crêrão findo para sempre o dominio inglez nas ribas do Ganges e do Indo.

Os officiaes e soldados inglezes derão n'essa occasião exuberantes testemunhos de firmeza e coragem que lhes conquistárão a admiração do mundo. O denodo com que o general Lawrence defendeu Lucknow; as multiplicadas victorias do general Havelock; as penosas marchas do exercito inglez através de territorios inhospitos, abrasados pelo sol e assolados pela guerra de exterminio; as represalias tomadas sobre o inimigo barbaro e feroz; e finalmente a chegada de numerosos reforços que determinárão a tomada de Delhi (a 20 de Dezembro de 1857), considerada como centro da insurreição, e o esplendido

triumpho de sir Colin Campbell conseguirão domar a revolta e fazer com que os indios se submettessem novamente ao jugo britannico.

Os successos que acabamos de epilogar convencêrão o governo da metropole da necessidade da absoluta concentração da autoridade. Um *bill* apresentado no anno seguinte por um ministerio *tory* e adoptado pelo parlamento, após longos debates, transferio para a corôa toda a administração dos Estados da India, supprimindo a companhia que por um seculo ahi dominára. A rainha Victoria tomou o titulo de *imperatriz do Indostão*, sendo um dos seus primeiros actos n'essa qualidade o licenciamento do exercito indigena, substituindo-o por outro composto unicamente de Europêos.

Forão estas medidas acompanhadas de outras tendentes a melhorar a sorte dos naturaes, como, por exemplo, o desenvolvimento dado á cultura do algodão, a abertura de novas estradas de ferro e de rodagem, a navegação por vapor entre varios portos notaveis por seu commercio e industria, ao mesmo tempo que seriamente cuidava-se na modificação da pauta das alfandegas, na melhor distribuição do imposto, e na liberal revisão dos codigos.

LVIII. — Guerra da França e da Inglaterra contra a China.

Ila de estar lembrado o leitor que já lhe fallámos da guerra movida pela Inglaterra á China por causa do

commercio do opio, guerra finalisada pelo tratado de Nankim, cujas estipulações lhe erão summamente favoraveis. Julgando-se com iguaes direitos, celebrou a França identico tratado em 1844, com o additamento do livre exercicio da religião catholica, assegurado não só aos estrangeiros, mas ainda aos nacionaes que professassem essa religião.

O prodigioso augmento das transacções nos quatro portos franqueados ao commercio europêo suscitou a cobiça dos agentes da autoridade chinesa, que recorrêrão a toda a casta de subterfugios para invalidar as vantagens garantidas pelos tratados causando constantes e avultados prejuizos. As exportações excedião sempre as importações, mostrando claramente que o Celeste Império queria unicamente vender e jámais comprar. A esses impecilhos vierão juntar-se outros, como, por exemplo, as difficuldades oppostas ás communicações com o interior, e a perseguição latente, mas nem por isso menos cruel, exercida contra os christãos.

Accumulando-se diariamente as causas de descontentamento, e irritando-se cada vez mais os animos dos residentes europêos contra a proverbial fallacia chinesa, força foi recorrer ás armas, *ultima ratio regum*. Tomarão a iniciativa os Inglezes atacando os fortes e bombardeando a cidade de Cantão, em castigo da falta de observancia ás clausulas do tratado de Nankim (23 de Outubro de 1856). Sendo communs os aggravos, não tardou a França em juntar suas forças ás da sua poderosa alliada, estabelecendo ambas o assedio e bloqueio de Cantão (Agosto de 1857), e apoderando-se d'elle a

29 Dezembro d'esse mesmo anno. O principe Yeh, que ali commandava com o titulo de generalissimo e vice-rei, foi feito prisioneiro e remettido para Calcutá.

Entendêrão então lord Elgin, embaixador da Inglaterra, e o barão Gros, plenipotenciário da França, que convinha aos interesses dos seus respectivos paizes dictar a paz em Pekim; e para esse fim ordenarão aos almirantes das esquadras alliadas que subissem o rio Pei-Ho, e exigissem dos Chins a entrega dos fortes estabelecidos em suas margens durante todo o tempo das negociações. Recusando-se porém os Chins subscreverem a semelhantes condições, apoderarão-se os alliados á viva força dos referidos fortes, abrindo aos diplomatas as portas da importante cidade de Tien-Tsin, para onde immediatamente se encaminharão. Ahi chegando achárão os commissarios chins, munidos de plenissimos poderes para a celebração do tratado de paz, que do nome da cidade é conhecido pela denominação de tratado de Tien-Tsin (a 29 de Junho de 1858).

Este tratado (do qual souberão habilmente aproveitar-se quasi todas as potencias da Europa e os Estados-Unidos da America com a celebração de outros de igual jaez) reiterava as estipulações dos anteriores, ampliando-as ainda com as seguintes concessões: a do livre accesso de todo o imperio aos estrangeiros, a permissão dada aos missionarios de prégarem e exercerem com toda a publicidade e franqueza a sua religião, e o reconhecimento do direito que assistia ás potencias signatarias de terem seus representantes em Pekim, direito a que sempre se recusára o governo chinéz.

Determinando um dos artigos do mesmo tratado que a troca das ratificações devêra effectuar-se em Pekim no prazo de um anno, embarcárão-se os plenipotenciarios francez e inglez, em companhia de seu collega o americano, na foz do rio Pei-Ho com destino á capital do imperio; mas pouco havião navegado, que virão-se obrigados a parar em razão de estar o rio inteiramente obstruido e tolhido o passo por obras da engenharia chineza. Importando a todo o trance superar a difficuldade, que tão inesperadamente surgia, resolvêrão os embaixadores pedir ao almirante inglez James Hope que forçasse a passagem, ao que este prestou-se de bom grado, não obstante a disproporção entre os meios de ataque e os da defesa.

Mal tinham começado as canhoneiras inglezas a tarefa de que se achavão incumbidas que horrivel canhonada partida dos fortes assaltou as frageis embarcações, mettendo muitas a pique. Vendo frustrado o seu plano, ordenou o almirante um desembarque com a gente disponivel das suas guarnições, accrescentada de sessenta marinheiros francezes, os quaes, apesar de obra-rem prodigios de valor, tiveram de recuar, deixando o campo alastrado de grande numero de mortos e feridos.

Como facil é de conjecturar, causou a maior indignação em toda a Europa esta odiosa violação do tratado de Tien-Tsin, e um brado de vingança echoou em uma e outra margem da Mancha. O imperador Napoleão III deliberou mandar á China o general Cousin-Montauban, á frente de doze mil homens, que devêrão fazer junecção

com o exercito inglez, forte de vinte e tres mil homens. Partindo pelos fins do anno de 1859 as frotas que conduzião os soldados da França e da Inglaterra, apparecêrão nas costas da China no mez de Abril de 1860, e operarão o seu desembarque em Sang-hai, importante cidade sita na embocadura do rio Yang-tsel-Kiang. Quasi tres mezes gastarão os alliados nos preparativos do ataque, e só nos ultimos dias de Julho é que a esquadra, levando a seu bordo dez mil Francezes e quinze mil Inglezes, apresentou-se na foz do Pei-Ho.

Nas fortalezas denominadas Ta-kou, que dominão o rio, havião os Chins concentrado um exercito de setenta mil homens, e dispondo de numerosa artilharia contavão aniquilar por uma vez os *barbaros invasores*, como appellidavão aos Francezes e Inglezes. O general Montauban, de accôrdo com seu collega o general Grant, ordenou o assalto das fortificações inimigas, e mediante a nunca desmentida bravura dos soldados e a superioridade da tactica e das armas européas, a victoria decidio-se pelo seu lado, ficando em seu poder as referidas fortificações e o immenso material de guerra que ali existia (20 de Agosto de 1860).

Batidos no campo da batalha, lançarão os Chins mão da sua habitual perfidia, e pedirão aos embaixadores, lord Elgin e barão Gros, que dessem ouvidos ás suas proposições de paz; estes, regulando-se pelas suas instrucções, que lhes prescrevião de preferirem sempre a paz á guerra, decidirão-se a entrar em negociações. Bem depressa porém convenceu-lhes a experiencia que os Chins nada mais querião do que lucrarem tempo, e

com elle a possibilidade de receberem novos reforços do interior do imperio. Desenganados de nada alcançarem de duradouro pelos meios diplomaticos, declararão que entrarião unicamente em transacções quando seus respectivos exercitos estivessem acampados junto aos muros de Tong-Tcheou, cidade que demora a quatro leguas da capital do imperio.

A 18 de Setembro, achando-se o exercito alliado nas immedições de Tchang-Kia, foi assaltado por um bando de quarenta mil Tartaros, que fazendo insolito alarido pretendêrão romper suas fileiras. Dentro de uma hora fugião os barbaros em debandada, tendo pago muito caro o seu arrojo. Contemporaneamente com esse accommettimento deu-se o facto da emboscada em que cahirão alguns Francezes e Inglezes que tinham-se encaminhado a Tong-Tcheou com o fim de se encontrarem com os negociadores chins.

Cada vez mais convictos de que só a força poderia dar a esse povo degenerado claras noções do direito, apressarão os alliados a sua marcha sobre a capital, e chegando a 21 de Setembro a um sitio denominado Palikão, ali encontrarão vinte e cinco mil homens, abrigados atrás de um canal.

Concertado o plano da batalha investirão os Francezes e Inglezes, em numero consideravelmente inferior, contra esse exercito que tencionava vedar-lhes a passagem, e depois de uma acção que durou cinco horas, os louros de uma nova victoria vierão engrinaldar-lhes as fronteiras. A 7 de Outubro os vencedores acampavão nos suburbios de Pekim, entregando-se infelizmente a soldadesca de

ambos os exercitos, desesperada pelas traições dos inimigos, a excessos que a civilisação condemna, e que severamente forão-lhe exprobrados pelos seus respectivos diplomatas e generaes. No numero dos actos de vandalismo então praticados releva fazer menção do incendio do palacio de estio do imperador, monumento grandioso e considerado como uma das maravilhas do engenho humano.

Perdidas as ultimas esperanças de resistencia, e vendo-se desalojado de sua capital, deputou o imperador seu irmão mais moço ao campo dos alliados propondo-lhes aceitaveis condições, das quaes resultou a convenção de 24 de Outubro assignada com os Inglezes, e a de 25 com os Francezes. Firmadas d'est'arte as bases da paz, fizeram os embaixadores sua solemne entrada na capital do imperio (a 28 de Outubro), com um apparato e ostentação proprios para inspirar aos naturaes o mais elevado conceito da grandeza das forças dos seus novos amigos. No dia 1º de Novembro deixou o exercito alliado Pekim, e foi esperar em Tien-Tsin o pagamento das indemnisações arbitradas, as quaes sendo satisfeitas com a escrupulosa regularidade que sóe dictar o temor, embarcárão para a Europa, indo receber dos seus respectivos governos e concidadãos os testemunhos de estima e gratidão.

Tudo induz a crer que d'esta feita serão os tratados uma realidade, attenta a dolorosa experiencia por que passarão os violadores das anteriores convenções, o desenvolvimento que gradualmente toma o commercio, e as modificações que o trato dos estrangeiros necessariamente imprime no character nacional.

LIX. — Abertura dos portos do Japão.

Na extremidade oriental da Asia existe outro imperio formado de numerosas ilhas, e cujas maravilhosas riquezas forão patenteadas á Europa pelas narrativas dos viajantes Marco Polo, Veneziano, e Fernão Mendes Pinto, Portuguez. Guiados pelo seu grande apostolo S. Francisco Xavier, penetrarão os jesuitas n'esse paiz pelo meiado do seculo decimo-sexto, e ali fizerão prodigiosas conversões, obtendo o livre e publico exercicio da religião catholica. Dominadores n'essa época do Oriente, fizerão os Portuguezes o commercio em larga escala com o Japão, que assim se denomina o imperio de que queremos fallar, afastando toda a concorrência. Desavenças religiosas, suscitadas, ao que se diz, pelo excessivo zelo dos jesuitas, provocarão em 1637 violentissima reacção, da qual resultou a matauça de quasi todos os catholicos residentes no imperio, o saque de suas propriedades, e o incendio dos magnificos templos que já se havião erguido. Como medida complementar, deliberou o imperador vedar o accesso dos seus Estados aos estrangeiros.

Permaneceu este absoluto isolamento até o anno de 1641, no qual alcançarão os Hollandezes permissão para traficarem no unico porto de Nangasaki, mediante numerosas e pesadas condições, ás quaes de bom grado se sujeitirão em razão das vantagens que d'esse commercio colhia a sua importantissima colonia de Batavia.

Os lucros auferidos pelos Hollandezes despertarão a

cobiça dos Americanos do Norte, que no anno de 1853 enviãrão a Yeddo, capital do imperio, o commodore Parry, portador de uma carta do presidente dos Estados-Unidos para o soberano temporal (*o Kubo*) propondo-lhe a celebração de tratados de commercio e amizade entre os seus respectivos paizes. Logrou o emissario americano dissipar todas as objecções oppostas á alliança occidental, e no anno seguinte (Março de 1854) foi assignada a convenção que estatuiu a abertura immediata do porto de Simoda e do de Hakodade, dentro de um anno, para os navios navegando com a bandeira dos Estados-Unidos da America do Norte.

Conhecida que foi a celebração d'este tratado, quizerão as demais nações maritimas alcançar iguaes vantagens. A 14 de Outubro de 1854 celebrou o almirante Sterling, commandante da estação naval ingleza nos mares da China, um tratado de commercio pautado nas mesmas proporções, sendo desde então franqueados tambem ás embarcações d'esta nação os portos de Nangasaki e Hakodade. Facil foi á Hollanda fazer os seus naturaes participantes de identicos favores e privilegios, abrindo-se ao seu commercio os tres portos de Nangasaki, Simoda e Hakodade pela convenção de 9 de Novembro de 1855.

Victoriosos dos Chins, entendêrão os representantes da França e da Inglaterra que deverião fazer reverter em prol dos seus compatriotas o prestigio de que gozavão as suas armas em todas as regiões orientaes; assim, pois, dirigio-se lord Elgin com tres navios de guerra ao porto de Yeddo pedindo a revisão do tratado de 14 de

Outubro de 1854, ou melhor, a sua substituição por outro baseado em mais amplas concessões. Não se animando o imperador a contrariar a vontade do arrogante diplomata, deu a sua assignatura ao tratado de 26 de Agosto de 1858. Um mez depois chegava o barão Gros fazendo semelhantes exigencias por parte da França, e pelo mesmo motivo obtendo o tratado de 9 de Outubro do mesmo anno. Navegando nas aguas de seus collegas, e sem que lhes fosse necessaria a minima ostentação de forças, conseguirão o consul americano e o almirante russo Poutiakín que fossem applicados aos seus contrerreneos iguaes disposições.

As estipulações de todos estes tratados reduzem-se, pouco mais ou menos, ás seguintes : faculdade de conservar em Yeddo agentes diplomaticos, e consules nos portos francos ao commercio; licença ampla para viajarem os subditos das nações contractantes por todas as provincias do imperio do Japão; livre exercicio dos seus respectivos cultos, e a erecção de templos, igrejas, conventos, ou outros quaesquer estabelecimentos religiosos que julgarem convenientes; entrada sem onus da moeda estrangeira, podendo ser permutada pela nacional; e direitos de importação e exportação regulados por uma tarifa modica e summamente favoravel ás transacções.

Contém cada uma d'estas convenções uma clausula por demais caracteristica do temor que inspirão ainda aos Orientaes as relações que vão estabelecer com os povos da Europa e da America; refiro-me á expressa prohibição de importarem opio em qualquer parte do territorio do imperio.

Cumpre dizer que, ao inverso de seus vizinhos os Chins, têm cumprido os Japonezes lealmente as convenções que subscreverão, bem que um tanto constrangidamente. Por duas vezes (em 1861 e 1864) tem mandado o soberano temporal pomposas embaixadas ás côrtes da Europa com as quaes se acha em relações, sendo ahi muito obsequiadas e deixando em todas ellas a mais agradável impressão pela amabilidade de seu trato e curiosidade com que buscavão instruir-se dos usos e costumes dos povos que visitavão.

LX.— Revolução na Grecia.— Decahimento da dynastia bavara. — Annexação das ilhas Jonias.

Este pequeno reino, fundado, como já dissemos, pela intervenção das grandes potencias da Europa, e em cujo throno foi collocado o principe bavaro Othon, não correspondeu ás vistas dos seus protectores por causas que longo seria examinar. Notou-se desde os primeiros dias do reinado de Othon um antagonismo entre os Allemães, que formavão o sequito e a côrte do monarcha, e os homens eminentes, que tão gloriosa parte havião tomado na guerra da independencia. Ligado pelos vinculos de nacionalidade, lingua e religião, mostrava o principe dar preferencia aos primeiros em tudo o que mais particularmente lhe dizia respeito, ao passo que lançava mão dos segundos para todos os empregos que tinham character publico. Não satisfez esta separação aos animos suspeitos dos Gregos, que para segurança dos seus di-

reitos exigirão uma constituição, que effectivamente lhes foi outorgada.

Abrio o regimen parlamentar ampla arena ás vivas discussões dos partidos, conhecidos n'esse paiz pelas denominações de partidos francez, inglez e russo; e por occasião da guerra da Criméa de tal modo ameaçarão perturbar o socego publico, que necessaria tornou-se a occupação provisoria de Athenas por uma divisão do exercito anglo-francez.

Dous principios se acharão em antagonismo logo no dia seguinte ao da fundação da monarchia : o primeiro tendente a chamar para a patria grega a todos os povos de uma commum origem, que fallão a mesma lingua e professão a mesma religião, protestando solememente contra as limitadissimas fronteiras que lhe forão arbitradas pelas potencias protectoras; o segundo, patrocinado pelo rei, era o da fiel observancia dos compromissos tomados, renunciando toda a propaganda annexionista.

Sendo o primeiro d'estes principios o que mais especialmente lisongeava o espirito publico, e á cuja frente se achavão os homens de maior prestigio, claro é que o rei devêra tornar-se impopular. A esta circumstancia importa acrescentar o character secco e reservado de Othon, seu menoscabo pelos costumes gregos, e mais que tudo o predomínio que sobre elle exercia sua mulher, Amelia de Oldemburgo, princeza orgulhosa, que ingeria-se indebitamente nos publicos negocios.

Depois de varias tentativas de rebellião de pequeno vulto, sempre reprimadas pelas forças do governo, rompeu no mez de Outubro de 1862 um movimento insur-

reccional em Nauplia, que desde o seu começo incutio serios cuidados. Os chefes d'esse movimento erão officiaes subalternos, pertencentes porém ás familias mais influentes do paiz, cuja connivencia ficava d'est'arte revelada. Em breve foi o governo informado de que a insurreição tinha grandes ramificações em todo o reino, e que na propria capital se achavão seus verdadeiros promotores, a quem convinha conservarem-se por então na sombra.

O grito da insurreição de Nauplia encontrára écho em Syria, ameaçando propagar-se em toda a Eubéa. A' vista do que, entendeu o ministro da guerra Colocotronis, com o assentimento regio, que devêra escolher para o commando do exercito enviado contra os insurgentes ao general Hahn, assaz conhecido pela sua dedicação á bandeira que jurára servir. Portador de palavras de paz e esquecimento baixadas do throno, o general Hahn, depois de havêl-as communicado aos rebeldes, vendo-as desdenhadas, investio a praça, obrigando os insurgentes a se entrincheirarem no forte Palamides, onde por ultimo capitulárão aceitando a amnistia que lhes fôra offerecida.

A revolta de Nauplia, terminada pelo modo que acabamos de mencionar, fazia presumir que proximo estava algum outro acontecimento de maior gravidade. Querendo Othon recompensar os serviços recentes do general Colocotronis, incumbio-o da organização de um novo ministerio.

Como o ultimo pronunciamento tomára por pretexto a ingerencia por demais pessoal do rei nos negocios po-

líticos, declararão os novos ministros em seu programma de 8 de Junho de 1862, *que aceitando as pastas tinham particularmente consciencia da responsabilidade que a constituição fazia pesar nos actos publicos tão sómente sobre os conselheiros da corôa.*

Apezar da lealdade com que o ministerio Colocotronis cumprio as suas promessas, e do empenho que mostrou em apagar os vestigios da ultima sublevação tornando a amnistia de 12 de Maio extensiva a todos os soldados e desertores, bem como aos dous unicos chefes que d'ella havião sido exceptuados, nada d'isto foi capaz de deter a corrente revolucionaria prestes a trasbordar.

No dia 13 de Outubro d'esse anno de 1862 embarcou-se o rei, em companhia de sua esposa e de algumas pessoas da côrte, a bordo da fragata de vapor *Amalia*, afim de visitar varios districtos meridionaes do reino. Chegára a Kalmata, depois de haver successivamente percorrido Hydra, Spezzia e Sparta, quando se lhe fez encontradiço o general Mavromichalis, informando-o de que o general Theodoro Grivas sublevára a guarnição de Vonitza, chamando-a á *defensa das liberdades publicas e da soberania nacional conculcadas.*

Dando por findo o seu passeio, decidio-se Othon a recolher-se apressadamente a Athenas, afim de conhecer por si proprio da gravidade das circumstancias. O movimento que se ostentára em Vonitza communicára-se immediatamente a Patras, onde o povo, fraternizando com a tropa, escolhêra Roufos para presidente de uma junta provisoria. O peor da situação era que a mesma Athenas, sympathisando com a insurreição, fazia pre-

parativos cujo destino não era por ninguem desconhecido. A's oito horas da noite do dia 22 de Outubro bandos armados, capitaneados por um certo Diamantopoulos, atacarão as tropas estacionadas no extremo da cidade, as quaes, havendo-se batido com coragem e pericia, virão-se todavia obrigadas a ceder ao numero, pondo termo á resistencia ás onze e meia horas da referida noite.

No seguinte dia (23) os homens que mais activa parte haviam tomado nos successos aqui relatados reunirão-se para formarem um governo provisorio, collocando na presidencia a Demetrio Bulgaris, um dos heróes da guerra da independencia. No emtanto chegava a Salamina (a 24) a fragata *Amalia*, e apenas ancorada recebia em seu bordo os ministros estrangeiros, incluindo o da Baviera, que vinhão representar ao rei Othon que a sua causa estava irremediavelmente perdida, convindo-lhe quanto antes deixar o paiz, passando-se para qualquer embarcação estrangeira. Sendo pouco depois confirmado esse conselho pelo ministro Kalifronas, enviado por parte do governo revolucionario, decidio-se o rei a trasladar-se para bordo do barco inglez *Sylla*, d'onde expedio uma proclamação, datada d'esse mesmo dia, declarando que para poupar e evitar scenas ltuosas se decidia a ausentar-se *temporariamente* da Grecia, com absoluta reserva dos seus direitos.

Por decreto do 1º de Dezembro convidava o governo provisorio ao povo que se reunisse em comicios afim de eleger novo rei, facultando o suffragio aos analphabetos e estrangeiros domiciliados no territorio hellenico durante um periodo excedente a vinte annos. A apuração dos

votos foi por esse decreto reservada a uma assembléa nacional constituinte n'essa mesma occasião eleita.

Os promotores da revolução declararão em seus programmas e manifestos que a Grecia desejava um rei pertencente a alguma das familias reinantes da Europa, e que reunisse estas tres qualidades : *não ser Allemão; possuir grande fortuna ; e ter filhos.*

Apoiada pela França e a Russia a candidatura do moço duque de Leuchtemberg, neto do principe Eugenio de Beauharnais e do imperador Nicolão, por certo que triumpharia sem a decidida opposição da Inglaterra, que oppôz-lhe a do principe Alfredo de Coburgo, segundo filho da rainha Victoria. Para assegurar ao seu candidato as sympathias dos Gregos, resolveu-se o gabinete de Londres a fazer o sacrificio das ilhas Jonias, cujo protectorado lhe fôra dado pelo congresso de Vienna, mas cuja posse se lhe tornava de dia em dia mais penosa.

Apenas soube-se em Paris quaes as intenções do governo inglez relativamente á eleição do rei da Grecia, expedio o ministro dos negocios estrangeiros Drouyn de Lhuys uma nota a seu collega de Londres lembrando as clausulas terminantes da convenção de 3 de Fevereiro de 1830, que excluia do throno do novo reino a qualquer principe pertencente a alguma das familias reinantes nos paizes que mais havião contribuido para a sua independencia, e por cuja mediação fôra elle constituido; accrescentando que a França estava resolvida a fazer respeitar a referida clausula.

Nem assim deu-se a Inglaterra por vencida; antes, empregando subterraneamente todos os meios obliquos,

fez com que o principe Alfredo fosse eleito rei com a immensa maioria de duzentos e trinta mil e dez votos, ao passo que seu rival, o duque de Leuchtemberg, apenas pôde reunir dous mil e quatrocentos votos (a 13 de Dezembro).

Obtido esse esplendido triumpho moral, entendeu lord Russell, que então dirigia a repartição dos negocios estrangeiros, que convinha-lhe não levar mais longe o seu capricho, e ordenou a seu agente em Athenas (Elliot) que manifestasse ao governo provisório que a Inglaterra, julgando-se ligada pelos compromissos que tomára assignando a convenção de Londres (de 5 de Fevereiro de 1830), não podia consentir que o principe Alfredo se fosse sentar no throno de que acabava de ser expulso Othon.

Deu-se então um espectaculo summamente curioso, qual o de um povo revolucionado em cata de um rei, indo-o procurar, já nas dynastias reinantes, já nas decahidas. Os nomes dos duques de Saxe-Coburgo, de Aumale, e o do rei Fernando de Portugal, forão successivamente lembrados pela diplomacia, aceitos pelo governo de Athenas, sem que todavia se pudesse conseguir d'esses principes a aceitação da corôa que lhes era offerecida.

Começando a causar graves apprehensões o estado em que se achava a Grecia desde o mez de Outubro, e havendo já quem se lembrasse de hastear o pendão da republica, força foi que as potencias protectoras combinassem na escolha do segundo filho do principe Christiano de Glucksburgo, herdeiro presumptivo do throno

da Dinamarca. Um decreto da assembléa nacional constituinte (de 13 de Fevereiro de 1865) pronunciou o decahimento do rei Othon e de toda a sua familia; e outro de 30 de Março d'esse mesmo anno proclamou o príncipe Christiano-Guilherme-Fernando-Adolpho-Jorge rei dos Hellenos sob o nome de *Jorge I*. No dia seguinte um terceiro decreto, relativo á annexação das ilhas Jonias, exprimia o ardente anhelos de toda a nação grega para que essas ilhas fossem quanto antes collocadas sob o sceptro constitucional de S. M. Jorge I; e manifestava ao mesmo tempo a gratidão de que se achavão possuidos os representantes da nação pelo generoso procedimento de S. M. B., que com tanta longanimidade annuira aos desejos dos Jonios de fazerem parte da patria hellenica.

Apanhada em seus proprios ardis, não teve remedio a Inglaterra senão consentir na annexação mencionada, que lhe foi outrosim exigida pelo rei da Dinamarca e pelo duque de Glucksburgo, como *conditio sine qua non* da aceitação do joven príncipe seu pupillo e filho. Por pedido da Turquia decidio-se que Jorge I tomaria o titulo de *rei dos Hellenos*, e não o de *rei dos Gregos*, como a principio tinha determinado a assembléa constituinte.

O novo monarcha, partindo de Copenhague em companhia do conde Sponnek, que lhe devêra servir de aio, visitou successivamente Londres e Paris, fazendo a sua entrada solemne em Athenas (a 29 de Outubro) no meio de fervorosos applausos, prestou o juramento exigido pela constituição (a 31), e entrou na fruição dos seus direitos magestáticos. Pouco antes o lord alto-commisario das ilhas Jonias abriu o parlamento convocado

ad hoc, e no dia seguinte (a 4 de Outubro) votava-se o seguinte decreto :

« Asilhas de Corfú, Cephalonia, Zante, Sancta-Maura, Itaca, Cerigo e Poxos, com suas dependencias, reunir-se-hão ao reino da Grecia, afim de formarem para sempre parte integrante da monarchia constitucional de S. M. o rei dos Hellenos Jorge I e dos seus successores. »

Os tratados de 14 de Novembro de 1863 e 29 de Março de 1864 estipulárão as condições pelas quaes consentião as potencias protectoras n'esse augmento de territorio grego, e havendo as tropas inglezas evacuado inteiramente as ilhas, tomou d'ellas posse o commissario regio Zaïmis (a 28 de Maio).

LXI. — Insurreição polaca.

A Polonia, que vimos esmagada litteralmente pela Russia em 1831, jazeu por muitos annos n'um estado de grande abatimento, vizinho da morte moral; mas no começo do anno de 1861 começarão a perceber-se symptomas de proxima agitação, que despertárão a attenção do governo de S. Petersburgo. Querendo o imperador Alexandre II trilhar differente vereda da do seu predecessor, e ensaiar os meios conciliatorios, resolveu mandar a Varsovia, na categoria de lugar-tenente, a seu irmão o grão-duque Constantino (a 8 de Junho de 1862), tendo por assessor o Marquez Wielopolski, assaz conhecido pela sua prudencia e moderação.

Ao passo porém que a nova administração assignalava-

se por uma conducta diametralmente opposta á que fôra até então observada, partião do gabinete imperial apertadas ordens para que um recrutamento numeroso fosse feito em todo o paiz. N'uma só semana do mez de Julho mais de quinhentas prisões se effectuárão, e em pouco tempo quatorze mil oitocentos e trinta e tres mancebos, representando o quinto da população viril de Varsovia, estavam alistados nas fileiras do exercito russo.

Semelhantes rigores provocárão clamorosas queixas, e grande numero de representações subirão á presença do grão-duque vice-rei e á do seu principal ministro. Ou cedendo a suas proprias inspirações, ou, como é mais provavel, obedecendo a secretas instrucções de S. Petersburgo, o certo é que mal acolhidas forão essas representações; e o seu principal promotor, o conde André Zamoyski, tomou o caminho do exilio; emquanto que os deputados da nobreza de Padolia, culpados de haverem manifestado desejos de uma reunião politica e administrativa de todo o reino, comparecião perante os tribunaes russos.

Taes medidas lançárão na desesperação os patriotas polacos; privados dos conselhos do conde Zamoyski, que sobre elles exercia incontestada influencia, recorrerão á violencia e fizerão appello á insurreição. No dia 15 de Janeiro de 1863 alguns dos mais comprometidos, tendo podido evadirem-se das prisões, forão organizar os bandos que desde então começárão a hostilizar os Russos. No dia 22 a junta central publicou a sua primeira proclamação da *guerra da independencia*, e n'esse mesmo dia, e no do 4º de Fevereiro, houve

recontros entre os bandos armados e diversos corpos russos, nos palatinados de Varsovia, Radon, Plock e Lublin.

Assim empenhada a luta, não tardou em assumir um caracter assustador; era uma verdadeira guerra de emancipação, o despertar de uma nacionalidade que se cria morta, mas que apenas estava adormecida. Os combates se succedião uns aos outros, e nos primeiros dias de Fevereiro batião-se com encarniçamento Russos e Polacos em Tomaszow, Wonchok, Biala, e principalmente em Wengrow, onde o combate ergueu-se a proporções sublimes. Alguns bandos se havião abrigado n'essa cidade quando foi ella acommettida por um corpo de tropas russas, muito superior em numero, e munido de seis peças de artilharia. Reconhecida a absoluta impossibilidade de qualquer resistencia, deliberarão os chefes insurgentes operar uma retirada, simulando aceitarem combate; foi então que deu-se o feito que qualificamos de sublime, consistindo na heroica decisão tomada por duzentos mancebos, pertencentes á primeira nobreza do paiz, e não tendo alguns d'elles attingido á idade de vinte annos, de se votarem em holocausto, indo ao encontro dos canhões inimigos e occupando-lhes a attenção emquanto o grosso das forças poiacas desfilava em retirada. Todos ficárão no campo da batalha; a retirada porém realisou-se com a maior regularidade.

Prégada a *guerra da independencia*, e começada sob felizes auspícios, convinha concentrar a autoridade suprema n'uma só mão, e investir a um só cidadão de toda a responsabilidade. Lembrado foi logo o nome de Ma-

riano Langiewicz, nascido em Krotoszin, no grão-ducado de Posen, e portanto subdito da Prussia, em cujo exercito servira com distincção durante alguns annos.

O primeiro cuidado do dictador polaco foi o de organizar os corpos de voluntarios e dar-lhes instrucção e armamento apropriados para a guerra de recursos que convinha fazer. Retirou-se depois para as montanhas de Santa-Cruz, d'onde descendo inopinadamente infligio humilhante derrota a uma columna do exercito inimigo mandada em seu encalço.

Exasperada a Russia pela resistencia que lhe oppunhão, ordenou a seus generaes que fizessem talar o paiz semeando o incendio e a devastação por toda a parte por onde transitassem. Por seu turno não poupavão os Polacos as vidas e propriedades dos seus implacaveis oppressores; e, aos olhos da Europa civilisada, na segunda metade do seculo decimo-nono, contemplamos o afflictivo espectaculo de uma guerra de exterminio, de insolita barbaridade.

Conhecendo os generaes russos que o accrescimo de vigor da insurreição provinha da unidade de commando, confiado á intelligencia, dedicação e bravura de Langiewicz, deliberarão ataca-lo com todas as suas forças. Convergindo as suas columnas em Chrobierz e Grochowiska, nas ribanceiras do Vistula, investirão o pequeno exercito polaco, ás ordens do dictador. Durou tres dias a batalha (17, 18 e 19 de Março); n'ella se praticarão actos de coragem e heroismo que as gerações futuras tomarão quiçá por legendarios; a victoria porém pertenceu ao numero. Na hora suprema tomou Langiewicz

uma decisão desesperada : dissolveu o seu exercito, dividio-o em partidas volantes, e, no intuito de procurar soccorros na parte da antiga Polonia ora pertencente á Austria, transpôz as raias d'esse imperio, onde sendo descoberto foi aprisionado.

Não havendo entre os chefes insurgentes quem gozasse de bastante prestigio para succeder-lhe, força foi recorrer ao primeiro expediente, e reorganisar o directorio executivo de Varsovia, que d'esta vez cobrio-se com o véo do anonymo para preservar seus membros da vindicta russa.

Recobrando o animo, um tanto abatido pela ultima e fatal derrota, proseguirão as guerrilhas no seu systema de inquietar o exercito inimigo, difficultando-lhe os meios de subsistencia. Todo o estio de 1863 passou-se em continuas refregas, sem resultado algum decisivo. Podia-se então dizer com verdade que a nação polaca estava de pé, combatendo e obedecendo a um governo que ella não conhecia. A insurreição propagára-se á Ruthenia e á Volhynia; seu foco porém era na Polonia propriamente dita e na Lithuania.

Os soccorros, tão promettidos e tão anciosamente esperados, não chegavão; a mór parte dos chefes estavam mortos ou prisioneiros; e posto que alguns officiaes distinctos, vindos dos differentes paizes da Europa, corressem a offerecer suas espadas á causa polaca, claro era que a resistencia não poderia por muito tempo prolongar-se diante da attitude cada vez mais imponente que tomava a Russia.

Ouvindo os clamores da imprensa ingleza, franceza e

allema, a voz de seus oradores nos respectivos parlamentos, acreditou ao principio o imperador Alexandre na possibilidade de uma intervenção armada, e por isso apressou-se em offerecer a seus subditos revoltados uma amnistia (1º de Abril de 1863); mas quando convenceu-se de que as potencias occidentaes não querião perder as suas sympathias quebrando lanças em prol de uma pequena nação que nada pesava na balança politica, ordenou a Mouravief, investido de suprema e excepcional autoridade, que afogasse a insurreição em ondas de sangue.

Assistio a primavera de 1864 ao fim d'esse disproporcional duello entre o colosso do norte e uma pequena nacionalidade, victima das discordias civis, da inveja e cobiça de seus vizinhos, e do egoismo e ingratidão dos seus pretensos alliados.

LXII.— Questão dos ducados do Elba.— Desmembração da monarchia dinamarqueza.

Dissemos que errára a diplomacia em seus calculos e previsões quando suppozera ter findo a questão dos ducados do Elba, mais conhecidos pela denominação de Schleswig e Holstein, mediante o convenio que anteriormente expuzemos; vamos agora provar a veracidade do nosso asserto, resumindo os acontecimentos que tiverão lugar nos annos de 1863-1865. Para boa comprehensão porém do que temos de dizer cumpre que retrocedamos um pouco, tomando o fio historico do ponto em que o deixámos.

Ainda depois da convenção de Londres a que acima nos referimos conservárão-se as tropas allemãs no ducado de Holstein; e para obter a sua retirada teve o rei da Dinamarca de manifestar as suas intenções relativas ao futuro governo d'esses ducados. Um plano de organização foi communicado aos gabinetes de Vienna e Berlim, em virtude do qual o Schleswig teria uma dieta especial com voto deliberativo, e as duas nacionalidades (allemã e dinamarqueza) serião n'elle collocadas em pé da mais perfeita igualdade. Outro decreto, datado de 6 de Dezembro de 1851, continha a solemne promessa do gabinete de Copenhague de que o referido ducado não seria por fórma alguma incorporado na monarchia dinamarqueza; e sob essa clausula obrigou-se a Confederação Germanica a não exercer a menor ingerencia nos seus negocios internos.

Tal era o estado da questão quando em 1855 lembrou-se o governo dinamarquez de promulgar nova constituição, estipulando que as diversas partes da monarchia, taes como a Dinamarca propriamente dita, o Schleswig, o Holstein e o Lauemburgo, formando um todo compacto e indivisivel, enviarião deputados ao congresso, chamado n'esse paiz *rigsraad*. A 6 de Novembro d'esse mesmo anno exigio a dieta federal de Francfort que ficasse isento d'essas disposições o ducado do Holstein; e, como a sua reclamação poderia ser facilmente apoiada pela força, cedeu a ella o governo dinamarquez, abrindo logo em principio odiosa excepção.

Não tardou que novas reclamações partissem dos Allemaes habitantes dos ducados do Schleswig e Lauem-

burgo, firmando-se nas promessas que se lhes tinham feito relativas á manutenção de sua autonomia; e como o gabinete de Copenhague dêsse pouco apreço a taes representações, forão ellas levadas á dieta de Francfort (14 de Fevereiro e 13 de Março de 1863). O enviado dinamarquez na dieta protestou solemnemente contra qualquer intervenção que pretendesse esta pôr em pratica contra os reconhecidos direitos do seu soberano ao regimen interno dos seus subditos; e o ministro dos negocios estrangeiros endereçou uma nota aos gabinetes de Berlim e de Vienna abundando nas mesmas idéas (a 8 de Maio de 1863).

Visivel havendo-se tornado o perigo de uma guerra, pretendêrão alguns governos estrangeiros evital-a, dirigindo aos interessados n'esse negocio conselhos e admoestações. O conde Russell, que occupava a pasta dos negocios estrangeiros da Inglaterra, expedio instrucções aos seus delegados nas côrtes da Austria e da Prussia para que empregassem todos os esforços tendentes a trazer uma conciliação entre os dissidentes, lembrando aos governos junto dos quaes se achavão acreditados o compromisso que havião tomado de manterem a integridade da monarchia dinamarqueza. No mesmo sentido expressou-se o conde de Manderström, que no ministerio sueco dirigia identica repartição. A França e a Russia guardarão reserva, circumscrevendo-se á expectativa.

No emtanto os acontecimentos se precipitavão. O governo dinamarquez, consentindo em outorgar ao Holstein uma administração separada, queria todavia fazê-lo sob

certas condições que não importassem quebra do que entendia ser da sua dignidade. Assim, por decreto de 30 de Março de 1863, estatuiu regras e normas que não merecerão a adhesão de seus subditos allemães, nem poderão contentar os gabinetes de Berlim e Vienna, os quaes, averbando de lesivas as convenções de 1851 e 1852, reclamarão a immediata revogação do mencionado decreto.

Abusando então, como quasi sempre succede, da superioridade de forças, exigio a dieta germanica que não sómente o ducado do Holstein, mas ainda os de Lauemburgo e do Schleswig, em grande parte habitados por Dinamarquezes, fossem desmembrados da Dinamarca propriamente dita e formassem um todo homogeneo, tendo apenas de commum a unidade de soberano. Adoptada esta resolução, forão a Saxonia e o Hanover incumbidos de pô-la em execução, levantando um corpo de tropas de seis mil homens, que devêra ser apoiado por um exercito austro-prussiano, caso se tornasse precisa a sua intervenção. Em sessão do 1º de Outubro impôz a mesma dieta um prazo fatal de seis semanas para que a Dinamarca se conformasse com a dita decisão.

N'esta conjunctura entendeu o gabinete inglez que devêra dirigir novas admoestações, que effectivamente forão apresentadas á dieta a 14 e 21 de Outubro, nas quaes categoricamente dizia-se que *a Inglaterra não poderia contemplar com indifferença as pretensões germanicas.*

Em presença do perigo, cada vez mais imminente, mostrou-se a Dinamarca disposta a algumas concessões,

e a 14 de Novembro declarou permittir aos estados provinciaes do Holstein o direito de votarem, não só as sommas supplementares do orçamento, como ainda o proprio orçamento.

Entrava a questão n'esta phase, quando, a 15 de Novembro, falleceu em Copenhague o rei Frederico VII, deixando a corôa ao duque de Glucksburgo, que tomou o nome de Christiano IX.

Para sermos justos cumpre confessarmos que a Dinamarca fôra a causadora do conflicto, procurando apertar cada vez mais os laços que a prendião ao Schleswig, e sophismando as clausulas da união com o Holstein; mas que por outro lado a Allemanha, dando expansão ao principio da formação da *grande patria*, como ahi se diz, se aproveitou com jubilo d'essa circumstancia para operar uma desmembração que ha muito planejava.

A promulgação da lei de 15 de Novembro de 1865, dando nova organização ao ducado do Schleswig, e a ascensão do novo rei, cujas idéas relativas ás questões do dia não eram bem conhecidas, levárão o partido allemão a apresentar a candidatura do duque de Augustemburgo á soberania dos ducados unidos do Holstein, Schleswig e Lauemburgo.

O novo monarcha, recebendo o perigoso legado da lei de que acabamos de fallar, hesitou por algum tempo sancional-a; mas, cedendo ás vivas solicitações de seus subditos dinamarquezes e aos conselhos de Hall, que no anterior reinado exercêra com brilho o ministerio dos negocios estrangeiros, deu a sua annuencia e submetteu-

se corajosamente ás consequencias que d'ella lhe poderiam resultar.

Bem criticas erão por certo as circumstancias em que se via collocado o gabinete de Copenhague; vendo avizinhar-se o termo do fatal prazo que lhe fôra marcado pela dieta de Francfort sem que seus alliados lhe fornecessem meios para sustentar-se em seu proposito, antes pelo contrario lhe aconselhando toda a moderação, declarou que não consideraria *casus belli* a occupação provisoria do ducado do Holstein pelas forças da Confederação Germanica. A' vista d'esta declaração, ou a despeito d'ella, os Saxonios e Hanoverianos fizeram sua entrada no referido ducado (a 21 de Dezembro).

No principio do anno de 1864 o exercito dinamarquez estava acampado sobre a fronteira que separa o Holstein do Schleswig, isto é, na linha de demarcação entre o territorio allemão e o dinamarquez. As hostilidades não se fizeram esperar; no dia 1º de Fevereiro um corpo de exercito austro-prussiano vadeou o Eyder e obrigou seus contrarios a evacuem as fortificações de Danevirke (a 5 de Fevereiro). A rendição de Düppel (a 18 de Abril) franqueou ao marechal Wrangel, que comandava o exercito alliado, o accesso na Jutlandia, territorio incontestavelmente dinamarquez.

Levou a noticia de tão repetidos revezes a desesperação á capital da Dinamarca. O povo, julgando-se trahido, quiz forçar Christiano IX a abdicar, proclamando a união com a Suecia, sob o sceptro de Carlos XV. Esta revolução, que teria gravemente compromettido a já tão grave situação politica, foi felizmente atalhada, graças á

conducta do conde de Manderström, cuja lealdade mereceu ser então qualificada de inercia e inaptidão.

Para serenar os animos, apressou-se Christiano em declarar o seu firme proposito de sustentar a todo o trance a guerra, ao mesmo tempo que dirigia uma circular ás potencias signatarias da convenção de Londres expondo com franqueza a sua situação.

O gabinete de S. James procurou entender-se com o das Tulherias, e vendo que não estava este disposto a lançar sua espada na balança dos destinos da Dinamarca limitou-se a propôr á Prussia um armisticio enquanto se reunia em Londres uma conferencia diplomatica, em que se devêrão discutir os direitos e aggravos dos belligerantes. Respondeu o conde de Bismark, ministro dos negocios estrangeiros da Prussia, que não estaria longe de annuir á idéa da conferencia, comtanto que proseguissem durante ella as operações militares na Jutlandia.

Havendo a Austria feito identica declaração, vio-se a Inglaterra forçada a aceitar tão anormal condição ; e a 12 de Abril abrio-se em Londres a projectada conferencia, na qual tomárão parte, além do da Inglaterra, os representantes da França, Austria, Prussia, Russia, Suecia e Dinamarca. « A conferencia de Londres durou seis semanas (dizia Disraeli n'um brilhante discurso pronunciado no dia 4 de Julho de 1864 na camara dos communs), exactamente a estação do carnaval, e portanto não passou ella de um negocio de mascaras e mystificações. »

Como testemunho de ambilidade, concedêrão a Aus-

tria e a Prussia um armistício de um mez (a 9 de Maio), durante o qual devêra a Dinamarca restituir os navios capturados e levantar o bloqueio dos portos inimigos, sem que todavia se compromettessem, por justa reciprocidade, a evacuem ao menos a península da Jutlandia.

Aproveitando-se do armistício, emprehendeu o rei da Prussia Guilherme I uma visita aos ducados do Holstein e do Schleswig; e, contemplando as bellas provincias que acabavão de ser arrancadas á Dinamarca, declarou que consideraria *sagrada* a causa d'esses mesmos ducados.

Esmagada por um inimigo infinitamente superior, desamparada por todos, dirigio-se a Dinamarca aos vencedores, e cedeu sem condições os ducados do Schleswig e Holstein (a 27 de Julho de 1864). A Confederação Germanica, cujas decisões havião motivado a luta, não figurou no tratado de paz assignado em Vienna, no qual expressamente declarou-se que a Austria e a Prussia erão as unicas *copossuidoras* dos ducados até a sua definitiva organização.

Esta organização, que se esperava fosse feita em favor do duque de Augustemburgo, ou de qualquer outro candidato, afastou-se do seu termo em virtude da convenção de Gastein, celebrada a 19 de Agosto de 1865 entre o imperador da Austria Francisco José e o rei da Prussia Guilherme I, pela qual o Holstein foi cedido *em deposito* á primeira d'estas potencias, e o Schleswig á segunda, com a mesma ephemera clausula. O que ha sobretudo de mais vergonhoso n'esse convenio, é que o ducado de Lauemburgo foi vendido pela Austria á Prus-

sia, mediante a quantia de trinta e dous mil contos de réis !!!

Eis como em nossos dias se procedeu á desmembração de uma das mais antigas monarchias da Europa.

LXIII. — Guerra do Mexico. — Restauração do imperio.

Já vimos, n'um dos primeiros capitulos d'este livro, como o Mexico, havendo conseguido, pelo heroismo de seus filhos, sacudir o jugo da Hespanha, acclamára imperador ao general Agostinho Iturbide, que tomou o nome de Agostinho I. Curta porém foi a duração do imperio; porquanto o general Santa Anna, pondo-se á frente dos descontentes, derribou a fórma monarchica, proclamando em substituição a *republica federativa*, modelada pela dos Estados-Unidos (1823). Refugiando-se na Italia, e depois em Londres, tentou Iturbide restaurar seu throno, e desembarcando, á guisa de Napoleão I, nas praias do Mexico com poucos companheiros (a 14 de Julho de 1824), foi preso, julgado militarmente, e arcabuzado no sitio denominado Santo Antonio de Padilla (a 19 de Julho de 1824).

Constituindo, como acabamos de dizer, em republica federativa, firmou o Mexico a sua independencia pela brilhante victoria de Tampico, alcançada sobre as tropas da sua antiga metropole (1829). A *caudilhagem* porém, mal endemico em quasi todas as antigas colonias hespanholas, arrastou esse bello paiz a um estado de

perenne anarchia. As eleições presidenciaes fazião-se á mão armada, e quasi todos os presidentes erão precipitados do poder pelos seus competidores ; mas n'essa longa serie de revoluções que formão a historia contemporanea do Mexico, um homem ha cujo nome sobressahe ao de todos os outros ; queremos fallar do general Santa Anna, que vimos derribando o solio de Iturbide. Até o anno de 1833 contentou-se o caudillo de governar por seus prepostos ; mas desde essa época até 1856 sentou-se elle quasi sem interrupção na cadeira presidencial, d'onde foi expulso pelo indio Alvares.

Dotado de certa sagacidade e bastante coragem, lutou Santa Anna com os Francezes quando em 1838 se aposarão de S. João d'Ullôa, e contra os Estados-Unidos (1844-1846) na guerra de invasão e conquista que finalisou pela perda da California e do Novo-Mexico.

Curtissima foi a presidencia de Alvares, que teve de ceder o posto ao partido democratico, capitaneado por Comonfort, tendo por immediato a Benito Juarez. Oppuzerão-lhe logo os conservadores um concorrente na pessoa de Miramon, mancebo esperançoso, e que por um momento conseguiu supplantar as facções que dividião a sua patria.

Desenganado de poder dominar na capital, Juarez assenhoreou-se de Vera-Cruz, onde estabeleceu um governo revolucionario, fulminando com seus decretos a quantos seguião a parcialidade contraria. Durou esta luta por espaço de dous annos, durante os quaes derão-se mais de setenta combates e oito batalhas campaes.

Victorioso do seu competidor, entendeu Juarez que

devera provocar as potencias da Europa, quicá para grangear entre os seus maior popularidade.

Foi um dos seus primeiros actos a expulsão do ministro hespanhol Pacheco, e do nuncio do Papa; prendeu depois o vice-consul francez, insultou o encarregado de negocios da mesma nação Dubois de Saligny, e commetteu toda a casta de tropelias contra os negociantes e residentes estrangeiros, constrangendo-os ao serviço militar. Para cumulo de insensatez supprimio por dous annos todas as convenções celebradas com as nações europeas, e declarou-se desligado de qualquer compromisso que para com as referidas nações houvessem tomado seus predecessores.

Em presença de semelhantes actos de hostilidade, e feridas em seus brios, a França, a Inglaterra e a Hespanha assignarão um tratado, conhecido pelo nome de *convenção de Londres* (a 31 de Outubro de 1861).

Conforme as estipulações d'este tratado, cada uma das tres potencias mandaria uma esquadilha com um corpo de tropas expedicionarias destinadas a tomar satisfação dos aggravos recebidos e exigirem do governo mexicano sufficientes garantias.

Mais açodada do que qualquer das outras mostrou-se a Hespanha; suas tropas, partindo de Cuba, occuparão Vera-Cruz a 17 de Dezembro de 1861, e plantarão seu pavilhão sobre os muros de S. João d'Ullôa. O almirante Julien de la Gravière, commandante da expedição franceza, composta apenas de dous mil e quinhentos homens, só pôde effectuar o seu desembarque nos primeiros dias do mez e anno seguinte, limitando-se a acção da

Inglaterra a estabelecer o rigoroso bloqueio dos portos da republica.

Reconhecendo que lhe seria impossivel oppôr séria resistencia á triplice alliança, voltou Juarez suas vistas para a União Norte-Americana, e buscou angariar o seu auxilio, embora só pecuniario (que outro não consentião as criticas circumstancias em que tambem se achava), mediante novas concessões de territorios, que sabia serem por demais cobiçados. Mallograda esta negociação, lançou mão de outro expediente, quasi sempre de bom exito; referimo-nos á discordia, semeada entre os chefes alliados, que facilitou-lhe a assignatura da convenção da *Soledade* (19 de Fevereiro de 1862). Esta convenção, celebrada entre o ministro dos negocios estrangeiros do Mexico general Doblado e os representantes da França, almirante Julien de la Gravière, da Inglaterra, Carlos Wyke, e da Hespanha, general Prim, estipulava um armisticio até o dia 15 de Abril, durante o qual o exercito alliado poderia aguardar em Orizaba, ao abrigo das inclemencias da estação, o resultado definitivo das negociações que ali se devêrão abrir.

N'essas negociações expôz-se á luz meridiana a desintelligencia dos delegados europêos, cujas vistas se mostrarão diametralmente oppostas. O general Prim, desilludido dos sonhos que alimentára relativos á reacção que a presença dos seus compatriotas poderia fazer nascer na antiga colonia, mostrava pressa de retirar-se do labyrintho em que se achava, contentando-se com quaesquer promessas de futuras indemnisações;

mais positivo, declarava o ministro inglez que, comtanto que lhe fossem pagas as despesas da expedição e satisfeito o debito de seus conterraneos, nenhuma outra razão obrigava-o a proseguir na encetada guerra; de todos porém mais difficil era o diplomata almirante, cujas instrucções, vagas e nebulosas, parecião tender antes a uma completa mudança na fôrma governamental do paiz. A imprensa européa denunciava estas aspirações da França, alimentadas por certas promessas e confidencias que se dizia lhe haverem sido feitas por alguns emigrados de importancia, como o general Almonte e Gutierrez Estrada.

Não tendo podido se entenderem, devolvêrão os diplomatas o negocio aos seus respectivos governos, que, estando outrosim discordes, separarão a sua acção. A Inglaterra e a Hespanha retirarão as suas tropas, e a França, desapprovando altamente o convenio da *Solitude*, mandou regressar o almirante Jurien de la Gravière, dando-lhe um successor na pessoa do general conde de Lorencez, que chegou ao Mexico á frente de novos reforços.

Dispondo apenas de um exercito de cinco mil homens, quiz o general francez marchar sobre a capital da republica, que Juarez puzera em estado de defesa chamando ás armas todos os cidadãos validos, e ainda os estrangeiros. Tendo feito de Orizaba base de operações e deposito de abastecimentos, atravessou Lorencez os desfiladeiros de Cumbres, onde empenhou um sanguinolento combate, do qual sahio victorioso (a 28 de Abril); e não encontrando mais obstaculos, tomou o caminho da

cidade de Puebla, capital de uma grande provincia e réputada baluarte do Mexico.

Juarez accumulára ahí grandes meios de defesa; e o pequeno exercito francez achou-se em presença de outro exercito muito mais numeroso, abrigado atrás de muralhas de granito, sustentadas pelas duas formidaveis fortalezas da Guadalupe e do Loreto.

Conheceu então Lorencez que se enganára em seus calculos, e que a insurreição espontanea do povo mexicano contra o seu governo, de que tanto o tinham entretido alguns descontentes refugiados no acampamento francez, não apparecia em Puebla, assim como não havia apparecido em Vera-Cruz, nem Orizaba. Preciso era porém tentar a sorte das armas, e a 5 de Maio foi ordenado o assalto das fortificações de Guadalupe. Os soldados combaterão com o denodo caracteristico dos Francezes; mas tiverão de recuar fulminados por uma artilharia terribilissima, cujos estragos forão ainda augmentados pelos de uma medonha procella que sobreveio no momento do ataque.

No dia 18 de Maio estava o general Lorencez de volta em Orizaba, onde resolvêra estacionar durante a estação das chuvas, esforçando-se por manter livres as communicações com Vera-Cruz, d'onde lhe vinhão todos os recursos, que não podia tirar do paiz devastado pelos seus proprios naturaes. N'esse empenho tiverão os Francezes que sustentar alguns combates contra as partidas mexicanas; sendo o mais celebre o do monte Borrego, no qual tomárão ao inimigo tres obuzes de campanha, um estandarte e duzentos prisioneiros, além

dos mortos, cujo numero não foi possível calcular (a 14 de Junho):

Em fins de Setembro chegarão de França novos e consideráveis reforços, com um novo commandante superior, o general Forey, que tanto se distinguira no combate de Montebello durante a guerra da Italia. A missão do illustre general tanto tinha de politica como de militar; e suas instrucções prescrevião-lhe que, procurando desembaraçar-se d'esse fantasma de governo mexicano que o general Almonte arrastava na retaguarda do exercito francez, plantasse sem perda de tempo o pavilhão tricolor sobre as ameias das cidades de Puebla e de Mexico.

Havendo gastado alguns mezes em organizar e disciplinar o corpo de tropas mexicanas que viera adicionar-se ao seu exercito, provendo com o maior desvelo e solicitude a multiplicadas necessidades da guerra, abalou do seu quartel-general de Orizaba nos ultimos dias de Fevereiro de 1865, e a 18 de Março investio a praça de Puebla. O inimigo, acoroçado pelo triumpho obtido no anno anterior sobre as forças ao mando do general Lorencez, resistio com galhardia ao novo ataque que lhe era feito, vendo-se o generalissimo francez na precisão de estabelecer um cerco em regra.

Seguindo diverso plano do do seu antecessor, apressou-se o general Forey de assenhorear-se de todas as estradas e caminhos que punhão em communicação Puebla com a capital da republica; e apertando cada vez mais o assedio, tirava diariamente aos defensores da praça a esperanza de auxilio. Este foi uma vez ten-

tado pelo general republicano Comonfort, que, partindo da cidade de Mexico, buscou fazer levantar o cerco de Puebla, pondo o exercito francez entre dous fogos; mas sendo acommettido pela divisão ás ordens do general Bazaine, nas alturas de S. Lourenço, vio-se obrigado a retirar-se precipitadamente, deixando o campo alastrado de cadaveres (a 13 de Maio).

A derrota d'este exercito e a absoluta impossibilidade de abrir communicação externa, nem de franquear uma passagem através das linhas inimigas, paralyarão subitamente a resistencia dos defensores da praça, e desde o dia seguinte procurou o general Ortega, que ali commandava, negociar um armisticio, ou uma capitulação, que lhe permittisse retirar-se com seu exercito. Não acquiesceu o general Forey a nenhuma d'estas condições; e exigio peremptoriamente a rendição da praça á discrição do vencedor, ameaçando de *passar a fio de espada* a guarnição se por ventura quizesse esta esperar pelo assalto geral. Ou atemorizado por semelhante ameaça, ou desejoso de poupar sangue, derramado sem proveito algum para a causa que tão heroicamente defendia, é certo que Ortega decidio-se a submeter-se á dureza do seu destino; e, mandando quebrar as armas, encravar as peças, destruir as bandeiras, pôz-se á discrição do general Forey. Em poder dos Francezes cahirão vinte e seis generaes, duzentos e vinte e cinco officiaes superiores, oitocentos officiaes subalternos e perto de doze mil soldados (a 18 de Maio).

A rendição de Puebla deixava desarmado o governo mexicano; assim pois, apenas lhe foi esta conhecida

(a 27 de Maio), promulgou Juarez um decreto transferindo para a cidade de S. Luiz de Potosi a capital da republica, para onde immediatamente partio, escoltado por um pequeno corpo de tropas.

A 2 de Junho recebeu o general Forey em seu quartel-general de Puebla uma deputação, composta dos consules dos Estados-Unidos, da Prussia e da Hespanha, enviados pela municipalidade de Mexico, para lhe fazer entrega d'esta cidade, rogando-lhe apressasse a sua entrada na mesma.

No dia 10 de Junho fazia o general Forey a sua solemne entrada na capital da confederação mexicana, passando com o seu exercito por debaixo de arcos triumphaes, e atroando-lhe os ouvidos os repiques dos sinos e acclamações da multidão.

Terminada em grande parte a obra da conquista, devêra começar a da reorganisação.

O velho general Salas, que por convite da municipalidade de Mexico assumira o governo interino, fez d'elle entrega a uma junta de trinta e cinco notaveis, nomeados pelo general francez, sob designação do ministro diplomatico da mesma nação. Esta junta nomeou um triumvirato, composto dos generaes Almonte, Salas e o arcebispo de Mexico Labortida, em cuja ausencia foi designado outro prelado por nome Ormaechea.

Um dos primeiros cuidados do triumvirato foi o da convocação de uma assemblêa de notaveis, em numero de duzentos e quinze membros, todos conhecidos pela sua adhesão á nova ordem de cousas, cuja assemblêa, reunida no dia 7 de Junho, decidio logo na mesma

sessão a adopção da fôrma monarchica, determinando que o soberano tomaria o titulo de imperador do Mexico, e offerecendo a corôa ao archiduque Fernando Maximiliano, irmão do imperador da Austria.

Uma deputação, escolhida d'entre os mesmos notaveis, foi enviada ao castello de Miramar, nos arredores de Trieste, levando o presente da corôa mexicana ao archiduque austriaco. Este, depois de alguma hesitação, fundada no desejo de ver essa escolha confirmada pelo povo que devêra governar, assim como de garantias européas que communicassem estabilidade ao throno que era chamado a restaurar, resolveu-se a dar o seu consentimento (a 10 de Abril de 1864), sem haver obtido nem uma, nem outra cousa.

Proclamado imperador com o nome de Maximiliano I, o archiduque deixou as placidas ribas do Adriatico, e depois de haver firmado com Napoleão III um tratado de pagamento de dividas atrasadas e de amplas indemnisações pelos auxilios prestados e ainda por prestar, aportou ás plagas mexicanas no mez de Maio d'esse mesmo anno, fazendo pomposa entrada na capital dos seus Estados.

Retirando-se diante dos imperialistas e dos Francezes, seus alliados, sempre que a fortuna se lhe mostra adversa, Juarez tem sabido, por uma combinação de astucia e coragem, prolongar a resistencia muito além dos limites que se julgavão possiveis.

LXIV. — Guerra civil nos Estados-Unidos da America.

As treze colonias inglezas que em 1776 (a 4 de Julho) havião sacudido o jugo da metropole constituindo uma republica federativa, sob a denominação de *Estados-Unidos da America do Norte*, de tal modo prosperarão, que o seu exemplo era apontado pelos publicistas do velho continente como o ideal dos povos livres. De facto, graças ao proverbial bom senso da raça anglo-saxonia e á educação politica que dos primeiros colonos havião recebido, os novos Estados entrarão na familia das nações com um cadebal de experiencia deficiente aos que mais tarde lhes seguirão a trilha.

Os productos do solo, principalmente o algodão e o trigo, alimentavão o seu commercio de exportação; as franquezas e animações concedidas á industria permittião-lhe lutar vantajosamente com a dos povos mais antigos e amestrados, e a corrente da emigração, encaminhada por leis sabias e protectoras, desenvolvia todos os elementos d'essa sua miraculosa prosperidade.

No horizonte porém do seu esperançoso porvir descobria-se um ponto negro; era a rivalidade, cada vez mais saliente, entre as populações do sul e as do norte.

O aspecto physico do paiz, a differença das occupações, de indole e de costumes que distingue a gente do norte da do sul, explicão essa rivalidade. A origem puritana e plebéa dos habitantes do norte, seu espirito

religioso e philosophico, sua febril actividade, contrastava com a procedencia aristocratica dos lavradores do sul, de character mais descuidoso, mais dados aos prazeres da vida e aos gozos do espirito, mais amenos no trato, e por isso mais aptos para os cargos da publica governança. Accresce ainda que os homens do sul, deixando a seus escravos os mais rudes misteres da lavoura, consagravam seus ocios ao estudo e á meditação, mostrando-se portanto muito superiores aos seus conterraneos do norte, aos quaes a satisfação das urgentes necessidades da vida, degenerando na *sacra fames auri*, roubava o tempo de ampliarem os seus conhecimentos além da instrucção rudimental. Assim, vio-se que por largos annos coube aos estadistas do sul a direcção dos negocios politicos, sahindo do seu gremio quasi todos os presidentes da republica, ministros, diplomatas, generaes, oradores, etc.

A esmagadora superioridade do trabalho escravo sobre o livre, a opposição de interesses entre as duas secções da mesma nacionalidade, esses mesmos reiterados triumphos eleitoraes a que acabamos de nos referir, exasperavam as populações do norte, e fazião presagiar proxima e fatal crise. Houve quem se lembrasse da abolição da escravidão, como primordial causa da dissidencia; mas os Estados da Carolina e da Georgia, cujo clima abrasador era adverso á colonisação européa, oppuzerão-se com toda a energia a semelhante medida e ameaçarão separarem-se da federação. Ao cabo de porfiosa discussão chegou-se a um accordo, que consistia em alternar um Estado escravista com outro livre sem-

pre que se tratasse de novas admissões. Ganhando consideravelmente em extensão territorial os sulistas conseguirão elevar o numero dos seus escravos ao algarismo de quatro milhões, havendo obtido do congresso uma lei que lhes facultava dar caça aos seus escravos fugitivos em qualquer ponto da União, com a clausula de serem obrigadas as autoridades a prestar-lhes todo auxilio e protecção. Elevando a escravidão á categoria de uma *instituição*, que alguns dos seus publicistas não se envergonhavam de appellidar SAGRADA, tornavam-se de dia em dia mais exigentes; no seu ardor propagandista pedião novas conquistas, como a da California, e pré-gavam sem o minimo reboço as annexações, pelas armas, do Mexico, Cuba e America Central. As expedições de *flibusteiros*, sahidas dos portos da republica, com tolerancia, senão complicitade dos supremos funcionarios federaes, que, como sabemos, pertencião quasi sempre á parcialidade sulista, evidenciavam qual a linha de conducta que se propunhão seguir quando mais propicias lhes fossem as circumstancias.

No anno de 1860 dous grandes partidos dividião a grande republica americana: o dos *republicanos*, ou *conservadores*, e o dos *democratas*, ou *progressistas*. Erão estes ultimos partidarios da escravidão, para a qual reclamavam toda a especie de favores e garantias. Graças á preponderancia do sul, conseguira esta parcialidade dominar no ultimo decennio; mas o presidente Buchanan, cujos poderes constitucionaes estavam prestes a findar, não se mostrára ainda na altura dos seus desejos, sendo accusado de tibio e irresoluto. Assim pois

preparavão-se para, nas proximas eleições, escolherem quem melhores vantagens lhes offerecesse e aceitasse o compromisso de erguer a escravidão á plana de uma *instituição nacional*.

Em presença do perigo cerrarão fileiras os republicanos; e com arte se aproveitarão dos erros e desintelligencias sobrevindas no campo adverso. O resultado foi que brilhante victoria coroou seus esforços, e que a cadeira presidencial pertenceu a Abrahão Lincoln (eleito em Novembro de 1860), cujas idéas abolicionistas erão assaz conhecidas.

Derrotados diante das urnas, protestarão os democratas contra a sentença, e fazendo appello ás paixões que vimos incubadas nos Estados do sul, convidarão-os a dilacerarem o pacto federal, destruindo a magestosa obra de Washington. Debalde protestou Lincoln o seu profundo acatamento pelas leis da republica, ainda as mais favoraveis aos escravistas; não foi attendido: e antes mesmo que tomasse as redeas da administração começarão a desatar os vinculos que os prendião á União.

Foi a Carolina do Sul a primeira em separar-se da federação, proclamando, a 9 de Dezembro de 1860, que, *visto como os Estados do norte mostravão tendencias para intrometterem-se n'aquillo que ella considerava instituição domestica, e negavão direitos de propriedade consagrados pela constituição, declarava solemnemente abrogada a aceitação que a 22 de Maio de 1788 dera á constituição federal*.

Não tardarão outros Estados do sul em seguir-lhe o

exemplo : o Mississippi a 15 de Janeiro, a Florida e a Alabama a 16, a Georgia a 19, a Luiziana a 22, e Texas em 1º de Fevereiro. A 4 d'esse mez reunirão-se em Montgomery (na Alabama) os representantes dos sete Estados dissidentes e firmarão as bases de uma nova republica, sob o titulo de *Confederação do Sul*, escolhendo para presidente com poderes dictatoriaes a Jefferson Davis, que servira de ministro da guerra na presidencia de Buchanan.

Dos outros Estados escravistas só um (o Tennessee) juntou-se á *Confederação do Sul* antes do começo da guerra ; os outros, porém, ainda que commungando os mesmos principios e ligados pelos mesmos interesses, deliberarão aguardar os acontecimentos, ficando por enquanto na expectativa. Infelizmente para elles sua posição topographica, collocando-os nos limites dos belligerantes, transformou seus uberrimos territorios em campos de batalhas, recabindo sobre elles quasi todos os desastres d'esta guerra fraticida.

Tal era o estado do paiz quando tornou o presidente Lincoln posse da suprema administração no dia 4 de Março do anno de 1861. Chegára á capital incognito, illudindo a vigilancia de seus inimigos, que pretendião assassinal-o em Baltimore, quando ahi se achasse no meio das ondas da multidão, curiosa de conhecer pessoalmente o primeiro magistrado da republica.

Na forma dos usos recebidos, apresentou Lincoln o programma da maneira por que entendia dever governar, abundando em idéas praticas, cunhadas de bom senso e extrema moderação. Estas idéas porém forão

desattendidas pelos homens do sul, já o dissemos, e com dôr o repetimos; e o recurso ás armas tornou-se de dia em dia mais inevitavel.

Encontrou o novo presidente a maior desorganisação em todos os ramos do serviço publico: a fazenda desbaratada, um unico navio de guerra (o *Powhattan*) disponivel, os arsenaes vazios, o exercito disseminado pelas vastissimas fronteiras e sem a necessaria instrucção, nem disciplina. A muito custo pôde o velho general Scott (o vencedor do Mexico) reunir algumas companhias para pôr a capital em estado defensavel.

Rompêrão as hostilidades pelo ataque do forte Sumter, situado defronte da cidade de Charleston. O major Anderson, que ali commandava, cingindo-se ás instrucções que recebêra do governo central, prescrevendo-lhe que *por fórma alguma atirasse sobre a cidade que lhe ficava fronteira*, deixou livremente os confederados erguerem as obras de fortificações com que pretendião canhonear a praça. Quando estas obras se achárão bem adiantadas (a 8 de Maio), Jefferson Davis enviou tres commissarios a Washington exigindo a evacuação do mencionado forte pelas tropas federaes e a sua entrega ás autoridades da Carolina do Sul. Mostrou-se ao principio o governo central disposto a fazer algumas concessões, e offereceu reduzir a guarnição de Sumter a dous ou tres homens, de modo que não causasse a Charleston o menor receio de aggressão. Respondêrão os commissarios sulistas que a evacuação pura e simples e a entrega do forte a quem de direito pertencia erão as unicas condições aceitaveis. Declarou então o governo

federal que manteria o *statu quo*, e por seu lado promettêrão os confederados nada emprehenderem contra a praça sem prévio aviso.

Durante o curso d'estas negociações soube o presidente Lincoln que o major Anderson achava-se em grande penuria de viveres; e julgando do seu dever não expôr á fome os servidores da republica, que tão nobremente expunhão seus dias, advertio aos commissarios do sul que estava firmemente decidido a abastecer a praça com aprazimento do governador da Carolina, ou sem elle. Um navio mercante carregado de provisões devêra se apresentar á barra de Charleston, e se por ventura fosse hostilizado; a esquadra federal, que o acompanharia, tinha ordem de forçar a passagem.

Informado d'esta resolução do seu adversario, deu Jefferson Davis ordem ao general Beauregard, commandante das forças confederadas, que investisse a praça sitiada. Depois de uma intimação de mera formalidade, foi atacado o major Anderson, que ao cabo de dous dias de vivissimo fogo, tendo visto saltar o deposito da polvora, e perdida toda a esperança de soccorro, por isso que não chegava a esquadra, retardada por ventos contrarios, não teve remedio senão capitular, constituindo-se prisioneiro com toda a guarnição (a 14 de Abril).

A noticia do bombardeamento do forte Sumter, communicada pelo telegrapho a toda a União no mesmo dia, causou profunda emoção nos Estados do norte, que até então havião crido na possibilidade de um desenlace pacifico. No sul foi a capitulação de Anderson celebrada

com salvas de artilharia, illuminações e outros testemunhos de publico regozijo, como se semelhante feito de armas tivesse sido alcançado sobre alguma nação estrangeira.

A consternação das populações nortistas cedeu logo o passo aos sentimentos de indignação e vingança; de todas as partes corrião as milicias a se alistarem debaixo das bandeiras da União; de modo que quando Lincoln publicou a sua proclamação chamando setenta e cinco mil homens ás armas este numero já tinha sido excedido pelos Estados do norte e do oeste, que offerecião-lhe organizar um exercito tres vezes mais numeroso. As legislaturas, os conselhos municipaes, os estabelecimentos particulares e os opulentos proprietarios cotisárão-se com tanto afan e enthusiasmo, que em menos de oito dias havia entrado para o thesouro federal uma quantia superior á de quatrocentos mil contos de réis.

A situação de Washington era porém bem critica, attenta a connivencia de Letcher (governador da Virginia) com os principios manifestados no congresso de Montgomery. Ora, este Estado é confinante com o territorio neutro onde se acha a capital da União Americana. Qualificando de illegal a proclamação de Lincoln, convocou o governador da Virginia uma convenção, que a 17 de Abril adoptou um decreto dando sua adherencia á Confederação do Sul. Apenas conhecido este voto da convenção, e antes mesmo que fosse elle ratificado pelo povo, como ahi se exigia, franqueárão os sulistas o rio Potomac e apossárão-se dos estaleiros de construcção

naval estabelecidos em Gosport, e do arsenal de marinha de Norfolk. O curso do Potomac, abaixo e acima de Washington, achou-se desde então em poder dos separatistas, que se puzeram em franca communição com o Maryland, recebendo por esta via fluvial grandes abastecimentos de armas e munições. Via-se já do Capitolio de Washington fluctuarem as bandeiras confederadas sobre os muros de Alexandria, cidade virginiana, situada do lado opposto do Potomac; e se o Maryland, que é apenas um districto federal, se insurgisse á voz dos rebeldes, ver-se-hia a capital rodeada de inimigos de todas as partes. Setecentos homens de tropas regulares erão as únicas forças com que se pudesse contar; assim, foram ellas destinadas á defesa do Capitolio, que, como o de Roma, serve de cidadella, e apressadamente organisou-se um corpo de voluntarios, composto de mil e quinhentos homens, para a guarda da *Casa Branca* (palacio presidencial) e das repartições publicas.

O que havia ainda de mais lastimoso na conjunctura em que estava o governo federal, era que não podia elle contar como a dedicação dos habitantes da propria capital, cuja maior parte, sendo oriunda dos Estados do sul, sympathisava com a causa da escravidão e formava votos pelo triumpho das suas armas. Para mais de duzentos empregados publicos haviam dado suas demissões, recusando seu concurso ao partido abolicionista; os officiaes militares trilhavam a mesma vereda; e o general Scott, investido do commando, virá com o seu chefe de seu estado-maior (Lee) arrancar as dragonas de coronel do exercito federal para ir collocar-se á frente das milicias virginianas!

No começo d'esta gigantesca luta todas as vantagens parecião estar do lado dos seccionistas; seu chefe, Jefferson Davis, servira com distincção na guerra do Mexico, possuia cabal conhecimento das cousas concernentes á guerra, cuja repartição, como já dissemos, dirigira na precedente administração; achava-se investido de um poder dictatorial, e auxiliado por um congresso pouco numeroso celebrando sessões a portas fechadas. Seu exercito, composto de milicianos e voluntarios, habituados ás excursões contra os indios e aos exercicios da caça, levava immensa superioridade aos bisonhos regimentos do norte, formados de mancebos das cidades e villas, desafeitos ao manejo das armas e incapazes de supportarem as longas marchas. Estavão os arsenaes sulistas repletos de armas e petrechos bellicos, enquanto os do norte experimentavão falta de tudo.

Apezar de todas estas desvantagens, aceitarão os federaes a luva que tão arrogantemente lhes era arremessada. Lançando suas vistas para o homem que symbolisava a maior gloria militar do paiz (o general Scott), investirão-o do commando supremo das suas forças, cômquanto tivesse elle attingido a avançada idade de setenta e cinco annos.

Emquanto o velho general consagrava todo o seu tempo em organizar o exercito, o ministro da marinha, comprando navios mercantes e armando-os em guerra, estabelecia rigoroso bloqueio nos portos e costas da Confederação do Sul, o ministro dos negocios estrangeiros dirigia circulares aos diversos governos da

Europa e da America protestando contra o reconhecimento dos rebeldes como belligerantes e declarando totalmente impossivel e inaceitavel qualquer mediação que por ventura fosse offerecida por parte dos referidos governos.

Não tomaremos o encargo de relatar uma por uma as numerosas batalhas, combates e refregas que se pelearão durante os quatro annos pelos quaes se prolongou esta guerra, que, a muitos respeito, ainda não tivera igual nos annaes da humanidade. Mencionaremos apenas as principaes batalhas que maior e mais immediata acção tiverão sobre os resultados d'esta mesma guerra.

A primeira d'essas batalhas, considerada na ordem chronologica, foi a de Bull' Run, travada a 21 de Julho de 1861 entre o general Scott, commandante do exercito federal, e o general Beauregard, commandante das forças confederadas. O panico causado no primeiro d'estes exercitos pela explosão de alguns caixões de polvora, motivando a precipitada fuga de um regimento miliciano de New-York, trouxe o completo desbarato, que não pôde obstar a coragem e sangue-frio do general Scott. Não souberão porém os confederados se aproveitar da victoria; porquanto, como depois se verificou, se tivessem immediatamente marchado sobre Washington ter-se-hião ás mãos lavadas apossado d'essa cidade. Deixando de fazê-lo permittirão que o general inimigo se fortificasse em Alexandria e puzesse a capital ao abrigo de qualquer acommettimento.

Esta derrota dos federaes foi logo compensada por

outra dos confederados no cabo Hatteras, sito na Carolina do Norte, onde o general Butler, fazendo desembarcar um corpo de tropas que levára a bordo das fragatas *Minnesota*, *Cumberland* e *Wabash*, atacou inopinadamente os dous fortes que os confederados ahi haviam construido; e, após um bombardeamento de dous dias, obrigou-os a capitular, ficando suas guarnições prisioneiras de guerra, e apossando-se de immenso material ahi depositado (a 31 de Agosto).

Depois d'este glorioso feito de armas, e achando-se a capital desassombrada da presença do inimigo, instou o general Scott pela sua demissão, que lhe foi dada, sendo substituido pelo joven general Mac-Clellan (a 31 de Outubro), que começara a adquirir renome no commando do exercito do Potomac.

Havendo conseguido reunir cerca de noventa mil homens, pensou o novo general em descarregar sobre os seus contrarios um golpe decisivo, e, com o beneplacito do governo, emprehendeu investir Richmond, capital da Confederação do Sul. Mas d'este plano, exposto minuciosamente n'um numeroso conselho de guerra, foi informado Jefferson Davis, que tomou acertadas medidas para neutralisal-o.

Embarcando o seu exercito em transportes e canhoineiras, foi Mac-Clellan desembarcar em Monroë, na extremidade da peninsula formada pelos dous caudalosos rios York e James. Contava para o bom exito das suas operações com o concurso da esquadilha; mas achando-se esta aterrada com as façanhas da fragata couraçada *Merrimac*, de que os confederados se tinham apossado

em Norfolk, não se animou a vir em auxilio do exercito que se empenhára no amago do territorio inimigo. Sem deixar-se abater por semelhante revez, proseguio Mac-Clellan em sua marcha invasora e fortificou-se em York-Town, posição a todos os respeitos excellente. Mas a concentração de todas as forças confederadas para este ponto, e o perigo de ver cortada a sua retaguarda, obrigarão o joven general a levantar o campo, operando uma das mais bellas retiradas que se conhece na historia militar, infelizmente assignalada por consideraveis perdas, soffridas diante de Richmond.

A fortuna parecia haver-se bandeado para os separatistas: o general Beauregard, tomando o commando das forças estacionadas no valle do Mississipi (a 5 de Março de 1862), foi estabelecer o seu quartel-general em Corintho, importantissima posição estrategica que domina a rede das vias ferreas de sudoeste, assegurando-lhe livre communicação com Memphis e todos os territorios ribeirinhos do Mississipi, e abrindo-lhe ao mesmo tempo o caminho do Kentucky e do Missouri.

No mez de Setembro de 1862, dezeseis mezes depois do começo da luta, impossivel parecia a restauração da União Americana. Tinhão na verdade as forças do norte se assenhoreado de Nashville, capital do Tennessee, de Nova-Orleans, metropole do sul, das costas da Carolina do Norte, do archipelago de Porto Real e do forte Puloski; mas o grande exercito do Potomac estava quasi dissolvido depois da sua gloriosa expedição, e os confe-

derados ameaçavam de novo Washington. O general Jackson, audacioso tactico, conseguira, por uma marcha imprevista, flanquear a posição dos federaes, acampados nas margens do Rappahannock, e lhes infligir no mesmo campo da batalha de Bull'-Run nova e fatal derrota (a 30 de Agosto). A' frente de cento e cincoenta mil homens pôz-se o general Lee, que commandava superiormente o exercito confederado, em marcha para Washington, afim de tirar desforra da invasão de Mac-Clellan, e penetrando no Alto Maryland lançava ao mesmo tempo o terror em Baltimore e nas demais cidades da Pensylvania meridional.

N'estas apuradas circumstancias foi ainda o general Mac-Clellan o incumbido de reparar os erros dos collegas, e tambem os seus proprios, instruindo e disciplinando essa multidão de voluntarios que de todos os angulos corrião em defesa da capital e das cidades que em maior perigo se achavão. A 5 de Setembro partia elle de Washington, e, subindo o Potomac, batia sete dias depois a vanguarda inimiga em Middletown, obrigando Lee a tomar a estrada de Hagerstown.

A batalha de Antietara, ganha pelo exercito federal, sempre commandado pelo heroico Mac-Clellan, durou quatorze horas successivas de fogo, custou aos confederados vinte e cinco mil homens postos fóra de combate (a 17 de Setembro), e collocou o general Lee na dura necessidade de evacuar as eminencias de Sharpsburgo, desaffrontando o valle do Potomac da presença dos seus soldados.

Utilisando-se do effeito moral causado por esta e outras victorias de menor importancia, resolveu-se Lincoln a pôr termo ás suas hesitações, e comprehendendo que na escravidão estava a verdadeira causa d'esta guerra, ousou pronunciar a palavra decisiva; em sua proclamação de 22 de Setembro de 1862, na qualidade de presidente dos Estados-Unidos e de generalissimo das suas forças de mar e terra, declarou que do 1º de Janeiro do anno seguinte *serião livres todas as pessoas existentes na escravidão em cada um dos Estados insurgidos contra a União, devendo as autoridades civis e militares reconhecer e manter a liberdade das mencionadas pessoas.*

Este acto do presidente Abrahão Lincoln, o mais grave e solemne realiado na America depois da celebre declaração da sua independencia, foi applaudido e festejado, não só pelos *republicanos* que o havião alçado ao poder, mas ainda por muitos *democratas*, que n'elle vião o fim da luta que infelizmente ensanguentava o solo da patria.

Copioso sangue devêra ainda ser derramado antes que chegasse o venturoso momento da reconciliação da familia americana.

No dia 11 de Dezembro d'esse mesmo anno os dous exercitos inimigos se achárão em presença em meio caminho das duas respectivas capitães. Os confederados obedecião a Lee, e os federaes a Burnside. Ferio-se ahi uma grande batalha, conhecida pela denominação da cidade que lhe ficava mais vizinha (Fredericksburgo), na qual perdêrão os federaes mais de dez mil homens

entre mortos e feridos ; ao passo que os confederados, graças ás posições vantajosas que havião tomado, apenas pagarão o tributo de tres mil homens postos fóra de combate. A acção durou cinco dias (de 11 a 15 de Dezembro), e só foi na noite de 16 que o general Burnside pôde transferir o seu exercito e material de guerra para a margem septentrional do Rappahannock.

A rendição de Vicksburgo pelo general unionista Mac-Clerman, ajudado pela esquadilha do almirante Porter (a 11 de Janeiro de 1863), depois de um bombardeamento de muitas horas, servio para animar o governo de Washington a proseguir em sua tenacidade, cerrando os ouvidos a todas as proposições de conciliação que não contivessem como preliminar a completa obediencia á constituição e ás leis.

A esquadra federal, consideravelmente augmentada pelos incessantes cuidados do ministro da marinha, estava em circumstancias de prestar relevantissimos serviços, não só no bloqueio das costas e portos confederados, mas tambem na expugnação das praças fortes. Acabamos de ver como o almirante Porter contribuíra poderosamente para a rendição de Vicksburgo ; vejamos agora a maneira por que outro não menos bravo distinguio-se no assalto de Port-Hudson. O almirante Farragut, na noite de 13 para 14 de Março, apresentou-se com uma esquadilha de quatorze navios diante das respeitaveis fortificações de Port-Hudson. Prevenidos como estavam os confederados, recebêrão-o com vivissimo fogo. Tres navios (o *Hastford*, o *Monongahila* e o *Richmond*) ficarão crivados de balas e impossibilitados de servir depois

de duas horas de combate; outro (o *Mississippi*) enca-
lhou n'um banco de arêa, e foi incendiado pela sua pro-
pria tripolação; dous vapores apenas puderão forçar as
linhas inimigas, e obrigárão a cidade de Natchez a rece-
ber a lei do vencedor (a 21 de Março).

Facilitou esta victoria a junção das esquadrihas dos
almirantes Porter e Farragut, que, dominando o Mis-
sissippi, cortarão as communicações do inimigo, e for-
çarão seus navios a buscarem refugio no mar, desen-
ganados de poderem defender Nova-Orleans, e as forti-
ficações que tinham levantado na embocadura do Rio-
Vermelho.

Estes successos levárão os federaes a tomar por toda
a parte a offensiva; illudindo a vigilancia de Lee, conse-
guio o general Hookes passar grande parte do seu exer-
cito para além da confluencia do Rapidan com o Rappa-
hannock, e, a 29 de Abril, estabeleceu o seu quartel-
general em Chancellorsville. O general Lee não esperava
semelhante operação dos federaes; mas sem perder a
coragem resolveu empregar contra elles o mesmo expe-
diente que tão bem aproveitára na segunda batalha de
Bull-Run. A 2 de Maio de 1863, pouco antes de pôr-se
o sol, accommetteu o general Jackson, cognominado *Sto-
newall* (muro de pedra), á frente de cincoenta mil ho-
mens, a retaguarda do exercito federal, pondo em com-
pleta debandada a divisão Howard, quasi toda composta
de Allemaes novamente alistados. Durante a noite os
unionistas recuperárão parte do terreno que havião per-
dido, e no dia seguinte ao romper da aurora recommçou a
batalha.

A' frente de tropas escolhidas atacou de novo Jackson as linhas inimigas, mas foi repellido e esmagado pela formidavel artilharia que os federaes tinham assentado nas mais favoraveis posições. Ao cahir da noite separarão-se os combatentes, deixando os confederados o campo alastrado de mortos e feridos, cujo numero foi orçado em dez mil homens pouco mais ou menos.

O jubilo causado por esta victoria foi logo transmutado em profunda tristeza e abatimento quando se soube que Hookes, não sabendo tirar partido do cansaço do exercito inimigo para renovar a batalha, deixára que Jackson fizesse junção com Lee collocando-o entre dous fogos, tendo diante de si o Rappahannock, cujas aguas, avolumando de hora em hora, ameaçavam arrebatat todas as pontes, privando os federaes de toda a communição. Reunido n'esta emergencia um conselho de officiaes superiores, decidio-se por unanimidade a evacuação da praça de Chancellorsville, que em consequencia da acção do dia 3 cahira em poder dos federaes.

O triste resultado que acabamos de mencionar provocou uma verdadeira explosão de dôr no norte, e tanto maior quanto o contrario era avidamente esperado. Todavia nenhum symptoma de desanimo se manifestou, e a nação preparou-se para novos e pesados sacrificios.

A batalha de Gettysburgo, pelçada entre os exercitos commandados pelos generaes Lee e Meade, constando o primeiro de cento e cincoenta mil homens e o segundo de oitenta mil, prolongou-se pelo espaço de tres dias (do 1º a 3 de Julho de 1863), e custou aos confederados, além da perda da cidade e o movimento retrogrado que

forão obrigados a operar sobre o Potomac, dez mil prisioneiros e sete mil quatrocentos e cincoenta mortos e feridos.

A 4 de Julho, anniversario da independencia dos Estados-Unidos, fazia o exercito federal, ás ordens do general Grant, sua solemne entrada em Vicksburgo, cantando o hymno nacional dos separatistas em homenagem ao valor com que se havião estes defendido. De facto o general Pemberton, que ahí commandava, depois de haver exaurido todos os recursos que lhe offerecia a arte da guerra, pediu uma entrevista ao seu antigo companheiro das guerras do Mexico (Grant) e discutio com elle os termos da capitulação que o tornava senhor da cidade. Trinta mil homens feitos prisioneiros, duzentas peças de artilharia, cem mil espingardas, além de copiosas munições de guerra e boca, forão os despojos d'esta brilhante victoria.

Por sua vez pênetrou o desanimo nas populações do sul; começaram a reflectir no grande erro que tinhão commettido, e ponderando na perda de mais de duzentos mil homens e no dispendio de tres mil milhões de *dollars*, na completa ruina do seu commercio, lavoura e industria, volvêrão suas vistas para a paz. Para esse fim pediu Stephens, vice-presidente da confederação, uma entrevista a Lincoln afim de regularem as condições da desejada conciliação. Infelizmente nenhum resultado colheu-se de semelhante negociação, ou por estarem os animos dos nortistas exaltados pelos triumphos que suas armas acabavão de obter, ou por não haver sinceridade no emissario do sul.

Perdidas as esperanças da proxima paz, força foi proseguir nas operações da guerra.

Uma serie de triumphos, formando como os fuzis de uma cadêa, coroárão as armas federaes e levárão-as diante dos muros de Charleston, olhada como a *cidade santa* dos escravistas. O alcance e calibre das peças empregadas por ambos os exercitos no bombardeamento e defesa d'essa cidade marcão uma época na historia da artilharia.

Possuidores da ilha de Morris, que só ainda lhes vedava a livre navegação do Mississipi, facil foi aos federaes submetterem á sua autoridade todos os Estados banhados por esse magestoso rio.

Não estavam porém terminados todos os horrores da guerra. A terrivel batalha de Chickamauga, travada na noite de 21 para 22 de Setembro, não offerecendo resultado algum importante para qualquer dos exercitos, foi todavia uma das mais sanguinolentas d'esta lastimavel luta. Segundo as communicações officiaes o numero dos mortos e feridos dos dous exercitos avaliou-se em trinta mil homens, cabendo dezeseis mil aos federaes.

Outra grande batalha (a de Chattanooga), posto que menos sanguinolenta, foi muito mais fecunda em resultados propicios aos federaes, assegurando-lhes a incontestada posse do centro strategico dos Estados escravistas.

A victoria do general Grant em Chattanooga determinou a expedição do general Banks a Texas, cujas costas forão postas em rigoroso bloqueio depois da

tomada de Browsville, por onde fazião os confederados um grande commercio com os traficantes de todas as nações, e do qual lhes resultavão os proventos com que fazião face á guerra.

A proposito do commercio, cumpre não esquecer que durante esta titanica luta teve ainda o governo federal de entreter seria polemica com os governos da França e principalmente da Inglaterra, a proposito dos corsarios que, com a bandeira dos Estados confederados, sabião dos estaleiros d'essas nações para inquietarem o commercio da União, de que resultou-lhe não poucos prejuizos.

Sob aspecto summamente favoravel aos unionistas mostrou-se o anno de 1864. Dividindo em dous o grande exercito federal, confiou Lincoln o commando do primeiro ao general Grant, incumbindo-o de apoderar-se de Richmond, e o segundo ao general Sherman, com ordem de subjugar a Georgia. A posição geographica d'este Estado, e o importante papel que representára na actual guerra, indicavão a vantagem de semelhante operação.

No dia 5 de Maio abalou Sherman de Chattanooga, á frente de cem mil homens e duzentas e cincoenta peças de artilharia, e foi encontrar-se em Atlanta com o seu contrario, o general Johnstone, cujo exercito, metade menos numeroso, levava-lhe vantagem em cavallaria, indispensavel em taes campanhas. Depois de alguns dias gastos em reciprocas observações e reconhecimentos, os dous exercitos vierão ás mãos no dia 27 de Junho, forçando Sherman as fortificações de Atlanta, e consttran-

gendo Johnstone a retirar-se para a margem opposta com grandes perdas.

Para não prolongar mais esta narrativa, epiluguemos os ultimos successos.

Dentro de dous mezes penetrou o general Sherman na Colombia, coração da Georgia ; obrigou os confederados a abandonarem Lafayetteville, sem ter precisão de queimar uma escorva (a 11 de Março), e d'ahi marchando sobre Richmond obsteu a junção das forças dos generaes Johnstone e Lee, que vinhão em soccorro da capital. Reunindo-se depois com o corpo de exercito commandado pelo general Ord, forçou as linhas inimigas, resultando d'ahi a evacuação de Petersburgo e Richmond (a 5 de Abril). Conhecedor da desesperada situação em que se achava, capitulou Lee, entregando-se com seu exercito ao general Grant (a 6 de Abril), enquanto seu collega Johnstone praticava o mesmo ao general Sherman (a 9 de Abril).

Podia-se dizer que a guerra civil estava de facto finalizada. Pouco a pouco forão entrando na obediencia os diversos pontos onde ainda tremulava o estandarte da confederação sulista, sendo o ultimo Charleston, que por tres annos resistira a um terrivel bombardeamento operado por uma esquadra de navios couraçados.

Para não interromper a serie dos acontecimentos d'esta memoravel guerra, deixámos de fallar na eleição presidencial, que effeituou-se durante ella, com as mesmas formalidades usadas em taes occasiões, salvo o deixarem de tomar parte nos comicios os Estados rebeldes, ou aquelles em que se effeituavão as operações

militares. Dous candidatos (o general Lee e Lincoln) foram apresentados pelos dous partidos rivaes, representando o primeiro o elemento militar, e com elle a dictadura, e o segundo o elemento civil e a observancia ás formulas constitucionaes. Ao ruido dos canhões e entre o fumo das batalhas triumphou o segundo d'estes elementos : Abrahão Lincoln foi reeleito presidente da republica por consideravel maioria. Infelizmente quando este grande cidadão, que só encontra em George Washington digno emulo, se dispunha a entrar na segunda e mais gloriosa phase da sua missão, cicatrizando com o balsamo da amnistia as feridas da patria, foi assassinado por um fanatico (Booth) n'um theatro da capital (a 14 de Abril de 1865). André Johnson, presidente do senado, e n'essa qualidade vice-presidente da republica, tomou o timão dos negocios, que com grande tino vai dirigindo.

**LXV. — Reinados de D. Pedro V e de D. Luiz I
em Portugal.**

A regencia de D. Fernando, principe esclarecido e decidido protector das artes, foi uma época de paz e felicidade para a nação portugueza, de quem soubera fazer-se amar e respeitar. Conservando o ministerio presidido pelo duque de Saldanha, nenhuma alteração quiz fazer na publica governança até que o herdeiro da corôa attingisse á época legal da sua maioridade.

No dia 16 de Setembro de 1855, em que D. Pedro V

completava dezoito annos, cessou a regencia, e começou o seu effectivo reinado, sendo acclamado n'esse mesmo dia na sala das côrtes pelos representantes da nação, e depois pelo povo reunido no Terreiro do Paço.

No curto periodo de seis annos que o primogenito de D. Maria II occupou o solio portuguez fez n'elle brilhar todas as virtudes publicas e privadas. Emmudecerão as paixões, e a guerra civil deixou de ser o permanente flagello do paiz. Foi no throno o prototypo do principe sincero, honesto, laborioso, liberal, summamente illustrado, e amigo do seu povo; assim, deu-lhe este o cognome de BEM AMADO, que a posteridade tem de confirmar.

Duas vezes (em 1856 e 1857) as terriveis epidemias do *cholera-morbus* e da *febre amarella* devastarão Lisboa e alguns outros pontos do reino; n'essas provações por que teve de passar mostrou-se D. Pedro V digno emulo d'el-rei D. Duarte, um dos seus gloriosos antepassados; e, como o bondoso filho do Mestre de Aviz, trocou o paço pelos hospitaes, assistindo, confortando aos pobres e necessitados, e levando-lhes muitas vezes por suas proprias mãos os remedios e alimento. Empenhado em soccorrer as familias das victimas, em educar e sustentar os orphãos, cedeu trinta contos da sua dotação para se estabelecer um fundo que pudesse satisfazer a taes despesas.

Tão excellente rei era merecedor de uma santa esposa, e o céo lh'a concedeu na pessoa de D. Estephania, princeza da casa de Hohenzollern-Sigmaringen, alliada á familia real da Prussia, e dotada de peregrina belleza,

e ainda de mais peregrinas qualidades. Casada por procuração em Berlim a 29 de Abril de 1858, chegou a joven rainha a Lisboa a 17 de Maio, recebendo as benções nupciaes no dia seguinte na magnifica igreja pertencente ao extincto convento de S. Domingos.

Pouco mais de um anno subsistio par tão ditoso; porquanto, havendo adoecido D. Estephania de umas febres apanhadas na excursão que fizera com seu real esposo ao sitio denominado *Vendas-Novas*, falleceu a 17 de Julho de 1859 no palacio das Necessidades, que então servia de residencia habitual aos soberanos portuguezes.

Ferido na mais delicada fibra de seu coração, dirigio D. Pedro ao presidente do conselho de ministros, duque da Terceira, uma carta repassada de dôr e melancolia, pedindo-lhe que, em seu nome, agradecesse a quantos se havião associado ao seu infortunio. N'este notavel documento lê-se o seguinte paragrapho, só de per si capaz de caracterisar tão illustre principe :

« Nos quatro annos do meu reinado, eu e os meus povos temos sido campanheiros de infortunio. Diz-me a consciencia que nunca os abandonei. Não me abandonão elles hoje, que procuro um conforto, e quasi o não encontro senão na religião, que manda crer e esperar, e nas lagrimas que se confundem com as minhas. »

A individualidade, graciosa e modesta, do monarcha, fez-nos esquecer a politica do seu reinado; reparemos a omissão, e, em breves traços, esbocemol-a.

O velho duque de Saldanha, rodeado da aureola do prestigio militar, e constituido campeão de um partido

que se intitulou *regenerador*, permaneceu á frente dos negocios até que não consentindo o rei n'uma promoção de pares, destinada a dar-lhe maioria na camara hereditaria em detrimento do voto manifestado pela camara electiva, teve de retirar-se, cedendo o posto a outra combinação ministerial, presidida pelo marquez (depois duque) de Loulé (Junho de 1856).

Funcionava regularmente o mecanismo parlamentar, ainda que um tanto perro pelo pouco exercicio das molas, e tambem pela inexperiencia dos chamados a dirigil-o; pouco a pouco ia a nação se habituando a elle, e a nova geração parecia consubstanciada com seus dogmas.

Renunciando o papel do velho de quem nos falla Horacio sempre *laudator temporis acti*, Portugal entrava resolutamente nas vias do progresso, favorecia o estabelecimento das fabricas, desenvolvia a sua navegação transatlantica, melhoravaseus portos, contractava a construcção de estradas de ferro, e não esquecendo os melhoramentos moraes, reformava a instrucção publica e fundava um curso superior de lettras, do qual obrigava-se o proprio rei a pagar os mestres, para não onerar os cofres nacionaes.

No meio d'essa calma e prosperidade relativa surgiu uma complicação diplomatica, que poderia ter funestos resultados, sem a prudencia do rei e dos seus conselheiros responsaveis. Queremos fallar da questão conhecida pelo nome de *Charles et George*.

Adoptára o governo francez (em 1852) a resolução de animar a emigração de trabalhadores negros para as suas colonias, afim de supprir os braços escravos, que,

em virtude das suas mesmas leis, tinham desaparecido. Desconfiando que, a pretexto de colonisação, quizessem alguns especuladores, á sombra da bandeira franceza, restaurar o trafico, deu o governo portuguez ordem aos seus delegados na costa d'Africa que vigiassem attentamente esse novo genero de industria e buscassem estorval-o nos limites das leis e das convenções existentes. Aconteceu que a 20 de Novembro de 1857 um navio francez denominado *Charles et George*, e commandado pelo capitão Rouxel, partisse da ilha da Reunião para ir ás costas de Madagascar contractar colonos, fazendo escala por Moçambique. Cumpre notar que esse navio levava todos os seus papeis em ordem e tinha a seu bordo um agente do governo da sua nação. Chegando á altura de Conducia foi aprisionado por um cruzeiro portuguez, e conduzido a Moçambique com cento e dez pretos contractados. Instaurado o processo pelas autoridades coloniaes, desprezados os embargos do agente francez e as queixas da tripolação, foi o navio declarado boa presa, e o capitão Rouxel condemnado a dous annos de trabalhos forçados como contrabandista de Africanos.

Esta sentença suscitou viva reclamação da parte do Marquez de Lisle de Stry, que representava o imperador Napoleão junto á côrte de Lisboa. A negociação começada n'essa capital não tardou em ser transferida para Paris, onde o barão de Paiva, plenipotenciario portuguez, propôz ao conde de Walewski, ministro dos negocios estrangeiros da França, que fosse a questão deferida a uma potencia amiga para decidir por via de

arbitramento. Peremptoriamente recusada a mediação proposta, o governo imperial mostrava-se cada vez mais decidido a obter reparação pela força. De facto via-se que a estação naval franceza ancorada no Tejo se havia consideravelmente augmentado, e as suas pouco benevolas disposições manifestárão-se na circumstancia de ter deixado de saudar o rei quando ia despedir-se do seu irmão, o infante D. Luiz, de partida para uma das suas expedições.

Em presença da attitude bellica que assumia a França, volven o governo portuguez suas vistas para a Inglaterra, e pedio-lhe que patrocinasse uma causa que ella sempre advogára. Entendeu porém o gabinete de S. James que convinha-lhe poupar as susceptibilidades do imperador Napoleão, e aconselhou ao seu antigo alliado que *procurasse um meio honroso de sahir-se do embaraço*.

Vendo-se só e ameaçado de uma luta desigual, mandou o governo portuguez offerecer ao seu antagonista a immediata entrega do navio apresado, com o respectivo commandante e tripolação, reservando-se a questão de direito para o juizo arbitral. Replicou o conde de Walewski que era exactamente no terreno do direito que a França não admittia mediação, nem juizo arbitral, propondo porém deferir ao rei da Hollanda tudo o que dissesse respeito ás indemnisações pecuniarias.

Forçado em seus ultimos reductos, conheceu Portugal que lhe cumpria ceder; e n'uma nota de 23 de Outubro de 1858 o marquez de Loulé, ministro dos negocios estrangeiros e presidente do conselho, escreveu ao barão de Paiva *que o governo de S. M. F., pesando a grave*

responsabilidade que assumia perante o paiz, deliberára annuir ás exigencias do gabinete imperial, pondo em liberdade o capitão Rouxel, e fazendo entrega do navio á pessoa que para esse fim fosse destinada; e que quanto á mediação para o arbitramento da somma reclamada, a titulo de indemnisações, o governo portuguez desistia d'ella, estando prompto para satisfazer o que o governo francez entendesse ser-lhe devido.

Assim terminou honrosamente para o governo portuguez um dos mais serios conflictos diplomaticos sobrevivendo n'estes ultimos tempos.

Só encontrando no fiel e exacto desempenho do seu officio de rei algum lenitivo ás dôres domesticas, dirigio-se D. Pedro V á cidade do Porto, afim de assistir á abertura de uma exposição industrial que ahi se fazia (a 24 de Agosto de 1861); e n'essa occasião pronunciou uma allocução que revelava no moço rei um philosopho preocupado com os grandes problemas sociaes que agitação o mundo moderno.

De volta á capital, n'ella pouco demorou-se, partindo para uma viagem ao Alemtejo, cujas necessidades queria por si mesmo conhecer e apreciar. Demorando-se alguns dias em Villa-Viçosa, antiga residencia dos duques de Bragança, em companhia de seu irmão o infante D. Fernando, regressarão a Lisboa no dia 12 de Outubro, sendo pouco depois acommettidos da enfermidade que lhes devêra ser tão fatal. A 6 de Novembro descia o infante ao jazigo de sua familia no convento de S. Vicente de Fóra; e a 11 d'esse mesmo mez e anno pranteava Portugal a morte de seu *angelico monarcha*.

Fallecendo sem posteridade, cabia de direito a corôa a seu irmão secundo-genito o infante D. Luiz, duque do Porto, que então, acompanhado por seu outro irmão o infante D. João, duque de Beja, achava-se em França.

Na fórma prevista pela lei da regencia, tomou logo el-rei D. Fernando as redeas do governo emquanto não chegava o novo monarcha, que a 14 de Novembro fez a sua entrada na capital, sendo aclamado com o nome de D. Luiz I.

A morte do rei D. Pedro V e a do seu irmão D. Fernando, sendo seguidas pouco depois da do infante D. João, que ultimamente regressára da sua excursão a varias côrtes da Europa, causarão viva sensação, e houve quem buscasse explicalas por tenebrosas machinações. Tanto bastou para que a plebe de Lisboa se amotinasse, e no dia de Natal d'esse funesto anno se entregasse ás mais violentas manifestações. Fazendo-se acompanhar pela camara municipal, dirigio-se ao palacio das Necessidades reclamando que a familia real mudasse de domicilio. Agradecendo a solícitude do povo, respondeu o novo monarcha que estava decidida a mudança para o palacio de Caxias; com o que, parecendo estar satisfeita, retirou-se a multidão. No dia seguinte porém os agitadores politicos, que sóem especular com a credulidade dos populares, suscitirão novos ajuntamentos que percorrerão as ruas gritando : *morra o Loulé! morra o Avila! morra o Ficalho!* etc. Dos cavalheiros assim designados á vindicta popular dous erão ministros e o outro official-mór do paço. As casas do marquez de Vallada, dos condes da Ponte e de Thomar, forão assaltadas, e quebrados os

vidros de suas janellas. A intervenção porém d'el-rei D. Fernando e de alguns personagens politicos pôz termo aos disturbios, e a ordem ficou restabelecida.

Sob tristes auspícios inaugurava-se o reinado de D. Luiz, mancebo de vinte e tres annos, que abraçára a profissão da marinha, e que já se distinguira pelo amor á sua profissão, fazendo-a com isso sahir do estado lethargico em que estava sepultada. Como seu irmão primogenito, recebêra aprimorada educação, desenvolvendo-lhes o natural talento mestres eminentes cuidadosamente escolhidos pela rainha D. Maria II, que, como já dissemos, antepunha os deveres maternos aos de soberana.

Seguindo a trilha traçada pelo seu saudoso irmão, continuou a depositar a sua confiança no mesmo ministerio (o presidido pelo então marquez de Loulé), esperando que a successão dos acontecimentos o aconselhasse qualquer mudança na politica, tanto interna como externa.

A questão das *irmãs da caridade* francezas, que recusavam deixar de prestar immediata obediencia ao seu superior em Paris, com offensa da autoridade do patriarcha de Lisboa, agitou os espiritos logo no começo d'este reinado, provocando calorosa discussão, tanto na imprensa jornalística como em ambas as casas do parlamento. Pelo seu character internacional chegou mesmo a ameaçar nova complicação com o gabinete das Tulherias, que felizmente mostrou-se d'esta vez summamente moderado, fazendo desapparecer a polemica com a remessa de uma fragata ao Tejo incumbida de tomar a seu

bordo as filhas de S. Vicente de Paulo, que tinham dado lugar á questão.

Cedendo aos votos manifestados pela nação, desejosa de ver solidamente firmada a dynastia do doador da carta, resolveu-se D. Luiz a tomar estado, escolhendo para consorte a princeza D. Maria Pia de Saboya, filha de Victor-Manoel, rei de Italia. A 27 de Setembro de 1862 celebrava-se este casamento em Turim, sendo poucos dias depois recebida a nova rainha na capital dos seus Estados no meio do mais vivo jubilo da população.

Teve o governo de D. Luiz a fortuna de terminar de modo honroso para ambas as partes a tão debatida questão do *padroado do Oriente*, que em 1859 escapou de trazer um rompimento entre a Santa Sé e o mui catholico reino de Portugal. Por uma concordata celebrada n'esse mesmo anno (de 1862) estipulou-se que o novo arcebispo de Gôa poderia se dirigir á sua diocese passando pela cidade de Roma, afim de receber do Santo Padre a jurisdicção contestada.

A lei sobre os morgadios e propriedades pertencentes ás corporações de mão-morta, adoptada no principio de Maio de 1863, veio outrossim finalizar outro grande debate que durava desde o anno de 1833, provocado pelas medidas dictatorialmente tomadas pelo grande ministro Mousinho da Silveira.

A locomoção accelerada, que, como dissemos, tantos desvelos merecêra dos poderes politicos durante o precedente reinado, vai recebendo seu indispensavel complemento; e duas grandes linhas ligão Lisboa a Evora e

a Badajoz, entroncã-se nas redes dos caminhos de ferro hespanhões, e com estes nos de quasi toda a Europa. Já a segunda cidade do reino (o Porto), cuja difficilissima barra afastava os visitantes, e cujas estradas achavão-se em estado por demais primitivo, converteu-se, graças á via ferrea que a serve, em um suburbio da capital, permitindo-lhe ostentar os thesouros da sua industria, consorciados com a de outros povos, n'uma magnifica exposição aberta este anno (1865), com assistencia do rei e da real familia, e concorrida por mais de cem mil pessoas.

Querendo conhecer pessoalmente seu heroico sogro, e fazê-lo abençoar o herdeiro presumptivo do solio affonsino (D. Carlos), pediu D. Luiz licença ás camaras para ausentar-se por alguns mezes, em companhia da rainha e do principe real, deixando a regencia confiada ao prudente principe que já duas vezes dirigira com tanto discernimento a não do Estado. Annuindo a tão louvavel desejo, concedeu o parlamento portuguez a impetrada venia, e investido novamente da regencia el-rei D. Fernando, sahio a familia real (com excepção dos infantes D. Augusto, irmão mais moço do rei, e do recém-nascido) a barra de Lisboa, visitando as diversas côrtes da Europa, com especialidade a de Florença, residencia official do rei de Italia, e a de Turim, domicilio predilecto do infatigavel caçador dos Alpes.

Antes de ausentar-se organisou D. Luiz um novo ministerio, dando a presidencia ao conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, veterano das lides parlamentares, e cujo fino tacto de estadista e delicadas maneiras de

cavalheiro lhe têm grangeado consideravel maioria, tanto na camara dos pares, como na dos deputados, recentemente eleita.

Tal é o resumido quadro da historia portugueza no periodo que nos propuzemos estudar.

LXVI. — Reinado de D. Pedro II no Brasil.

Já n'outro lugar deixámos epilogados os principaes successos occorridos durante a menoridade do imperador D. Pedro II; passamos agora ao rapido exame dos factos mais assignalaveis nos vinte e cinco annos decorridos depois da sua maioridade.

Investido o joven monarcha da plenitude dos seus direitos magestáticos, chamou aos seus conselhos na qualidade de ministros responsaveis os principaes motores do movimento politico que originára tal resultado. Os dous irmãos Andradas (Antonio Carlos e Martim Francisco) forão encarregados das importantes repartições do imperio e da fazenda, Hollanda Cavalcanti e seu irmão Francisco, mais conhecido por *Suassuna*, dirigirão os ministerios da guerra e da marinha, Limpo de Abreu occupou o da justiça, e Aureliano o dos negocios estrangeiros.

O primeiro acto d'este ministerio foi da concessão de uma ampla amnistia aos crimes politicos, da qual se utilisarão os sediciosos do Maranhão, deixando de fazê-lo os do Rio Grande do Sul pela inhabilidade do negociador (o deputado Francisco Alvares Machado).

Uma desintelligencia sobrevinda entre o ministro dos negocios estrangeiros e os seus collegas trouxe a retirada do gabinete e a organisação de outro (a 23 de Março de 1841), formado dos principaes chefes do partido contrario.

Havia sido fixada para o dia 18 de Julho d'esse anno a cerimonia da sagração e coroação do monárcha, o que effectivamente realisou-se no meio do ardente entusiasmo da população da côrte, augmentada pela extraordinaria concurrencia de cidadãos de todas as provincias do imperio.

Logo no começo da sessão legislativa de 1841 apresentou o ministerio na camara dos deputados dous importantissimos projectos de lei tendentes ao restabelecimento do conselho de estado, que havia sido abolido, e a reforma do codigo do processo criminal. Considerados estes projectos de summa utilidade, forão discutidos e votados n'essa mesma sessão, recebendo em seguida a confirmação do senado e a sancção da corôa.

O partido liberal, que em ambas as camaras combatera energicamente essas leis, resolveu protestar contra ellas por todos os meios possiveis. Coube ao ex-regente Feijó a iniciativa do protesto, quando, respondendo á camara municipal da cidade de S. Paulo, que lhe transmittia o diploma de deputado á assembléa provincial, expôz como causa de não ir tomar assento n'essa corporação o seu profundo desgosto pela illegalidade das medidas ultimamente sancionadas, aconselhando ao mesmo tempo á assembléa que contra ellas representasse com toda a energia.

Abraçando o alvitre que lhe era indicado por um dos homens mais prestigiosos do seu partido, a maioria da assembléa provincial de S. Paulo elegeu uma deputação para ir ao Rio de Janeiro e apresentar ao imperador uma representação contra as leis acima mencionadas. Parecendo porém ao governo que a linguagem d'essa representação não estava concebida nos devidos termos, declarou, por aviso de 5 de Fevereiro de 1842, que a deputação não poderia apresentar-se no paço para desempenhar o seu mandato.

Tendo também algumas camaras municipaes, á guisa da assembléa provincial de S. Paulo, endereçado ao governo representações identicas, forão mandadas responsabilisar.

Travada assim a luta entre os dous partidos que então dividião o paiz, não esperou o ministerio que a camara dos deputados, cuja maioria sabia ser-lhe adversa, acabasse de se constituir, e por decreto do 1º de Maio dissolveu-a.

Contra esses actos do governo central ergueu S. Paulo energico brado; e reunidos na cidade de Sorocaba (a 17 de Maio) alguns chefes do partido liberal, acclamá-rão presidente da provincia o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, abastado fazendeiro, e uma das maiores influencias do partido. O pronunciamento de Sorocaba irradiou-se com pasmosa rapidez, e grande numero de municipios enviá-rão-lhe suas adhesões.

Advertido d'estas occurrencias, apressou-se o ministerio em curar dos meios de suffocar a rebellião, e o ministro da guerra (José Clemente Pereira), homem ener-

gico e activissimo, não repousou enquanto não fez partir (a 17 de Maio) uma expedição commandada por Luiz Alves de Lima (já então barão de Caxias), que acabava de distinguir-se no Maranhão.

Bem avisado andou o governo em fazer partir com tanta presteza a força expedicionaria, assim como na remessa de terminantes ordens para que das provincias vizinhas sahisse toda a tropa disponivel, porquanto dias depois constava-lhe officialmente que na importante cidade de Barbacena (Minas-Geraes) se arvorára a 10 de Junho uma bandeira analoga á de Sorocaba, e que os sediciosos d'ahi havião feito escolha de José Feliciano Pinto Coelho (depois barão de Cocaes) para presidente interino da provincia.

Nas criticas circumstancias em que se via collocado não trepidou o ministerio de 23 de Março em adoptar medidas extremas. Entendendo que convinha primeiro que tudo circumscrever o foco da rebelião, e impedir que se estendesse ella á provincia do Rio de Janeiro, re-commendou ao presidente d'essa provincia (Honorio Hermeto Carneiro Leão) que partisse para a villa da Parahyba do Sul, pondo este municipio e os outros limitrophes em estado de defesa. Lançando depois mão da faculdade que lhe outorgava a constituição, suspendeu as garantias, e mandou prender sem culpa formada a quinze cidadãos, alguns dos quaes forão deportados para fóra do imperio.

Graças á attitude tomada pelo governo imperial e ao acerto das suas providencias, a revolta de S. Paulo foi promptamente suffocada, depois de pequenas refregas,

sendo d'ellas a mais notavel a conhecida pelo nome de combate da *Venda-Grande*, em que as forças revolucionarias forão desbaratadas. A 19 de Junho fazia o barão de Caxias sua entrada em Sorocaba sem disparar um tiro, e a 22 d'esse mesmo mez officiava ao ministro da guerra communicando a inteira pacificação da provincia.

Desembaraçado da revolta de S. Paulo, fez convergir o ministerio toda a sua attenção para a de Minas; e, apenas chegou ao Rio de Janeiro (a 25 de Julho) o barão de Caxias, ordenou-lhe que se puzesse á frente da força expedicionaria que já operava na sobredita provincia. Por seu lado os revoltosos havião conseguido reunir para mais de tres mil homens, e a marchas forçadas se encaminhavão para Ouro-Preto. Foi no arraial de Santa-Luzia, termo da cidade do Sabará, que se encontrárão os dous exercitos, e posto que muito inferior em numero (constando de menos de dous mil e quinhentos homens), levou o da legalidade a vantagem sobre o contrario, depois de algumas horas de bem nutrido fogo.

Foi esta a derradeira acção empenhada entre os belligerantes, o ultimo sangue derramado n'esta fraticida luta. Restabeleceu-se a ordem por toda a parte, e a acção da autoridade foi geralmente reconhecida.

Os epinicios trocárão-se em breve em epithalamios: o imperador D. Pedro II escolhêra para esposa a D. Theresa Christina de Bourbon, irmã do rei de Napoles Fernando II, e havendo-se celebrado os esponsaes na capital das Duas-Sicilias a 31 de Maio de 1843, surgia no dia 5 de Setembro á barra do Rio de Janeiro, e recebia no

dia seguinte as benções matrimoniaes na cathedral e capella imperial.

O casamento do imperador parecendo aconselhar a adopção de uma amnistia, que aliás estava no espirito publico, trouxe dissidencias entre os ministros quanto aos meios praticos de leval-a a effeito; e d'essas dissidencias proveio a retirada do gabinete, e iniciação de outra politica, que forão chamados a realisar alguns dos cavalheiros que haviam condemnado o que denominavão excesso de repressão contra os revoltosos de S. Paulo e Minas. Este ministerio, conhecido na historia pela denominação do *de 2 de Fevereiro*, inaugurou a sua administração referendando o acto de clemencia imperial a que acima alludimos.

Não tardou em ser distrahida a attenção do governo para um movimento insurreccional que rebentára na capital da provincia das Alagôas (a cidade do mesmo nome) a proposito da remoção da séde do governo para a commerciante cidade de Maceió.

Descontentes da administração do Dr. Bernardo de Souza Franco, alguns individuos, considerados como influencias eleitoraes, chamárão em seu apoio a um caudilho por nome Vicente Tavares da Silva Coutinho, vulgo Vicente de Paula, e a 5 de Outubro de 1844 atacárão a nova capital, apoderando-se d'ella com toda a facilidade por falta de meios de oppôr-lhes a minima resistencia.

Não tardarão porém as forças enviadas das provincias confinantes de Pernambuco e Bahia, que depois de fazerem junção com as do Rio de Janeiro, e sob o com-

mando do brigadeiro Antonio Corrêa Seára, batêrão os revoltosos em varios pontos, e nomeadamente em Atalaia e Santo Antonio Grande. A chegada de um novo presidente (o conselheiro de estado e senador Caetano Maria Lopes Gama, mais tarde visconde de Maranguape), munido de uma amnistia, fez cessar de todo os lastimosos effeitos d'esta revolta.

Outro grande beneficio da politica moderada e conciliadora adoptada pelo gabinete de 2 de Fevereiro foi a pacificação do Rio Grande do Sul, que havia nove annos forcejava por dilacerar a toga inconsutil da communhão brasileira.

Foi ainda o barão de Caxias a quem pertenceu a gloria de pôr termo a mais uma rebellião. Escolhido para commandante do exercito da legalidade, deixou o Rio de Janeiro a 29 de Outubro de 1844, e chegando ao seu destino empregou tão habilmente o seu systema de força combinado com a prudencia e doçura, que os republicanos de Piratinim depuzêrão as armas, annunciando seu chefe principal (David Canabarro) a 28 de Fevereiro de 1845 o suspirado fim da revolução de 20 de Setembro de 1835. Estendeu-se o manto da clemencia sobre as feridas e cicatrizes da provincia; e, facto raro nas discórdias civis, as reacções não apparecêrão, os dissidentes abraçárão-se como irmãos, e quando nos ultimos mezes d'esse anno e nos primeiros do seguinte (1845-1846) o imperador, acompanhado de sua virtuosa esposa, visitárão o Rio Grande do Sul, puderão presenciar o agradável espectaculo de uma completa e sincera reconciliação.

De volta á capital do imperio desejou o desvelado monarcha conhecer pessoalmente alguns dos mais opulentos municipios da provincia do Rio de Janeiro, e a 20 de Março de 1847 partio para a cidade de Macabé, d'onde, p'assando-se para a de Campos, regressou á cõrte, depois de haver percorrido os municipios de S. João da Barra, S. Fidelis, Cabo-Frio, Itaborahy, Porto das Caixas e Nictheroy.

Pouco depois da sua volta ao paço de S. Christovão experimentou seu coração paterno um primeiro e tremendo golpe : o principe imperial D. Affonso (nascido a 23 de Fevereiro de 1845) succumbio a uma molestia que os medicos diversamente diagnosticarão (a 11 de Junho de 1847). Mal enxutas estavam as lagrimas derramadas por tão infausto successo, quando no anno seguinte (a 19 de Julho) subio á mansão etherea mais um anjo que na terra se chamava Pedro, e que os Brasileiros ião-se habituando a olhar como successor de seu magnanimo pai, o imperador D. Pedro II.

Duas graciosas princezas, D. Isabel (nascida a 29 de Julho de 1846) e D. Leopoldina (nascida a 13 de Julho de 1847), assegurarão a duração da dynastia do fundador do imperio.

O partido liberal, que desde 2 de Fevereiro de 1844 assumira a direcção dos publicos negocios, cedeu o posto ao conservador (a 29 de Setembro de 1848), que iniciou uma serie de medidas oppostas aos interesses dos que havião apoiado a precedente situação. D'ahi originou-se, como era facil de prever, grande descontentamento, d'esta vez manifestado na provincia de Pernam-

buco. Tomando por pretexto algumas demissões ordenadas pelo presidente Herculano Ferreira Penna, soltarão os liberaes o brado da insurreição no lugar denominado *Páo-d'Alho*, d'onde partirão a occupar a importante villa de Iguarassú.

Assustado o governo central com o desenvolvimento que ia tomando a revolta pernambucana, e com o character perigoso das idéas ali propagadas, nomeou presidente da provincia o Dr. Manoel Vieira Tosta (depois barão de Muritiba), e commandante das armas o general José Joaquim Coelho (posteriormente barão da Victoria).

A acertada escolha d'estes dous funcionarios e a prompta organização das forças legaes salvarão a cidade do Recife do ataque que contra ella dirigirão os rebeldes no dia 2 de Fevereiro de 1849, no qual, depois de muitas horas de vivissimo fogo, forão completamente derrotados, buscando nas mattas seguro abrigo. D'ahi mesmo sendo desalojados, as autoridades constituidas proseguirão, sem mais impecilhos, no desempenho dos seus deveres.

Não podendo contar com maioria na camara dos deputados, eleita sob a influencia dos seus adversarios, o ministerio propôz á corôa a dissolução da dita camara, o que foi-lhe concedido sem a minima difficuldade.

Derão as eleições a força de que necessitava o governo, que, attendendo ao estado melindroso em que se achavão as relações diplomaticas com a Inglaterra relativamente ao trafico de Africanos, apresentou a reforma da lei de 7 de Novembro de 1851, reforma adoptada e sancionada a 4 de Setembro de 1850.

Duas outras importantissimas leis (a da reorganisação da guarda nacional e a do código do commercio) forão discutidas e approvadas n'essa mesma sessão, que foi uma das mais fecundas que offerecem os annaes parlamentares do Brasil.

Não tardou que a attenção do governo imperial tivesse de voltar-se para a politica externa, intervindo activamente na interminavel questão entre Rosas e Oribe de um lado, e do outro a praça de Montevidéo, cujo assedio de nove annos fêl-a denominar de *Nova Troya*. Deixámos n'um dos precedentes capitulos bosquejada esta gloriosa pagina da historia do reinado de D. Pedro II.

O ministerio, que tão valiosos titulos grangeára á gratidão nacional, entendeu dever retirar-se, sendo substituido (a 6 de Setembro de 1855) por outro presidido pelo visconde (depois marquez) de Paraná. Escrevendo no seu programma a palavra *conciliação*, procurou pôl-a em pratica, serenando os animos, aplacando as discórdias, e pedindo a todos os cidadãos o seu concurso para os melhoramentos do paiz.

Graças a tão illustrada politica o Brasil progredio rapidamente em poucos annos; abríão-se novas estradas de rodagem, exploráão-se os terrenos e assentáão-se as primeiras trilhas das vias ferreas, e a navegação por vapor recebeu pasmoso incremento. Constituiu-se, sob largas bases, um novo banco, altamente protegido pelo Estado, e a abundancia de capitaes fez nascer e prosperar o espirito das emprezas industriaes, quasi que totalmente desconhecido.

Na gerencia d'esse ministerio teve o Brasil duas occasiões de apresentar-se com honra no Rio da Prata : a primeira, quando, a pedido do governador provisorio da Republica Oriental, mandou uma divisão do seu exercito guarnecer a praça de Montevideo; e a segunda, para tomar satisfação ao dictador do Paraguay, Carlos Antonio Lopez, pelo seu inqualificavel procedimento para com o encarregado de negocios Felippe José Pereira Leal. Havendo o dictador dado a satisfação exigida, a esquadra brasileira, commandada por Pedro Ferreira de Oliveira, estacionou no sitio denominado *Tres Bocas*, no rio Paraná, seguindo-se a celebração do tratado de 6 de Abril de 1856, que de novo regulou as relações de commercio e amizade entre os dous paizes.

A morte do marquez de Paraná (a 3 de Setembro de 1856) motivou a retirada do gabinete, que desde então era presidido pelo ministro da guerra, marquez de Caxias. A attitude da nova camara dos deputados, eleita pela lei dos circulos (de 19 de Setembro de 1855), não sendo inteiramente propicia á administração, entendeu esta dever instar pela sua exoneração, que lhe foi concedida no dia 1º de Maio de 1857.

O novo gabinete (de 4 de Maio), presidido pelo marquez de Olinda, pôde ser considerado de fusão; mas cedo conheceu-se que n'elle predominava o elemento liberal, manifestado principalmente na serie de medidas economicas propostas ou adoptadas pelo ministro da fazenda Bernardo de Souza Franco. Atravessou este gabinete a sessão legislativa de 1858; mas em Dezembro d'esse

anno, havendo tres ministros pedido demissão, allegando incommodos de saude, julgou o marquez que era azado o ensejo para tambem retirar-se, seguindo-se d'ahi a dissolução do ministerio.

Incumbido da nova organisação o visconde de Abaeté, foi procurar quasi todos os seus collegas no gremio do partido conservador. A escolha do ministro da fazenda recahindo em Francisco de Salles Torres-Homem, publicista distincto e acerrimo adversario das medidas economicas de Souza Franco, que com proficiencia combatêra na camara a que pertencia (a dos deputados), dava a entender que o ministerio apartava-se inteiramente da politica do seu antecessor.

A reforma da lei bancaria, apresentada na camara dos deputados na sua sessão de 1859 pelo referido ministro Torres-Homem, deu lugar a virulentissimos debates; tendo o ministerio triumphado por pequena maioria, propôz ao imperador a dissolução da dita camara; o que sendo-lhe recusado, resignou as pastas.

No dia 10 de Agosto de 1859 annunciavão os jornaes a formação de um novo gabinete, á cuja frente achava-se o senador Angelo Moniz da Silva Ferraz, que acabava de presidir a provincia do Rio Grande do Sul. Composto de cavalheiros de opiniões moderadas, posto que todos sahidos das fileiras conservadoras, foi o novo ministerio bem acolhido pela maioria de ambas as casas do parlamento.

No fim d'esse anno empreheendeu o imperador uma viagem a algumas provincias do norte (Bahia, Pernam-

buco, Sergype e Alagôas), sempre animado do desejo de estudar por si as necessidades mais urgentes dos povos.

As eleições geraes effectuadas no anno de 1860 levárão á camara dos deputados grande numero de representantes da opinião liberal, ainda que a maioria fosse conservadora. Pensando porém não poder alcançar d'essa camara as medidas que entendia necessarias, retirou-se o gabinete Ferraz (a 3 de Março de 1861). O Marquez de Caxias assumio a presidencia do novo ministerio, do qual fazião parte alguns caracteres decididamente conservadores.

Grande esterilidade assignalou a sessão de 1861 : o ministerio, pouco confiado na pequena maioria que o sustentava, não queria apresentar medida alguma de importancia, e as que partião da iniciativa individual dos deputados e senadores não erão sequer discutidas.

No começo da sessão seguinte (a 21 de Maio) uma emenda do deputado Zacharias de Góes e Vasconcellos ao projecto da resposta á falla do throno havendo posto o ministerio em minoria, recorreu este ao meio usado nos paizes regidos pelo systema parlamentar, e não entendendo a corôa dever conceder-lh'o, impetrou a sua exoneração.

Seguiu-se-lhe o gabinete de 24 de Maio, presidido pelo deputado Zacharias, e do qual fazião parte alguns membros distinctos da opinião liberal. Este ministerio não pôde alcançar maioria, e teve de pedir a applicação do mesmo meio que fôra recusado ao seu antecessor.

Não parecendo á corôa conveniente conceder a dissolução da camara dos deputados, pedio o ministerio a sua demissão.

Equilibrados os partidos na camara electiva, e não havendo possibilidade de que nenhum d'elles obtivesse as medidas indispensaveis para a governação do paiz, constituiu o imperador um ministerio de fusão, composto de homens que, havendo pertencido a ambas as parcialidades, parecião arredados das lutas acrimoniosas. Este ministerio, conhecido pelo de 30 de Maio, foi presidido pelo marquez de Olinda, tendo n'elle a pasta dos negocios estrangeiros o marquez de Abrantes, assaz conhecido pela sua facundia e amabilidade.

Recebido com certa desconfiança por ambos os lados, conseguiu o gabinete atravessar o resto da sessão legislativa, sem que todavia quizesse expôr a nenhuma prova de confiança a sua vacillante maioria.

Estava porém reservada a este ministerio uma das mais duras provações : referimo-nos á questão ingleza, que tomou character assustador nos ultimos dias do anno de 1862 e nos primeiros de 1863.

Em meiado de Junho de 1861 naufragára nas costas da provincia do Rio Grande do Sul um barco mercante inglez (*Prince of Walles*), e do inquerito feito pelas autoridades brasileiras, com assistencia do consul Werker, chegára-se ao conhecimento que o naufragio se realisára durante uma noite tempestuosa, e que os quatro marinheiros que faltavão á tripolação tinham morrido afogados. Escrevendo ao representante da Inglaterra no

Rio de Janeiro (Christie), asseverára porém o cônsul Wereker que os marinheiros haviam sido assassinados, e roubada a carga do navio. Originou-se d'ahi uma discussão entre o ministro dos negocios estrangeiros do Brasil (n'esse tempo o marquez de Abrantes) e o diplomata inglez, que mostrava prestar toda crença á asserção de Wereker. Não tendo obtido a satisfação que queria, queixou-se Christie a lord Russell, ministro dos negocios estrangeiros da Inglaterra, e d'elle recebeu instrucções para coagir o governo brasileiro a pagar a somma de seis mil libras esterlinas, que em tanto avaliava a carga do navio naufragado, e uma indemnisação á familia das victimas.

A esta reclamação veio juntar-se logo outra. No mez de Agosto de 1862 alguns officiaes de uma fragata ingleza (a *Forte*) ancorada na bahia do Rio de Janeiro, tendo ido passear ao sitio chamado Tijuca, travarão-se de razões com a sentinella de um corpo de guarda ali existente, e estando todos elles á paisana, sem nenhum distinctivo que os fizesse reconhecer, forão presos e remettidos para um quartel da cidade, sendo porém postos em liberdade no dia seguinte, quando por seu commandante forão reclamados.

Este incidente, junto ao que já mencionámos, fez com que o ministro inglez azedasse cada vez mais a sua correspondencia com o marquez de Abrantes, que, como sabemos, estava n'essa época á frente da repartição dos negocios estrangeiros; e nos ultimos dias do mez de Dezembro soube-se que um *ultimatum* fôra remettido ao governo brasileiro, e que o almirante Warren

recebêra ordem para aprestar-se a tomar represalias sobre a propriedade brasileira.

Sobresaltada a população com semelhante noticia, inquirio do governo quaes as providencias que pretendia tomar, e a anciedade publica subio de ponto quando foi informada de que alguns vapores inglezes tinham sahido á barra, e muito mais quando o telegrapho noticiou que effectivamente algumas presas se havião feito.

N'esta apurada conjunctura a attitude do imperador e do seu governo foi nobre e digna; procurou aplacar os animos irritados, velando cuidadosamente para que nenhum excesso se commettesse; e reunido o conselho de estado pleno, tomou-se a resolução de pagar *sob protesto* a quantia exigida, e propôr o arbitramento quanto á questão da *Forte*. Aceitando Christie ambos os alvitres, cessarão as represalias, e a inquietação publica foi pouco a pouco serenando.

Soube-se depois que o rei dos Belgas, escolhido para arbitro, declarára que nenhuma offensa tinha sido irrogada á Inglaterra no facto da prisão dos officiaes da *Forte*, sendo este laudo recebido com summa satisfação.

Entendeu porém o governo brasileiro que devêra levar suas queixas ao gabinete de Londres quanto ao procedimento do seu delegado no Rio de Janeiro, e não havendo obtido a necessaria satisfação interrompeu com o dito governo as suas relações diplomaticas, que achão-se hoje felizmente reatadas, mediante a intervenção do rei de Portugal.

Voltando á politica interna, diremos que o ministerio Olinda, não contando com maioria na camara electiva, propôz a sua dissolução, que foi a final aceita pelo imperador, procedendo-se no anno de 1863 á eleição de outra camara, cuja totalidade era composta de liberaes, ou progressistas, como se chamavão os conservadores moderados.

Allegando que uma nova camara precisava de um novo ministerio, pediu sua exoneração o referido gabinete, sendo substituido por outro presidido pelo conselheiro Zacharias (o de 15 de Janeiro de 1864).

Curta foi a duração d'este ministerio, que a 31 de Agosto retirava-se para dar lugar a outra combinação, cujo chefe (o conselheiro Francisco José Furtado) servira de ministro da justiça no primeiro ministerio Zacharias, e acabava de ser elevado da presidencia da camara dos deputados á dignidade de senador do imperio.

Atravessou este gabinete os poucos dias que ainda restavão da sessão das camaras, e apenas encerradas estas cuidou seriamente em preparar o paiz para a guerra que se estava fazendo na Banda Oriental, e para a que necessariamente deveria seguir-se-lhe contra o dictador do Paraguay. N'este nobre empenho encontrou a cooperação de todos os partidos : de todos os angulos do imperio corrêrão voluntarios a empunharem armas, e as mais modestas fortunas se cotisárão para irem em auxilio dos cofres publicos. Certo descontentamento porém que lavrava entre os seus proprios amigos, e o pequeno numero de votos com que foi eleito o seu can-

didato á presidencia da camara dos deputados, motivarão a sua retirada.

Diversos cavalheiros forão successivamente encarregados da organisação do novo ministerio; e havendo todos declinado d'esta honrosa missão, appellou o imperador para a dedicação do marquez de Olinda, que conseguiu a desejada organisação.

O ministerio de 12 de Maio de 1865 compendiou o seu programma n'estas palavras: *debellare bellum*; e declarou perante ambas as camaras que a sua principal preocupação era a de vingar as affrontas feitas á dignidade nacional pelo dictador do Paraguay, D. Francisco Solano Lopez.

Como era de esperar, tal programma foi aceito entusiasticamente por todos os partidos; assim obtidos os meios julgados indispensaveis, forão adiadas as camaras para o mez de Março de 1866.

Os acontecimentos que trouxerão este resultado, e a consequente viagem do imperador e de seus genros (o conde d'Eu e o duque de Saxe) ao extremo meridional do imperio, estão na memoria de todos¹.

Não ha um só Brasileiro que ignore que, esgotada a taça dos soffrimentos que o partido *branco*, dominante na cidade de Montevidéo, quotidianamente fazia experimentar aos Brasileiros domiciliados no Estado Oriental, accusando-os de favorecerem a causa do general Venan-

¹ A princeza imperial casou-se a 15 de Outubro de 1864 com o principe Luiz Philippe Gastão de Orléans, conde d'Eu; e a princeza D. Leopoldina a 15 de Dezembro do mesmo anno com o duque de Saxe, Luiz Augusto de Saxe-Coburgo.

cio Flôres, que se collocára á frente do partido *colorado*, enviou o gabinete do Rio de Janeiro o conselheiro Saraiva em missão especial ás republicas platinas, recomendando-lhe que obtivesse de Aguirre, presidente de facto da republica do Uruguay, satisfações e garantias condignas. Sabem tambem a maneira por que, repelidas as vias conciliatorias, foi o dito conselheiro forçado a remetter um *ultimatum* ao governo oriental, e como d'ahi se seguirão a invasão pelo nosso exercito do territorio da republica, sua junção ás forças de Flôres, a expugnação e tomada da praça de Paysandú, e a final capitulação de Montevideo (a 20 de Fevereiro de 1865).

Não ha igualmente quem não saiba que o presidente *hereditario* da republica do Paraguay, simulando querer manter o equilibrio das republicas do Prata, que dizia perturbado pela preponderancia do Brasil, mandou ao gabinete de S. Christovão uma nota comminatoria, que, sendo recebida com o desdem que merecia, servio-lhe de pretexto para, *em plena paz*, apossar-se de um paquete mercante (o *marquez de Olinda*), que, na fé das convenções solemnemente pactuadas, sulcava as aguas do Paraguay, levando a seu bordo o coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente nomeado para a provincia de Matto-Grosso; e tocando o seu arrojo ao delirio, fez invadir a dita provincia por um exercito de sete a oito mil homens, que, graças á immensa superioridade de forças e ao estado de desaperccebimento em que se achavão as povoações da fronteira e os fortes que as custodiavão, pôde, á custa de alguns soldados

perdidos na expugnação de Nova Coimbra, assenhorear-se de Miranda, Dourados, e do importantissimo ponto de Corumbá, não levando suas devastações á capital da provincia por sabê-la em estado de defesa, apressadamente organizado pelo valente chefe de esquadra Augusto Leverger, galardoado depois com o titulo de barão de Melgaço.

Finalmente, está no conhecimento de todos o denodo com que a esquadrilla brasileira, commandada pelo chefe Barroso, repellio o insidioso accommettimento da paraguay (a 11 de Junho de 1865), no memoravel sitio de *Riachuelo*, a indignação manifestada pelo imperador e por todos os cidadãos quando souberão que a briosa provincia do Rio Grande do Sul estava sendo talada pelas hordas commandadas por Estigarribia, e que S. Borja, Itaqui e Uruguayana havião cahido em poder do inimigo!...

As circumstancias que assignalão a viagem de D. Pedro II e de seus filhos adoptivos aos lugares onde a honra nacional estava sendo vilipendiada pertencem mais á epopéa do que á historia; e, assim como os Gregos confiavão á memoria de seus filhos os gloriosos feitos de Marathon, Platéa e Selamina, assim tambem não haverá um só Brasileiro que não transmita á posteridade, no archivo fiel da tradição domestica, todos os pormenores d'esta guerra do direito contra a força, da civilisação contra a barbaria.

A 18 de Setembro de 1865 seis mil homens, commandados pelo tenente-coronel Estigarribia, depuzerão as armas em Uruguayana na presença do imperador do

Brasil e dos chefes das nações alliadas (as Republicas Argentina e Oriental); e sirva esta victoria incruenta, onde nem sequer se derramou uma lagrima, de remate aos acontecimentos de que nos constituímos narrador.



FIM

Brasil e nos outros dos rios e algaras as florestas
Amanha e amanhã e esta esta victoria incerta
e em um tempo se de fumaça e de fumaça de fumo
e de fumo e de fumo de fumo e de fumo e de fumo

À VENDA NAS MESMAS LIVRARIAS

A BIBLIA SAGRADA, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina ; illustrada com prefações, por ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO, official que foi das cartas latinas de secretaria de estado e deputado da real mesa da commissão geral sobre o exame e censura dos livros, seguida de notas pelo Rev. conego DELAUNAY, cura de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris, de um dictionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos, e de um dictionario geographico e historico, e approvada por mandamento de S. Ex. Rev. o arcebispo da Bahia. Edição illustrada com gravuras sobre aço, abertas por Ed. Wilmann, segundo RAPHAEL, LEONARDO DE VINCI, O TICIANO, POUSSIN, HORACIO VERNET, MURILLO, VANLOO, etc. 2 bellos volumes ricamente encadernados em Paris.

CASTRIOTO LUSITANO, ou Historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitancias confinantes : obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valerosos capitães que com elle conquistarão a independencia nacional ; por FR. RAPHAEL DE JESUS. 1 vol. em-4º. ornado com o retrato de João Fernandes Vieira e duas estampas historicas. 5 \$ 000

COMPENDIO DE GEOGRAPHIA, offerecido ao governo de S. M. I., e por elle aceito, para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol em-8º encad. 2 \$ 500

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol. em-4º encadernado. 2 \$ 400

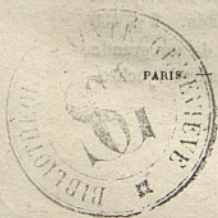
COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol. em-4º encadernado. 2 \$ 400

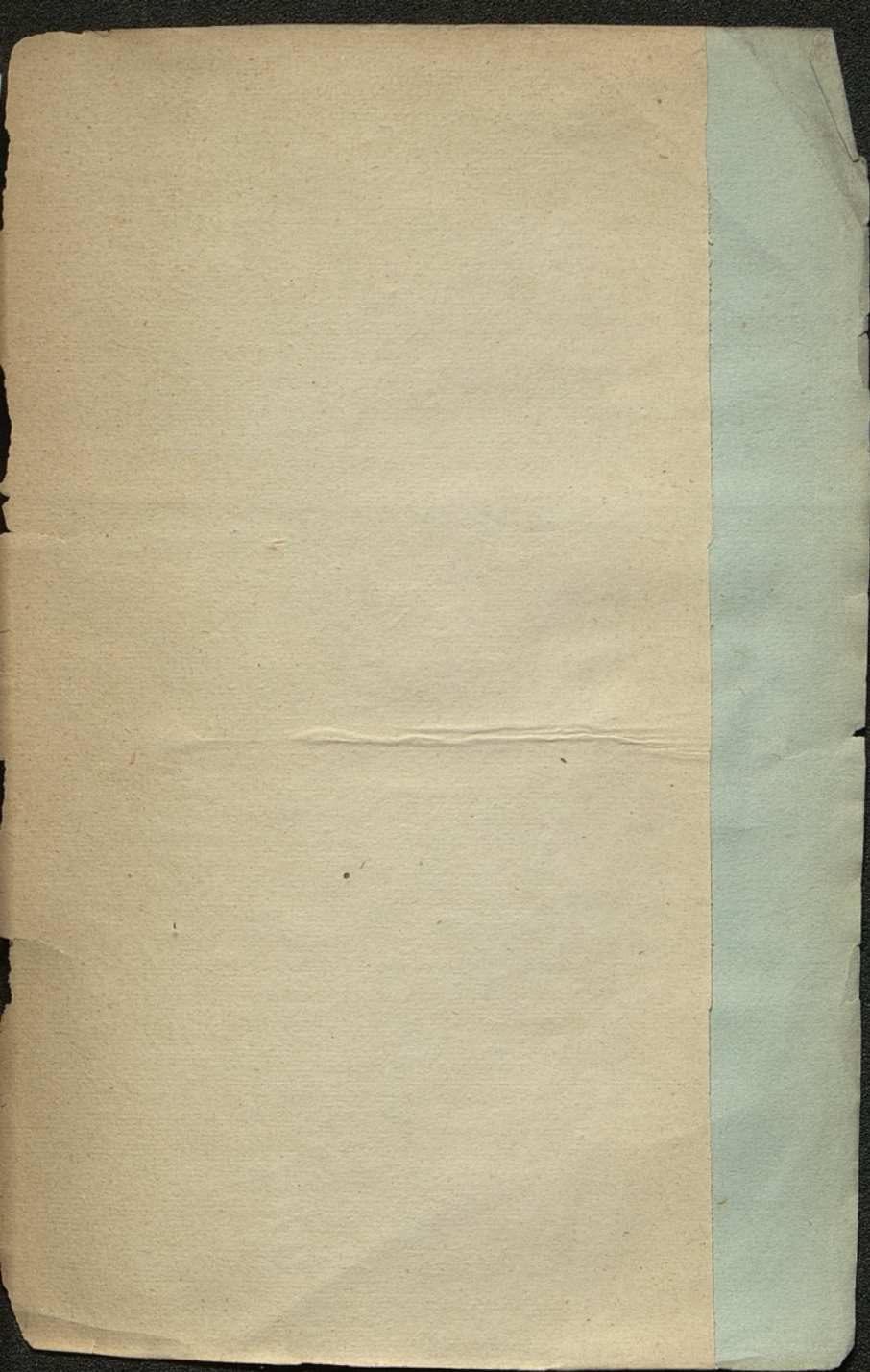
COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros; e de quadros synchro-

- nicos, por J. B. CALOGERAS, obra adoptada pelo conselho de instrução publica, com approvação do Governo Imperial. 2 vol. em-8º encadernados. 6 \$ 000
 O mappa vende-se em separado, preço. 2 \$ 000
 COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, e particularmente da Historia Grega, seguido de um compendio de Mythologia. 1 vol. em-8º encadernado. 2 \$ 000
 COMPENDIO DA HISTORIA ROMANA. 1 vol. em-8º encad. 2 \$ 000
 COMPENDIO DA HISTORIA SAGRADA, com as provas da religião por perguntas e respostas, para o uso das escolas. 1 vol em-12 encadernado. 1 \$ 000
 COMPENDIO DA HISTORIA UNIVERSAL, por VICTOR DURUY, ministro da Instrução Publica de França e ex-Professor de Historia no Lyceó Napoleão; traduzido pelo padre FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA, Professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. em-8º. 3 \$ 000
 EPITOME CHRONOLOGICO DA HISTORIA DO BRASIL, para o uso da mocidade brasileira, composto pelo Dr. CAETANO LOPES DE MOURA, dedicado (com permissão especial) pelos editores a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, ornado do seu retrato e de um mappa do Brasil. 1 vol. em-8º encadernado. 5 \$ 000
 HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRASILEIRO, por J. M. PEREIRA DA SILVA. 6 volumes em-4º. 50 \$ 000
 HISTORIA DO BRASIL, traduzida do inglez de ROBERTO SOUTHEY pelo Dr. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA E CASTRO, e annotada pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris. 56 \$ 000
 JORNAL DAS FAMILIAS, publicação mensal, illustrada, litteraria, artistica, recreativa, etc., ornado de figurinos, vinhetas, gravuras sobre aço, aquarellas, sepias, peças de musica, desenhos de trabalhos sobre tagarsa, de crochet, de ponto de meia, lã e bordados, moldes de vestidos, capas, e em geral de tudo o que é concernente a trabalhos de senhoras.

As assignaturas são annuaes :

- Para a côrte e Nitherohy. 10 \$ 000
 Para as provincias. 12 \$ 000





Δ
536



